

PATRÍSTICA

SANTO AGOSTINHO

Tratado sobre o Batismo



PAULUS

SANTO AGOSTINHO

**TRATADO
SOBRE O BATISMO**



SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

Motivação, datação, objetivo

Estrutura e conteúdo

Cipriano e os donatistas

A eclesiologia agostiniana

TRATADO SOBRE O BATISMO

LIVRO 1

Prólogo

O batismo fora da comunhão católica

Os católicos e os ministros cismáticos

Católicos e donatistas: práticas diferentes

Liceidade e iliceidade do batismo

Preferência do certo ao incerto

O caso dos maximianistas

Enfraquecimento dos donatistas

Os testemunhos dos Evangelhos

União parcial com a Igreja

O cisma precisa ser curado

A caridade dá valor a tudo

O dilema donatista

Os verdadeiros filhos da Igreja

Outro dilema dos donatistas

Resposta ao dilema

O caso de Simão Mago

O pecado suspende os efeitos do batismo

Os pecados perdoados revivem?

Os pecados revivem

O batismo em perigo de morte

Falta de caridade para com os cismáticos

Seitas e personagens bíblicos

Antigo e Novo Testamentos

A mãe dos espirituais e dos carnisais

Os verdadeiros membros da Igreja

A força da caridade

O caso de São Cipriano

A caridade em Cipriano

LIVRO 2

A autoridade de Cipriano e a unidade da Igreja católica

A vantagem da repetição

Cipriano e os donatistas

Cipriano contra os donatistas

Cipriano, exemplo de unidade

Unidade, fundamento da paz

Unidade e diferenças de opinião
Por que os cismáticos romperam a unidade?
Os juízos sobre o próximo
Os pecadores não contaminam a Igreja
Agripino e a tradição apostólica
As razões de Cipriano
Como Cipriano, conservar a unidade
Contradição dos donatistas
O escândalo dos donatistas
O cisma maximianista e suas consequências
A força da concórdia fraterna
Não batizar ou rebatizar?
Manter sempre a unidade

LIVRO 3

A carta a Jubaiano e o batismo dos hereges
Cipriano: unidade acima de tudo
Resposta às razões de Agripino e de Cipriano
O Concílio de Cipriano e sua carta a Jubaiano
Cipriano e as opiniões alheias
Apresentação da carta de Cipriano
A prática eclesial anterior: Discussão da ep. 73 de Cipriano
A verdade acima do costume
Iliceidade e invalidez do batismo
A Igreja universal acima da africana
O batismo, sempre de Cristo
O batismo de Cristo não reiterável
Agripino e os procedentes da heresia
O batismo dos hereges e a remissão dos pecados
Erros sobre a fé e o batismo
Fórmula sacramental e sacramento
A necessidade da caridade
A pomba, símbolo da unidade
Os bons e a paz da unidade
Apropriação do batismo pelos hereges
A adúltera de Oseias, símbolo dos hereges
Os maus e o tesouro da verdade

LIVRO 4

Continua a leitura da carta de Cipriano a Jubaiano
O batismo e os pecadores
A conversão de cristãos depois do batismo
Os pecadores não pertencem à Igreja
O batismo, sempre de Cristo
O batizado na heresia não se torna templo de Deus
O pecado, fruto do conhecimento do pecado
O dever de seguir a verdade
A Igreja e os males internos e externos
A reprovação de Cipriano ao ciúme e à inveja
A paciência de Cipriano e seus colegas
Reconheça-se fora o que é de Cristo, rejeite-se dentro o que é do diabo
O joio e o rebatismo

Os maus externos e os internos
O batismo e quem o recebe
Ações opostas entre bons e maus
Ninguém pode manchar o batismo
Luz e trevas não se comunicam, nem dentro nem fora
Inimigos de Deus, dentro e fora
Não se desespere da conversão de ninguém
Validade do batismo com erros de fé
Batizado dentro, batizado fora
“Fora da Igreja não há salvação”
Um mau católico e um bom herege
Não basta ser católico para ser salvo
Católicos com vícios, hereges sem vícios
Catecúmeno não católico e herege batizado
O martírio supre o batismo
O bom ladrão e o batismo de crianças
A circuncisão e o batismo de crianças
Batismo e conversão do coração
Conclusão deste livro

LIVRO 5

Final da carta a Jubaiano e as cartas a Quinto, aos bispos númidas e a Pompeu
Não batizar os hereges vindos à Igreja
Não há motivo para obstinação
Não houve motivo para separação
O herege sem o batismo da Igreja não deve ser rebatizado
Recusa do rebatismo
Os maximianistas
Batismo legítimo e batismo ilegítimo
A lei, a Eucaristia, o batismo
A validade do batismo de João
O batismo de João, excelência e limitação
O batismo de João e o perdão dos pecados
O batismo de João não substitui o dos bispos
O batismo depende de Cristo
O batismo de João
Os apóstolos e o batismo
Os hereges, os maus, o batismo de Cristo
Outra objeção
O batismo não nulo do herege
O batismo, o batizado, a Igreja
O batismo, a Igreja, a primogenitura
Cipriano, o pacificador
Elogio a Cipriano
Mortos que dão vida pelo batismo
Não rebatizar, costume antigo
Comparação entre ovelhas
Malícia humana e eficácia do sacramento
Pecado, batismo, Igreja, Graça
Hereges não dão a remissão dos pecados
Estêvão contra Cipriano

A condenação dos hereges e dos pecadores
Erro de Cipriano na carta a Pompeu
O Espírito Santo e o batismo
Os maus, os hereges, a filiação divina
Exemplo de como evitar um cisma
Cipriano e a docilidade dos apóstolos
O jardim fechado
O coração e o dentro e o fora

LIVRO 6

O Concílio de Cartago de 256
O sacramento e seus efeitos
Saber distinguir o importante
Grandeza de Cipriano, apesar de seus erros
O batismo, íntegro por si mesmo
A santidade da Igreja e a maldade de seus filhos
O fruto do sacramento
Os frutos dependem das disposições
Cipriano e o vínculo da caridade
Cipriano no concílio
Opiniões de outros bispos
Cecílio de Bilita
Resposta de Agostinho
Félix de Misgirpa
Resposta a Policarpo de Hadrumeto
Novato de Tamugadi
Resposta a Novato de Tamugadi
Nemesiano de Tubuna
Januário de Lambesa
Lúcio de Castro Galba
Os pecadores e o perdão dos pecados
Nonnulo de Girba
Os anticristos e o batismo
Félix de Bagai
Poliano de Milevi
Teógenes de Hipona
Suposta comunhão na heresia
Abbir Germanicana
O batismo e o pecado do ministro
Sedato de Tuburbo
Privaciano de Sufétula
A maldade do ministro não profana a Cristo
A quem pertence o único batismo
A heresia e outros pecados
Os bispos e a validade do batismo
Os maus católicos
Vítórico de Tabraca
Félix de Utina
O batismo de um morto
O costume tradicional
O batismo e a Trindade

Verdade e costume
Leucio de Teveste
Os juízos de um bispo e da Igreja
Uma água, duplo efeito
A unidade do batismo
A Igreja batiza uma só vez
Demétrio de Leptimino
A maldade das pessoas não corrompe o sacramento

LIVRO 7

Respostas a outras opiniões do Concílio de Cartago
A caridade de Cipriano perante seu erro
Marcos de Mactari
O batismo e o Juízo Final
Victor de Gor
Aurélio de Útica
O batismo dos hereges é de Cristo
Luz e trevas
Pelagiano de Luperciana
Jáder de Midila
Félix de Marazana
Paulo de Obba
Pompônio de Dionisiana
Venâncio de Tinisa
Aymo de Assuaguiga
Saturnino de Victoriana
Saturnino de Tuca
Marcelo de Zama
Irineu de Ululis
Batismo e graça do batismo
Zózimo de Tarassa
O batismo é dom do céu
Fausto de Tímida Régia
Diferentes opiniões dos bispos
A sinagoga de Satanás e o batismo de Cristo
Terápio de Bulla
Lúcio de Membressa
Costume e verdade
O batismo e o anticristo
Quinto de Águia
Juliano de Marceliana
Ténax de Horreos Célia
Victor de Assuras
Sacramento e batismo
Batismo e saída da Igreja
Pudenciano de Cuículi
Um só batismo para todos
Lúcio de Ausafa
Félix de Gúrgites
Pusilo de Lamasba
Salviano de Gazaufala

Verdade e costume
Victor de Octavo
Claro de Máscula
Secundiano de Tâmbreas
A comunhão dos hereges
Um cego guiando outro
Natal de Oea
Opinião sem respaldo escriturístico
A insistência de Cipriano
Últimas consequências da conduta de Cipriano
Os hereges e a casa de Deus
Diversidade dos membros da casa de Deus
Alguns casos de validez
Garantia da verdade no assunto
Resumo conclusivo
Coleção
Ficha catalográfica
Notas

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções, estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do

meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber. Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

Heres Drian de O. Freitas

Motivação, datação, objetivo

No primeiro parágrafo da obra ora introduzida – que nosso tradutor bem intitulou *Prólogo* –, Agostinho mesmo situa seu leitor no quadro que lhe deu origem: a solicitação de alguns irmãos^[1] e a promessa feita na réplica em três livros a uma carta do bispo donatista de Cartago, Parmeniano,^[2] à qual esta se conecta não só pela promessa feita, mas também pela cronologia.

De fato, em suas *Retractationes – retr.* –, Agostinho situa o *bapt.* imediatamente depois do *Contra epistulam Parmeniani – c. ep. Parm.* –,^[3] no qual há dois indícios que permitem sua datação. Primeiramente, Agostinho parece falar do bispo donatista de Tamugadi, Optato Gildoniano, como já falecido,^[4] e sua morte deu-se em 398; além disso, há uma referência à legislação antipagã^[5] de Honório, promulgada em 399. Os estudiosos, então, costumam datar o *c. ep. Parm.* em torno do ano 400. Por conseguinte, o *bapt.* é datado proximamente, 400/401.

Igualmente no *Prólogo*, Agostinho nos diz também com que objetivo escreveu o *bapt.*: refutar as costumeiras objeções donatistas aos católicos quanto ao batismo e explicar qual é de fato a autoridade de Cipriano na matéria em discussão; autoridade que não só não serve de real apoio para os donatistas, mas que se opõe a eles.^[6]

Estrutura e conteúdo

Pode-se dizer, então, que o duplo objetivo de Agostinho define a obra em duas partes desproporcionais, embora dividida em sete livros: uma propriamente dedicada a questões acerca do batismo (livro 1), outra que examina uma documentação de Cipriano a respeito de questões sobre o batismo (livros 2-7). Além dessas informações do *Prólogo*, o autor mesmo indica, no texto, a conclusão de cada uma dessas partes: em 1,27, ele considera já ter tratado suficientemente do batismo e, em 7,103, ser o momento de finalizar os livros sobre a questão do batismo nos textos de Cipriano.

Ambas as partes, no entanto, complementam-se para tratar de uma questão fundamental, da qual afloram outras tratadas ao longo da obra: o rebatismo que, devido a sua alegação de invalidade do batismo católico, era defendido pelos donatistas, evocando particularmente a autoridade de Cipriano a esse respeito.

Com efeito, o livro 1 é ocupado basicamente pela defesa da validade do batismo de cismáticos e hereges,^[7] validade que não depende do ministro.^[8] A proposta donatista de rebatismo e sua recusa a aceitar o batismo católico é somente uma teoria a que os donatistas se apegaram, pois eles agem diversamente, ao aceitar cismáticos do donatismo (maximianistas) sem os rebatizar.^[9] O rebatismo donatista é uma impiedade donatista,^[10] já que o batismo é sempre íntegro e não se pode cancelar, como a marca militar.^[11] Embora seja válido entre hereges e cismáticos, não deve buscar o batismo entre eles,^[12] pois uma coisa é sua validade, outra seu fruto^[13] – o que permite a Agostinho, previamente, apontar como Cipriano tenha, diversamente dos donatistas e seu rebatismo, permanecido no vínculo do amor.^[14]

Há uma considerável seção^[15] de eclesiologia em resposta aos donatistas, que se diziam a verdadeira igreja: renascimento e perdão dos pecados com o batismo, mesmo se válidos entre hereges e cismáticos, só são possíveis na única Igreja, a mãe católica, que gera, ainda que o faça mediante o ventre de “suas servas”. Não são possíveis, por outro lado, entre os donatistas porque, separados, não têm a unidade da caridade.^[16] Mas também não para quem assume com fingimento o batismo católico.^[17] Daqui, Agostinho faz uma distinção que atravessa a obra: é possível pertencer à igreja, mas não à Igreja; é possível participar da comunhão dos sacramentos, mas não da comunhão dos santos; e isso se aplica, física ou espiritualmente, tanto a quem está na igreja como a quem está fora.^[18] Ao longo dos demais livros, o leitor encontrará repetidos temas já tratados aqui. Mais tarde, Agostinho se desculpará por essas repetições.^[19]

O livro 2 mostra a inutilidade do apoio donatista na autoridade de Cipriano,^[20] que não estava totalmente seguro quanto à questão do rebatismo proposto por Agripino^[21] e só o aceitou para manter a paz na igreja;^[22] afinal, quando há questões ainda em discussão, é importante manter a unidade,^[23] e se essa é conservada mesmo com bispos pecadores, estes últimos não a contaminam e, portanto, o cisma donatista não tem sentido.^[24]

Nos livros 3 e 4, e parte do 5, é analisada – e refutada – a *ep.* 73 de Cipriano, que reconhece o direito de divergência^[25] na busca da verdade,^[26] caso em que é preciso apoiar-se não em usos locais, mas nos costumes da Igreja universal,^[27] conservados na comunhão da Igreja católica,^[28] cuja não isenção dos pecados de seus membros não contamina a santidade do batismo,^[29] nem a da própria Igreja.^[30] A ela – cuja praxe é de tradição apostólica^[31] – é dada a autoridade de ligar e desligar^[32] e a ela e a seu Esposo pertencem os sacramentos;^[33] por isso, seu valor não depende nem do ministro nem do catecúmeno, bem como não depende do herético ou cismático nem da má conduta humana.^[34]

Entre hereges e cismáticos, que adulteraram abandonando a unidade,^[35] a ilicitude na administração do batismo não se identifica com sua inexistência,^[36] e nem tudo o que há entre eles deve ser condenado simplesmente por se condenar,^[37] pois erros em matéria de fé não anulam o sacramento.^[38] Tanto que Cipriano não rebatizava aqueles que dentre eles voltava à comunhão católica,^[39] e mostrava caridade para com os colegas indignos.^[40]

A outra parte do livro 5^[41] é dedicada a outras três *ep.* de Cipriano (71, a Quinto; 70, aos bispos númidas, e 74, a Pompeu), e os livros 6 e 7 analisam as decisões do concílio, ou Sínodo, de Cartago de 256 e seu acordo nas questões batismais,^[42] para concluir com um breve apanhado geral da obra.^[43]

O leitor vê, então, que esse tratado não corresponde aos tratados contemporâneos, embora seu título possa levar a esperá-lo. Ainda que, dessa exposição sumária de seu conteúdo, percebam-se pontos essenciais da teologia sacramental, não há uma apresentação completa, nem linear, mas uma abordagem daquilo que era causa de embate entre donatistas e católicos. Por isso, antes de apresentar a teologia da obra, embasada numa eclesiologia específica, é preciso entender por que Agostinho afronta o rebatismo dos donatistas focando particularmente em Cipriano – e sua eclesiologia.

Cipriano^[44] e os donatistas^[45]

A questão sacramental entre donatistas e católicos – percebe-se pela exposição dos pontos acima, aflorados do problema do rebatismo – não se fundava numa questão sacramental em si, mas derivava de uma concepção de igreja, a de Cipriano de Cartago.^[46]

Para Cipriano, sumariamente, a Igreja é como a pomba e o jardim fechado do Cântico dos Cânticos (respectivamente 6,8 e 4,12), que o bispo de Cartago cita para indicar sua unicidade, dada primeiramente na unicidade de fé, de batismo, de Senhor, de Espírito (cf. Ef 4,5), existentes – diversamente de como pensa Agostinho^[47] – de modo indissociável na única igreja. Assim, porque é o Espírito que redime dos pecados, só se tem o Espírito e a remissão dos pecados *na* única Igreja. A participação na comunhão dos sacramentos reflete-se na comunhão dos santos. Não há nem o Espírito nem a remissão dos pecados fora da igreja, e, portanto, não é válido o batismo fora da Igreja, pois “não se pode dar o que não se tem”. Sem via de meio, há somente a Igreja e o mundo, salvação e condenação, santidade e pecado, dentro e fora; e fora está o inimigo.^[48] A essa concepção de igreja correspondem as teologias do sacerdócio e sacramental.

No jardim fechado da Igreja santa, o sacerdote deve corresponder principalmente à santidade do seu altar, para, sem a contaminação de pecados, junto dele, interceder pela Igreja e, igualmente sem a contaminação de pecados, administrar, junto à fonte de água viva desse jardim, os sacramentos; caso contrário – isto é, se contaminado pelo pecado – o ministro torna-se indigno, fundamentalmente no caso dos pecados de apostasia, cisma, heresia, em que não pode, particularmente na discussão sobre o batismo, conceder a remissão dos pecados.^[49]

Diversa e mais simplesmente dito, o sacramento administrado por um ministro contaminado por pecados de apostasia, cisma, heresia tornava inválido o sacramento. Se ele batizasse alguém, nesse batismo, então, não haveria a remissão dos pecados do batizado, porque o próprio ministro, devido a seu pecado, não tinha a santidade necessária para a validade do sacramento. É evidente, então, um vínculo tão estreito e necessário entre igreja, sacerdócio, batismo, salvação, de modo que um “problema” em qualquer elemento desse vínculo implicava, necessariamente, problemas em todos os outros elementos. Tanto que quem fosse batizado por um ministro pecador estaria em comunhão com ele e, portanto, estava contaminado pelos pecados dele. Se esse batizado viesse à comunhão do jardim fechado, a Igreja santa, precisaria ser rebatizado.

Tal concepção de igreja, com correspondência no ministério e nos sacramentos, fazia da igreja e seus membros uma ilha de santidade em meio ao mundo de pecado; sem qualquer distinção entre igreja terrestre e Igreja celeste, entre o estado da igreja neste mundo e a Igreja futura, a Jerusalém celeste, como se sua unicidade implicasse continuidade necessária entre comunhão dos sacramentos e comunhão dos santos. Os donatistas assimilaram essa concepção, elevaram as conexões lógicas entre os elementos eclesiológicos e sacramentais a níveis não pensados por Cipriano^[50] e a fizeram própria, transformando principalmente a santidade do ministro e a invalidade

de sacramentos administrados por pecadores em seu cavalo de batalha contra os católicos,^[51] elementos contra os quais Agostinho se concentra na obra que temos em mãos.

Com efeito, porque todas as outras igrejas do mundo, Roma inclusive, tinham sido solidárias com os *traditores*, todas se contaminaram com eles, deixando de fazer parte da única e verdadeira igreja; e como os donatistas não o fizeram – antes, mantiveram-se firmes como igreja dos mártires –, conservaram-se como única e verdadeira igreja de Cristo. Assim, o conceito de catolicidade, universalidade, torna-se relativo,^[52] secundário diante do conceito de integridade, que eles, diversamente dos católicos, conseguiram manter. Por isso os donatistas, diziam eles, eram os católicos autênticos, não igreja santa, mas igreja de santos, cuja pureza exigia que estivessem apartados dos hereges católicos. Isso fazia da própria igreja – não de Cristo – o sujeito, a pleno título, dos sacramentos e da santificação; sujeito que se concentra no ministro santo e puro.

A eclesiologia agostiniana

Como os donatistas, Agostinho volta-se a Cipriano, mas, diversamente daqueles, o bispo de Hipona concentra-se em como o bispo de Cartago tenha preferido permanecer na unidade da igreja. De fato, para o Hiponense, a verdadeira igreja encontra-se onde se encontra a caridade da unidade, que acomuna todos os povos na Igreja universal (católica^[53]) de Cristo. É a caridade que estabelece a comunhão católica, que estabelece a comunhão dos santos. Mas só na comunhão dos santos pode-se falar de Igreja sem mancha nem ruga.

Embora a comunhão católica implique a comunhão sacramental e tenha sua plena realização na comunhão dos santos, essa não se identifica propriamente nem é necessariamente extensão da comunhão dos sacramentos. Agostinho, assim, distingue – como diriam muitos hoje – o estar na igreja do ser Igreja, pois há católicos com interesses outros que não a caridade, não a unidade.^[54] Fora dela estão, obviamente, os cismáticos: os donatistas não podem, portanto, pretender ser a verdadeira igreja, uma vez que foram eles a romper com a unidade e a abandonar a caridade,^[55] como os maus católicos. Dentro e fora, então, não é questão física, espaço-institucional, mas espiritual.^[56]

Está dentro quem está na unidade da caridade que estabelece a comunhão católica que dura, da comunhão sacramental, até a Jerusalém celeste. Mas não está dentro quem, mesmo “dentro”, finge essa comunhão. Esse último, na verdade, como os cismáticos e hereges, está fora, espiritualmente separado.^[57] Em relação a hereges e cismáticos, é certo que “fora” também indica separação material, espaço-institucional, uma vez que romperam espiritualmente com a fonte da unidade.^[58] Para Agostinho, a caridade, então, é fonte da unidade e a unidade é o indicador da presença da caridade,^[59] que faz com que os pecadores, para preservação da própria caridade, sejam tolerados – sem que contaminem os santos – na comunhão dos sacramentos. É a caridade que faz a unicidade eclesial da catolicidade, de modo que romper com ela – o cisma – é cometer um pecado grave.^[60]

Dessa concepção da essencialidade da Igreja, resulta um conceito de sujeito da santidade e dos sacramentos – como o batismo, obviamente – distinto do dos maniqueus, pois quem difunde a caridade é o Espírito Santo,^[61] cuja ação não se concentra somente na ação do ministro, mas se exprime como Igreja, como comunhão dos santos, Igreja santa, sem mancha nem ruga, a pomba do Cântico dos Cânticos. Por isso, embora o batismo de cismáticos seja válido, não tem eficácia, não produz frutos,^[62] possíveis somente para quem está espiritualmente dentro e no retorno do cismático à raiz da caridade da unidade.^[63]

Assim, o sacramento não pertence ao ministro que o administra, mas à Igreja. E o batismo do cismático é válido porque a Igreja o gera fora de seu ventre, graças à fecundação de seu Esposo. É Cristo que, sujeito definitivo, então, do sacramento, torna a Igreja mãe. Nesse processo, o ministro eclesial é somente meio – por indigno que seja – para aquilo que é realizado por Cristo.^[64] O batismo, portanto, administrado fora da comunhão eclesial não tem valor em si mesmo, como se o cisma

estivesse na comunhão da caridade, mas porque o cisma o recebeu na Igreja, ainda que tenha rompido com ela. O rompimento, então, não invalida o que foi recebido, mas impede que produza fruto, porque destacado da raiz da comunhão, da caridade da unidade. O valor objetivo do sacramento, enfim, deriva de Cristo mesmo, não do ministro, e, por isso, é irrepetível:^[65] dado por Cristo, não se pode considerá-lo como não dado.^[66]

Mesmo que a questão disciplinar da administração do batismo estivesse ainda em discussão no tempo de Cipriano, os donatistas preferiam ater-se a ela, concentrando-se particularmente na santidade do ministro. Agostinho não se esquiva a afrontar a questão, mas o faz indicando suas especificidades, estabelecendo distinções necessárias, recorrendo à documentação histórica e pondo as bases da terminologia e da reflexão sacramental posterior, indo à sua origem cristológico-eclesiológica.

TRATADO SOBRE O BATISMO

LIVRO 1

Prólogo

1 Nos livros que escrevemos contra a Carta de Parmeniano, que ele dirigiu a Ticônio, prometemos que futuramente trataríamos com mais profundidade da questão do batismo.^[1] Mesmo que não o tivesse prometido então, lembramo-nos e temos ciência da dívida com nossos irmãos que o pediram. Por isso, assumimos nesta obra, com a ajuda do Senhor, a tarefa de não somente refutar o que os donatistas costumavam contrapor-nos no tocante a esse assunto, mas também explicar o que o Senhor permitir sobre a autoridade do mártir Cipriano, na qual pretendem apoiar sua perversidade, para que ela não caia pela força da verdade. Desse modo, possam entender todos os que fazem seu julgamento, obcecados pela opinião das partes, que não os ajuda a autoridade de Cipriano, mas que com o apoio da mesma são vencidos e desbaratados.

O batismo fora da comunhão católica

2 Já dissemos na referida obra^[2] que se pode administrar o batismo fora da comunhão católica, assim como fora da mesma ele pode existir. Ninguém dentre eles nega que mesmo os apóstatas podem ter o batismo; ao voltarem e se converterem pela penitência, o mesmo não é novamente administrado e se pensa que não pode tornar-se nulo. Assim, aqueles que se afastam da comunhão da Igreja pelo seu sacrilégio do cisma, têm certamente o batismo, que receberam antes de se afastarem. Com efeito, se voltarem, não lhes é administrado novamente; mostra-se desse modo que, recebendo-o, estando na unidade, não o podem perder estando separados.

Se pode existir fora, por que não pode ser administrado? Se disseres: “Não se pode administrar legitimamente fora”, respondemos: “Se não o têm legitimamente fora, mas o têm, assim também é administrado fora não legitimamente, mas se administra”. Mas, assim como pela reconciliação com a unidade passa a ter com utilidade o que se tinha recebido inutilmente, assim, pela mesma reconciliação, passa a ser útil o que foi administrado fora sem proveito. Contudo, não se pode dizer que não foi administrado o que foi administrado, nem se deve caluniar alguém, dizendo que não foi administrado, quando confessa que administrou o que recebera.

Com efeito, o sacramento do batismo é o que tem aquele que é batizado, e o sacramento para poder administrar o batismo é o que tem aquele que é ordenado. De sorte que, assim como o batizado, se se afastar da unidade, não perde o sacramento do batismo, assim também o ordenado, se se afastar da unidade, não perde o sacramento que lhe dá a faculdade para administrar o batismo.^[3]

Portanto, não deve haver diferença quanto aos sacramentos; se alguém se afasta dos maus, ambos se afastam; se permanece entre os maus, ambos permanecem. Da mesma forma, assim como se aceita o batismo, o qual não pôde perder aquele que se afastara da unidade, assim também se deve aceitar o batismo, o qual administrou aquele que não perdera a faculdade de administrá-lo, ao se afastar. Pois, assim como os que voltam e foram batizados antes de se separarem não são rebatizados, assim os que voltam e foram ordenados antes de se afastarem não são certamente ordenados novamente, mas ou administram o que administravam, se a utilidade da Igreja o exigir, ou, se não administram, continuam com o sacramento da Ordem e, por isso, não lhe são impostas as mãos, como se fossem leigos.

Assim, Feliciano não perdeu o sacramento do batismo nem a faculdade de administrá-lo, quando se separou dos donatistas com Maximiano; e agora o têm aqueles que, estando ele fora, batizou no cisma de Maximiano.^[4] Por essa razão, os demais poderiam receber deles, se tivessem se afastado de nossa companhia, o que eles não perderam quando se afastaram de nossa companhia.

Tudo isso revela que procedem impiamente aqueles que pretendem rebatizar a unidade do orbe, e nós procedemos retamente, pois não nos atrevemos a reprovar os sacramentos de Deus nem no próprio cisma.^[5] Nos pontos em que pensamos conosco, estão conosco; mas, no fato de se terem afastado de nós, nisso dissentem de nós; pois essa aproximação e esse afastamento não devem ser medidos por movimentos corporais, mas espirituais. Com efeito, assim como a união acontece pela

continuidade local, assim certo contato de almas é o consenso das vontades. Portanto, se aquele que se separar da unidade quiser fazer alguma coisa diferente do que viu na unidade, é aí que se separa e se desune; mas o que quiser fazer como se faz na unidade, na qual recebeu e aprendeu, é quando permanece e se mantém unido.

3 Assim, os donatistas permanecem conosco em alguns aspectos, mas saíram de nós em outros aspectos. Por isso, no que estão conosco, não lhes proibimos que façam; mas, no que não estão conosco, exortamos que o recebam vindo, ou recebam voltando; e desse modo, conforme pudermos, nos empenhamos com caridade a que a isso se decidam, uma vez convertidos e corrigidos. Desse modo, não lhes dizemos: “Não administreis”, mas: “Não administreis no cisma”; e nem dizemos àqueles que querem ser batizados: “Não o recebais”, mas: “Não o recebais no cisma”.

Se talvez surgir alguma necessidade urgente e não se encontrar um católico que lhe possa administrar o batismo e, tendo guardado a paz católica no espírito, pode receber por meio de alguém que esteja fora da unidade católica o que receberia na unidade; se deixar esta vida logo em seguida, o consideraremos católico. Se for libertado da morte corporal, quando voltar à comunidade católica com sua presença corporal, da qual nunca se separara em seu coração, não somente não reprovamos o que fez, mas também com certeza e sinceridade o louvamos, porque acreditou em Deus presente em seu coração, quando guardava a unidade e não quis sair desta vida sem o sacramento do santo batismo, o qual encontrou em alguma parte e reconheceu que ele é de Deus e não dos homens.

Mas, se alguém, podendo recebê-lo na Igreja católica, levado por alguma perversidade da mente, prefere ser batizado no cisma, ainda que pense em vir depois para a Igreja católica, porque tem certeza de que é útil o sacramento, o qual pode ser recebido em outro lugar, mas não é útil, sem dúvida é perverso e iníquo, e tanto mais perversamente quanto mais conscientemente procede. Pois, assim, não duvida que o recebe legitimamente na Igreja católica, assim como não duvida que nessa Igreja produz fruto o que recebeu em outro lugar.

4 São dois os pontos que afirmamos: que existe o batismo na Igreja católica e que somente nela é recebido legitimamente; os donatistas negam ambos. Dizemos também outros dois pontos: que o batismo existe entre os donatistas, mas entre eles não é recebido legitimamente; dois pontos eles afirmam sobremaneira, ou seja, que existe o batismo na sua seita, mas se recusam a confessar que não é recebido legitimamente em sua seita. Dessas quatro afirmações, três são somente nossas, mas ambos dizemos uma delas. Com efeito, que existe o batismo na Igreja católica e nela se recebe legitimamente; mas somente nós dizemos que entre os donatistas não se recebe legitimamente; mas que existe o batismo também entre os donatistas, também eles afirmam e nós concordamos.

Portanto, todo aquele que deseja ser batizado e tem certeza que deve escolher nossa Igreja para a salvação cristã e que somente nela obtém fruto o batismo de Cristo, mesmo que tenha sido recebido em outra Igreja, mas quer ser batizado na seita de Donato, porque não somente eles ou somente nós, mas ambos dizemos que existe o batismo entre eles, tenha em conta outras três coisas. Se preferir seguir-nos nos pontos que somente nós afirmamos, mas, com relação ao que ambos dizemos, dá preferência ao que somente nós dizemos, basta para nós que dê preferência ao que eles não dizem e somente nós dizemos.

Nós dizemos que existe o batismo na Igreja católica, eles não o dizem; nós dizemos que se recebe o batismo legitimamente na Igreja católica, eles não o dizem; nós dizemos que não se recebe o batismo legitimamente na facção de Donato, eles não o dizem. Assim como o catecúmeno acredita no que somente nós dizemos que se deve crer, assim ele faça de preferência o que somente nós dizemos que se deve fazer. Mas, no que ambos dizemos que se deve crer, se assim julgar, deve crer com mais firmeza no que é dito somente por nós. Pois ele há de crer com mais firmeza que existe o batismo de Cristo na seita de Donato, o qual nós ambos dizemos, do que na existência do batismo na Igreja católica, o qual somente os católicos dizem.

Mas há de crer mais que existe o batismo de Cristo mesmo entre nós, o qual somente nós dizemos, do que não existe entre nós, o qual somente eles dizem. Com efeito, ele já decidiu e está certo de que no que dissentimos, nós devemos ter sua preferência. Portanto, assim o que somente nós dizemos, ou seja, que se recebe o batismo legitimamente entre nós, há de acreditar mais que não se recebe legitimamente entre nós, o qual somente eles dizem. Pela mesma razão, porque somente nós dizemos que entre eles não se recebe o batismo legitimamente, deve crer de preferência no que somente eles dizem, ou seja, que seu batismo é legítimo.

Mas ele preferiu aderir a nós no que ambos não dizemos. Portanto, recebe com segurança onde tiver certeza de que existe e se recebe legitimamente; mas não recebe onde eles dizem que existe mas não dizem que deve ser recebido na Igreja, cuja doutrina decidiu seguir.

Ainda que duvide se ali se recebe lícitamente o que tem certeza de que pode receber na Igreja católica lícitamente, peca gravemente com relação à salvação da alma tão somente pelo fato de preferir o incerto ao certo. Pois de que uma pessoa é

batizada licitamente na Igreja católica ele está certo pelo fato de ter determinado passar para ela depois de batizado na seita. Mas deve ter pelo menos como duvidoso que a pessoa não é batizada licitamente no donatismo, visto que o dizem aqueles cuja doutrina ele tem certeza de que deve preferir à dos donatistas, e seja batizado na Igreja católica dando preferência ao certo com relação ao incerto, onde por isso está certo de que se faz legitimamente; pois, ao pensar se faria na seita, decidira que passaria para a Igreja católica.

5 Se alguém não compreende como é possível que confessemos que existe o batismo na seita e digamos que não é administrado licitamente, tenha em conta que não dizemos que lá se administra licitamente, o que eles também dizem a respeito daqueles que se separam da sua comunhão. Observe-se a comparação da insígnia militar, pois os desertores podem tanto possuí-la como recebê-la fora do exército; no entanto, fora do exército não se deve possuí-la nem recebê-la, e aquele que volta e é aceito no exército não a há de mudar nem renovar.

Contudo, um é o motivo daqueles que imprudentemente caem nos laços desses hereges, julgando ser a Igreja de Cristo, e outro o daqueles que sabem não existir Igreja católica, senão aquela que, conforme foi prometida, se difunde pelo mundo inteiro e se estende até os confins da terra; crescendo ela no meio do joio e desejando o descanso futuro entre a tristeza dos escândalos, ela diz nos salmos: “Dos confins da terra eu te invoco com o coração desfalecido. Eleva-me sobre a rocha!”.^[6] Mas Cristo era essa rocha,^[7] sobre a qual, conforme diz o Apóstolo, nós já ressuscitamos e estamos sentados no céu,^[8] não ainda na realidade, mas na esperança. Por isso, o salmo prossegue e diz: “Conduze-me! Porque és um abrigo para mim, torre forte à frente do inimigo”.^[9]

Protegida pelas promessas de Deus como que com dardos e lanças dispostos em torres, não somente se evita, mas também é derrotado o inimigo que veste seus lobos com peles de ovelhas,^[10] para gritar: “Olha o Messias aqui! Ou ali!”, e da cidade universal colocada sobre o monte,^[11] separam a muitos para os partidos de suas ciladas e os devoram uma vez abatidos. E como sabem disso, preferem receber o batismo de Cristo fora da comunhão da unidade de Cristo, para depois migrar para a mesma comunhão com o que receberam em outra parte. Conscientes, vão receber o batismo contra a Igreja de Cristo, pelo menos no mesmo dia em que o recebem. Se isso é sinal de impiedade, quem há que diga: “Seja-me permitido admitir o delito por um só dia”? Pois, se vai passar para a Igreja católica, pergunto qual a razão. O que responderia, senão que é um mal estar na seita de Donato e não estar na unidade católica?

Responderei: quantos dias praticares esse mal, tanto dias durará esse mal. E se pode dizer que é um mal maior o que se pratica em muitos dias, mas é menor o mal que é praticado em poucos dias, mas não se pode dizer que não praticou nenhum mal. Mas qual a necessidade de praticar esse mal execrável mesmo que seja um só dia ou uma só hora? Com efeito, aquele que deseja permitir-se isso pode pedir à Igreja ou ao próprio Deus que lhe conceda apostatar-se por um só dia. Com efeito, não há motivo algum para ter medo de ser apóstata por um só dia, e não temer ser herege ou cismático por um só dia.

Preferência do certo ao incerto

6 “Preferi”, dizem alguns, “receber o batismo onde ambos concordam que existe o batismo de Cristo”. Mas dizem aqueles para os quais há de migrar que ali não se recebe o batismo licitamente, mas dizem aqueles dos quais há de migrar que ali se recebe o batismo licitamente. O que te dizem aqueles que tu pões aos que contradizem os que antepões, ou é falso ou, para dizer com suavidade, incerto. Portanto, deves antepor o verdadeiro ao falso, o certo ao incerto. Pois para onde há de migrar, se o receberes em outra parte, confessas que se pode receber licitamente o que tu desejas, mas não somente o dizem aqueles, para os quais há de passar, mas tu mesmo que vais passar. Pois se tivesses dúvida se podes receber ali licitamente, também terias dúvida em passar para lá. Se é incerto que seja pecado recebê-lo na facção de Donato, quem há de duvidar que seja um pecado certo não preferir recebê-lo ali onde é certo que não seja pecado?

Mas aqueles que são ali batizados por ignorância, julgando ser ela a Igreja de Cristo, pecam menos em comparação aos donatistas; no entanto, são feridos pelo sacrilégio do cisma; não, porém, gravemente, enquanto eles pecam mais gravemente. Com efeito, como foi dito a alguns: “Mas eu vos digo que o Dia do Juízo será mais suportável para a terra de Sodoma do que para vós”;^[12] não foi dito, porém, que os sodomitas não serão atormentados, mas sim que o serão com menos severidade.

O caso dos maximianistas

7 Isso talvez tenha estado alguma vez oculto e incerto. Mas onde se curam os que se dão conta e são corrigidos, ficam ali agravados aqueles que, como não podem ignorar, se exasperam com obstinação para sua ruína. Com efeito, a condenação dos maximianistas e a admissão dos condenados com aqueles que, fora da comunhão com eles, foram batizados no cisma sacrílego, como o proclama o concílio do cisma,^[13] resolvem toda essa questão, encerram toda essa contenda.

Entre nós e os donatistas, que estão em comunhão com Pirmiano, nada há absolutamente que possa levar à dúvida de que não somente se tem o batismo de Cristo, mas também que se possa administrá-lo àqueles que estão separados da Igreja. Assim como são obrigados a confessar que receberam no cisma um batismo verdadeiro aqueles que Feliciano batizou no cisma, pois os mantêm consigo agora com o mesmo batismo que receberam no cisma, assim também nós dizemos que existe o batismo mesmo fora da comunhão católica, o qual administram aqueles que foram afastados da mesma comunhão, pois não o perderam quando foram cortados. E o que eles pensam que conferiram àqueles que Feliciano batizou no cisma, ao reconciliá-los consigo, ou seja, não para receberem o que não tinham, mas para que fosse útil àqueles o que em vão receberam e tinham no cisma, isto é, o que Deus confere e lhes outorga pela comunhão católica àqueles que procedem de alguma heresia ou cisma, na qual receberam o batismo de Cristo, ou seja, não para que comecem a ter o sacramento do batismo, como se não tivessem, mas para que comece a ser-lhes útil o que tinham.

Enfraquecimento dos donatistas

8 Por essa razão, entre nós e os donatistas, os que denominamos “principais”, cujo bispo em Cartago é Pirmiano, não há mais controvérsia alguma sobre esse assunto. Com efeito, Deus quis por-lhe fim por meio dos maximianistas, de modo que o que não queriam por exigência da caridade confessam obrigados pelo seu exemplo. Mas ainda continuamos a discutir para evitar que não lhes pareça que dizem algo aqueles com os quais não têm comunhão, aqueles que afirmam que permaneceram quanto menos donatistas, tanto mais sinceros. Se existissem somente os maximianistas, não deveríamos menosprezar sua salvação, quanto mais porque a mesma seita de Donato se esfacelou em muitas pequenas facções, as quais partezinhas todas, a respeito do batismo recebido dos maximianistas, censuram a parte maior, na qual está Pirmiano; e cada uma delas se empenha em afirmar que o batismo verdadeiro permaneceu somente entre eles e que não existe absolutamente em outra parte nem no mundo inteiro, pelo qual se difunde a Igreja católica, nem na facção maior de Donato nem nas demais facções diminutas,^[14] somente na sua.

Se todas essas pequenas facções quiserem atender à voz, não de um homem, mas da própria verdade, repleta de evidência, e domar o espírito cheio de ódio de sua perversidade, retornariam da própria avidez, não à facção maior de Donato, da qual, dividida, foram separadas, mas para a louçania da raiz católica. Pois todos esses, nos pontos em que não estão contra nós, são a nosso favor,^[15] mas quando não ajuntam conosco, dispersam.^[16]

9 Não quero parecer que me sirvo de argumentos humanos, pois nos primeiros tempos da Igreja, antes do cisma de Donato, a obscuridade dessa questão levou grandes homens e bispos dotados de grande caridade a dissertarem e discutirem entre si, mantendo a paz. Mas oscilaram durante muito tempo as ordenações dos concílios de suas respectivas regiões,^[17] até que, por um concílio plenário do mundo inteiro,^[18] o que se julgava de acordo à salvação foi confirmado após serem removidas todas as dúvidas. Por isso apresento testemunhos válidos do Evangelho, mediante os quais, com a ajuda do Senhor, demonstro com que retidão e verdade, segundo o pensamento de Deus, o remédio eclesiástico em procurar em todo cismático ou herege a ferida que os separava, mas o que permanecesse sadio, fosse aprovado, após ter sido reconhecido, em vez de ser ferido com a reprovação.

O Senhor diz no Evangelho: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa”.^[19] Contudo, como os discípulos lhe tivessem comunicado que tinham visto alguém expulsando demônios em seu nome, e tivessem pedido que o proibisse, porque não os acompanhava, ele disse: “Não o impeçais, pois não há ninguém que faça um milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim”.^[20] Se essa pessoa em nada merecia ser censurada,^[21] esteja tranquilo, portanto, todo aquele que, fora da comunidade da Igreja, colhe em nome de Cristo, separado da comunidade cristã, e assim será falso: “Quem não está a meu favor, está contra mim; e quem não ajunta comigo, dispersa”. Mas se o que os discípulos do Senhor pretenderam fazer, por ignorância, devia ser corrigido nesse alguém, pelo fato de o Senhor ter dito: “Não o impeçais”, por que proibiu que proibissem? E como pode ser verdade o que ali ele disse: “Quem não está contra nós, está conosco”? Com efeito, nesse fato, não está contra eles, mas em seu favor, visto que realizavam curas em nome de Cristo.

Portanto, para que ambas as sentenças sejam verdadeiras, assim como é verdadeira, tanto onde ele disse: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa”, como onde disse: “Não o impeçais, pois quem não está contra vós, está convosco”, o que falta para que se entenda, senão que aquele deve ser confirmado na veneração de tão distinguido nome, quando não era contra a Igreja, mas a favor da Igreja; e, no entanto, naquela separação deve ser culpado, na qual dispersaria, se ajuntasse, de modo que se viesse para a Igreja, não receberia o que já possuía, mas seria corrigido no que errara.

10 As orações do pagão Cornélio não deixaram de ser ouvidas e suas esmolas aceitas, e, além disso, mereceu que lhe fosse enviado um anjo, e o visse ao ser enviado, por meio do qual podia aprender tudo o que fosse necessário sem a intervenção de homem algum. Mas porque tudo o que recebeu por merecimento de suas orações e esmolas não lhe podia ser útil, se não se incorporasse à Igreja pelo vínculo da comunidade cristã e da paz, recebe a ordem de enviar homens a Pedro, e por meio dele aprende a conhecer Cristo; por meio de Pedro também batizado, junta-se ao povo cristão pela união da comunhão, à qual estava unido pela semelhança das boas obras.^[22] Seria lastimável que menosprezasse o bem que ainda não possuía, ensoberbecendo pelo bem que possuía.

Assim também, aqueles que, se separando da companhia dos demais, rompem o vínculo, violando a caridade da unidade, se nada praticam do que receberam nessa companhia, ficam totalmente separados dela e, portanto, aqueles a quem juntarem a si, se quiserem vir para a Igreja, devem receber tudo o que não receberam. Mas se fazem o mesmo em algumas coisas, não se separarão nesses aspectos e se mantêm por essa parte no conjunto da techedura; quanto ao mais, estão cortados. Por isso, se a si juntaram alguém, por esse lado se une à Igreja na parte em que eles não se separaram; e, por isso, se quiser vir para a Igreja, é curado onde estava ferido pelo erro; mas onde se unia com saúde, não é curado, mas reconhecido, para que, ao querer curar o que está são, não venhamos a feri-lo.

Assim, aqueles que batizam curam do ferimento da idolatria ou da infidelidade, mas se ferem mais gravemente com o ferimento do cisma. A espada de Deus extermina os idólatras no meio do povo,^[23] a rachadura da terra sugou os cismáticos.^[24] E o Apóstolo diz: “Ainda que tivesse toda a fê, a ponto de transportar os montes, se não tivesse a caridade, eu nada seria”.^[25]

11 Quando se leva alguém ao médico com um ferimento grave em alguma parte vital do corpo, se o médico disser: “Vai morrer, se não for tratado”, não creio que aqueles que o levaram estão de tal modo loucos que, tendo em vista os outros membros sãos, respondam ao médico e digam: “Por acaso tantos membros sãos não servem para garantir sua vida, e um só doente pode levá-lo à morte?”^[26] Não vão dizer certamente, mas o apresentam para ser tratado. Contudo, não é pelo fato de apresentá-lo ao médico para o tratamento que vão pedir que cure também aqueles que estão sãos; vão pedir que aplique logo o medicamento somente no lugar onde a morte ameaça, ameaça que será realidade, se não for tratado.

Portanto, que aproveitam ao homem ou uma fé sã ou talvez um só sacramento da fé, se a saúde da caridade estiver combalida pelo ferimento mortal do cisma, por cuja única ruína também os outros membros são arrastados para a morte? Para que isso não aconteça, a misericórdia de Deus não cessa, mediante a unidade da santa Igreja, de convidá-los a virem e se curarem pelo remédio da reconciliação, pelo vínculo da paz. Não digam que estão com saúde pelo fato de dizermos que têm alguma parte sadia e, por isso, não pensem que devem ser curados do que está são, porque mostramos que existe algum ferimento.

Por isso na sanidade do sacramento, porque não estão contra nós, estão a nosso favor; mas no ferimento do cisma, tudo o que não ajuntam com Cristo, dispersam. Não se ensoberbeçam pelo que possuem. Por que levantar os olhos soberbos pelo que têm na saúde? E se dignem olhar humildemente para seu ferimento, para que tenham em conta não somente o que possuem, mas também o que lhes falta.

12 Observem quantas ações e quão grandes que de nada aproveitam, se faltar uma só coisa; e observem qual seja essa única coisa, e não me ouçam a esse respeito, mas o Apóstolo: “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar os montes, se não tivesse a caridade, eu nada seria”.^[27]

Portanto, em que lhes aproveita falar a língua dos anjos nos santos mistérios e ter o dom da profecia, como Caifás^[28] e Saul,^[29] de modo a profetizar alguma vez, os quais, conforme atesta a santa Escritura, não somente conhecem, mas também possuem os sacramentos, como os possuiu Simão Mago;^[30] ter a fé, visto que também os demônios confessaram a Cristo – pois acreditavam quando diziam: “Que queres conosco Jesus Nazareno? Sei quem tu és” –;^[31] distribuir seus bens aos pobres, uma vez que também se faz isso não somente na Igreja católica, mas nas várias heresias, que, encrucendo alguma perseguição, entregam seus corpos às chamas pela fé a qual confessam conosco?^[32] Contudo, porque estão separados, praticam essas obras não se suportando mutuamente na caridade nem se preocupando em conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz;^[33] não tendo a caridade, não podem alcançar a salvação eterna mesmo com todos esses bens que nada lhes aproveita.

O dilema donatista

13 Parece-lhes que apresentam a si mesmos essa questão com muito engenho: o batismo de Cristo gera filhos na seita de Donato ou não gera: se dissermos que gera, afirmam que a sua é a Igreja-mãe, que pôde gerar filhos pelo batismo de Cristo; e, porque é mister que a Igreja seja uma só, incriminam que a nossa não é a Igreja. Mas se dissermos “que não gera”, dizem eles, “por que entre vós não renascem pelo batismo aqueles que passam de nós para vós, quando forem batizados entre nós, se ainda não nasceram?”

14 Como se gerasse pelo que está separada e não pelo que está unida. Com efeito, está separada do vínculo da caridade e da paz, mas está unida pela união do batismo. Desse modo, é apenas uma a Igreja que é a única denominada católica; e tudo o que tem como próprio nas comunhões dos vários cismas que partem de sua unidade, ela gera, não elas, pelo que tem neles de seu. Com efeito, a separação por parte deles não gera, mas sim o que possuem consigo da Igreja católica; pois se abandonam esse comum, então não geram absolutamente.

A Igreja católica, pois, gera em todas as Igrejas, cujos sacramentos conservam, razão pela qual pode gerar em qualquer parte, embora nem todas geradas por ela pertençam à sua unidade, a qual salvará os que perseverarem até o fim. Não somente não pertencem a ela os que se manifestaram pelo evidente sacrilégio da separação, mas também os que, mesclados corporalmente na sua unidade, estão separados pela vida inconveniente.

Com efeito, ela gerara pelo batismo a Simão Mago; e, no entanto, foi-lhe dito que não tinha parte na herança de Cristo.^[34] Acaso lhe faltaram o batismo, o Evangelho ou os sacramentos? Mas porque lhe faltou a caridade, nasceu em vão e lhe convinha talvez não nascer. Acaso não tinham nascido aqueles aos quais o Apóstolo diz: “Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar?”^[35] No entanto, chama-os de volta do sacrilégio do cisma, no qual tinham caído, porque eram carnis: “Como a crianças em Cristo, diz ele, dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnis. Com efeito, se há entre vós invejas e rixas, não sois carnis e não vos comportais de maneira meramente humana? Quando alguém declara: ‘Eu sou de Paulo’, e outro diz: ‘Eu sou de Apolo’, não procedeis de maneira meramente humana?”^[36] Sobre eles diz acima: “Eu vos exorto, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia uns com os outros, de modo que não haja divisões entre vós; sede estreitamente unidos na mesma inteligência e no mesmo modo de pensar. Com efeito, meus irmãos, pessoas da casa de Cloé me informaram de que existem rixas entre vós. Explico-me: cada um de vós diz: ‘Eu sou de Paulo!’, ou ‘Eu sou de Apolo!’ ou ‘Eu sou de Cefas!’, ou ‘Eu sou de Cristo!’. Cristo estaria dividido? Paulo teria sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo?”^[37]

Portanto, se os donatistas permanecerem nessa obstinação e perversidade, certamente nasceram, no entanto, não pertencem à mesma Igreja, da qual nasceram no vínculo da paz e da unidade. Portanto, ela gera, pelo seu ventre e pelos ventres das servas, pelos mesmos sacramentos, como que do sêmen de seu esposo. Com efeito, não é em vão que diz o Apóstolo que essas coisas aconteceram para servir de exemplo.^[38]

Mas aqueles que se enchem de soberba e não se ligam à mãe legítima são semelhantes a Ismael, sobre o qual foi dito: “Expulsa esta serva e seu filho, para que o filho desta serva não seja herdeiro com meu filho Isaac”.^[39] Mas os que amam pacificamente a esposa legítima de seu pai, por cujo legítimo direito foram gerados,

são semelhantes aos filhos de Jacó, embora nascidos de escravas, mas recebendo a mesma herança. Mas aqueles que, nascidos da própria mãe dentro da unidade, desprezam a graça que receberam são semelhantes aos filhos de Esaú, que foi reprovado pelo testemunho de Deus que diz: “Amo a Jacó e odeio a Esaú”, embora ambos, concebidos pela única união, tivessem nascido de um único ventre. ^[40]

15 Eles perguntam também se pelo batismo na seita de Donato os pecados são perdoados. Se dissermos que são perdoados, eles respondem: “Portanto ela é assistida pelo Espírito Santo, porque, quando o Senhor soprou, ele então foi dado aos discípulos; e o Senhor prosseguiu e disse: ‘Batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’”.^[41] “Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles aos quais não perdoardes, ser-lhes-ão retidos”.^[42] Se assim é, dizem eles, nossa comunhão é a Igreja de Cristo, pois o Espírito Santo não outorga o perdão dos pecados fora da Igreja. E se a nossa comunhão é a Igreja de Cristo, vossa comunhão não é a Igreja de Cristo. Pois a Igreja é única, qualquer que seja aquela sobre a qual foi dito: “Uma só é minha pomba, uma só a preferida pela mãe que a gerou”,^[43] e não pode haver tantas Igrejas quantos são os cismas.^[44] Mas se dissermos que nela os pecados não são perdoados, “portanto”, dizem eles, “nela não é verdadeiro o batismo, e por isso, deveis batizar aqueles que recebeis de nós. Porque não o fazeis, confessais que não estais na Igreja de Cristo”.

Resposta ao dilema

16 Nós os enfrentamos pedindo, de acordo com as Escrituras, que eles respondam a si mesmos o que nos perguntam. Com efeito, digam-nos se são perdoados os pecados onde não há caridade. Pois os pecados são as trevas das almas. De fato, ouvimos a João, que diz: “O que odeia seu irmão está nas trevas”.^[45] Mas ninguém faria um cisma, se não estivesse obcecado pelo ódio ao irmão. Portanto, se dissermos que na seita não se perdoam os pecados, como pode renascer aquele que é batizado entre eles? O que significa renascer pelo batismo senão ser renovado da velhice? Mas como se renova da velhice aquele a quem não são perdoados os pecados passados? E se não nasceu, também não se revestiu do Cristo, do qual se deduz que pareça ser necessário batizar de novo, pois diz o Apóstolo: “Todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo”;^[46] se alguém não se vestiu, também não deve ser considerado como batizado em Cristo. Mas se dissermos que foi batizado em Cristo, confessamos que se vestiu de Cristo e, se o confessamos, confessamos que foi regenerado. Se assim é, também os pecados foram perdoados, então por que diz João: “Quem odeia seu irmão está nas trevas”,^[47] se já teve lugar a remissão dos pecados? Por acaso, não há no cisma o ódio fraterno? Quem é capaz de dizer o contrário, se tanto a origem como a obstinação do cisma não é outra coisa senão ódio ao irmão?

O caso de Simão Mago

17 Eles pensam que resolvem a questão, quando dizem: “Não há remissão dos pecados no cisma e, portanto, nem a regeneração do homem novo e, por isso, nem o batismo de Cristo”. Mas porque confessamos que no cisma existe o batismo de Cristo, propomos-lhes que resolvam a questão, respondendo se Simão Mago foi lavado de fato pelo batismo de Cristo. Responderão: “Sim”, porque são obrigados pela autoridade da Escritura santa. Por isso lhes pergunto se confessam que seus pecados lhe foram perdoados. Não há dúvida de que confessarão. Pergunto ainda por que Pedro lhe disse que não teria parte na herança dos santos.^[48] “Porque”, dizem eles, “pecou depois, querendo comprar com dinheiro o dom de Deus, cujos vendedores ele julgava serem os apóstolos”.

18 Se alguém recebeu o batismo fingidamente, os pecados lhe são perdoados ou não? Escolham o que quiserem; qualquer resposta que escolherem, basta-nos. Se disserem que são perdoados, no caso de se efetivar o perdão dos pecados nesse fingido, como “o Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade”?^[49] Se disserem que não são perdoados, pergunto se, depois de seu fingimento, tendo se confessado com o coração contrito e com verdadeira dor, deveria ser batizado de novo? Se isso é uma rematada loucura, confessem que pelo verdadeiro batismo de Cristo uma pessoa pode ser batizada e, no entanto, seu coração, perseverando na malícia ou no sacrilégio, não permite que aconteça a remissão dos pecados, e assim entendam que as pessoas podem ser batizadas nas comunhões separadas da Igreja, onde o batismo de Cristo é administrado e recebido; no entanto, o batismo será eficaz para a remissão dos pecados, quando a pessoa, reconciliada com a unidade, se despir do sacrilégio da separação pelo qual seus pecados eram retidos e o qual impedia que fossem perdoados.

Com efeito, assim como não é necessário que se batize novamente aquele que se aproximou do batismo fingidamente, mas que se purifique pela correção piedosa e pela confissão sincera – o que não poderia fazer sem o batismo, para que, o que antes foi administrado, comece então a valer para a salvação, quando esse fingimento desaparecer pela confissão sincera –, também aquele que recebeu o batismo de Cristo em alguma heresia ou cisma, como inimigo da caridade e da paz de Cristo – e por tal crime sacrílego seus pecados não foram perdoados – não deve ser batizado novamente quando se corrigir e vir para a companhia e unidade da Igreja, porque pela própria reconciliação e paz será possível que comece a lhe ser útil para a remissão de seus pecados o sacramento que, recebido no cisma, não lhe podia aproveitar.

Os pecados perdoados revivem?

19 Se disserem: naquele que, fingidamente, se aproximou do batismo, os pecados lhe foram perdoados no mesmo instante pela santa eficácia de tão sublime sacramento, mas voltaram imediatamente devido a seu fingimento, de modo que o Espírito Santo se fez presente no batizado para que seus pecados desaparecessem, mas ele fugiu perante a perseverança no fingimento, e assim os pecados retornaram. ^[50] Ver-se-ia, assim, que é verdade: “Todos vós que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo”, ^[51] e também: “Pois o Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade”, ^[52] ou seja, para que a santidade do batismo o vista de Cristo e a malícia do fingimento o dispa de Cristo. Assim acontece quando a pessoa passa da luz para as trevas – seus olhos se dirigem sempre para as trevas, mas a luz não pode atravessá-los, visto que ela apenas passa –; se disserem isso, repito, entendam que isso acontece também naqueles que são batizados fora da comunhão da Igreja, mas com o batismo da Igreja. O batismo por si mesmo é santo em qualquer parte; portanto, não é daqueles que se separam, mas daquele do qual se separam: no entanto, tem valor também entre eles, enquanto pela sua luz passam para as trevas de sua separação, voltando depois os pecados que a santidade do batismo perdoara, à semelhança da obscuridade que a luz espancara ao passar.

20 O Senhor ensina claramente no Evangelho que os pecados perdoados revivescem, onde não existe a caridade fraterna, ao falar daquele servo a quem, como o encontrasse devedor de dez mil talentos, perdoou-lhe tudo quando lhe suplicou; mas como ele não se compadeceu de seu companheiro que lhe devia cem denários, o senhor ordenou que lhe pagasse o que lhe perdoara.^[53]

Portanto, o tempo em que se recebe o perdão pelo batismo é o tempo da prestação de contas, para que sejam perdoados todos os débitos que existam. Contudo, aquele servo não perdoou depois a dívida contraída, e como o companheiro não podia pagar, não se compadeceu dele; mas seu companheiro já lhe devia quando ele, ao prestar contas a seu senhor, havia ficado livre de tão grande importância; e não perdoou a seu companheiro o que lhe devia, e assim compareceu diante de seu senhor para que lhe perdoasse.

É o que indicam as palavras do companheiro que lhe diz: “Dá-me um prazo e eu te pagarei tudo”.^[54] Em caso contrário, diria: “Já me perdoaste a dívida, por que a cobras novamente?”. As palavras do senhor esclarecem mais esse pormenor, pois ele diz no Evangelho: “Este servo encontrou um de seus companheiros de servidão que lhe devia cem denários”. Não disse: “A quem já perdoara os cem denários”; se lhe tivesse perdoado, não lhe devia. Mas porque disse “lhe devia”, ficou claro que não perdoara.

E teria sido melhor e seria mais conveniente a tão grande devedor que, ao prestar contas e esperar a misericórdia de seu senhor, ele primeiro tivesse perdoado a seu companheiro o que lhe era devido e assim comparecesse diante de seu senhor para prestar contas, quando haveria de implorar a misericórdia de seu senhor. Contudo, o que ainda não havia perdoado a seu companheiro não impediu a seu senhor, na hora da prestação de contas, de lhe perdoar tudo o que devia. Mas o que lhe aproveitou se, devido à constância no ódio, tudo recairia de novo sobre sua cabeça?

Assim também a graça do batismo não deixa de perdoar todos os pecados, mesmo que o ódio fraterno perdure na alma daquele que foi perdoado. Perdoa-se o dia anterior e se perdoa tudo o que precedeu, mesmo na mesma hora e no momento antes do batismo e no batismo. Mas logo depois passa a ser réu não somente de tudo o que vem, mas também dos dias passados, das horas, dos momentos; revivem todos os que foram perdoados. E isso acontece muitas vezes nas Igrejas.

21 Acontece muitas vezes que uma pessoa tenha um inimigo, o qual odeia terrivelmente, ainda que também tenhamos o preceito de amar os inimigos perversos e orar por eles.^[55] Mas ela começa a ficar perturbada por um inesperado perigo de morte e pede o batismo, o qual recebe tão rapidamente que o perigo de morte mal permite um interrogatório com poucas palavras, quanto menos um interrogatório prolongado para que expulse o ódio de seu coração, ainda que o fato seja conhecido daquele que o batiza. Isso certamente não deixa de acontecer não somente entre nós, mas também entre eles. E o que vamos dizer então?

Os pecados lhe são perdoados ou não? Escolham a resposta que quiserem. Pois se são perdoados, revivem novamente; o Evangelho fala e a verdade brada. Portanto, sejam perdoados ou não, será necessário um medicamento posterior. Contudo, se continuar com vida e o exortarem a se corrigir, não será batizado novamente, seja entre eles, seja entre nós.

Assim também, com respeito ao que os cismáticos ou os hereges têm não de modo diferente e nem procedem de modo diferente da Igreja verdadeira, não os rebatizamos quando vêm para nosso lado. Pelo contrário, aprovamos. No que não dissentem de nós, não há diferença entre eles e nós. No entanto, porque em nada lhes aproveita, enquanto forem cismáticos ou hereges, devido a outros pontos em que dissentem da verdade e devido ao próprio pecado deveras deplorável da separação, ou tenham permanecido neles os pecados, ou tenham voltado logo após terem sido perdoados, exortamos a que venham para a salvação da paz e da caridade, não somente para que passem a possuir algo que não possuíam, mas também para que comece a ser-lhes útil o que possuíam.

Falta de caridade para com os cismáticos

22 Portanto, dizem-nos em vão: “Se aceitais nosso batismo, o que temos de menos para pensardes que devemos buscar vossa comunhão?”. Respondemos: aceitamos vosso batismo porque o batismo não é dos cismáticos e dos hereges; mas é de Deus e da Igreja em qualquer parte em que se encontrar e aonde quer que seja levado. Não é vosso senão o que pensais malevolamente e fazeis sacrilegamente e o fato de vos separardes impiamente. Pois, se todo o restante, verdadeiro, ou tendes ou sentis, e permaneceis na separação contra o vínculo da paz fraterna, contra a unidade de todos os irmãos que se mostram no mundo inteiro, como foi prometido, cuja causa e sentimentos não pudestes jamais e de forma alguma conhecer e discutir para poderdes condenar com razão, os quais, portanto, não podem ser réus, porque acreditaram mais nos juízes eclesiásticos do que nos litigantes,^[56] tendes apenas de menos o que tem de menos quem não tem caridade.^[57]

Por que nos é necessário recomeçar? Vede no Apóstolo quanto seja o que possuíis de menos. O que importa àquele que não tem caridade se voar para fora, levado pelo vento da tentação ou, para dentro, se se afastar da messe do Senhor para ser separado na última joeira?^[58] No entanto, esses tais já nasceram uma vez pelo batismo; não é preciso que nasçam de novo.

23 A Igreja dá à luz a todos pelo batismo, ou no seu meio, de seu ventre, ou fora de si, do sêmen de seu esposo. Mas tanto Esaú, nascido da esposa, foi separado do povo de Deus devido a uma discórdia fraterna,^[59] como Aser, nascido de uma escrava, com a autorização da esposa, recebeu a terra da promessa devido à concórdia fraterna.^[60] Por isso a mãe escrava não causou dano a ponto de Ismael se separar do povo de Deus, mas foi a discórdia fraterna; e não lhe valeu a autorização da esposa, da qual era mais filho, porque, pelos direitos conjugais da mesma, tanto foi inseminado na escrava, como nascido da escrava;^[61] assim também entre os donatistas, pelo direito, que é o batismo, nascem para a Igreja todos os que nascem, mas se conservarem a concórdia com os irmãos, virão pela unidade da paz para a terra da promessa, e não sairão novamente do útero materno, mas serão reconhecidos pelo sêmen paterno; mas se permanecerem na discórdia, pertencerão à herança de Ismael.

Ismael foi o primeiro e, depois, Isaac: Esaú foi o primeiro e Jacó foi posterior, não porque a heresia deu à luz antes que a Igreja ou a Igreja gerasse primeiramente os carnis ou animais e, depois, os espirituais; mas porque na condição de mortais, na qual nascemos de Adão, “primeiro foi feito o que não é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual vem depois”; e é ele que gera todas as dissensões e cismas.^[62] Os que perseveram nesse espírito, diz o Apóstolo, pertencem ao Antigo Testamento,^[63] ou seja, ao desejo das promessas eternas, nas quais estão figuradas as espirituais, pois “o homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus”.

24 Em qualquer tempo em que esses tais tenham começado a existir, eles são “animais”,^[64] ainda que já impregnados dos sacramentos divinos pela administração secular dos mesmos; contudo, ainda têm sentimentos carnis e esperam e desejam de Deus coisas carnis, seja nesta vida, seja depois desta vida. Mas a Igreja, porque é o povo de Deus, é uma realidade antiga mesmo na peregrinação desta vida, tendo em alguns homens a parte animal, mas em outros a espiritual. O Antigo Testamento pertence ao homem animal, o Novo, aos espirituais.

Mas nos primeiros tempos, ambos, de Adão até Moisés, ficaram ocultos. O Antigo foi manifestado por Moisés e nele se ocultava o Novo, porque era simbolizado ocultamente. Mas depois que o Senhor veio na carne,^[65] revelou-se o Novo. Cessaram então os sacramentos do Antigo, mas não cessaram as concupiscências. Entre eles estão aqueles que, já nascidos pelos sacramentos do Novo Testamento, o Apóstolo ainda denomina animais, pois não podem aceitar o que vem do Espírito.^[66]

Assim como alguns espirituais viviam nos sacramentos do Antigo Testamento, ou seja, pertencendo ocultamente ao Novo Testamento, o qual então estava oculto, assim também agora muitos “animais” vivem no sacramento do Novo Testamento que já foi revelado. Se eles não querem progredir para aceitar o que pertence ao Espírito de Deus, ao qual os exorta a palavra apostólica, pertencerão ao Antigo Testamento. Mas se progredirem, mesmo antes de o alcançarem, pertencem ao Novo por essa aproximação e progresso. Mas se antes de se tornarem espirituais, são arrebatados desta vida protegidos pela santidade do sacramento, são contados na terra dos viventes, onde está nossa esperança e nossa porção é o Senhor.^[67] Não percebo o que se pode entender como mais verdadeiro no que está escrito: “Teus olhos viram o meu embrião”, visto que prossegue: “No teu livro estão todos inscritos”.^[68]

25 A que deu à luz Abel, Enoc, Noé e Abraão também deu à luz Moisés e os profetas posteriores no tempo antes da vinda do Senhor; e a que os deu à luz, deu também os apóstolos, os nossos mártires e todos os bons cristãos. Com efeito, todos nasceram em tempos diferentes, mas se encontram associados no mesmo povo e, como cidadãos da mesma cidade, passaram pelos trabalhos desta peregrinação^[69] e alguns deles passam agora, e os demais passarão até o fim.

Da mesma forma, a que deu à luz Caim, Cam, Ismael e Esaú, ela mesma deu à luz a Datã e a outros semelhantes no mesmo povo, e a que gerou antes, deu à luz Judas, o pseudoapóstolo, Simão Mago e os demais pseudocristãos até os tempos atuais, endurecidos pela obstinação em sua situação de “animais”; embora já estejam mesclados na unidade, já estão separados por um cisma manifesto.

Mas quando eles são evangelizados pelos espirituais e são iniciados nos sacramentos, é como se Rebeca desse à luz por si mesma, tal como a Esaú; mas quando são gerados no povo de Deus mediante aqueles que anunciam o Evangelho não com pureza de intenção,^[70] Sara os gerou, mas por meio de Agar.

Da mesma forma, os bons espirituais, quando são gerados por meio da evangelização e pelo batismo dos carnis, Lia ou Raquel os dá à luz por direito conjugal por meio do ventre das escravas; mas quando os bons fiéis são gerados no Evangelho por meio de espirituais, os quais ou chegam à maturidade da idade espiritual, ou não desistem de tender para ela ou, se não o fazem, é porque não podem, tal como do ventre de Sara ou de Rebeca nascem Isaac e Jacó, eles nascem para uma nova vida e para o Novo Testamento.

Os verdadeiros membros da Igreja

26 Assim, ou pareçam estar dentro ou estejam claramente fora, o que é carne é carne; ou continuem na eira com sua esterilidade ou sejam levados para fora como que por um vento por ocasião da tentação, o que é palha é palha e sempre está separado da unidade daquela Igreja que é sem mancha e sem ruga,^[71] mesmo aqueles que se mesclam com a comunidade dos santos na obstinação carnal. No entanto, não se deve perder a esperança com relação a nenhum ou com relação àquele que aparece tal dentro ou àquele que, estando fora, ataca de modo visível.

Mas os espirituais ou os que progridem nesse sentido com piedoso empenho não vão para fora, porque, embora pareça que foram expulsos por alguma perversidade ou necessidade humanas, dão maiores provas de sua fidelidade do que se permanecessem dentro, visto que de forma alguma se revoltam contra a Igreja, mas se enraízam na sólida pedra da unidade com a força espantosa da caridade. Pois se relaciona com isto que se diz no sacrifício de Abraão: “Mas não partiu as aves”.^[72]

A força da caridade

27 Pelo que julgo, já dissertei o suficiente sobre a questão do batismo.^[73] E porque este é um cisma deveras evidente, que se denomina pelo nome de donatistas, não há outra alternativa senão acreditarmos no que professa a Igreja universal, separada do sacrilégio do cisma. No entanto, se no ambiente da Igreja, alguns, salvando a paz, pensavam uma coisa sobre essa questão e outros, outra, até que um concílio plenário teve por bem determinar algo depurado e autêntico, a caridade da unidade encobria o erro da fragilidade humana, como está escrito: “Porque o amor cobre uma multidão de pecados”.^[74] Faltando a caridade, conservam-se em vão as demais coisas; estando ela presente, as demais coisas que faltam não são tomadas em consideração.

28 Existem importantes documentos do bem-aventurado mártir Cipriano em suas cartas, de sorte que a eles já me dirigirei, visto que os donatistas se lisonjeiam de estar apoiados pela sua autoridade e, no entanto, são fulminados espiritualmente pela sua caridade. Com efeito, naqueles tempos, antes que a sentença do concílio plenário^[75] tivesse confirmado o que se deveria adotar nesse assunto pelo consenso de toda Igreja, pareceu a ele e a mais de oitenta bispos das Igrejas africanas que todo homem que tivesse sido batizado fora da comunhão da Igreja católica deveria ser batizado novamente ao vir para a Igreja.

O Senhor não manifestou certamente a varão tão importante que ele não procedia retamente para que se manifestassem tanto sua piedosa caridade como a humildade em conservar a paz salutar da Igreja, e fosse não somente para os cristãos daquele tempo, mas também para os pósteros, como uma advertência, por assim dizer, medicinal. Pois se um bispo de tantos méritos, de uma Igreja tão importante, dotado de tal gênio, de tal eloquência, de tão grande virtude, pensasse algo a respeito do batismo diferente do que a verdade investigada diligentemente confirmaria, e ainda que não revelado claramente, ainda que muitos de seus colegas adotassem o que ainda não se tinha manifestado claramente, o que tanto o costume antigo da Igreja como o mundo inteiro católico abraçaram depois, ele não se separou da comunhão com os demais que pensavam diversamente e não deixou de persuadir os demais a se suportarem mutuamente no amor, procurando conservar a unidade do espírito no vínculo da paz.^[76]

Permanecendo assim o conjunto do corpo, se houvesse alguma debilidade em alguns membros, compensaria com a cura deles antes que, mortos pela separação, não adiantasse para nada ter a preocupação pela sua cura. E se ele se tivesse separado, quantos o seguiriam! Que renome não alcançaria entre as pessoas! Quantos mais seriam chamados ciprianistas do que donatistas! Mas ele não era filho da perdição,^[77] sobre os quais foi dito: “De fato tu os pões em ladeiras”;^[78] mas ele era filho da paz da Igreja; dotado de tão forte iluminação de coração, não viu alguma coisa para que pudesse ver por meio dela outra coisa mais sublime. Aliás, diz o Apóstolo, “passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos. Ainda que falasse línguas, a dos homens e a dos anjos, se não tivesse caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine”.^[79]

Portanto, Cipriano não penetrou tão profundamente o segredo escondido do sacramento, mas se conhecesse todos os sacramentos, e não tivesse caridade, nada seria.^[80] Ainda que com menor penetração, conservou-a, no entanto, com humildade, fidelidade e fortaleza, mereceu alcançar a palma do martírio, de modo que, se uma névoa irrompeu contra sua lúcida mente devido à condição humana, seria afugentada pela gloriosa serenidade de seu sangue fulgente. Com efeito, não em vão o próprio Senhor Jesus Cristo, ao se denominar videira^[81] e os seus, como ramos na videira, disse que seriam eles cortados e retirados da videira, como ramos inúteis que não dariam fruto.^[82] Mas quem é o fruto senão aquele novo germe sobre o qual se diz

também: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros?”^[83] Essa é aquela caridade sem a qual nada serve. Diz também o Apóstolo: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio”.^[84] Tudo isso começa pela caridade e, estreitando-se cada vez mais, produz um admirável racimo.

No entanto, não foi em vão que o Senhor acrescentou: “Todo ramo em mim que não produz fruto, ele o corta, e todo o que produz fruto, ele o poda, para que produza mais fruto ainda”,^[85] a não ser que também aqueles que se distinguem pelo fruto da caridade possam, no entanto, passar por alguma limpeza que o agricultor não deixa de providenciar. Portanto, o que aquele santo varão, pensando diferente a respeito do batismo com relação ao que se ensinava, o que depois ficou consolidado por um minucioso e cuidadoso exame, permaneceu na unidade católica e fez a compensação pela abundância de sua caridade e se purificou pelo ferro de seu martírio.

29 Para não parecer que estou evitando as provas, ao elogiar tanto o bem-aventurado mártir nessa causa, a qual não é dele, mas daquele por cuja graça foi assim, apresentemos documentos de suas cartas, pelos quais se possa tapar a boca principalmente dos donatistas. Impressionaram os ignorantes com sua autoridade a ponto de mostrarem que procedem retamente pelo fato de rebatizarem os que os procuram; são excessivamente miseráveis e, se não se corrigirem, condenados por si mesmos, pois preferem imitar tão importante varão no que não lhe causou dano, porque naquela parte, de onde esses que “estão todos desviados”,^[86] caminhou até o fim com passos decididos.

Na verdade, é santo o batismo de Cristo em todas as partes e, ainda que ele exista entre os hereges e os cismáticos, não é próprio da heresia ou do cisma; e, por isso, não se deve rebatizar mesmo os que vêm para a católica. No entanto, isto é uma coisa e outra, julgar que devem ser rebatizados os que se afastam da paz católica e se precipitam no execrável abismo da separação. Os peitos da caridade encobriam aquela mancha na candura da alma santa; mas o rosto agitado dos donatistas ostenta esta fuligem na sua deformidade medonha.

Mas o que trataremos em seguida, no tocante à autoridade do bem-aventurado Cipriano, será assunto de outro livro.^[87]

A autoridade de Cipriano e a unidade da Igreja católica

A vantagem da repetição

1 Com a ajuda do Senhor, determinei demonstrar quanto nos favorece, isto é, à paz católica, o que é afirmado pela seita de Donato contra nós, apoiada na autoridade do bem-aventurado Cipriano, e quanto é desfavorável àqueles pelos quais é apresentado. Se alguma necessidade me obrigar a responder ao que já escrevi em outros livros, ainda que o faça brevemente, não deve ser fastidioso para aqueles que já o leram e do qual se recordam; pois o que é necessário à instrução convém insinuar muitas vezes aos mais tardos^[1] e, quando se enfoca e se trata das mesmas coisas muitas vezes e de modo variado, ajuda também os melhores dotados de inteligência, tanto para adquirirem conhecimentos, como para poderem dissertar mais longamente sobre o assunto.

Sei também como costuma contristar o leitor o livro que tem nas mãos, quando depara com alguma dificuldade na questão, e é remetido para outro livro, onde possa procurar a solução, mas ele talvez não a tenha. Por isso ignorem os que sabem tudo o que já dissemos em outros livros, se por necessidade das questões atuais for obrigado a dizer de novo com poucas palavras, perdoem-me os que já sabem e não se deem por ofendidos os ignorantes. É preferível, pois, oferecer algo ao que tem a apresentá-lo ao que não tem.

2 O que dizem os donatistas, quando ficam sufocados pela força da verdade, a qual se recusam a aceitar? “Cipriano”, dizem eles, “cujos excelentes méritos e tão grande ciência conhecemos, com muitos bispos, seus colegas, concordando com sua opinião, determinou no concílio^[2] que os hereges ou os cismáticos, ou seja, todos os que fora da única Igreja não têm o batismo, e, por isto, todo aquele que venha para a Igreja, batizado por eles, deve ser batizado na Igreja”.^[3]

Não me espanta a autoridade de Cipriano, porque sua humildade a completa. Conhecemos certamente o mérito do bispo e mártir Cipriano, mas seria maior do que a de Pedro, apóstolo e mártir? Sobre ele fala Cipriano na carta a Quinto: “Com efeito, nem Pedro, o qual o Senhor escolheu como primeiro e sobre o qual edificou sua Igreja,^[4] quando depois Paulo discutia com ele sobre a circuncisão, arrogou a si algo de modo insolente ou se apropriou com arrogância de sua dignidade a ponto de dizer que tinha o primado e que era mister ser obedecido pelos primeiros e pelos que viriam depois; também não desprezou a Paulo porque fora antes perseguidor da Igreja; mas acatou o conselho da verdade e aceitou a tese legítima que Paulo defendia. Deixou-nos assim um testemunho de concórdia e de paciência, a fim de não nos apegarmos com teimosia à nossa opinião, mas aceitemos o que às vezes for sugerido pelos nossos irmãos e colegas para nosso proveito e salvação. Pelo contrário, se o que nos sugerem for verdade e gozar de legitimidade, consideremo-lo como nossa opinião”.^[5]

Eis como Cipriano menciona o que também nós aprendemos nas santas Escrituras, ou seja, que o apóstolo Pedro, no qual se destaca o primado sobre os apóstolos como uma tão grande prerrogativa, acostumado a considerar a circuncisão num sentido diferente do que a verdade exigia, foi corrigido pelo apóstolo Paulo, o qual lhe era posterior. Portanto, se Pedro pôde falhar em algo com relação à verdade do Evangelho, a ponto de obrigar os pagãos a se judaizarem, o que Paulo recorda naquela carta em que coloca a Deus como testemunha de que não estava mentindo – pois diz: “Isto vos escrevo e vos asseguro diante de Deus que não minto”,^[6] e depois desse tão santo e terrível testemunho de Deus, narrou tudo isso, em que disse: “Quando vi que não andavam retamente segundo a verdade do Evangelho, eu disse a Pedro diante de todos: Se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus?”^[7] – se Pedro foi capaz, repito, de obrigar os pagãos a viverem como judeus contra a norma da verdade que a Igreja observou depois, por que Cipriano não pôde obrigar os hereges ou cismáticos a se batizarem de novo contra a norma da verdade que toda a Igreja observou depois?

Penso que, sem qualquer injúria a ele, se pode comparar o bispo Cipriano ao apóstolo Pedro no tocante à coroa do martírio. Quanto ao mais, devo recear tornar-me injurioso com respeito a Pedro. Pois quem desconhece que sua primazia entre os apóstolos deve ser anteposta a qualquer dignidade episcopal? Mas embora seja distante a categoria de cátedras, no entanto, é uma só a glória dos mártires; e se, talvez, haja precedência quanto aos corações dos que confessam a mesma fé

verdadeira na unidade da caridade, sabe-o o Senhor, com cuja oculta e admirável concessão de graças o ladrão suspenso na cruz confessa-o uma só vez e é enviado ao paraíso no mesmo dia;^[8] Pedro, seguidor do Senhor, nega-o três vezes^[9] e sua coroa é adiada; é uma temeridade de nossa parte fazer um julgamento a respeito.

Não obstante, se agora alguém obrigar alguém a se circuncidar conforme o costume dos judeus e depois ser batizado, o gênero humano o reprovava com mais repulsa do que se alguém for obrigado a se rebatizar. Por isso, se Pedro, praticando-o, é corrigido por Paulo, mais novo do que ele, e resguardado pelo vínculo da paz, é promovido ao martírio, com mais facilidade e firmeza o que é estabelecido pelas normas da Igreja universal há de ser anteposto ou à autoridade de um só bispo ou ao concílio de uma única província, se o próprio Cipriano de tal modo disse o que lhe parecia que queria permanecer na paz da unidade inclusive com aqueles que opinavam outra coisa a respeito desse assunto! Isso o indica o primeiro discurso do mesmo no começo do mesmo concílio, o qual é invocado pelos donatistas. Pois diz assim:

3 “Reunidos em Cartago no dia primeiro de setembro numerosos bispos das províncias da África, Numídia e Mauritânia, com os presbíteros e diáconos, estando presente também a maior parte do povo, tanto se leu a carta de Jubaiano dirigida a Cipriano, como a de Cipriano a Jubaiano sobre os hereges que deviam ser rebatizados e o que Jubaiano escreveu depois a Cipriano, este disse: ‘Ouvistes, caríssimos colegas, o que Jubaiano, nosso companheiro, me escreveu, consultando nossa mediocridade sobre o batismo ilícito e profano dos hereges e o que eu lhe escrevi, ou seja, opinando o que uma e outra vez opinamos, muitas vezes, isto é, é mister que os hereges que vêm para a Igreja sejam batizados e santificados pelo batismo da Igreja. Foi-nos lida também uma outra carta de Jubaiano, na qual, respondendo à nossa carta com sincera e religiosa devoção, não somente mostrou estar de acordo, mas agradeceu ter sido instruído. Resta que, a respeito deste mesmo assunto, cada um de nós declare o que pensa, sem julgar a ninguém ou afastar do direito de comunhão a alguém, se pensar diferente. Com efeito, nenhum de vós se declarou ser bispo dos bispos, ou, impondo terror tirânico, força os colegas à necessidade de obedecer,^[10] visto que todo bispo tem, em virtude de sua liberdade e poder, seus próprios critérios e não pode tanto ser julgado por outro, como ele também não pode julgar o outro. Mas todos devemos esperar o juízo de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual é o único a ter poder tanto de nos colocar à frente do governo de sua Igreja, como de julgar nossos atos’.”^[11]

4 Levantem-se agora, se se atreverem, as soberbas e inchadas cervizes dos hereges contra a santidade desse discurso. O que dizeis a isso, insensatos donatistas? Desejamos e optamos que volteis à paz da santa Igreja para nela serem curados. Vós costumais objetar-nos a carta de Cipriano, a opinião de Cipriano, o concílio de Cipriano; por que vos apegais à autoridade de Cipriano em favor de vosso cisma e rechaçais seu exemplo em favor da paz da Igreja? Mas quem ignora que a santa Escritura canônica, tanto do Antigo como do Novo Testamento, está contida em seus próprios limites e que ela deve ser de tal modo anteposta a todas as cartas posteriores de bispos, que não se pode absolutamente dela duvidar ou sobre ela discutir, se é verdade ou se é reto tudo o que nela foi escrito? Quem ignora que as cartas dos bispos que, ou foram escritas ou são escritas depois de já estabelecido o cânon, e pela palavra talvez mais sábia de alguém mais perito no assunto, é lícito serem corrigidas por uma autoridade mais ponderada e pela prudência mais douta de outros bispos e pelos concílios, se talvez haja nelas algo desviado da verdade? E quem ignora que os concílios, que se realizam em cada uma das regiões ou províncias, devem ceder sem qualquer dúvida à autoridade dos concílios plenários que têm lugar em todo o orbe cristão, e que os próprios concílios plenários muitas vezes são corrigidos por outros posteriores, quando se abre com alguma descoberta o que esteve fechado e se conhece o que esteve oculto?^[12] Quem ignora, repito, que isso acontece sem nenhuma inchação da soberba sacrílega, sem a cerviz intumescida da soberba, sem nenhuma emulação provocada pela inveja, com santa humildade, com paz católica, com caridade cristã?

Cipriano, exemplo de unidade

5 Por isso o santo Cipriano, tanto mais sublime quanto mais humilde, amou tanto o exemplo de Pedro que disse: “Ou seja, deu-nos um exemplo tanto de concórdia quanto de paciência, para não amarmos com pertinácia nossa opinião; mas se é verdadeiro e goza de legitimidade o que, alguma vez, é sugerido com utilidade, e salutarmente, pelos nossos irmãos e colegas, aceitemo-lo antes como se fosse nosso”.

[13] Mostrou claramente que corrigiria facilmente sua opinião, se alguém lhe demonstrasse que o batismo de Cristo poderia tanto ser administrado por aqueles que haviam saído, como não o perdeu aquele que saiu; disso já falamos muito. E nós mesmos não nos atreveríamos a afirmar tal coisa, senão fundamentados na autoridade consensual de toda a Igreja, à qual também ele cederia, sem dúvida, se já naquele tempo se consolidasse a verdade sobre essa questão, uma vez esclarecida e estabelecida por meio de um concílio plenário. Com efeito, se ele louva e enaltece a Pedro, que com paciência e harmonia foi corrigido por um companheiro inferior, quanto mais rapidamente teria ele cedido à autoridade de todo o orbe, se a verdade fosse manifestada por um concílio de sua província! Sem dúvida, uma alma tão santa e tão serena poderia concordar facilmente com um só que dissesse e manifestasse a verdade. Talvez tenha acontecido, mas ignoramos.

Com efeito, nem tudo o que aconteceu naquele tempo entre os bispos foi confiado à memória ou a cartas, ou não sabemos o que foi consignado por escrito. Como esse assunto, envolto em tão espessas nuvens de debates, pôde ser levado a um lúcido esclarecimento e confirmação, a não ser que constasse que foi tratado primeiramente e durante muito tempo, aqui e ali, em disputas e reuniões de bispos? Mas isso é fruto da sanidade da paz, de tal modo que, quando se investigam durante muito tempo questões obscuras, e, devido à dificuldade em resolvê-las, surgem várias opiniões na discussão fraterna, permaneça o vínculo da paz até que se chegue à verdade esclarecida, para que a ferida do erro não permaneça na parte mutilada.

6 Por essa razão, alguma verdade muitas vezes se manifesta menos aos mais sábios, para que se comprove sua caridade paciente e humilde, na qual o fruto é maior; ou para que se veja como mantêm a unidade quando pensam de modo diferente nas questões mais obscuras, ou como acolhem a verdade, quando ficarem sabendo que foi declarado algo contra o que pensavam. No bem-aventurado Cipriano se manifestam os dois extremos, ou seja, como manteve a unidade com aqueles dos quais discordava no modo de pensar, pois diz: “A ninguém julgando ou separando alguém do direito da comunhão, se pensar de outro modo”.^[14] O outro extremo, ou seja, como pôde aceitar a verdade descoberta contra o que ele pensava; ainda que as palavras silenciem, os méritos falam alto.

Se não se encontra uma carta, a coroa o atesta; se não o indica um concílio de bispos, indica-o o coro dos anjos. Não é um testemunho de pouco valor de uma alma deveras serena ter merecido o martírio na unidade, da qual não quis se separar ao pensar de modo diferente. Pois somos homens e por isso existe a tentação de pensar de modo diverso do que pede a questão. Mas apegar-se demasiadamente à sua opinião ou invejar outras que são melhores é presunção diabólica, até chegar ao sacrilégio de mutilar a comunhão e de dar origem a um cisma ou a uma heresia. Na verdade, não dissentir em nada é próprio da perfeição angélica. Visto que somos homens, mas somos anjos pela esperança, aos quais seremos iguais na ressurreição,^[15] enquanto não tivermos a perfeição do anjo, não tenhamos a presunção do diabo. Por isso diz o Apóstolo: “As tentações que nos acometeram tiveram medida humana”.^[16] Portanto, é humano pensar algo de modo diferente. Por essa razão, diz em outra passagem: “Portanto, todos nós que somos ‘perfeitos’ tenhamos este sentimento, e, se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá”.^[17]

Mas a quem revela, quando quiser, ou nesta vida ou depois desta vida, senão aos que andam no caminho da paz e não se desviam mediante qualquer separação, não como são os donatistas que estão todos desviados, e romperam o vínculo da paz não por outra razão? E por isso, tendo dito o Apóstolo: “Se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá”, para que não pensassem que fora do caminho da paz fosse possível ser-lhes revelado o que pensavam diferentemente, acrescentou em seguida: “Entretanto, qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos o rumo”.^[18]

Andando nesse rumo, Cipriano, com constante tolerância, não por ter derramado seu sangue, mas porque o derramou na unidade, porque se entregasse seu corpo às chamas e não tivesse caridade, de nada lhe adiantaria,^[19] chegou pela confissão do martírio à luz angélica, de tal modo que, se não antes, aí lhe seria revelado, porque, como pensasse de modo diferente com sua opinião, não a antepôs ao vínculo da unidade.

Unidade e diferenças de opinião

7 À vista disso, que dizeis, donatistas? Se nossa opinião sobre o batismo é a verdadeira, todos os que pensavam de modo diferente no tempo de Cipriano não se separaram da unidade da Igreja até que Deus lhes revelasse aquilo em que dissentiam. Portanto, por que rompestes o vínculo da paz pela separação sacrílega? Mas se vossa opinião sobre o batismo é a verdadeira, Cipriano e os outros, com os quais declarais que ele realizou tal concílio, permaneceram na unidade com aqueles que pensavam diferentemente. Por que rompestes o vínculo da paz?

Qualquer resposta que escolhais, sois obrigados a alimentar uma opinião contra vossa separação. Respondei: por que vos separastes? Por que erguestes um altar contra o mundo inteiro? Por que não estais em comunhão com as Igrejas, das quais conservais as cartas apostólicas que lhes foram enviadas e as ledes e dizeis que viveis de acordo com elas? Respondei: por que vos separastes? Certamente para não perecerdes pela comunhão com os maus? Mas como não pereceram Cipriano e tantos colegas seus? Eles, ao acreditarem que os hereges e cismáticos não têm o batismo, no entanto, preferiram estar em comunhão com eles a ficar separados da unidade^[20] e dar o batismo aos que foram recebidos sem o mesmo, pois acreditavam que seus pecados tão grandes e tão sacrílegos pesavam sobre eles; por isso dizia Cipriano: “Não julgando a ninguém ou privando alguém do direito da comunhão, se pensar de outra maneira”.^[21]

Por que os cismáticos romperam a unidade?

8 Se os justos perecem pela comunhão com os maus, a Igreja já teria perecido no tempo de Cipriano. Portanto, de onde procede Donato? Onde foi ordenado, se a Igreja já extinguiu pelo contágio com os maus? Mas se a Igreja existia, os maus não conseguiram causar dano aos bons numa única comunhão. Por que vos separastes?^[22] Eis que vejo a Cipriano na unidade, assim como seus colegas, os quais, terminado o concílio, pensaram que todos os que foram batizados fora da comunhão da Igreja não tinham o batismo e por isto lhes devia ser administrado ao virem para a Igreja. Eis que vejo novamente na mesma unidade a alguns que opinam de modo diferente sobre esse assunto e não se atreviam a batizar de novo aqueles que vieram dos hereges ou cismáticos, pois reconheciam neles o batismo de Cristo.

A unidade católica abraça no seu seio materno a todos os que levam o peso uns dos outros,^[23] até que o Senhor revele a verdade a uma das duas partes, se pensavam de modo diferente.^[24] Se estes opinavam conforme a verdade, eram ou não contaminados pelos outros? Escolhei o que quiserdes. Se ficaram contaminados, então a Igreja já não existia. Respondei: de onde saístes? Mas se a Igreja continuava existindo, de forma alguma os bons ficaram contaminados por essa comunhão. Respondei: por que rompistes o vínculo?

9 Porventura, os cismáticos recebidos sem o batismo não contaminaram e os *traditores* dos livros santos contaminam? O decorrer dos fatos atesta que eram vossos os *traditores*. E se tivestes dito então a verdade contra aqueles que acusáveis, teríeis convencido o mundo inteiro sobre a legitimidade de vossa causa, de tal modo que eles seriam excluídos, enquanto que vós permaneceríeis. Se vos empenhastes em fazê-lo e não conseguistes, o mundo inteiro é inocente, pois não foi capaz de condenar aqueles sobre os quais não havia ouvido. Portanto, por que vos separastes dos inocentes? Não tendes meios para defender o sacrilégio de vosso cisma.

Mas deixo de falar disso. Eis o que digo: se vos pudessem contaminar os *traditores*, os quais não convencestes e os quais vos venceram, muito mais os sacrilégios dos hereges e dos cismáticos sem o batismo poderiam contaminar a Cipriano de acordo com vossa opinião. No entanto, ele não se separou e, porque permaneceu na Igreja, ficou claro que não ficou contaminado. Por que vos separastes, não digo dos inocentes, o que se pode provar, mas dos próprios *traditores* separados, o que não se pode provar? Porventura, como eu começara a dizer, os crimes dos *traditores* são mais graves que os dos cismáticos? Não façamos uso de balanças falsas, onde possamos pesar o que quisermos e como quisermos, dizendo como nos aprouver: “Isto é pesado, aquilo é leve”; mas façamos uso da balança divina tomada das santas Escrituras, como que tomada dos tesouros do Senhor, e nela pesemos o que seja mais pesado, melhor, não pesemos, mas reconheçamos o que for pesado para o Senhor.

Naquele tempo em que o Senhor mostrou que se devia precaver dos delitos anteriores com os exemplos recentes de castigos, e o ídolo foi fabricado e foi adorado e o livro profético foi queimado devido à ira de um rei soberbo, e foi tentado o cisma,

a idolatria foi castigada pela espada,^[25] a queima do livro foi castigada pela matança a estilo de uma guerra e pelo cativo no estrangeiro,^[26] o cisma pela abertura da terra, sepultando vivos os autores e destruindo os demais pelo fogo do céu.^[27] Quem duvidará que foi um crime maior o que foi castigado com maior severidade?

Os que provinham de tais sacrilégios, sem o batismo, como dizeis, não contaminaram a Cipriano; como poderiam contaminar-vos os *traditores*, não convencidos, mas imaginados? Se eles não tivessem entregado os livros para serem queimados, mas eles mesmos os tivessem queimado com suas mãos, seu crime teria sido menor que se tivessem realizado um cisma, pois aquilo foi castigado com mais benevolência, isto com mais severidade, não pela vontade divina, mas pelo juízo divino.

10 Por que, pois, vos separastes? Se gozais de bom senso, percebeis que certamente não encontrais o que se possa responder. “Nem tudo está perdido”, dizem, “para não podermos responder; respondemos assim: ‘Quem és tu que julgas o servo alheio? Que ele fique em pé ou caia, isso é lá com seu patrão’”.^[28] Não entendem que isso foi dito para aqueles que queriam julgar, não sobre fatos manifestos, mas sobre intenções alheias. Por que o Apóstolo fala tanto sobre os crimes de cismas e de heresias? Ou como se canta nos salmos: “É verdade que opinais com justiça, ó seres divinos? Que julgais retamente os filhos de Adão?”.^[29] Mas por que o próprio Senhor diz: “Não julgueis pela aparência, mas julgai conforme a justiça”,^[30] se não é lícito julgar alguém? Finalmente, eles mesmos, a respeito dos *traditores*, sobre os quais proferiram julgamentos falsos, por que julgaram sobre servos alheios? Estavam em pé para seu senhor ou caíam?

Por que, finalmente, a respeito dos recentes maximianistas “do concílio plenário”,^[31] “com palavra verídica”, como eles dizem, não duvidaram proferir para tal julgamento que os compararam àqueles primeiros cismáticos que a terra tragou vivos?^[32] Contudo, dentre eles, ou condenaram alguns, o que não podem negar, como inocentes ou receberam alguns como culpados. Mas quando se diz a verdade, à qual não são capazes de responder, resmungam grosseiramente: “Assim respondemos: ‘Quem és tu que julgas o servo alheio? Que ele fique em pé ou caia, isso é lá com seu patrão’”.^[33] Mas quando veem uma ovelha doente no deserto, onde não se vê o pastor que reclame a ausente, afiam os dentes, fraturam a garganta indefesa: “Serias um homem bom, se não fosses *traidor*; olha para o bem de tua alma, sê cristão”. Ó ira cruel! Quando se diz a um cristão: “Sê cristão”, o que se diz senão negar que ele seja cristão? Porventura, não era isso que desejavam ensinar aqueles perseguidores dos cristãos, aos quais os que resistiam tornavam-se mártires? Acaso se considera mais leve o que se comete com a espada do que com a língua insidiosa?

Os pecadores não contaminam a Igreja

11 Respondei a isto, lobos ferozes que, vestindo peles de ovelhas,^[34] julgais que a carta de Cipriano é a vosso favor: o sacrilégio dos cismáticos contaminava a Cipriano ou não contaminava? Se contaminava, a Igreja pereceu então, e não havia de onde vos propagardes. Mas se não contaminava, com que crime alheio podem os inocentes ser contaminados na unidade, se não o podem pelo sacrilégio do cisma? Portanto, por que vos separastes? Por que, enquanto evitais os pecados mais leves que inventais, cometestes o sacrilégio do cisma que é mais grave que todos?^[35] Porventura, talvez, julgais melhor confessar, já que não foram cismáticos ou hereges aqueles que foram batizados fora da comunhão da Igreja, em algum cisma ou em alguma heresia, porque, ao passarem para a Igreja e anatematizarem seus erros, deixaram de ser o que eram? Então, como seus crimes não haviam permanecido sobre eles sem o batismo? Acaso era de Cristo esse batismo, mas não podia ser-lhes útil fora da comunhão da Igreja, mas como vieram e foram recebidos na paz da Igreja pela imposição das mãos,^[36] depois de terem anatematizado o erro passado, então, uma vez radicados e estabelecidos na caridade, sem a qual o restante de nada vale, começou a ser-lhes útil tanto para a remissão dos pecados, como para a santificação da vida que levavam fora sem proveito?^[37]

12 Portanto, não nos alegueis a autoridade de Cipriano para repetir o batismo, mas mantende conosco o exemplo de Cipriano para conservar a unidade. Essa questão do batismo ainda não havia sido tratada de modo suficiente, mas a Igreja conservava o salutar costume de corrigir nos cismáticos e hereges o que era reprovável, não reiterar o que fora administrado; curar o que foi ferido, não curar o que é sadio.

Esse costume que, conforme creio, vem da tradição apostólica, assim como não se encontram muitas coisas em suas cartas e nem nos concílios de seus sucessores, mas, no entanto, porque são conservados em toda a Igreja, é considerado como transmitido e recomendado por eles.^[38] O santo Cipriano diz que esse salutar costume começou a ser corrigido por Agripino,^[39] seu predecessor. Mas assim como Cipriano ensinou a verdade investigada com mais diligência, a qual foi levada à confirmação do concílio plenário depois de grandes flutuações, acredita-se com mais verdade que o costume começou a ser deturpado por Agripino, e não corrigido.

Surgindo a tão importante questão sobre a remissão dos pecados e a regeneração espiritual do homem, se poderiam acontecer entre os cismáticos ou hereges, tornava-se difícil apresentar motivos e precedia a autoridade de Agripino e de alguns fracos nessa questão, que haviam concordado com ele e que haviam preferido arquitetar algo novo a conservar o costume, cuja defesa não compreendiam, saltaram aos olhos da alma razões verossímeis e fecharam o caminho para a investigação da verdade.

13 Não julgo que houve outro motivo pelo qual o bem-aventurado Cipriano tivesse manifestado – e tivesse sido o primeiro – o que pensava contra o costume, senão que aceitaria com muito prazer outra opinião, se houvesse alguém a quem fosse melhor revelado, e mostraria a diligência que se deveria imitar, não somente em ensinar, mas também a humildade em aprender. Mas se não aparecesse alguém que oferecesse esse ensinamento e, assim, seriam refutadas todas as razões verossímeis, nas quais se apoiava, permaneceria na mesma opinião, bem consciente tanto da verdade oculta que julgava ser a verdade, como da unidade mantida que ele amava. Pois assim entendeu o que diz o Apóstolo: “Quanto aos profetas, dois ou três tomem a palavra e os outros julguem. Se alguém que esteja sentado recebe uma revelação, cale-se o primeiro”.^[40] “Nestas palavras”, diz ele, “o Apóstolo ensinou e mostrou a cada um muitas coisas que se revelam para melhor e que cada um deve combater, não em favor do que pensara uma vez e defendia com obstinação, mas deve abraçar de boa mente o que for melhor e mais útil”.^[41]

Com essas palavras, não somente os exortou a estarem de acordo consigo aqueles que não viam algo melhor, mas também, se tal opinião pudesse ser refutada, exortou-os a que também ele mostraria como era verdade o que dissera: “que cada um deve combater, não em favor do que pensara uma vez e defendia com obstinação, mas deve abraçar de boa mente o que for melhor e mais útil”. Mas como então não havia senão os que lhe opunham o costume, e os defensores do mesmo costume não apresentaram razões pelas quais aquela alma fosse motivada, o varão tão ponderado não quis que suas razões, embora não verdadeiras, o que ele desconhecia, mas não vencidas, cedessem ao costume embora veraz, mas ainda não confirmado.

Quanto a esse costume, se Agripino e alguns colegas na África não tivessem tentado antes abandoná-lo por meio das sentenças do concílio,^[42] ele não ousaria pelo menos opor-se a ele, mas, perturbado perante essa questão tão obscura, tanto se reprimiria, ao perceber em todas as partes esse costume universal e sólido,^[43] como, com suas orações e espírito elevado a Deus, meditaria e ensinaria o que depois o concílio plenário declarou ser verdadeiro.^[44] Mas como a autoridade do concílio anterior, que se realizou por meio de Agripino, o surpreendesse cansado, preferiu defender – como que tendo descoberto – o que disseram seus predecessores a se esforçar em investigar mais. Com efeito, no final da carta a Quinto, assim o mostrou, dando a impressão de ter descansado, como que cansado, no leito da autoridade.

14 “Isto foi”, diz ele, “o que Agripino, varão de feliz memória, determinou e confirmou pelas considerações no concílio comum, junto com os demais bispos que naquele tempo governavam a Igreja do Senhor na província da África e da Numídia. Nós também seguimos sua religiosa e legítima opinião, salutar para a fé e de acordo com a Igreja católica”.^[45] Com esse testemunho mostrou sobejamente que teria comemorado muito mais, se tivesse sido realizado sobre o assunto um concílio em ultramar ou universal. Mas ainda não acontecera, porque o mundo inteiro se mantinha firme pelo vigor do costume e ele sozinho se opunha aos que queriam introduzir uma novidade, ao não perceberem a verdade.

No entanto, depois, ao se tratar e investigar o assunto entre muitos de ambas as partes, não somente foi descoberta, mas também levada à autoridade e à força do concílio plenário, depois do martírio de Cipriano, mas antes que tivéssemos nascido. Mas que esse tenha sido o costume da Igreja, o qual – uma vez discutidas as dúvidas – veio a ser confirmado pelo concílio plenário depois de descoberta a verdade, mostra-se claramente pelas palavras do próprio Cipriano na mesma carta dirigida a Jubaiano, a qual, conforme ele lembra, foi lida no concílio.^[46]

Diz assim: “Mas alguém poderá dizer: o que se fará daqueles que, no passado, ao virem da heresia para a Igreja, foram admitidos sem o batismo?”^[47] Nessa carta mostra claramente o que se costumava fazer, embora não se quisesse fazer, e, por isso, o que o Concílio de Agripino menciona indica abertamente que era outro o costume da Igreja. Com efeito, não era necessário determinar isso no concílio, se já se observava por um costume e, no próprio concílio, algumas sentenças declararam cabalmente que determinaram contra o costume da Igreja o que julgaram que deviam determinar.

Por essa razão, os donatistas têm em conta somente o que é claro para todos: se se deve seguir a autoridade de Cipriano, deve-se segui-lo muito mais na unidade a ser mantida do que mudar o costume da Igreja; mas tendo-se em conta seu concílio, a este se há de antepor um concílio posterior da Igreja universal,^[48] do qual se alegrava de ser membro, a ponto de admoestar muitas vezes que o imitassem na preservação da unidade em todo o corpo. Com efeito, os concílios posteriores, para os que vieram depois, têm preferência sobre os anteriores, e o todo se antepõe às partes por um direito legítimo.

15 O que fazem os donatistas quando se diz que o santo Cipriano, ainda que não tenha admitido os batizados na heresia ou no cisma, no entanto, manteve comunhão com os admitidos? Isto ele o declarou abertamente, dizendo: “A ninguém julgando ou separando alguém do direito da comunhão, se pensar de modo diferente”.^[49] Se foi maculado pela comunhão com os tais, por que seguem sua autoridade reiterando o batismo? Mas se não se maculou com a comunhão com os tais, por que não o imitam na preservação da unidade? Acaso o que resta nesse caso é que digam: “Queremos assim”? Que outra coisa respondem à palavra da verdade e da justiça todos os infames e criminosos, os luxuriosos, os ébrios, os adúlteros e os impudicos em todas as manifestações, os ladrões, os raptos, os homicidas, os maléficos, os idólatras?^[50] Que outra coisa respondem quando a verdade os acusa, senão: “Quero isto, isto me deleita”? E se forem tingidos com o nome de cristãos, dizem também: “Quem és tu que julgas o servo alheio?”.^[51] No entanto, estes são mais modestos, porque, quando sofrem algum castigo pelas leis divinas e humanas devido a seus costumes e atos depravados, não se consideram mártires.

Contudo, esses donatistas querem ter ao mesmo tempo tanto a vida de sacrílegos como a glória de mártires ao receberem castigos justos,^[52] como se a misericórdia e a paciência de Deus não fossem maiores para com eles, quanto mais, quando, corrigindo-os uma e outra vez, dão lugar à penitência.^[53] E não cessa de repetir os castigos nesta vida, a fim de que, considerando o que sofrem e por que sofrem, caiam em si alguma vez; e aqueles que receberam o batismo dos maximianistas na unidade de Donato, recebam de preferência o batismo universal na paz de Cristo, voltem às raízes, reconciliem-se com a unidade, percebam que nada lhes resta para replicar, mas restou o que fazem, de tal modo que ofereçam o sacrifício do amor^[54] pelos atos passados ao Deus aplacável, cuja unidade romperam com seu crime nefasto, a cujos sacramentos dirigiram injúrias tão frequentes. Com efeito, o Senhor é misericordioso e compassivo, magnânimo e deveras benevolente e veraz.^[55] Acolham nesta vida o Deus misericordioso e magnânimo e, no futuro, tenham medo do veraz. Pois ele não quer a morte do ímpio, mas que se converta e viva,^[56] porque modifica a sentença contra as injúrias que lhe fizeram. Essa é nossa exortação.

16 Por esse motivo, consideramo-los inimigos, porque dizemos a verdade, porque temos medo de nos calar, porque tememos cessar em nossas constantes instâncias, porque obedecemos ao Apóstolo que diz: “Proclama a palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno, refuta, ameaça, exorta”.^[57] Mas assim como o Evangelho fala: “Amaram mais a glória dos homens do que a de Deus”,^[58] eles têm medo de ser repreendidos no tempo, mas não têm de ser condenados por toda a eternidade. Eles também percebem o mal que fazem, percebem que não há absolutamente o que possam responder, mas espalham névoas sobre os ignorantes, enquanto eles são tragados vivos, ou seja, perecem conscientes e percebendo-o.^[59]

Viram que as pessoas se horrorizavam e os abominavam pelo fato de que também eles se tivessem dividido em muitos cismas, principalmente na capital da África, a conhecidíssima cidade de Cartago. Empenharam-se em reparar a desonra de seus farrapos; pensando que poderiam suprimir os maximianistas, insistiram com grande empenho por meio de Optato Gildoniano,^[60] causaram-lhes muitos males e perseguições crudelíssimas e receberam a alguns deles, pensando convertê-los com o mesmo temor; mas àqueles que receberam não quiseram fazer-lhes injúria, a fim de batizarem novamente dentro os batizados no cisma, ou, antes, fazê-los ser rebatizados fora por aqueles pelos quais tinham sido batizados fora; e, desse modo, agiram contra seu costume abominável. São conscientes de quão criminosamente procedem ao violar o batismo universal, aceitando o batismo dos maximianistas, mas têm medo de seus rebatizados, pois talvez não os perdoem, se eles não perdoarem os demais, a fim de que não peçam contas de suas almas, se cessarem de assassinar as almas dos outros.

17 Os donatistas não encontram o que responder a respeito dos maximianistas.^[61] Se disserem: “Recebemos inocentes”, respondemos: “Então, havíeis condenado inocentes”. Se disserem: “Não o sabíamos”, então, julgastes temerariamente, assim como proferistes sentença temerária a respeito dos *traditores* – e é falso o que dissestes: “Sabei que foram condenados pela palavra verídica do concílio plenário”:^[62] e não puderam condenar inocentes pela palavra verídica. Se disserem: “Não os condenamos”, responde-se: menciona-se o concílio, mencionam-se os nomes tanto dos bispos como das cidades. Se disserem: “Esse concílio não é nosso”, mencionam-se as atas proconsulares, nos quais se vê que apelaram, não uma vez, ao mesmo concílio, de modo que expulsaram os maximianistas das basílicas e perturbaram pelo estrépito dos julgamentos e pelo ímpeto dos reforços. Se disserem que Feliciano Mustitano e Pretextato Assuritano,^[63] os quais depois receberam na seita, não estiveram com Maximiano, são mencionadas as atas, pelas quais solicitaram dos poderes públicos que os expulsassem das basílicas por força de um concílio seu que haviam realizado contra Maximiano.^[64] Se disserem: “Foram recebidos pelo bem da paz”, respondemos: “Por que não reconheceis a verdadeira e plena paz? Quem vos forçou, quem vos obrigou a receber um cismático condenado pelo bem da paz de Donato e condenar contra a paz o orbe de Cristo, sem ser ouvido?”.

A verdade aperta; percebem que não têm o que responder e pensam que não têm nada a fazer. Não encontram o que dizer, não se permitem ficar calados; preferem resistir à verdade com suas vozes contrárias a serem devolvidos à paz uma vez tendo confessado seus erros.

18 Mas quem não entende o que podem dizer em seu coração? “O que faremos?”, dizem eles, “daqueles que já rebatizamos?” Respondemos: “Voltai com eles à Igreja, providenciai para que sejam curados com o remédio da paz aqueles que feristes, providenciai para que ressuscitem para a vida da caridade aqueles que matastes”.

Para que Deus nos seja propício, tem grande poder a harmonia fraterna. “Se dois de vós”, diz o Senhor, “estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isto lhes será concedido por meu Pai que está nos céus”.^[65] Se a duas pessoas, quanto mais a dois povos! Prostremo-nos juntos diante do Senhor, participai conosco a unidade, participemos convosco a dor, e a caridade cubra a multidão dos pecados.^[66] Buscai conselho com o próprio bem-aventurado Cipriano, prestai atenção a quanto esperava ele do bem da unidade, na qual não se separou dos que pensavam de modo diferente; e quando julgava que aqueles que eram batizados fora da comunhão da Igreja não tinham o batismo, no entanto, acreditou que eles, admitidos simplesmente na Igreja, poderiam chegar ao perdão devido ao vínculo da própria unidade. Pois resolveu a questão que ele propôs desse modo, ou seja, escrevendo a Jubaiano nestes termos: “Mas diz alguém: o que se fará daqueles que, tendo vindo, no passado, da heresia para a Igreja, foram admitidos sem o batismo? Deus é poderoso para dar o perdão pela sua misericórdia e não excluiu das graças da Igreja aqueles que, admitidos simplesmente na Igreja, descansaram na Igreja”.^[67]

19 O que será mais pernicioso: não batizar ou rebatizar? É difícil julgar. Vejo claramente o que os homens mais detestam ou aborrecem; contudo, recorrendo à balança do Senhor, onde são pesadas as virtudes das coisas, não de acordo com a opinião humana, mas pela autoridade divina, encontro uma sentença do Senhor sobre ambas as alternativas. Com efeito, ele disse a Pedro: “Quem se banhou não tem necessidade de se lavar” de novo;^[68] e a Nicodemos: “Quem não nasce da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”.^[69] Para os homens, tal como somos, é difícil conhecer o que envolve o julgamento de Deus. No entanto, pelo que diz respeito às palavras, é patente a qualquer pessoa, qual seja a diferença entre “não tem necessidade de se lavar de novo” e “não entrará no Reino de Deus”.

Finalmente, a própria Igreja mantém de tal modo a tradição, que ela não pode absolutamente admitir ao altar um homem sem o batismo; mas como é lícito admitir o rebatizado depois da penitência, o que se mostra senão que ele não carece de batismo? Portanto, se Cipriano presumia que poderiam chegar ao perdão pelo vínculo da unidade aqueles que julgava estarem sem o batismo, poderoso é o Senhor para ser aplacado mesmo pelos rebatizados pelo mesmo vínculo da unidade e da paz, e para aqueles, pelos quais foram rebatizados, mitigar pela mesma compensação da paz e perdoar todos os delitos que haviam cometido no erro, oferecendo o sacrifício da caridade que cobre uma multidão de pecados;^[70] e não tem em conta quanto ficaram feridos muitos deles pela separação, mas quantos deles foram libertados pela volta.

Com efeito, Cipriano acreditava estar no vínculo das graças da Igreja aqueles que julgava terem sido admitidos na Igreja sem o batismo, no mesmo vínculo da paz; acreditamos que, pela misericórdia de Deus, os rebatizados podem merecer o perdão.

20 A Igreja católica, no tempo do bem-aventurado Cipriano e antes dele, em tempos passados, mantinha no seio da unidade ou os rebatizados ou os que não tinham o batismo; ou uns ou outros alcançaram a salvação pelo merecimento da mesma unidade. Com efeito, se não tinham o batismo os que procediam dos hereges, como afirma Cipriano, não eram admitidos retamente; no entanto, ela não perdia a esperança de os mesmos serem perdoados pela misericórdia de Deus devido à unidade da Igreja. Portanto, assim, se não tinham o batismo, não eram justificados legitimamente. O que os ajudava senão a mesma caridade da unidade, de modo que o que se ocultava à limitação humana na administração do sacramento, a misericórdia divina não tinha em conta para os que amavam a paz? Portanto, por que, quando temeis os vossos rebatizados, recusais a eles e a vós o acesso à salvação?

Em alguma época, houve dúvidas sobre o batismo; os que pensavam de modo diferente permaneceram na unidade. Essa dúvida, no tempo antigo, desapareceu com o esclarecimento da verdade; uma questão que ainda não estava esclarecida não amedrontou Cipriano a ponto de o levar à separação; uma vez esclarecida, convidava-vos a voltardes. Vinde à Igreja que alcançou o consenso; Cipriano não a abandonou quando ainda vacilava. Se vos desagrada o exemplo de Cipriano, o qual vivia em comunhão com aqueles que eram recebidos com o batismo dos hereges, dizendo claramente: “A ninguém julgando ou excluindo alguém do direito da comunhão, se tiver opinião diferente”, aonde ides, infelizes, o que fazeis? Fugi de vós mesmos porque saístes de onde ele permaneceu. Mas se nem seus pecados nem os alheios puderam causar-lhe dano devido à abundância da caridade, ao amor à fraternidade e ao vínculo da paz; voltai para cá, onde tanto a nós como a vós causaram menos dano os pecados que os vossos imaginaram.

A carta a Jubaiano e o batismo dos hereges

Cipriano: unidade acima de tudo

1 Creio que ficou claro para todos que a autoridade do bem-aventurado Cipriano deve ser mais valorizada por nós do que pelos donatistas em ordem a preservar o vínculo da paz e de forma alguma violar a caridade salutar da unidade da Igreja. Com efeito, se quiserem valer-se do exemplo de Cipriano para rebatizar católicos, porque ele julgou que os hereges deviam ser rebatizados, nós com mais razão nos valem de seu exemplo, pelo qual claramente determinou que de forma alguma devem ser rechaçados pela exclusão da separação da comunhão católica, ou seja, os cristãos espalhados pelo mundo inteiro, inclusive os maus e sacrílegos admitidos, pois nem aqueles que, conforme lhe parecia, recebiam na comunhão os não batizados sacrílegos ele quis privar do direito da comunhão, dizendo: “A ninguém julgando ou afastando do direito da comunhão a alguém, se pensar de modo diferente”.

2 No entanto, percebo o que ainda me podem pedir, ou seja, que responda às razões verossímeis pelas quais foram arrastados ou antes Agripino ou o próprio Cipriano ou aqueles que na África concordaram com eles, ou alguns de terras de ultramar e longínquas,^[1] sem qualquer concílio plenário ou regional, mas apenas por uma correspondência epistolar, de modo a pensarem que se devia praticar o que tanto o costume da Igreja antiga não adotava, como depois o mundo católico recusou com inquebrantável firmeza. Assim, o que começara a surgir mediante discussões na mente de alguns, a verdade mais forte e um medicamento universal procedentes da salvação curariam.

Vejam os donatistas esta dissertação que com segurança vou empreender. Se eu não for capaz de prosseguir e mostrar como se refuta o que afirmam a respeito do Concílio de Cipriano ou de suas cartas, ou seja, que o batismo de Cristo não pode ser administrado pelos hereges, permanecerei seguro na Igreja, na qual permaneceu Cipriano com aqueles que não concordavam com ele.^[2]

3 Se dizem que então existiu a Igreja católica porque contava com poucos membros ou se assim pensam também muitos que reprovavam o batismo administrado pelos hereges e batizavam aqueles que deles procediam, o que dizer? Antes de Agripino, pelo qual começou essa prática, como um novo procedimento, combatendo contra o costume, porventura, não havia Igreja? O que dizer, afinal? Depois de Agripino, quando, se não se tivesse voltado ao costume antigo, Cipriano não teria necessidade de realizar outro concílio,^[3] porque tal costume era observado, ou seja, que o batismo de Cristo não fosse considerado senão como batismo de Cristo, ainda que se provasse que foi administrado entre os hereges ou cismáticos? Com efeito, se também então existia a Igreja, e a herança de Cristo não desaparecera devido a uma interrupção, mas continuava crescendo em todos os povos, é uma razão bem fundamentada para se dizer que permaneceu o mesmo costume que então agrupava bons e maus num só abraço.

Mas se então não existia a Igreja, por que os hereges sacrílegos eram admitidos sem o batismo e se conservava esse costume universal, de onde surgiu Donato? Que terra o produziu? De que mar emergiu? De que céu caiu?^[4]

Nós certamente, eu começara a dizer, estamos tranquilos na comunhão daquela Igreja, em cuja universalidade agora se pratica o que também antes de Agripino e entre Agripino e Cipriano se praticava do mesmo modo na sua universalidade, a qual não abandonou nem Agripino nem Cipriano nem aqueles que com eles concordaram, ainda que pensassem de modo diferente dos demais, mas permaneceram na mesma comunhão da unidade com aqueles dos quais discordavam.

Mas considerem os donatistas onde estão aqueles que não podem dizer de onde se propagaram, se os hereges e os cismáticos, recebidos então na Igreja sem o batismo, a houvessem feito desaparecer pelo contágio da comunhão cismática, e não estão de acordo com Cipriano. Com efeito, ele professou permanecer em comunhão com os que receberam os hereges e cismáticos, e por isso com os que foram recebidos; mas

estes, devido ao nome de *traditores*, os quais eles difamaram na África e não convenceram pelo julgamento em ultramar,^[5] separaram-se da comunhão com o mundo inteiro; se objetassem crimes verdadeiros, muito maiores são os crimes dos hereges e dos cismáticos. Vindo daí sem o batismo, como ele julgou, e recebido na comunhão católica não pelo batismo, não conseguiram macular Cipriano.

E nem mesmo naquilo em que dizem que imitam Cipriano, encontram o que responder a respeito do batismo dos maximianistas com aqueles que, de seu grupo, perseguiram mediante o tribunal das autoridades terrenas; uma vez condenados pelo seu concílio plenário,^[6] chamaram de volta para a sua comunhão na mesma dignidade episcopal na qual os condenaram.^[7]

Por essa razão, se nos tempos de Cipriano a comunhão com os maus destruiu a Igreja, eles não têm a origem de sua comunhão. Mas se não a fez desaparecer, eles não têm defesa alguma no tocante à sua separação; nem seguindo o exemplo de Cipriano, porque romperam o vínculo da unidade, nem seguindo o próprio concílio, porque aceitaram o batismo dos maximianistas.

O Concílio de Cipriano e sua carta a Jubaiano

4 Portanto, seguindo agora o exemplo de Cipriano, consideremos também o Concílio de Cipriano.^[8] O que diz Cipriano? “Ouvistes, prezadíssimos colegas, o que Jubaiano, nosso bispo, me escreveu, tendo em conta nossa mediocridade a respeito do ilícito e profano batismo dos hereges. O que lhe respondi, ou seja, insistindo no que uma vez e outra vez pensamos, que é mister que os hereges que venham para a Igreja sejam batizados e santificados com o batismo da Igreja. Da mesma forma, foram-nos lidas também outras cartas de Jubaiano mediante as quais, respondendo à nossa carta de acordo com sua serena e religiosa devoção, não somente concordou, mas também agradeceu por o haver instruído”.^[9]

Mediante essas palavras do bem-aventurado Cipriano, ficamos sabendo que foi consultado por Jubaiano e o que respondeu ao que o consultava, e agradeceu por ter sido instruído. Porventura, ainda devemos ser considerados obstinados, se quisermos ter em conta a mesma carta, pela qual Jubaiano foi persuadido? Com efeito, enquanto não formos persuadidos também nós, se isso tem força de persuadir por razões verdadeiras, o próprio Cipriano nos deixa seguros a respeito do direito à comunhão católica.

5 Cipriano prossegue: “Resta que digamos o que cada um de nós pensa sobre este mesmo assunto, a ninguém julgando e a ninguém excluindo do direito da comunhão, se julgar outra coisa”.^[10] Portanto, não somente concedeu a mim investigar mais a verdade, salvo o direito de comunhão, mas também de pensar de modo diferente. “Pois”, diz ele, “ninguém de nós se constituiu bispo dos bispos ou força seus colegas com um tirânico terror a obedecer à necessidade”.^[11] A nós certamente não nos amedronta nenhuma autoridade em buscar o que seja verdade. “Se todo bispo”, diz ele, “tem, em virtude de sua liberdade e poder, seu juízo próprio, e tanto não pode ser julgado por outro como nem ele pode julgar outro”,^[12] dou minha opinião nestas questões que ainda não foram discutidas com conhecimento profundo.^[13]

Com efeito, ele sabia a profundidade do sacramento de que toda a Igreja tratava então com diversas controvérsias e dava valor ao livre-arbítrio para investigar, a fim de que se manifestasse a verdade estudada. E ele não mentia nem pensava em apanhar com suas palavras seus colegas menos instruídos, de modo que, quando manifestassem ter outra opinião, ele considerasse, contra o que prometera, que deviam ser excomungados.^[14] Longe de pensar que uma alma tão santa fosse capaz dessa perfídia criminosa. Aqueles que pensam assim desse homem, como que em seu elogio, nada mais manifestam que eles são tais.

A respeito de Cipriano, bispo católico, mártir católico que tanto maior era quanto mais se humilhava em tudo para encontrar graça diante de Deus,^[15] de forma alguma acreditaria que principalmente no santo concílio de seus colegas pudesse proferir algo com os lábios que não trouxesse no coração, principalmente quando acrescenta e diz: “Mas esperemos, todos, o juízo de nosso Senhor Jesus Cristo, que é o único, e somente ele tem poder tanto de nos colocar no governo de sua Igreja, como de julgar nossos atos”. Portanto, lembrando um juízo de tanta relevância, esperando ouvir de seus colegas a verdade, seria ele o primeiro a dar exemplo de mentir? Que Deus livre qualquer cristão de tamanha loucura, quanto mais Cipriano! Portanto, temos liberdade para investigar, a qual nos é concedida pela compreensiva e veraz palavra do próprio Cipriano.

Apresentação da carta de Cipriano

6 Os colegas de Cipriano começam a manifestar suas opiniões, mas ouviram as duas cartas a Jubaiano, as quais foram lidas, como foi dito no exórdio. Sejam lidas também para nós, para podermos, por meio delas, quanto o Senhor ajudar, investigar o que se deve pensar.

Talvez alguém diga: “Como assim? Tu estás sabendo agora o que Cipriano escreveu a Jubaiano?”. Confesso que já as li e certamente teria concordado com sua opinião, se não me tivesse chamado a atenção para um exame mais cuidadoso a tão grande autoridade de outros, os quais, ou iguais na graça da doutrina ou também talvez mais doutos, a Igreja difundida pelo mundo inteiro deu à luz em tantos povos latinos, gregos, bárbaros e a própria nação hebreia, Igreja que também havia dado à luz o mesmo Cipriano. Esses outros, não me pareceu em vão que sustentassem a mesma opinião, não porque não pudesse acontecer numa questão deveras obscura que um ou poucos pensassem mais de acordo com a verdade do que muitos, mas porque não se podia facilmente emitir uma opinião em favor de um ou de poucos contra numerosos varões da mesma religião e unidade e dotados de grande talento e rica ciência, a não ser depois de se tratar do assunto e examiná-lo o mais possível.

Assim, a alguém que me pergunte com interesse o que me sugeriram as cartas de Cipriano em favor da opinião que a Igreja agora defende, ou seja, que o batismo de Cristo é reconhecido não pelo mérito daqueles que o administram, mas daquele do qual foi dito: “É que batiza”,^[16] a própria questão indicará, no decorrer de nossa exposição, como deve ser reconhecido e aprovado. Consideremos assim que aquela carta, que ele escreveu a Jubaiano, já nos foi lida, assim como foi lida no concílio. Aquele que vai ler, leia primeiramente o que vou dizer, para que não pense que eu tenha omitido algo talvez necessário; pois demoraria muito, e não diz respeito à exposição do assunto que mencionássemos agora todas as palavras da carta.

7 Mas se alguém me perguntar o que penso enquanto trato do assunto, respondo primeiramente que a carta de Cipriano me sugeriu o que penso, até ver como deve ser o que se começou a discutir depois. Com efeito, o próprio Cipriano diz: “Mas se alguém disser o que se fará daqueles que no passado, vindos da heresia para a Igreja, foram admitidos sem o batismo?”^[17] Se eles de fato não eram batizados e foram admitidos, porque aqueles que os admitiam pensavam que eram batizados, examinaremos depois. Contudo, qual costumava ser a prática da Igreja, o mesmo Cipriano mostrou claramente, pois ele diz que no passado os que vinham da heresia para a Igreja eram admitidos sem o batismo.

8 Casto de Sicca também disse no mesmo concílio: “Aquele que, deixando de lado a verdade, presumir seguir o costume, ou é invejoso e maligno para com os irmãos aos quais se revela a verdade, ou é ingrato para com Deus, pois com a inspiração do mesmo se instrui sua Igreja”.^[18] Logo investigaremos se a verdade foi revelada; no entanto, também Casto confessou que era outro o costume da Igreja.

9 Também Liboso de Vaga^[19] disse: “O Senhor disse no Evangelho: ‘Eu sou a verdade’.^[20] Não disse: ‘Eu sou o costume’. Assim, revelada a verdade, o costume ceda à verdade”.^[21] Na verdade, quem duvida que o costume deve ceder lugar à verdade? Mas veremos depois a respeito da verdade revelada; agora também Liboso manifesta que o costume foi outro.

10 Da mesma forma disse Zózimo de Tarassa:^[22] “O erro ceda à verdade, uma vez descoberta a verdade, pois também Pedro, que antes circuncidava,^[23] deixou de fazê-lo, quando Paulo lhe pregou a verdade”.^[24] Não quis dizer “costume”, mas “erro”; no entanto, quando diz: “Porque também Pedro, que antes circuncidava, cedeu a Paulo que lhe pregava a verdade”, indica claramente que se costumava praticar outra coisa mesmo a respeito do batismo. Ao mesmo tempo nos adverte que não foi impossível que Cipriano pensasse sobre o batismo algo diferente do que exigia a verdade, a qual se conservou na Igreja tanto antes dele como depois, se mesmo Pedro pôde pensar algo diferente que não envolvia verdade, a qual aprendemos pelo ensinamento do Apóstolo, o doutor Paulo.^[25]

11 Também Félix de Buslaca disse: “Ao serem admitidos os hereges sem o batismo da Igreja, ninguém anteponha o costume à razão e à verdade, porque a razão e a verdade sempre excluem o costume”.^[26] Se a razão, se a verdade, muito bem! Mas isso veremos logo mais; no entretanto, fica claro também pelas palavras de Félix que existia o costume.

12 Também Honorato de Tuca disse: “Como Cristo é a verdade, devemos seguir mais a verdade do que o costume”.^[27]

Todas essas opiniões declaram que nós não nos colocamos fora da comunhão da Igreja, até que a verdade, a qual, conforme dizem, deve se antepor ao costume, brilhe com intensidade. Mas se a verdade mostrar que se deve conservar o que o costume determinara, ficará claro que o costume não foi estabelecido em vão nem em vão fortalecido, e que, com vigilância, depois dessas discussões nas Igrejas, não se pôde mudar na Igreja católica a observância deveras salutar com respeito a tão sublime sacramento, mas ser observada com toda devoção, uma vez confirmada pela maior força dos concílios.

Iliceidade e invalidez do batismo

13 Cipriano escreve a Jubaiano^[28] sobre o batismo dos hereges, os quais ele julga estarem fora e estabelecidos fora da Igreja, e diz que não pode arrogar a si a questão, nem é de seu direito e poder; diz assim: “O qual nós não podemos pensar que esteja confirmado e seja legítimo, se consta que entre eles é ilícito”.^[29] E nós não negamos que, quando alguém é batizado entre os hereges ou em algum cisma fora da comunhão da Igreja, não lhe seja proveitoso, enquanto estiver de acordo com o extravio dos hereges e cismáticos, nem aqueles que batizam, ainda que administrem um verdadeiro sacramento, procedem bem ao se reunirem fora da Igreja e pensar contra a Igreja. Mas uma coisa é não ter algo, e outra, não ter por direito ou usurpar ilicitamente. Certamente, não deixam de ser sacramentos de Cristo e da Igreja pelo fato de não somente os hereges os administrarem ilicitamente, mas também todos os iníquos e ímpios. Contudo, eles devem ser corrigidos e castigados, mas os sacramentos devem ser reconhecidos e venerados.

A Igreja universal acima da africana

14 Cipriano diz que se realizaram sobre esse assunto, não somente um, mas dois ou mais concílios na Igreja africana. Recorda também que, num dos concílios, estavam presentes setenta e um bispos,^[30] a cuja autoridade não duvidamos em antepor a autoridade da Igreja universal difundida pelo mundo inteiro com muitos mais bispos, e mantendo a paz com Cipriano; dessa Igreja universal se alegrava de ser membro inseparável.

O batismo, sempre de Cristo

15 Não se torna profana e adúltera^[31] a água sobre a qual se invoca o nome de Deus, mesmo que seja invocado por profanos e adúlteros, pois nem a criatura nem o nome é adúltero. Mas o batismo de Cristo, consagrado com palavras evangélicas, é santo tanto por meio de adúlteros e nos adúlteros, ainda que eles sejam impudicos e imundos, pois sua santidade não pode ser poluída e a virtude divina está presente no seu sacramento, seja para a salvação dos que dele fazem bom uso, seja para ruína dos que fazem mau uso.

A luz do sol ou também de uma lâmpada, quando se difunde pelos lodaçais, não contrai nada de sórdido; e o batismo de Cristo pode ser maculado pelos crimes de alguém? Com efeito, se prestamos atenção às próprias realidades visíveis com que se realizam os sacramentos, quem ignora que sejam corruptíveis? Mas se prestamos atenção ao que se realiza por meio delas,^[32] quem não vê que não pode ser corrompido, ainda que os homens, por meio dos quais se realiza, o recebam de acordo com seus costumes ou sofram prêmios ou castigos?

16 Com razão não comoveu Cipriano o que Jubaiano escreveu, ou seja, que os novacianos rebatizavam aqueles que vinham da Igreja católica para eles.^[33] Não porque os hereges imitaram algum rito, não é por isso que os católicos hão de fazer o mesmo; mas uma coisa é por que os hereges não devem rebatizar, outra coisa, por que a católica não deve rebatizar. Pois se os hereges deviam fazer o que se deve fazer na católica, visto que dizem não existir entre os católicos o que receberam quando ali estiveram e, quando se separaram, não o levaram. Mas a católica não deve por isso reiterar o batismo que foi administrado entre os hereges, para não parecer que julguem ser deles o que é de Cristo, ou que eles não têm o que, tendo recebido dentro, pudessem perder fora, ao saírem.

Com efeito, também Cipriano, como os demais,^[34] determinou que, se voltassem dos hereges para a Igreja todos aqueles que nela foram batizados, fossem recebidos, não pelo batismo, mas pela penitência. Vê-se que é evidente que não podem perder, ao se separarem, o que não recebem ao voltar. Mas nós, assim como a heresia é deles, assim como o erro é deles, assim como o sacrilégio da separação é deles, assim também o batismo, que é de Cristo, deve-se dizer que é deles. Assim, como se corrigem seus males quando voltam, no que não é deles, é preciso reconhecer de quem é.

17 Por isso o bem-aventurado Cipriano mostrou que não determinou uma prática nova ou imprevista, pois se começara a assim proceder no tempo de Agripino. “São muitos os anos”, diz ele, “e faz muito tempo desde que muitos bispos reunidos determinaram isto no tempo de Agripino, varão de feliz memória”.^[35] Portanto a nova prática começou com Agripino.

Não compreendo o significado de suas palavras: “E desde então até hoje, tantos milhares de hereges em nossas províncias se converteram para a Igreja e não foram desprezados nem atemorizados. Pelo contrário, foram recebidos com compreensão e de boa mente, a fim de conseguirem a graça do banho vital e do batismo salutar”;^[36] não percebo por que diz, repito, a não ser que, talvez, diga “desde então até hoje”, porque não surgiu nenhuma questão de excomunhão a respeito deles, desde que foram batizados na Igreja de acordo com o Concílio de Agripino.

Quanto ao mais, se, desde Agripino até Cipriano, continuava o costume de batizar os que vinham dos hereges, por que Cipriano reuniu concílios para tratar dessa questão? Por que diz a Jubaiano que não introduziu nenhuma novidade ou que a decisão tenha sido impensada, mas tal prática foi introduzida por Agripino? Por que Jubaiano se perturbou diante da novidade, de modo a se tornar necessário ser corrigido pela autoridade de Agripino, se a Igreja adotava esse costume a partir de Agripino até Cipriano? Por que, finalmente, tantos colegas seus disseram no concílio^[37] que a razão e a verdade deviam ser antepostas ao costume e não disseram, no entanto, que aqueles que desejavam praticar outra coisa agiriam contra a verdade e contra o costume?

18 A respeito da remissão dos pecados, se se trata do batismo dos hereges, já escrevi o que me parecia num outro livro,^[38] mas a ela me referirei também aqui.

Se ali acontece a remissão das dívidas devido à santidade do batismo, as dívidas retornam pela obstinação da heresia ou do cisma,^[39] e, por isso, tais pessoas necessitam de vir para a paz católica para deixarem de ser hereges ou cismáticas e merecerem, no vínculo da unidade por obra da caridade, a purificação daqueles pecados que voltaram a elas. Ainda que exista entre os hereges o mesmo batismo de Cristo, no entanto, se ali não há lugar para a remissão dos pecados devido à hediondez da discórdia e à iniquidade da separação, o mesmo batismo começa a valer para a remissão dos pecados, quando vierem para a paz da Igreja, para não serem retidos os já perdoados e não para se reprovar esse batismo, como se fosse alheio ou diferente e se administre outro, mas para que o mesmo batismo, que, fora, gerava a morte devido à discórdia, gere, dentro, a salvação devida à paz. Pois era o mesmo o odor sobre o qual diz o Apóstolo: “Somos por Deus o bom odor de Cristo entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem; para uns, odor que da morte leva à morte; para outros, odor da vida que leva à vida”.^[40] Ainda que ele o tenha dito escrevendo sobre outro assunto, o registrei aqui para que se entenda que um bem não somente pode proporcionar a vida aos que dele fazem bom uso, mas também a morte aos que dele fazem mau uso.

19 Quando se trata da antiguidade e santidade do sacramento, não importa em que crê e de que fé esteja imbuído aquele que o recebe. Certamente importa muito ao caminho da salvação, mas nada importa à questão do sacramento.^[41] Com efeito, pode acontecer que a pessoa tenha um sacramento íntegro e uma fé deficiente, assim como pode acontecer que tenha todas as palavras do símbolo e, no entanto, não tenha uma fé reta sobre a Trindade ou a ressurreição ou sobre qualquer ponto da doutrina. Pois não é de somenos importância conservar dentro da própria Igreja uma fé íntegra, de tal modo que em absoluto, não sobre alguma criatura, mas sobre o próprio Deus, em nada acredite diferente do que dita a verdade. Portanto, porventura, deve ser rebatizado o batizado na católica, se depois lendo, ouvindo ou discutindo pacificamente, revelando-lhe o próprio Senhor, vier a conhecer outra coisa em que antes acreditava? Mas quem é o homem carnal e animal que, não pela fantasia de seu coração, renegou a Deus e constituiu para si um deus conforme foi do agrado do seu sentido carnal, nele tinha uma fé tão distante do que é Deus, quanto a vaidade difere da verdade?

O Apóstolo, cheio da luz da verdade, proferiu uma sentença deveras verdadeira quando disse: “O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus”.^[42] E, no entanto, ele o dizia a respeito daqueles que ele mostra terem sido batizados. Com efeito, ele lhes diz: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo?”.^[43] Portanto, eles tinham recebido o sacramento do batismo e, no entanto, pensando segundo a carne, o que podiam crer sobre Deus, a não ser segundo o sentido de sua carne, no qual “o homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus”? Diz-lhes novamente: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão somente como a homens carnis, como a crianças em Cristo Jesus. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis, visto que ainda sois carnis”.^[44]

E esses tais são agitados por todo vento de doutrina; sobre eles diz: “Não seremos mais crianças; joguete das ondas, agitados por todo vento de doutrina”.^[45] Porventura, se esses progredirem até a idade espiritual do homem interior e conhecerem pela sinceridade da inteligência, quão diferente acreditaram a respeito de Deus por meio dos enganos de suas fantasias, muito mais do que a verdade exigia, devem ser rebatizados?

Pode também acontecer que um catecúmeno católico venha a ter em mãos um livro de algum herege e, não sabendo discernir o erro da verdade, acredite em algo contra a fé católica, a cujo erro, no entanto, não contradizem as palavras do símbolo, mas sobre elas tiveram origem inúmeros erros dos hereges. Portanto, se ele, pensando que aquele livro seja da autoria de algum católico importante e douto, e assim crendo, for batizado na católica, e vindo a saber, por uma investigação posterior, como deve crer retamente, e, tendo se apegado à fé católica, rechace de seu espírito tudo aquilo, porventura, se o confessar, deve ser batizado novamente? Ou se, antes de aprender e confessar, vê-se que ele pensa assim e é instruído sobre o que deve crer e fica claro que ele foi batizado numa fé falsa, porventura, deve ser batizado de novo?

Certamente que não. Por quê? Porque a santidade do sacramento, consagrada pelas palavras do Evangelho, permanecia íntegra sobre ele, tal como a recebera quando lhe foi dada, ainda que ele, estabelecido na vaidade de uma mente carnal, ao ser batizado, acreditasse de modo diferente do que deveria crer.

Por essa razão, fica claro que pode acontecer que com fé não íntegra o sacramento permaneça íntegro em alguém. E por isso, o que se diz da novidade de diversos hereges não diz respeito a essa questão. Pois é preciso que se corrija em cada um o que aquele, por quem é corrigido, perceber ser um mal, é preciso que se cure o que está enfermo, deve-se dar o que não tem, principalmente a caridade da paz, sem a qual o restante não pode ser útil. No entanto, quando se tem tudo isso, não se deve dar como se faltasse; mas para que se tenha proveitosamente e não com dano, deve-se agir pelo mesmo vínculo da paz e pela eminência da caridade.

20 Consequentemente, se pelas palavras evangélicas “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”^[46] Marcião^[47] administrava um sacramento íntegro, embora sua fé, expressada com as mesmas palavras de quem opinava diferente do que a caridade católica ensina, não fosse íntegra, mas manchada com falsidades fabulosas, pois assim as mesmas palavras, ou seja, “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, não somente Marcião ou Valentim ou Ário ou Eunômio, mas as próprias crianças carnis da Igreja, das quais dizia o Apóstolo: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão somente como a homens carnis”,^[48] se fosse possível interrogar cada uma, contar-se-ia talvez tanta diversidade de opiniões quantos forem os homens. Pois “o homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus”.^[49] Porventura, não recebem por isso um sacramento íntegro, ou porventura, por isso, se progredirem e se corrigirem de verdade de suas opiniões carnis, dever-se-á repetir o que haviam recebido?

Cada um recebe de acordo com sua fé,^[50] mas quanto cabe sob a direção da misericórdia de Deus, da qual presumindo, diz o Apóstolo: “Se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá”.^[51] No entanto, os laços dos hereges e dos cismáticos são, por isso, sumamente perniciosos para os carnis, porque o progresso deles se interrompe, uma vez confirmada a sentença de seu desvio contra a verdade católica e confirmada a animosidade da separação contra a paz católica. Mas os sacramentos, se são os mesmos, são íntegros em todas as partes, ainda que sejam compreendidos e tratados erroneamente, estando eles em discórdia, assim como a Escritura do próprio Evangelho, se é a mesma, é íntegra em todas as partes, embora seja proclamada com uma enorme variedade de opiniões falsas.^[52]

Com efeito, o que diz Jeremias: “Por que não tem fim a minha dor, e não cicatriza a minha chaga, rebelde ao tratamento? Ai! Sereis para mim qual riacho enganador, fonte de água com que não se pode contar?”,^[53] se na locução figurada da profecia não se empregasse a água alegoricamente, a não ser que significasse só batismo, empenhemo-nos em investigar o que querem dizer essas palavras de Jeremias. Mas como está exposto claramente no Apocalipse que águas são empregadas em lugar de povos,^[54] não sei por que não devo entender água enganosa e sem fé o povo enganoso e pérfido.

21 Pelo fato de se dizer que o Espírito Santo é dado somente na Igreja católica pela imposição das mãos, nossos antepassados quiseram entender assim o que o Apóstolo diz: “Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”.^[55] Com efeito, esta é a caridade que não têm aqueles que foram cortados da comunhão da Igreja católica e, por isso, ainda que falassem as línguas dos homens e dos anjos, se conhecessem todos os mistérios e toda ciência e se tivessem toda a profecia e toda fé, de modo a transportar os montes, e se distribuíssem todos os bens aos pobres e entregassem seu corpo às chamas, de nada lhes aproveitaria.^[56]

Mas não têm a caridade de Deus aqueles que não amam a unidade da Igreja e, por isso, se diz com razão que não se recebe o Espírito Santo, senão na Igreja católica. Pois atualmente não se recebe o Espírito Santo pela imposição das mãos, como antes se recebia com a manifestação de prodígios temporais e sensíveis para fortificar a fé incipiente e propagar a Igreja nascente. Pois quem agora espera essas manifestações, de modo que aqueles a quem se impõem as mãos para receber o Espírito Santo comecem a falar em línguas?^[57] Mas há a convicção de que a caridade divina age invisível e ocultamente em seus corações, devido ao vínculo da paz, de sorte que possam dizer: “Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”.^[58]

São muitas as operações do Espírito Santo, as quais o mesmo Apóstolo, como em certa passagem houvesse mencionado,^[59] julgou suficientes, e concluiu assim: “Mas tudo, é o mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”.^[60] Portanto, uma coisa é o sacramento que mesmo Simão Mago pôde ter, e outra, a operação do Espírito, a qual costuma acontecer mesmo aos homens maus, como, por exemplo, Saul, que teve a profecia;^[61] outra, a operação do mesmo Espírito, a qual não podem ter senão os bons, assim como a finalidade do preceito é a caridade que brota de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera.^[62] Qualquer uma delas que os hereges e cismáticos recebam, a caridade que cobre uma multidão de pecados^[63] é um dom próprio da unidade e da paz católicas, não em todos os católicos, porque nem todos pertencem a ela, como veremos no seu devido lugar. No entanto, fora da Igreja não pode existir essa caridade, sem a qual o restante, ainda que possa ser reconhecido e aprovado, contudo, não pode ser proveitoso e libertar. Mas a imposição das mãos, tal como acontece com o batismo, não pode ser reiterada. Pois, que outra coisa é senão uma oração sobre a pessoa?

22 O fato de o Senhor ter dado poderes a Pedro como sinal da unidade, de modo que seria desatado na terra o que ele tivesse desatado,^[64] torna evidente que essa unidade deveria ser denominada também a única Pomba perfeita.^[65] Porventura, dizem respeito à mesma Pomba todos os avarentos, sobre os quais o mesmo Cipriano lamentou na mesma Igreja católica?^[66] Pois, como julgo, os ladrões podem ser denominados não Pombas, mas gaviões. Portanto, como batizaram aqueles que roubavam propriedade com fraudes insidiosas e aumentavam o lucro multiplicando as usuras, se somente essa Pomba batiza, ou seja, essa unidade, a qual não se pode encontrar a não ser nos bons, como sendo simples, casta e perfeita? Acaso, talvez, mediante as orações dos santos espirituais que existem na Igreja, como se, pelo contínuo arrulho da Pomba são gerados um grande mistério e uma oculta concessão da misericórdia de Deus, para que também sejam perdoados os pecados daqueles que não são batizados por uma Pomba, mas por um gavião? Se assim é, por que então seus pecados não são absolvidos pelas orações deles, quando alguém vem da heresia ou do cisma para a paz católica? Em toda parte se reconhece a integridade do sacramento, mas essa irrevogável remissão dos pecados não terá valor fora da unidade da Igreja, nem poderão ajudar o afiliado à heresia ou ao cisma as orações dos santos – ou seja, os arrulhos dessa única Pomba, como não o podem aos que estão dentro –, se ele conserva as dívidas dos pecados contra si devido à sua desregrada vida, não somente se é batizado por um gavião, mas também pelo ministério piedoso da mesma Pomba.

23 Disse o Senhor: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio”. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos que não perdoardes, ser-lhes-ão retidos”.^[67] Portanto, se os apóstolos representavam a Igreja e, assim, isso lhes foi dito, como se o dissesse à própria Igreja, a paz da Igreja perdoa os pecados e o distanciamento retém os pecados, não de acordo com o arbítrio dos homens, mas de acordo com a vontade de Deus e as orações dos santos espirituais, os quais julgam todas as coisas, mas eles por ninguém são julgados.^[68]

A pedra retém, a pedra perdoa; a Pomba retém, a Pomba perdoa; a unidade retém, a unidade perdoa. Pois a paz dessa unidade reside somente nos bons ou naqueles já espirituais ou nos que progridem para as coisas espirituais pela obediência baseada na concórdia; mas nos maus não reside, já se agitem fora, já sejam tolerados dentro com dor, e batizem e sejam batizados. Mas assim como esses, que são tolerados dentro com dor, ainda que não pertençam à mesma unidade da Pomba e à gloriosa Igreja que não tem mancha nem ruga ou coisa semelhante,^[69] no entanto, se se corrigirem e confessarem que se aproximaram do batismo sem as necessárias disposições, não são rebatizados, mas passam a pertencer à Pomba, por cujos arrulhos são perdoados os pecados, de cuja paz se mantinham alheios, assim também aqueles que estão claramente fora, se receberam os mesmos sacramentos, quando, uma vez corrigidos, vêm para a unidade da Igreja, não reiterando o batismo, mas são libertados pela mesma lei da caridade e pelo vínculo da unidade.

Pois se na Igreja, somente aos prelados e aos autorizados pela lei evangélica e pelo mandato do Senhor é lícito batizar, acaso eram tais os que roubavam as propriedades com fraudes insidiosas e aumentavam seus lucros, multiplicando as usuras?^[70] Julgo que eram autorizados pelo mandato do Senhor aqueles aos quais, ao os apresentar como modelos, diz o Apóstolo: “Não ávido de lucro desonesto”.^[71] No entanto, batizavam no tempo de Cipriano a esses tais que ele confessa com grande dor terem sido seus colegas no episcopado e os suporta com uma grande recompensa pela sua tolerância. Contudo, não davam a remissão dos pecados, a qual, dada pelas orações dos santos, ou seja, pelos arrulhos da Pomba, seja quem for o que batiza, se pertencem à sua paz aqueles a quem é dada. Com efeito, o Senhor não diria aos ladrões e aos usureiros: “Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados”.^[72]

Na verdade, nada se pode atar ou desatar fora, onde não haja quem possa ser atado ou desatado;^[73] mas é desatado aquele que fizer as pazes com a Pomba, e é atado aquele que não tem paz com a Pomba, ou esteja claramente fora, ou pareça estar dentro.

24 Sabemos que não procederam impunemente Datam e Abiron,^[74] os quais se empenharam em usurpar o direito de sacrificar contra a unidade do povo de Deus; e também os filhos de Aarão, que puseram no altar fogo irregular.^[75] E nem nós

dizemos que tais delitos ficam impunes, a não ser que os tais se corrijam, se a paciência de Deus, que conduz à penitência, conceder o tempo de correção.

25 Aqueles que dizem que não se deve reiterar o batismo porque somente foram impostas as mãos àqueles que o diácono Felipe batizara^[76] nada afirmam que diga respeito ao assunto, e longe de nós fazermos uso de tais argumentos, quando investigamos a verdade.

Por isso não podemos ceder aos hereges se o que têm da Igreja de Cristo dizemos que não é deles e não queremos reconhecer os sinais de nosso Imperador^[77] à vista dos delitos dos desertores; mais ainda: por que o Senhor é nosso Deus, e um Deus ciumento,^[78] tudo o que dele reconhecemos em alguém, de forma alguma lhe concedamos que julgue ser coisa própria. O mesmo Deus ciumento reprova e diz ao povo prevaricador na figura de uma mulher prevaricadora, porque o que era dele dava a seus amantes e deles, por sua vez, recebia o que era não deles, mas dele mesmo.^[79] Contudo, Deus, o ciumento e irritado, reconhece como dons seus os que a mulher adúltera e os amantes adúlteros trocavam entre si.^[80] E nós podemos dizer que o batismo consagrado pelas palavras evangélicas pertence aos hereges; comovidos por seus atos, queremos atribuir-lhes o que é de Deus, como se os pudessem contaminar ou, por isso, tornar seu o que é de Deus, porque eles não quiseram ser de Deus?

26 Quem será a mulher adúltera de que fala Oseias, a qual disse: “Quero correr atrás de meus amantes, daqueles que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e a minha bebida”?^[81] Podem-se aplicar essas palavras ao povo prevaricador dos judeus. No entanto, a que outros os pseudocristãos imitam – e pseudocristãos são todos os hereges e cismáticos – senão os pseudoisraelitas? Existiam, pois, também verdadeiros israelitas, como o próprio Senhor dá testemunho em favor de Natanael, dizendo: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento”.^[82] Quem são os verdadeiros cristãos, senão aqueles dos quais o próprio Senhor diz: “Quem tem os meus mandamentos e os observa é que me ama”?^[83] E o que significa observar seus mandamentos senão perseverar no amor? Por isso diz também: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros”;^[84] e novamente: “Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”.^[85]

Mas quem duvida que não foi dito somente àqueles que, então, ouviam as palavras do Senhor presente em sua carne, mas também àqueles que reconhecem suas palavras, pelo exemplo, agora que está sentado no céu? Pois ele veio não para revogar a Lei, mas para lhe dar pleno cumprimento.^[86] Mas a plenitude da Lei é o amor,^[87] pelo qual Cipriano não abandonou a unidade e foi sarmento na videira do Senhor, sarmento frutuoso, o qual o celeste agricultor também purificaria pelo ferro do martírio para dar mais frutos.^[88]

Mas os inimigos desse amor fraterno, pareçam estar claramente fora ou estejam dentro, são pseudocristãos e anticristãos. Havendo ocasião, saem, como está escrito: “Quem vive isolado segue seu bel-prazer”.^[89] Mas, também, se faltar ocasião, parecendo estar dentro, se separaram do corpo invisível da caridade. Por isso João diz: “Eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco”.^[90] Não disse: porque, ao saírem, tornaram-se estranhos; mas porque eram estranhos, razão pela qual declarou que haviam saído. Também o Apóstolo fala a respeito de alguns que se haviam desviado da verdade e pervertiam a fé de outros – e cuja palavra se alastrava como a gangrena –, os quais, apesar de dizer que devem ser evitados, indica, no entanto, que estavam numa única casa grande, mas como vasos para uso vil, creio que ainda não haviam saído. Ou, se já haviam saído, por que diz que estavam na mesma casa grande com os vasos para uso nobre, a não ser, talvez, devido aos próprios sacramentos que não haviam mudado, depois que se firmaram os grupos separados dos hereges? Por que diz que todos pertenciam à única casa grande, mas com variados méritos, uns para honra, outros para desonra?

Com efeito, assim fala a Timóteo, escrevendo-lhe: “Evita o palavreado vão e ímpio, já que os que o praticam progredirão na impiedade; a palavra deles é como uma gangrena que corrói, entre os quais se acham Himeneu e Fileto. Eles se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já se realizou; estão pervertendo a fé de vários. Não obstante, o sólido fundamento colocado por Deus permanece,

marcado pelo selo desta palavra: o Senhor conhece os que lhe pertencem. E ainda: aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor. Numa casa grande não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro; alguns para uso nobre, outros para uso vulgar. Aquele, pois, que se purificar desses erros será um vaso nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para toda boa obra”.^[91]

O que significa purificar-se desses erros, senão o que disse um pouco antes: “Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor”. E para que ninguém pensasse como se poderia perecer com os tais numa única casa grande, predisse com toda precaução: “O Senhor conhece os que lhe pertencem”: ou seja, aqueles que, se afastando da iniquidade, se purificam dos vasos para uso vulgar, para não perecerem com eles, os quais são obrigados a tolerar na casa grande.^[92]

27 Os maus, os criminosos, os animais carnais, os diabólicos pensam que recebem de seus sedutores o que tão só representam dons de Deus, seja sacramento, seja algumas operações espirituais relativas à comodidade da vida presente. Eles não têm amor a Deus, mas estão ocupados com aqueles por cuja soberba são seduzidos, e se comparam à mulher adúltera que o profeta menciona, ao dizer: “Quero correr atrás de meus amantes, daqueles que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e a minha bebida”.^[93] Os hereges e os cismáticos procedem do mesmo modo, quando brada a plebe carnal que não está fundamentada na caridade de Deus: “Quero correr atrás dos meus amantes”, com os quais certamente fornicava luxuriosamente, seja pela corrupção da fé, seja pelo inchaço da soberba. Mas por causa daqueles que, encontrando dificuldades, angústias e obstáculos pelos vãos raciocínios daqueles pelos quais são seduzidos, sofrem pelos temores e voltam ao caminho da paz, para também procurar sinceramente a Deus, por isso prossegue e diz: “Por isso cercarei o seu caminho com espinhos e o fecharei com uma barreira, para que não encontre suas sendas. Perseguirá seus amantes, sem os alcançar, procurá-los-á, mas não os encontrará. Dirá então: quero voltar ao meu primeiro marido, pois eu era outrora mais feliz do que agora”.^[94]

Em seguida, para que não pensem que o possuído pelos amantes é íntegro e procede da doutrina da verdade, pelo qual são seduzidos para a falsidade de seus dogmas e de suas operações, para que o íntegro possuído por eles se considere como deles, acrescentou em seguida: “Mas ela não reconheceu o que era seu, quem lhe dava o trigo, o mosto e o óleo, quem lhe multiplicava a prata e o ouro que eles usavam para Baal”!^[95] Com efeito, dissera acima: “Quero correr atrás dos meus amantes, daqueles que me dão o meu pão” etc., não percebendo que era certamente de Deus, não dos homens, tudo o que também os sedutores possuem como íntegro e legítimo. E eles não arrogariam também para si e reclamariam, como sendo próprio, se por sua vez não fossem seduzidos pelas multidões seduzidas, quando elas lhes dão crédito e lhe tributam honras, de modo que por meio deles tenham o poder de dizer tais coisas e de as reclamar para si, e, assim, seu erro seja denominado verdade e seu crime seja tido como justiça devido aos sacramentos e às Escrituras que têm, para se mostrarem não para a salvação.

E, por isso, também Ezequiel diz à mesma adúltera: “Tomaste os teus enfeites de ouro e prata que eu te dera e com eles fabricaste imagens de homens, com os quais te prostituíste. Tomaste também os teus vestidos de bordado e as cobriste. Ofereceste o meu azeite e o meu incenso diante delas. O pão que te dei – a flor da farinha – o azeite e o mel com que te alimentei, tu os ofereceste diante delas como um perfume destinado a apaziguá-las”.^[96]

A alma carnal converteu todos os sacramentos e as palavras dos livros santos em imagens de suas fantasias, com as quais tem prazer em se esponjar. Contudo, não porque essas imagens sejam falsas e as doutrinas demoníacas hipocrisia dos mentirosos,^[97] tanto os sacramentos como as palavras divinas, de tal modo vão perder a honra, que se pense serem deles, enquanto o Senhor fala sobre “meu ouro e

minha prata, de meus vestidos de bordados, de meu óleo e de meu incenso e de meus pães” etc. Porventura, pelo fato de esses que estavam no erro pensarem que essas realidades pertencem àqueles pelos quais foram seduzidos, devemos reconhecer de quem são, se ele diz: “Mas ela não reconheceu que era eu quem lhe dava o trigo, o mosto e o óleo, quem lhe multiplicava a prata e o ouro”?^[98] Com efeito, não disse que ela não possuía esses elementos porque era prevaricadora, mas se diz que tanto possuía, como não eram suas nem de seus amantes, mas de Deus, de quem são unicamente. Portanto, ainda que levasse essa vida depravada, no entanto, os elementos com que adornava a própria prevaricação, ou seduzida ou sedutora, não eram dela, mas de Deus.

Se tudo isso se dizia em figura sobre o povo judeu, no qual os escribas e os fariseus rechaçavam os mandamentos de Deus para seguirem suas tradições próprias, para se entregarem à fornicção com o povo, que assim, de certo modo, abandonava a Deus, no entanto, essa prevaricação daquele tempo no povo, à qual o Senhor se referia reprovando, fez com que fossem deles os sacramentos, que não eram deles, mas de Deus, o qual, falando à prevaricadora, diz que todos são seus; por isso o próprio Senhor enviou os mesmos sacramentos também àqueles que ele limpou da lepra para oferecerem em seu favor um sacrifício aos sacerdotes, porque ainda não lhes sucedera o sacrifício que ele depois quis que se celebrasse na Igreja por todos eles, porque, em todos, ele se preanunciava.^[99]

Quanto mais não devemos atribuir aos hereges ou cismáticos nem reprovar, como que não reconhecidos, os sacramentos do Novo Testamento que se encontram em alguns dentre eles. Mas, ainda que estejam numa mulher adúltera há que se reconhecer os dons do esposo legítimo e procurar corrigir, com a palavra da verdade, essa prevaricação que é própria de uma mulher impudica, e não culpar os dons que são próprios do Senhor misericordioso.

28 Considerando essas e tais coisas, nossos Padres, não somente antes de Cipriano ou de Agripino, mas também depois, conservaram o salutar costume, de modo que tudo o que encontraram de divino e legítimo em sua integridade, em alguma heresia ou cisma, aprovaram antes que negaram; mas reprovaram e arrasaram o estranho e o próprio deste erro ou separação.

Mas o que da carta, que foi escrita a Jubaiano, fica para ser examinado, considerando a extensão deste livro, julgo que deve ser assumido e tratado em outro livro.

LIVRO 4

Continua a leitura da carta de Cipriano a Jubaiano

1 A Igreja comparada com o Paraíso^[1] demonstra que os homens de fora podem receber o batismo, mas ninguém pode receber ou manter fora dela a bem-aventurada salvação. Com efeito, rios manaram em caudais da fonte do Paraíso mesmo para fora, como o atesta a Escritura. Pois são designados nominalmente e todos sabem por que terras correm e como estão fora do Paraíso.^[2] No entanto, não se diz que a vida feliz, que é mencionada no Paraíso, existe na Mesopotâmia ou no Egito, aonde chegaram esses rios. Isso faz com que a água do Paraíso esteja fora dele, mas que a felicidade esteja somente dentro do Paraíso.

Portanto, desse modo o batismo pode existir fora da Igreja, mas o dom da vida feliz não se encontra a não ser dentro da Igreja, a qual recebeu as chaves para atar e desatar.^[3] É a única que mantém e possui todo o poder de seu Esposo e Senhor; por esse poder conjugal, pelo qual dá à luz filhos mesmo de escravas,^[4] os quais se não se ensoberbecem são chamados a participar da herança; mas se ensoberbecem, permanecerão fora.

O batismo e os pecadores

2 Porque lutamos pela honra e a unidade da Igreja, não atribuíamos aos hereges tudo o que da Igreja sabemos que existe entre eles; mas refutando-os, ensinemos-lhes que, se não vierem para a mesma unidade, o que possuem em virtude da unidade não tem valor para a salvação. Com efeito, a água da Igreja é fiel, salutar e santa^[5] para os que dela fazem bom uso; mas ninguém, fora da Igreja, pode fazer bom uso da mesma. Mas ela representa tormento para os de dentro e de fora que dela fazem mau uso, não auxilia para se receber o prêmio. Por isso o batismo não pode sofrer corrupção e adulteração – mesmo que o tenham os corruptos e adúlteros –, assim como a Igreja é incorrupta, casta e pura; por isso não fazem parte dela os avarentos, os ladrões, os usureiros, os quais o mesmo Cipriano atesta em muitas passagens de seus escritos que existem não somente fora, mas também dentro; e, no entanto, sem mudar seus sentimentos, são batizados e batizam.

A conversão de cristãos depois do batismo

3 Ele diz também, numa carta aos clérigos, sobre como suplicar a Deus, assumindo sobre si os pecados de seu povo, como o fez o santo Daniel. Com efeito, entre os muitos males que menciona, também diz isto: “Renunciando ao mundo apenas com palavras e não com atos”,^[6] do mesmo modo como diz o Apóstolo a respeito de alguns: “Afirmam conhecer a Deus, mas negam-no com seus atos”.^[7] Portanto, o bem-aventurado Cipriano demonstra que esses tais vivem dentro da Igreja, os quais são batizados sem mudar o coração para melhor, ao renunciarem ao mundo com palavras, não com atos, e, no entanto, diz o apóstolo Pedro: “Aquilo que lhes corresponde é o batismo que agora nos salva, não aquele que consiste em uma remoção das imundícies do corpo, mas em um compromisso solene de uma boa consciência para com Deus”;^[8] não tinham essa consciência aqueles dos quais se diz: “Renunciando ao mundo apenas com palavras, não com atos”.^[9] E diz assim, increpando-os e acusando-os com a finalidade de que caminhassem no caminho de Cristo e preferissem ser seus amigos a sê-lo do mundo.

Os pecadores não pertencem à Igreja

4 Se tivessem obedecido a Cipriano e passado a viver retamente, não como falsos cristãos, mas como verdadeiros cristãos, acaso ordenaria que fossem batizados de novo? Não, certamente, mas a verdadeira conversão faria com que o sacramento que causasse sua ruína, ao não se converterem, passasse a valer para a salvação, uma vez convertidos. Com efeito, não estão consagrados à Igreja^[10] aqueles que parecem estar dentro e vivem contra Cristo, ou seja, procedem contra os preceitos de Cristo; e de forma alguma se deve julgar que pertencem à Igreja aqueles que ele purifica com o banho de água e a palavra, para mostrá-la a si como uma Igreja gloriosa sem ruga e sem mancha ou algo semelhante.^[11]

E se eles não estão nessa Igreja, a cujos membros não pertencem, não estão na Igreja, da qual se diz: “Uma só é minha pomba, sem defeito, uma só a preferida pela mãe que a gerou”,^[12] pois ela é sem ruga e sem mancha.^[13] Que alguém afirme, se puder, que são membros dessa Pomba aqueles que renunciam ao mundo com palavras, não com atos.^[14] Entretanto, vemos a quem pertencem, pois foi dito: “Aquele que distingue os dias é para o Senhor que os distingue”;^[15] pois Deus julga todos os dias.^[16] Mas de acordo com a presciência daquele que conhece os que destinou antes da criação para serem conforme à imagem de seu Filho,^[17] também muitos que estão fora manifestamente e se denominam hereges são melhores que muitos e bons católicos; pois o que vemos que são hoje, ignoramos que serão amanhã. E isso para Deus, para quem são presentes as coisas que serão, e mesmo as que serão já são, mas o que cada pessoa é no presente nós investigamos se entre os membros daquela Igreja, que foi denominada única Pomba e esposa de Cristo, sem mancha e sem ruga,^[18] devem ser reputados aqueles sobre os quais diz Cipriano, na carta que mencionei, que não andavam no caminho do Senhor e não observavam os preceitos celestes que foram dados para nossa salvação, nem cumpriam a vontade do Senhor, ao se entregarem às riquezas e ao lucro, seguindo a soberba, entregues ao fingimento e à dissensão, que desprezam a simplicidade e a fé, que renunciam ao mundo apenas com palavras, não com atos, cada um satisfazendo a si mesmo e desprezando os demais.^[19]

Se a Pomba não os reconhece entre seus membros e a eles, se permanecerem na mesma perversidade, o Senhor dirá: “Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”,^[20] parecem estar na Igreja, mas não estão; melhor, procedem contra a Igreja.^[21] Eles podem batizar com o batismo da Igreja,^[22] mas não lhes traz proveito nem aos que o recebem, a não ser que se convertam interiormente com uma verdadeira transformação, de modo que o próprio sacramento, que não lhes fora útil quando o receberam, quando renunciaram ao mundo apenas com palavras, não com atos,^[23] passe a ser-lhes útil, quando passarem a renunciar ao mundo também com atos; o mesmo sobre aqueles que estão numa separação manifesta, porque nem estes nem aqueles estão entre os membros da Pomba, mas alguns deles, talvez, estarão no futuro.

5 Não é o batismo dos hereges o que não aceitamos, quando não os batizamos depois deles; mas porque reconhecemos que é de Cristo mesmo com relação aos homens maus, estejam manifestamente fora ou dentro, mas separados ocultamente, recebemo-los com o devido respeito, uma vez corrigidos no que estavam desviados.

Mas assim como parece que me encontraria em dificuldades, se me dissessem: “Então os hereges perdoam os pecados?”^[24] assim também coloco algum em dificuldade quando digo: “Aquele que não guarda os preceitos celestes, por exemplo, o avarento, o ladrão, o usurário, o invejoso, aquele que renuncia ao mundo com palavras, não com atos, perdoa pecados?”. Se for pela força do sacramento de Deus, tanto um como o outro perdoa; se for pelo mérito, nem um nem outro.

Com efeito, esse sacramento é reconhecido como sendo de Cristo mesmo nos homens maus, mas no corpo da única Pomba, incorrupta, santa, pura, sem mancha e sem ruga, não se encontra nem este nem aquele.^[25] E assim como o batismo não é útil ao que o recebe, para aquele que renuncia ao mundo com palavras, não com atos, assim também não é útil para aquele que é batizado na heresia ou no cisma, mas passa a ser útil a ambos, uma vez convertidos, o que antes não fora útil, mas, no entanto, estava presente neles.

O batizado na heresia não se torna templo de Deus

6 O batizado na heresia não se torna templo de Deus.^[26] No entanto, deve ser considerado como não batizado? Pois nem o avarento batizado dentro da Igreja se torna templo de Deus, se não se corrigir da avareza. Os que se tornam templos de Deus possuirão o Reino de Deus. Mas o Apóstolo diz entre outras muitas coisas: “Nem os avarentos, nem os ladrões herdarão o Reino de Deus”.^[27] O mesmo Apóstolo, em outra passagem, compara a avareza à idolatria: “E a avareza, que é idolatria”.^[28] O próprio Cipriano, na carta a Antoniano, de tal modo exagerou esse sentido que não duvidava compará-la ao pecado daqueles que, no tempo da perseguição, afirmaram por meio de seus escritos terem incensado os ídolos.^[29]

Portanto, o batizado na heresia, em nome da santa Trindade, não se torna templo, assim como o batizado na avareza, no mesmo nome, não se torna templo de Deus, se não se corrigir da avareza, que é idolatria. Com efeito, o Apóstolo diz isto mesmo: “Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos?”.^[30]

Portanto, não me perguntem de qual deus não se torna templo^[31] aquele que, conforme dissemos, não se torna templo de Deus. No entanto, não se diga que por isso não esteja batizado e que seu erro impuro faz com que não seja santo o sacramento que recebeu, consagrado pelas palavras evangélicas; nem que sua avareza, que é idolatria e uma grande impureza, pode fazer com que não seja santo o batismo que recebe, mesmo que seja batizado por outro igualmente avarento com as mesmas palavras evangélicas.

7 “Por isso”, diz Cipriano, “alguns que são vencidos pela razão nos lançam em rosto inutilmente o costume em vigor, como se o costume tivesse mais força que a verdade ou não se devesse seguir em assuntos espirituais o que foi revelado pelo Espírito Santo”.^[32] Isto é certamente verdade porque a razão e a verdade devem ser antepostas ao costume. Mas quando a verdade apoia a razão, nada mais firme é mister conservar.

Em seguida, prossegue e diz: “Pode-se perdoar ao que comete um simples erro, como o apóstolo Paulo diz de si mesmo: ‘A mim que fui blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia porque agi por ignorância’”.^[33] Mas depois de receber inspiração e revelação, aquele que persevera no erro conscientemente e com conhecimento, peca sem a possibilidade de perdão por ignorância. Com efeito, apoia-se na presunção e numa certa obstinação quando é vencido pela razão”.

É de veras verdade que é um pecado muito mais grave o daquele que peca sabendo, do que o daquele que peca sem conhecimento. E por isso o santo Cipriano, não somente douto, mas também dócil, interpretou de tal modo o que o Apóstolo aponta em louvor do bispo,^[34] a ponto de dizer que “no bispo é de se desejar que ensine, não somente com ciência, mas também aprenda com paciência”.^[35] Não tenho dúvida de que se ele debatesse essa questão muito debatida, durante muito tempo na Igreja, com pessoas santas e doudas, por meio das quais se conseguiu depois que aquele antigo costume fosse confirmado também por um concílio plenário, mostraria, sem dúvida, não somente o quanto era douto no que percebia com verdadeira firmeza, mas também o quanto era dócil no que percebera de menos.

E, no entanto, como é sobremaneira evidente que é muito mais grave pecar sabendo que ignorando, desejaria que alguém me dissesse qual deles é pior, se aquele que incorre em heresia, ignorando quão grande seja esse mal, se o outro que não se corrige da avareza, sabendo quão grande mal ela representa. Penso propor também o seguinte: se um incorre em heresia com conhecimento e outro não deixa a idolatria com conhecimento – pois o Apóstolo diz: “E a avareza, que é idolatria”^[36] –, também o próprio Cipriano não interpretou a mesma sentença de outro modo, como eu disse, ao escrever a Antoniano, quando diz: “Não se lisonjeiam os novos hereges ao dizer que não se comunicam com os idólatras, se existem entre eles tantos adúlteros como defraudadores, que estão dominados pelo crime da idolatria. ‘Pois é bom que saibais que nenhum fornicário ou impuro ou avarento – que é uma idolatria – tem herança no Reino de Cristo e de Deus’”.^[37] E novamente: ‘Mortificai, pois, os vossos membros terrenos: fornicção, impureza, paixão, desejos maus, cupidez e a avareza, que é idolatria’”.^[38] Pergunto: quem peca mais gravemente: aquele que incorre em heresia por ignorância ou aquele que com conhecimento não abandona a avareza, ou seja, a idolatria? De acordo com aquela regra, pela qual os pecados com conhecimentos se antepõem aos pecados por ignorância, o avarento, quanto ao pecado, vence pelo conhecimento. Mas para que a gravidade do pecado faça na heresia o que faz no avarento o consentimento do que é ciente, o herege ciente se equipararia ao avarento, ainda que não pareça mostrá-lo o testemunho que transcreveu do Apóstolo. O que nos

aborrece mais nos hereges do que as blasfêmias? Mas desejando demonstrar que os pecados dos ignorantes têm relação com a facilidade do perdão, transcreveu do Apóstolo, quando diz: “A mim que outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância”.^[39]

Mas, se puderem, como eu disse, fazer com que ambos os pecados tenham o mesmo peso, a blasfêmia do ignorante e a idolatria do que tem conhecimento, também sejam julgados pela mesma sentença aquele que, buscando a Cristo, incorre em palavras duvidosas que envolvem falsidade, e aquele que, com conhecimento, resiste a Cristo que fala pelo Apóstolo: “Pois é bom que saibais que nenhum fornicário ou impudico ou avarento – que é uma idolatria – têm herança do Reino de Cristo e de Deus”.^[40] Por que naquele o batismo e as palavras evangélicas se reprovam, mas neste se aprovam, se ambos não fazem parte dos membros da Pomba? Porventura, por que aquele é litigante manifesto, que está fora, para que não se possa introduzi-lo, mas este, astucioso lisonjeador, para não ser expulso?

8 Cipriano diz: “E ninguém diga: dizemos o que recebemos dos apóstolos, se os apóstolos não transmitiram a não ser uma única Igreja e um único batismo, o qual não se encontra senão na mesma Igreja”.^[41] Não me convence a ponto de me atrever a reprovar o batismo que se encontra entre os hereges – assim como também é necessário que eu aprove o Evangelho que encontro entre eles, ainda que deteste seu erro –, quanto me adverte que houve alguns nos tempos de Cipriano, os quais disseram que veio da tradição apostólica aquele costume contra o qual se realizavam os concílios africanos; sobre isso, disse um pouco antes: “Alguns, que são vencidos pela razão, inutilmente nos opõem um costume”.^[42]

Também não percebo por que esse costume – que foi confirmado depois de Cipriano por um concílio plenário universal –^[43] Cipriano encontrou tão radicado e anterior a ele,^[44] que um homem dotado de tão grande ciência, quando procurava uma autoridade que o mudasse e fosse seguido, encontrou apenas na África o Concílio de Agripino, realizado poucos anos antes. Como percebesse não ser suficiente um costume do mundo inteiro contra sua opinião, lançou mão dessas razões que nós agora, confirmados pela antiguidade do mesmo costume e pela autoridade de um concílio plenário posterior, examinando-as com mais cuidado, deparamos com que são mais prováveis que verdadeiras. Pareceram-lhe, no entanto, verdadeiras, visto que se debatia numa questão deveras obscura e flutuava a respeito da remissão dos pecados, ou seja, se poderia não acontecer no batismo de Cristo e se poderia acontecer entre os hereges.

Nessas questões, se lhe foi revelado algo de menos, para que ficasse provada a grandeza de sua caridade, pela qual não abandonou a unidade, ninguém se deve atrever, por isso, a se antepor à sua tão grande firmeza e méritos das virtudes e tão grande abundância de graças, porque, apoiado pela solidez de um concílio universal, este vê algo que aquele não viu, visto que a Igreja não havia realizado um concílio plenário para tratar desse assunto. Assim como ninguém é tão insano a ponto de se antepor aos méritos do apóstolo Pedro, pois, admoestado pelas cartas do apóstolo Paulo e fortalecido pelo costume da Igreja, não obriga os pagãos a se fazerem judeus, o que Pedro alguma vez fizera.^[45]

9 Não deparamos com ninguém que tenha sido batizado pelos apóstolos e com eles tenha estado em comunhão, no caso de ter sido batizado entre os hereges. E também não deparamos com alguém, vindo dos hereges, que tenha sido batizado pelos apóstolos e que tenha sido rebatizado. Mas aquele costume, que os homens de então, olhando para trás, não viam que foi estabelecido pelos que viveram depois, consideram com razão que tenha sido estabelecido pelos apóstolos; há muitas provas, que seria longo mencioná-las de novo.^[46]

Por isso, se valiam as palavras pelas quais Cipriano, querendo persuadir o que lhe parecia, disse: para ninguém diga: “Seguimos o que recebemos dos apóstolos”,^[47] com maior força dizemos nós agora: “Seguimos o que o costume da Igreja sempre adotou, o que esta controvérsia não conseguiu dissuadir e o que o concílio plenário

confirmou”. Acrescente-se que, bem examinadas as razões dos dois lados da controvérsia e os testemunhos das Escrituras, pode-se dizer também: “O que a verdade declarou, isto é o que defendemos”.

10 O que alguns opunham aos argumentos de Cipriano,^[48] porque o Apóstolo diz: “Ou com segundas intenções ou sinceramente, Cristo é proclamado”,^[49] ele o refutou com razão, mostrando que não diz respeito à causa dos hereges, pois o Apóstolo falava daqueles que com inveja malévola se encontravam dentro da Igreja, buscando seus interesses. Anunciavam a Cristo conforme a verdade pela qual cremos em Cristo, mas não com o espírito com que era anunciado pelos bons filhos evangelistas da Pomba. “Paulo não falava dos hereges ou de seu batismo, mostrando que não escrevia algo atinente a esse assunto. Falava dos irmãos que andavam desordenadamente e contra a disciplina eclesiástica ou que mantinham a verdade evangélica sob o temor de Deus. E mostrou alguns deles anunciando a Palavra de Deus com constância e denodo, alguns se deixavam dominar pela inveja e a dissensão, alguns que guardavam a respeito de si mesmos uma benévola caridade, mas alguns tinham o espírito malévolos da dissensão; no entanto, tudo suportava, contanto que o nome de Cristo, que Paulo pregava, chegasse ao conhecimento de muitos e se aperfeiçoassem pela pregação ou a técnica ainda nova e rude da palavra por parte dos que falavam. Mas uma coisa é que falem em nome de Cristo dentro, na Igreja, e outra, batizar em nome de Cristo aqueles que estão fora e o fazem contra a Igreja”.^[50]

Essas palavras de Cipriano parecem advertir-nos que façamos a diferença entre aqueles que são maus fora da Igreja e aqueles que são maus dentro da Igreja. E aqueles dos quais diz o Apóstolo, que anunciavam o Evangelho não com boa vontade, mas por inveja,^[51] afirma que estavam dentro, e diz a verdade. Penso que posso dizer o seguinte não temerariamente: se ninguém de fora pode possuir algo que seja de Cristo, ninguém de dentro pode possuir algo que seja do diabo;^[52] pois se aquele jardim fechado^[53] pôde ter espinhos do diabo, por que também do lado de fora do jardim não pôde manar a fonte de Cristo? Mas se não pôde, de onde procedeu, mesmo nos tempos do apóstolo Paulo, naqueles que estavam dentro, o mal tão grande da inveja e da dissensão malévola? Essas são palavras de Cipriano. Porventura, a inveja e a dissensão malévola são um mal pequeno: como, pois, estavam na unidade esses que não estavam na paz? Pois as palavras não são minhas nem de algum homem, mas do próprio Senhor, nem soaram por meio de homens, mas por meio de anjos, ao nascer Cristo: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens que ele ama”.^[54] O que certamente não soaria na terra pela voz angélica, ao nascer Cristo, se Deus não quisesse que se interpretasse que estão na unidade do corpo de Cristo aqueles que estão na paz de Cristo; mas estão na paz de Cristo os de boa vontade. Com efeito, assim como a boa vontade se encontra na benevolência, assim a vontade má reside na malevolência.

11 Ora bem, a inveja, que não pode ser senão malévola, quanto mal representa! Não procuremos outras testemunhas. Basta-nos o próprio Cipriano, por meio do qual o Senhor ordenou tantas coisas deveras verazes e salutares sobre o ciúme e a inveja. Leiamos, portanto, a carta de Cipriano sobre o ciúme e a inveja e vejamos quão grande mal representa invejar os melhores, mal que, ele ensina, procedeu do diabo. “Ter ciúme”, diz ele, “do bem que vês e invejar os melhores parecem, a alguns, ser pecados leves, irmãos caríssimos”.^[55] Em seguida, um pouco depois, ao investigar a cabeça e a origem deste, ele diz: “Por isso o diabo, logo depois do início do mundo, foi o primeiro tanto a parecer, como a perder os outros”.^[56] E um pouco depois: “Que mal não será, irmãos caríssimos, aquele pelo qual o anjo caiu, pelo qual pôde ser cercada e arruinada sua preclara e sublime dignidade, pelo qual foi enganado aquele que enganou. Como consequência, a inveja grassa na terra enquanto o que vai perecer pela inveja segue o mestre da perdição, enquanto imita o diabo ciumento, como está escrito: ‘Foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo: experimentam-na quantos são de seu partido’”.^[57]

Reconhecemos essas palavras de Cipriano na sua carta conhecida do povo: quão verdadeiras são e enérgicas! Convinha a Cipriano reprovar com firmeza e admoestar a respeito do ciúme e da inveja, visto que comprovou que seu coração manteve-se alheio a tão mortífero mal mediante sua grande caridade. Tendo-a mantido com toda vigilância junto com os seus colegas que opinavam outra coisa, não malevolamente, a respeito do batismo. E nem ele opinava diferente com malévola maldade, mas pensando de outro modo por uma tentação humana sobre o que Deus lhe revelaria depois, quando tivesse por bem, quando fosse de seu agrado,^[58] permaneceu na comunhão da unidade, dizendo abertamente: “A ninguém julgando e nem afastando alguém do direito da comunhão, se pensar diferente. Pois ninguém de nós se constituiu bispo dos bispos nem obrigou seus colegas com temor tirânico à necessidade de obedecer”.^[59]

No final dessa carta, diz: “Nós te escrevemos isto em poucas palavras de acordo com nosso pequeno alcance, ó caríssimo, não dando ordens a ninguém ou prejudgando alguém, de modo que cada um dos bispos faça o que julgar melhor, tendo o livre poder de seu arbítrio. Pelo que respeita a nós, por causa dos hereges, não debatemos com os colegas no episcopado, com os quais mantemos uma harmonia divina, a paz do Senhor, principalmente se também o Apóstolo diz: ‘Se, no entanto, alguém quiser contestar, não temos esse costume tampouco as Igrejas de Deus’”.^[60] Conservamos com paciência e mansidão a caridade espiritual, a honra do colégio episcopal, o vínculo da fé, a concórdia do sacerdócio. Por isso, escrevemos agora este opúsculo de acordo com nosso alcance e a permissão e inspiração do Senhor a respeito do dom da paciência, o qual te enviamos como prova de mútuo afeto”.^[61]

12 Ao tratar dessa obscura questão, ele tolerou com sua caridade paciente os bons colegas que pensavam de modo diferente, mas não malevolamente, assim como também ele foi tolerado até que, com o transcorrer do tempo, o salutar costume fosse confirmado, quando Deus quis, depois de elucidada a verdade por um concílio plenário. Tolerou também os maus manifestos e tão conhecidos por ele, os quais pensavam de modo diferente, não devido à obscuridade da questão, mas procediam com os costumes de uma vida perdida, contra a qual pregavam, como a respeito deles diz o Apóstolo: “Pregais que não se deve furtrar, e furtais”.^[62] A respeito desses tais, ele diz em sua carta aos colegas bispos de seu tempo que se mantinham em comunhão: “Queriam ter dinheiro em abundância, havendo na Igreja irmãos que passavam fome, apropriavam-se de propriedades mediante fraudes, aumentavam seus rendimentos, multiplicando a usura”.^[63] Não há nesse ponto nenhuma questão obscura. A Escritura clama abertamente: “Nem os avarentos nem os ladrões herdarão o Reino de Deus”;^[64] e: “Não empresta dinheiros com usura”;^[65] e: “Nenhum fornicário ou impuro ou avarento – que é uma idolatria – têm herança do Reino de Cristo e de Deus”.^[66]

Ele não acusaria, a não ser que os conhecesse, esses avarentos que não somente se enriquecem com sua avareza, mas se apoderam fraudulentamente do alheio, esses idólatras, como ele mesmo entende, e refuta: nem levantaria um falso testemunho contra seus colegas no episcopado. E, no entanto, com entranhas de paternal e maternal caridade tolerou-os por causa de Cristo, que morreu pelos fracos,^[67] para que, arrancando antes do tempo o joio, não se arrancasse ao mesmo tempo o trigo.^[68] Assim imitou o apóstolo Paulo, que tolerou os malévolos, e os que o invejavam com respeito à Igreja.^[69]

Reconheça-se fora o que é de Cristo, rejeite-se dentro o que é do diabo

13 No entanto, como pela inveja do diabo a morte entrou no mundo e o imitam aqueles que são de seu partido,^[70] não pelo fato de terem sido criados por Deus, mas pelo fato de se terem tornado perversos, como lembra o próprio Cipriano,^[71] e porque o diabo, antes de Cristo, foi um anjo e foi bom, como poderiam estar na unidade de Cristo os que são da parte do diabo? Sem dúvida, como diz o próprio Senhor: “Um inimigo é que fez isto, o qual semeou o joio junto do trigo”.^[72]

Portanto, assim como se há de rechaçar também dentro o que é do diabo, assim também se há de reconhecer fora o que é de Cristo. Porventura, fora da unidade da Igreja, Cristo não tem seu partido, e na unidade da Igreja, o diabo não tem o seu? Talvez se possa dizer a respeito dos homens que Deus não tem alguns dos seus fora da comunhão da Igreja, assim como o diabo não tem algum dos seus entre os santos anjos. Mas a esta Igreja que ainda leva a carne mortal, enquanto peregrina longe do Senhor,^[73] o diabo teve por bem mesclar o joio, ou seja, os homens maus, e lhe foi permitido devido ao aspecto de peregrinação da mesma Igreja para fazer com que o repouso daquela pátria, da qual gozam os santos anjos, seja desejado com mais ardor: mas isto não se pode dizer a respeito dos sacramentos. Pois assim como podem tê-los e administrá-los, não para a salvação, mas para sua ruína, na qual o joio interior é destinado ao fogo, assim também o podem com o joio exterior que receberam dos que se afastaram e eram de dentro. Isso se manifesta, sem dúvida, quando talvez não for restituído aos que se afastam, se retornam alguns deles mesmos que se afastaram.

E ninguém diga: o que o joio tem do trigo? Pois, se isso é assim, tanto dentro como fora, a condição é pelo menos igual nesse sentido. Com efeito, não se encontram grãos de trigo no joio exterior e se encontram nos interiores. Mas quando se faz a pergunta sobre o sacramento, não se pergunta se o joio tem algo de trigo, mas se tem algo do céu. Pois sobre o joio exterior e interior é comum com o trigo a chuva, a qual é celeste e agradável, ainda que ele cresça como estéril pela chuva. Assim também o sacramento evangélico de Cristo é divino e suave e não deve ser reprovado devido à esterilidade daqueles que também recebem a chuva.

14 Alguém pode dizer que o joio interior se transforma facilmente em trigo. Concordo que seja assim, mas o que isso diz respeito à reiteração do batismo? Porventura, se alguém convertido dos hereges, no tempo e facilidade de sua conversão, se antecipar àquele que, dentro, se corrige e se muda mais tarde de sua malícia, não se há de reiterar o batismo, e se há de reiterar àquele que se lhe antepôs e que veio dos hereges, porque se corrige mais tarde? Portanto, em nada diz respeito ao assunto, de que agora se trata, se alguém se converte mais cedo ou mais tarde de sua perversidade para a retidão da fé ou da esperança ou da caridade; embora os maus interiores possam se tornar bons com mais facilidade, no entanto, algumas vezes também dentre os exteriores, alguns se antecipam pela conversão a alguns interiores. E aqueles, permanecendo na esterilidade, reconciliados com a unidade, podem produzir fruto com sua tolerância ou trinta^[74] ou sessenta ou cem por um; ou, se se há de chamar joio somente àquele que continuar no erro maligno até o fim, tanto fora há muito trigo como dentro há muito joio.

15 Mas os maus exteriores são piores do que os maus interiores. É um ponto muito importante, se Nicolau foi pior fora^[75] do que Simão ainda no interior,^[76] porque o primeiro foi um herege e o segundo, um mago. Concordo que seja mais grave a separação, porque é uma demonstração claríssima de caridade violada, é um mal mais grave. Mas muitos, depois de perder a caridade, nem por isso saem, porque estão presos a vantagens mundanas e, buscando seus interesses, não os de Cristo,^[77] não querem afastar-se, não da unidade de Cristo, mas de suas comodidades. Por isso foi dito em louvor à caridade: “Não procura seu próprio interesse”.^[78]

16 Pergunta-se agora como os homens da parte do diabo poderão pertencer à Igreja sem mancha, sem ruga ou algo semelhante,^[79] sobre a qual também foi dito: “Uma só é minha Pomba”;^[80] pois se não podem pertencer à Igreja, fica claro que ela arrulha entre os de fora que lhe armam emboscadas interiormente e ladram exteriormente. No entanto, esses tais de dentro também recebem o batismo e o têm e o administram, mantendo sua santidade por si mesmo, e não é profanado de forma alguma pela maldade dos mesmos, e nessa santidade perseveram até o fim.

Por isso o bem-aventurado Cipriano ensina que o batismo deve ser considerado por si mesmo consagrado pelas palavras evangélicas, como o recebeu a Igreja, sem que se lhe possa acrescentar alguma perversidade ou malícia, seja por parte dos que o recebem, seja dos que o administram. Com efeito, ele nos recorda ambas as coisas: que alguns estiveram dentro não guardando a caridade benévola, mas exercitando-se na inveja e na dissensão malévolas, sobre os quais o Apóstolo falou, e são invejosos da parte do diabo, tal como o atesta pelas suas claríssimas palavras na carta que escreveu sobre o ciúme e a inveja.^[81]

Por isso ficou claro que pode acontecer que, naqueles que são da parte do diabo, o sacramento de Cristo seja santo, não para a salvação, mas para sua condenação, não somente se se perverterem depois de receber o batismo, mas também se esses tais o recebem, como mostrou o mesmo Cipriano, “renunciando ao mundo apenas com palavras, não com atos”. Nem por isso, se depois se corrigirem, não se há de reiterar o que receberam, sendo perversos, pelo que julgo. Consequentemente, assim fica claro e manifesto que nessa questão do batismo não se deve levar em conta quem o administra, mas o que administra, ou quem o recebe, mas o que recebe, ou quem o tem, mas o que tem.

Com efeito, se os homens do partido do diabo e, por isso, de forma alguma pertencentes à única Pomba, podem tanto receber, como ter e como administrar o santo batismo, sem que o profanem pela sua perversidade, tal como nos ensinavam as cartas do mesmo Cipriano, por que vamos atribuir aos hereges o que não é seu? Por que dizemos ser deles o que é de Cristo, e não, antes, que reconhecemos neles os sinais de nosso Imperador e corrigimos seus atos de desertores? Pelo que, como diz o santo Cipriano, uma coisa é “que falem em nome de Cristo aqueles que estão dentro na Igreja, e outra, que aqueles que estão fora e procedem contra a Igreja, e o fazem contra a Igreja, venham a batizar”.

Mas há muitos, que estando dentro, o fazem contra a Igreja, vivendo mal e arrastando os fracos para seu modo de viver, assim como há alguns que estão fora e falam em nome de Cristo e que não são proibidos de fazer as obras de Cristo, mas estão fora, embora os corriamos ou acusemos ou exortemos para que se curem. Pois estava fora aquele que não acompanhava os discípulos e expulsava os demônios em nome de Cristo;^[82] o Senhor advertiu que não o proibissem,^[83] embora deveria ser curado do que estava doente por meio das palavras do Senhor, quando disse: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa”.^[84]

Portanto, tanto fora se fazem algumas coisas em nome de Cristo, não contra a Igreja, como dentro se fazem algumas coisas da parte do diabo contra a Igreja.

17 O que dizer daquilo que é motivo de admiração, ou seja, o que descobriu que pode acontecer aquele que está atento: que alguns, salva a caridade, ensinam algo inútil, tal como Pedro, o qual obrigava os pagãos a se judaizarem,^[85] tal como o próprio Cipriano que batizava novamente os hereges. Por isso a esses bons membros, radicados na caridade, que praticavam não retamente algumas coisas, o Apóstolo diz: “Se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá”.^[86] E além desses, alguns que, sem caridade, ensinam algo salutar, sobre os quais diz o Senhor: “Estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei e observai tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem e não fazem”.^[87] Por isso o Apóstolo diz também a respeito daqueles invejosos e malévolos, os quais, no entanto, anunciavam a salvação cristã: “Ou com segundas intenções ou sinceramente – Cristo é proclamado”.^[88] Por isso tanto dentro como fora é preciso corrigir a perversidade dos homens, mas os divinos sacramentos e palavras não se devem atribuir aos homens.

Desse modo não apoia os hereges aquele que não lhes atribui o que, embora exista entre eles, no entanto, não reconhece como sendo deles. Nós não concedemos o batismo aos hereges, mas reconhecemos em todas as partes em que nos encontramos o batismo daquele, do qual foi dito: “Aquele... é quem batiza”.^[89] Mas o pérfido e o blasfemo, se permanecerem na perfídia e na blasfêmia, não recebem a remissão dos pecados nem fora da Igreja nem dentro da Igreja; ou se recebem por um momento devido à força do sacramento, a mesma força, atuando fora como dentro, tal como a força do nome de Cristo atuava na expulsão dos demônios.

18 Mas vimos que os apóstolos^[90] execravam e detestavam o desvio sacrílego dos hereges em todas as suas cartas, a ponto de dizerem que a palavra deles se alastra como a gangrena. Então? E aqueles que diziam: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”,^[91] porventura, Paulo não manifesta que são corruptores dos bons costumes mediante suas más conversas, acrescentando em seguida: “As más companhias corrompem os bons costumes”?^[92] E, no entanto, indicou que esses estavam dentro, quando diz: “Como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos?”.^[93] Mas quando não detestou os avarentos? Ou alguém pôde dizer com mais veemência do que quando se dizia que a avareza era idolatria, como o mesmo Apóstolo escreveu,^[94] e Cipriano^[95] não entendeu de modo diferente e o inseriu em suas cartas, onde foi necessário? No entanto, ele confessa que em seu tempo eles existiram na Igreja, não quaisquer homens, mas bispos.^[96]

Ainda eu gostaria de entender que também estavam fora aqueles dos quais diz o Apóstolo: “A palavra deles é como gangrena que corrói”;^[97] mas o próprio Cipriano não permite. Pois quando, escrevendo a Antoniano, mostrava que, antes do tempo da última separação de justos e dos iníquos, de forma alguma se pode afastar da unidade da Igreja por causa da mescla dos maus, onde manifesta quão santo ele era e quão digno da celebridade do martírio que mereceu; e diz: “Quão grande é o tumor da arrogância, quão grande é o desprezo da humildade e da mansidão, e quão grande é a jactância de sua arrogância, se alguém se atrever ou crer que pode fazer o que o Senhor não concedeu nem aos apóstolos, ou seja, pensar que pode separar o joio do trigo ou, como se lhe fosse concedido levar a palha e limpar a eira, e empenhar-se em separar da palha o trigo; e quando o Apóstolo diz: ‘Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro’,^[98] parece preferir vasos de ouro e de prata, e desprezar e recusar e condenar os de madeira e de barro; e, no entanto, somente no Dia do Senhor, os vasos de madeira serão queimados pelo fogo do ardor divino, e os de barro serão quebrados por aquele ao qual foi dado o cetro de ferro”.^[99]

Assim, Cipriano, acusando aqueles que, evitando a companhia dos maus, se separaram da unidade, mostrou a grande casa, à qual se referiu o Apóstolo, onde não existiriam somente vasos de ouro e de prata, mas também de madeira e de barro. Mostrou, repito, que interpretou como sendo a Igreja, onde existiriam bons e maus, até que seja purificada no fim como uma eira joeirada.

Se é assim, na mesma Igreja, ou seja, na mesma grande casa, existiam vasos para uso vil, cuja palavra corrói como a gangrena. Pois quando falava a respeito dos mesmos, ensinou assim: “A palavra deles é como a gangrena que corrói, entre os quais se acham Himeneu e Fileto. Eles se desviaram da verdade dizendo que a ressurreição já se realizou; estão pervertendo a fé de vários. Não obstante, o sólido fundamento colocado por Deus permanece, marcado pelo selo desta palavra: o Senhor conhece os que lhe pertencem. E ainda: aparte-se da injustiça todo aquele que

pronuncia o nome do Senhor. Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata, há também de madeira e de barro”.^[100]

Portanto, se também esses, cuja palavra corrói como a gangrena, eram como vasos para uso vil na grande casa que Cipriano interpretou como a unidade da Igreja, por acaso a gangrena deles profanou o batismo de Cristo? Assim, nem de fora nem de dentro, ninguém, que seja da parte do diabo, pode manchar em si ou em outro o sacramento que é de Cristo.^[101] Não outorga certamente a remissão dos pecados a palavra que se alastra como a gangrena aos ouvidos dos que o escutam; mas como o batismo é administrado com palavras evangélicas, seja qual for a perversidade com que se estenda aquele pelo qual é administrado ou aquele a quem é administrado, é santo por si mesmo devido àquele de quem ele é. E se alguém, recebendo-o por meio de um homem perverso, não participa da perversidade do ministro, mas apenas da santidade do mistério, unido pela boa fé, pela esperança e pela caridade à unidade da Igreja, recebe a remissão dos pecados, não mediante palavras que corroem como a gangrena,^[102] mas pelos sacramentos evangélicos que manam da fonte celeste. Mas se aquele que recebe é mau, não será útil para a salvação ao mau o que é administrado, e, no entanto, permanece nele como santo o que é recebido e nem deverá ser reiterado se se corrigir.

Luz e trevas não se comunicam, nem dentro nem fora

19 Não há “afinidade alguma entre a justiça e a iniquidade”,^[103] não somente com a de fora, mas também com a de dentro. Pois “o Senhor conhece os que lhe pertencem”. E ainda: “Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor”.^[104] Não há também nenhuma “comunhão entre a luz e as trevas”,^[105] não somente entre as que estão fora, como também entre as que estão dentro. Pois diz João: “O que odeia seu irmão ainda está nas trevas até agora”.^[106] E certamente odiavam a Paulo aqueles que, anunciando a Cristo, levados pela inveja e a maledicência, julgavam que estavam provocando tribulação a suas cadeias,^[107] os quais Cipriano interpretou que estavam dentro.

Portanto, como as trevas não podem iluminar ou a iniquidade justificar,^[108] como ele mesmo diz, pergunto por que esses hão de poder batizar dentro da Igreja; pergunto por que esses vasos, não para uso nobre, mas para uso vil, que a grande casa possui, hão de poder dentro da mesma grande casa administrar o que é santo aos homens que devem ser santificados, a não ser por que a santidade do sacramento não pode ser maculada pelos impuros, seja quando é administrado por meio deles, seja quando é recebido por aqueles que, pelo coração e pela vida, não se mudam para melhor. Ele mesmo diz a respeito desses que estão dentro: que renunciam ao mundo apenas com palavras, não com atos.

20 Há inimigos de Deus também dentro, de cujos corações o espírito do anticristo se apoderou; e, no entanto, administram coisas espirituais e divinas,^[109] as quais não lhes podem ser úteis para a salvação, enquanto são tais; nem eles podem manchá-las com sua impureza. O que ele diz: “Nada aproveita em ordem à Igreja de Cristo, são chamados adversários do próprio Cristo e anticristos pelos apóstolos”.^[110] Deve-se entender no sentido de que tanto fora como dentro se encontram esses tais; no entanto, Deus, assim como os homens, conhece em alguns a separação daqueles que estão dentro com relação à perfeição e à unidade da Pomba. Vendo claramente sua péssima vida e confirmada maldade e comparando-as com as regras dos preceitos divinos, percebem a quanto joio e palha, estabelecidos seja fora ou dentro, mas que deverão ser separados no fim, o Senhor dirá: “Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”,^[111] e: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos”.^[112]

21 Mas a respeito de ninguém se há de perder a esperança de conversão, seja de fora ou de dentro, visto que a paciência de Deus o convida à penitência,^[113] e visita com vara os seus crimes e seus pecados com flagelos. Desse modo não afasta dele sua misericórdia,^[114] se também eles tiverem piedade de sua alma, procurando agradar a Deus.^[115] Pois assim como o justo que perseverar até o fim será salvo,^[116] assim também aquele, ou de fora ou de dentro, que perseverar como mau até o fim não será salvo. E nós dizemos: “Alcançam a graça do batismo em qualquer parte e de qualquer modo,^[117] se se entende por graça do batismo a salvação que é conferida pela celebração do sacramento; mas muitos, nem de dentro, alcançam essa salvação, ainda que seja manifesto que receberam o sacramento que por si mesmo é santo. Com razão, pois, o Senhor nos admoesta no Evangelho para não consentirmos com os que aconselham o mal^[118] e andam sob o nome de Cristo. Estes são vistos tanto dentro como fora, porque não vão para fora, se antes não forem maus dentro; e o Apóstolo falava certamente dos vasos da grande casa: “Aquele, pois, que se purificar desses erros será um vaso nobre, santificado, útil ao seu possuidor, preparado para toda boa obra”.^[119] Um pouco acima mostrou como se deve purificar desses erros, ao dizer: “Aparte-se da injustiça todo aquele que pronuncia o nome do Senhor”,^[120] para não ouvir no fim junto com a palha, seja a que voou antes da eira, seja a que será separada por último: “Afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”.^[121]

“Por isso”, como diz Cipriano, “fica claro que não se deve aceitar e admitir o que por jactância se diz em nome de Cristo, mas o que se pratica na verdade de Cristo”.^[122] Mas não diz respeito à verdade de Cristo apropriar-se de propriedades mediante fraudes insidiosas, aumentar os rendimentos, multiplicando a usura,^[123] renunciar ao mundo apenas com palavras.^[124] Ele é testemunha bastante idônea para testemunhar que tudo isso se pratica também dentro.

22 Ele prossegue, dizendo com muitas palavras que não podem ser batizados em nome de Cristo aqueles que blasfemam contra o Pai de Cristo,^[125] visto ser manifesto que os donatistas blasfemam, pois não é aquele que se aproximou do batismo de Cristo que blasfema abertamente contra o Pai de Cristo, mas é convencido de blasfemar aquele que pensa a respeito do Pai de Cristo coisa diferente do que a verdade ensina. Já mostramos sobejamente que não tem relação com o batismo, que é consagrado por palavras evangélicas, o erro ou do que o administra ou do que o recebe, ou opina sobre o Pai e o Filho e o Espírito Santo não de acordo com o que a doutrina celeste ensina. Com efeito, muitos carnais e animais são batizados mesmo dentro, conforme o diz abertamente o Apóstolo: “O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito de Deus”,^[126] e, uma vez tendo recebido o batismo, ele diz que ainda são animais.^[127] Mas de acordo com o sentido carnal, a alma entregue aos sentidos corporais não pode menos que pensar segundo a carne a respeito de Deus.

Por isso muitos, progredindo depois do batismo, principalmente os que foram batizados na infância ou na puerícia, quanto mais serena e se ilumina seu entendimento, enquanto o homem exterior se renova de dia a dia,^[128] renunciam, rindo, detestando, confessando suas primeiras opiniões que alimentavam sobre Deus, quando seu pensar estava submetido às suas fantasias; contudo, não julgam que receberam o batismo ou dizem ter recebido tal batismo, como foi o erro deles, mas neles tanto a antiguidade do sacramento é honrada e a vaidade da mente é corrigida, ainda que esta se tenha calejado, fortalecida e protegida talvez com muitas lutas.

Por essa razão, mesmo o herege, que evidentemente está fora, recebeu na heresia o batismo evangélico, certamente não recebeu o batismo conforme o erro que o cegava. E por isso se, caindo em si, achar que deve abandonar o que tivera com más disposições, não há de abandonar por isso o bem que recebera; não é pelo fato de seu erro merecer reprovação que o batismo de Cristo fica anulado.

Com efeito, naqueles que são batizados dentro com opiniões falsas sobre Deus, é muito claro que é preciso distinguir a verdade do sacramento do erro de crença indevida, ainda que ambos possam ser encontrados num único homem. Assim, quando alguém é vítima de algum erro também fora, e foi batizado com o sacramento, quando voltar à unidade da Igreja, assim como a verdade sucedeu à fé falsa, o verdadeiro batismo não pode suceder ao verdadeiro batismo, pois o mesmo batismo não pode suceder a si mesmo, visto que não pode extinguir-se. Portanto, para isso os hereges vêm para a Igreja católica, ou seja, para se corrigirem de seu mal, não para reiterar o que é um dom de Deus.

23 Alguém pode dizer: “Portanto, não há diferença se dois estiverem no mesmo erro e na mesma malícia, sem mudar de vida e de coração, e um deles é batizado fora e outro, dentro?”. Confesso que há diferença. Pois é pior aquele que é batizado fora, não pelo fato de ser batizado, mas porque está fora, pois ele é da divisão, o que não é um pequeno mal. Contudo, se aquele que é batizado dentro preferiu estar dentro, não levado por alguma vantagem terrena ou temporal, mas porque preferiu a unidade da Igreja difundida pelo mundo inteiro à fragmentação dos cismas, de outra sorte ele também seria considerado entre aqueles que estão fora.

Suponhamos dois quaisquer deste modo: por exemplo, um deles pensa a respeito de Cristo o que Fotino opinava, e é batizado em sua heresia fora da comunhão da Igreja católica; o outro pensa a mesma coisa, mas é batizado na católica, julgando que esta é a fé católica. Mesmo assim, não considero que o primeiro seja herege, a não ser que queira recusar a doutrina da fé católica que lhe foi transmitida e preferir o que professara. Antes que isso aconteça, é claro que o primeiro está fora e é o pior. Assim, no último, é preciso corrigir sua opinião falsa, e no primeiro, a divisão, mas em nenhum dos dois se deve repetir a verdade do sacramento.

Se acontecer que alguém chegue a pensar o mesmo que eles e sabe que é uma heresia separada da unidade católica, onde isso se ensina e se aprende, mas quiser ser batizado na unidade católica, levado por alguma vantagem mundana ou, nela batizado, não quiser sair da mesma por esse motivo, não somente deve ser considerado separado, mas também tanto mais criminoso, quanto mais junta ao erro da heresia e da divisão da unidade a fraude da simulação.

Por essa razão, a maldade de qualquer pessoa, quanto mais perigosa e perversa, com tanto mais empenho e dedicação deve ser corrigida. No entanto, se algo de bom, principalmente não seu, mas de Deus, devido à sua maldade ou não se há de considerar inexistente, ou não se há de recriminar do mesmo modo ou se há de atribuir à sua maldade e não à liberalidade de Deus. Aquele que também deu à alma fornicaria e que corre atrás de seus amantes, seu pão, seu vinho e seu óleo e outras coisas, alimentos ou adornos, os quais não são dele, nem procederam de seus amantes,^[129] mas daquele que, compadecendo-se dele, quis em todas as partes adverti-lo sobre para quem devia voltar.

“Fora da Igreja não há salvação”

24 Diz Cipriano: “Porventura, o direito do batismo pode ser maior ou mais forte do que a confissão, do que o martírio, a ponto de alguém confessar a Cristo diante dos homens e ser batizado com seu sangue? E, no entanto, nem esse batismo aproveita ao herege, se for morto fora da Igreja, embora tenha confessado a Cristo?”^[130] Essa é uma grande verdade. Pois, tendo morrido fora da Igreja, mostrou que não tinha caridade, sobre a qual diz o Apóstolo: “Ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse caridade, isso de nada me adiantaria”.^[131] Se é justamente porque falta a caridade, o martírio de nada adianta, nem é útil para aqueles que viviam dentro com inveja e malevolência, sem caridade, de acordo com o Apóstolo, e Cipriano explica que, no entanto, podem tanto receber como administrar o verdadeiro batismo.^[132]

“Fora da Igreja não há salvação,” afirma Cipriano.^[133] Quem nega? E por isso, tudo o que tiverem do que tem a Igreja fora da Igreja não tem valor para a salvação. Mas uma coisa é não ter e outra, ser proveitoso. Aquele que não tem deve ser batizado para que tenha: mas o que tem, mas não é útil, deve ser corrigido. A água do batismo dos hereges não é adúltera,^[134] porque não é má nem sequer a criatura que Deus criou, nem devem ser censuradas as palavras evangélicas em alguns que andam errados, mas sem o erro daqueles nos quais a alma é adúltera, ainda que tenha o ornamento pelo seu legítimo esposo.

Portanto, o batismo pode ser comum a nós e aos hereges,^[135] com os quais mesmo o Evangelho pode ser comum, embora o erro dos mesmos seja distante de nossa fé, ou porque pensam de modo diferente a respeito do Pai e do Filho e do Espírito Santo, do que apresenta a verdade, ou porque, separados da unidade, não recolhem com Cristo, mas dispersam.^[136] é possível também, se formos trigo do Senhor, que o sacramento do batismo seja comum, dentro, a nós e aos aventos, os ladrões, os beberrões e semelhantes desviados, dos quais se diz: “Não herdarão o Reino de Deus”,^[137] no entanto, não são comuns os vícios pelos quais estão separados do Reino de Deus.

25 Não somente dos hereges diz o Apóstolo: “Os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus”.^[138] Não seja causa de um pouco de aborrecimento lembrar o que ele enumera na mesma passagem: “Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos previno, como já vos preveni: os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus”.^[139]

Imaginemos um herege casto, continente, não avarento, não idólatra, hospitaleiro, amante dos pobres, não inimigo de alguém, não litigioso, paciente, tranquilo, não competidor, não invejoso de ninguém, sóbrio, frugal; certamente, ninguém achará que ele não herdará o Reino de Deus, somente pelo fato de ser herege. Imaginemos outro que seja católico, mas é fornicário, impuro, luxurioso, avarento ou claramente idólatra, feiticeiro, inclinado à discórdia, litigioso, dado à rivalidade, obstinado, sedicioso, invejoso, beberrão, comilão; porventura, somente por ser católico, herdará o Reino de Deus praticando as obras sobre as quais diz o Apóstolo: “Eu vos previno, como já vos preveni: os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus?”^[140]

Se dissermos isso, nós mesmos nos enganamos,^[141] pois a Palavra de Deus não se cala, não poupa nem nos engana com adulação alguma. Por isso, diz também em outra passagem: “Pois é bom que saibais que nenhum fornicário, impuro ou avarento – que é idolatria – tem herança no Reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com palavras vãs”.^[142] Pelo que não há motivo para nos queixarmos da Palavra de Deus. Ela diz em sentido absoluto, aberta e claramente que aqueles que levam uma vida má não pertencem ao Reino de Deus.^[143]

26 Portanto, não adulemos o católico cercado por todos esses vícios, e, porque é cristão católico, não nos atrevamos a prometer-lhe a impunidade que a divina Escritura não promete. Se não tiver nenhum desses vícios, que foram citados, devemos prometer-lhe a companhia da pátria celeste. Com efeito, o Apóstolo enumera vícios em particular, nos quais se subentende que não herdarão o Reino de Deus. Diz ele: “Não vos iludais! Nem os impudicos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os injuriosos herdarão o Reino de Deus”.^[144] Ele não diz: “Quem tiver todos os vícios ao mesmo tempo não herdará o Reino de Deus”, mas “nem estes nem aqueles”, de modo que, em cada um, se subentende que nenhum deles possuirá o Reino de Deus. Portanto, assim como os hereges não herdarão o Reino de Deus, assim também os avarentos não possuirão o Reino de Deus.

E não se há de duvidar que os mesmos castigos, com os quais serão atormentados os que não herdarão o Reino de Deus, serão diferentes de acordo com a variedade de vícios, uns mais terríveis que outros, de modo que no próprio fogo eterno são diferentes os tormentos dos castigos, de acordo com os diferentes pesos dos pecados. Com efeito, o Senhor não diz em vão: “Será mais suportável para a terra de Sodoma do que para vós”.^[145]

No entanto, para não herdar o Reino de Deus, vale tanto que escolhas o mais suave dentre eles, como muitos ou um que consideres mais grave. E porque possuirão o Reino de Deus aqueles que o Juiz colocar à direita, e aqueles que não foram colocados à direita, não hão de merecer outra coisa, senão o que permanecerá à esquerda, não restará outra voz, senão a que os cabritos possam escutar da boca do pastor: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos”,^[146] embora daquele fogo, como eu disse, possam ser distribuídos diferentes suplícios de acordo com a diversidade de crimes.

27 Ao antepor um católico com péssimos costumes a algum herege, em cuja vida, além do fato de ser herege, as pessoas não encontram o que censurar, não me atrevo a dar uma opinião apressada. Mas se alguém disser: “Aquele que é herege não pode ser somente herege, sem que venham em consequência outros crimes, pois ele é carnal e animal e, por isso, necessariamente será dado à rivalidade e será iracundo, invejoso e inimigo da verdade, da qual dissente”, perceba que, dentre aqueles males, se escolher somente um que seja menos grave, não pode existir nele somente este, pelo fato de ser carnal e animal. Por exemplo, a embriaguês, que as pessoas têm o costume não somente de mencionar com horror, mas também de citar com hilaridade, por acaso poderá estar sozinha naquele no qual estiver? Com efeito, qual o beerrão que não seja também litigioso, iracundo, invejoso, contrariante à sanidade de seus preceptores e inimigo dos que o censuram com seriedade? Por outro lado, é difícil que não seja fornicário e adúltero.

No entanto, pode não ser herege, assim como o herege pode não ser beerrão, nem adúltero, nem fornicário, nem luxurioso ou apegado ao dinheiro ou feiticeiro, e pode não ser tudo isso ao mesmo tempo. Pois um vício não é acompanhado de todos os outros.

Portanto, apresentadas as duas pessoas – uma católica com todos esses vícios, a outra, herege, sem os vícios, que podem não estar no herege –, ainda que nenhuma das duas ataque a fé, no entanto, ambas vivem contra a fé, ambas se deixam enganar por uma vã esperança, e ambas dissentem da verdade espiritual e, por isso, ambas estão fora do corpo da única Pomba.^[147] Por que reconhecemos em uma delas o sacramento de Cristo e na outra, nos recusamos, como se o sacramento fosse desta ou daquela, se em ambas o sacramento é o mesmo e não é senão de Deus, embora o bem antigo esteja em pessoas depravadas? Se das pessoas que o têm, uma é pior que a outra, o que elas têm não é pior numa com relação à outra. Nem entre dois maus católicos – se um é pior que o outro – há um com um batismo pior – mesmo que um seja bom e o outro, mau –, de modo que no mau, o batismo é mau, e na boa pessoa, bom; mas em ambos é bom.^[148] Assim também é com a luz do sol ou de uma lamparina: ela não é pior aos olhos piores do que aos melhores, mas é a mesma em ambos, ainda que as ilumine ou incomode de modo diverso de acordo com a diversidade dos olhos.

28 O que opunham a Cipriano a respeito dos catecúmenos, ou seja, que presos para o martírio e mortos pelo nome de Cristo eram coroados sem ter recebido o batismo, não percebo bem o que tem a ver com o assunto, a não ser, talvez, porque diziam que os hereges podiam ser admitidos no Reino de Cristo, com o seu batismo, com mais facilidade do que eram admitidos os catecúmenos, pois Cristo disse: “Quem não nasce da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”.^[149]

Nessa questão, não duvido em antepor o catecúmeno católico, inflamado de caridade divina, ao herege batizado. Mas mesmo dentro da católica antepomos o bom catecúmeno ao mau batizado, visto que aquele já recebeu e este não; não ofendemos o sacramento do batismo ou consideramos que o sacramento do catecúmeno se deve antepor ao sacramento do batismo pelo fato de conhecermos algum catecúmeno mais fiel e melhor do que algum batizado. Com efeito, centurião Cornélio, ainda não batizado, é melhor que Simão já batizado. O primeiro ficou repleto do Espírito Santo antes do batismo; o segundo ficou inchado pelo espírito imundo depois do batismo.^[150] No entanto, se Cornélio, tendo recebido o Espírito Santo, não tivesse querido ser batizado, tornar-se-ia réu por ter desprezado tão sublime sacramento. Mas como foi batizado, o sacramento não é certamente melhor do que o recebido por Simão, mas os diferentes méritos de ambos foram diferentes, sendo igual a santidade do mesmo sacramento.

Assim, não aumenta ou diminui a santidade do batismo ou o bom ou o mau mérito do homem. Mas assim como falta ao catecúmeno o batismo, para alcançar o Reino dos Céus, assim também falta a conversão ao mau batizado. Pois aquele que disse: “Quem não nasce da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”,^[151] disse também: “Se vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus”.^[152] Com efeito, para que a justiça do catecúmeno não fosse garantida, foi dito: “Quem não nasce da água e do Espírito não pode entrar no Reino dos Céus”. Por outro lado, para que, tendo recebido o batismo, não seja garantida a iniquidade, foi dito: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus”. Um sem o outro é pouco; ambos tornam herdeiro daquela possessão.

Portanto, não devemos reprová-la justiça que começou antes de a pessoa se unir à Igreja; a justiça de Cornélio começara a existir antes de ele pertencer ao povo cristão. Se merecesse ser reprovado, o anjo não lhe teria dito: “Tua oração foi ouvida e tuas esmolas foram remuneradas diante de Deus”,^[153] nem teria sido suficiente para alcançar o Reino dos Céus que recebesse o aviso para enviar a Pedro. Também não se há de reprová-lo sacramento evangélico do batismo, mesmo recebido fora da Igreja. No entanto, ele não é útil para a salvação, a não ser para aquele que tem a integridade do batismo, uma vez corrigido de seu desvio e incorporado à Igreja; assim corrija o erro dos hereges para reconhecermos neles o que não é deles, mas de Cristo.

29 O mesmo bem-aventurado Cipriano apresenta um não fraco testemunho no sentido de afirmar que às vezes o martírio supre o batismo, ao falar daquele ladrão, ^[154] ao qual, não batizado, ^[155] foi dito: “Hoje estarás comigo no paraíso”. ^[156] Eu também, considerando esse fato uma e outra vez, percebo que não somente o martírio em nome de Cristo pode suprir o batismo que faltava, mas também a fé e a conversão do coração, se, por acaso, pela urgência de tempo, não se pode acudir à celebração do batismo.

Com efeito, aquele ladrão não foi crucificado pelo nome de Cristo, mas devido aos merecimentos de seus crimes, nem padecia porque acreditou, mas acreditou enquanto padecia. Assim, ficou manifesto naquele ladrão quanto vale, sem o sacramento visível do batismo, o que diz o Apóstolo: “Quem crê de coração obtém a justiça e quem confessa com a boca, a salvação”. ^[157] Mas isso se realiza de modo invisível quando não o desprezo pela religião, mas a circunstância de uma necessidade impede o ministério do batismo. Pois em Cornélio e em seus amigos, mais do que no ladrão, se podia ver que seria supérfluo que também fossem molhados pela água aqueles nos quais já era evidente o dom do Espírito Santo, o qual a santa Escritura atesta que outros receberam, mas batizados, com o sinal próprio que naqueles tempos era conveniente, ao falarem em línguas. No entanto, foram batizados, e nesse fato há a garantia da autoridade apostólica.

Ninguém – no caso do progresso do homem interior –, se antes do batismo progrediu com o coração piedoso até o conhecimento espiritual, deve chegar ao ponto de desprezar o sacramento que é administrado corporalmente pela atuação dos ministros; pois por meio dele Deus realiza espiritualmente a consagração do homem. Julgo que não houve outro motivo para que o ofício de batizar fosse confiado a João, de tal modo que se denominava batismo de João, senão porque o próprio Senhor, que lho dera, como não havia desprezado receber o batismo de um servo, ^[158] consagrasse o caminho da humildade; e esse fato manifestava quanto se devia estimar seu batismo, com o qual ele batizava. Com efeito, via, como um médico muito competente da saúde eterna, que não faltaria o tumor de alguns que, quando tivessem de tal modo progredido pelo conhecimento da verdade e pelos costumes louváveis, não duvidariam em se antepor pela vida e pelos costumes a muitos batizados; pensariam ser supérfluo serem batizados, quando percebessem terem chegado ao estado de alma ao qual muitos batizados se empenhavam em ainda atingir.

30 É difícil dizer quanto vale e como age no homem a santificação oferecida pelo sacramento, da qual, no entanto, aquele ladrão não ficou privado por ter lhe faltado a vontade de recebê-lo, pois não esteve ausente a necessidade de o receber. No entanto, se não tivesse tanto valor o Senhor, não teria recebido de um servo o seu batismo.

Mas porque é preciso considerá-la em si mesma, sem ter em conta a salvação do homem em favor do qual é dirigida para seu aperfeiçoamento, indica muito bem que é íntegra nos maus e naqueles que renunciam ao mundo apenas com palavras, não com ações, visto que esses não podem conseguir a salvação, se não se corrigirem. Mas assim como no ladrão, porque quanto ao corpo lhe faltou o batismo devido às circunstâncias, realizou-se a salvação perfeita, porque a santificação lhe esteve presente espiritualmente pela piedade, assim também, como ela está presente, tem lugar a salvação, se devido às circunstâncias lhe falta o batismo, o qual faltou ao ladrão.

É o que a universalidade da Igreja mantém por tradição, quando são batizadas as crianças, que certamente ainda não podem crer com o coração em ordem à justiça e confessar com os lábios em ordem à salvação.^[159] O que o ladrão pôde, sem chorar e vagir, quando nelas se celebra o mistério, interrompem as palavras sagradas; e, no entanto, nenhum cristão disse que são batizadas em vão.^[160]

31 E se alguém exige a autoridade divina no tocante a esse assunto, o que toda a Igreja aceita – e não foi determinado por concílios, mas sempre foi adotado – é que, com razão, não foi transmitido, senão pela autoridade apostólica. No entanto, podemos conjeturar com veracidade sobre o que vale o sacramento do batismo nas crianças pela circuncisão na carne, que o povo antigo recebeu,^[161] visto que, antes de recebê-la, Abraão foi justificado,^[162] assim como Cornélio foi enriquecido com o dom do Espírito Santo antes de ser batizado.

No entanto, diz o Apóstolo a respeito de Abraão: “E recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé”,^[163] porque já acreditara em seu coração e lhe foi levado em conta de justiça.^[164] Por que então lhe foi ordenado que dali em diante fosse circuncidada, no oitavo dia, toda criança do sexo masculino,^[165] a qual ainda não podia crer no coração para lhe ser levado em conta de justiça, senão porque o sacramento tinha valor por si mesmo? O que foi manifestado pelo anjo ao filho de Moisés, que, ainda incircunciso, era levado por sua mãe e foi forçado, num perigo iminente e imediato, a ser circuncidado,^[166] e, depois que foi circuncidado, desapareceu o perigo de morte.

Portanto, assim como em Abraão precedeu a justiça da fé e aconteceu a circuncisão como sinal da justiça da fé, assim também em Cornélio precedeu a santificação espiritual no dom do Espírito Santo e aconteceu a santificação espiritual no dom do Espírito Santo, e veio depois o sacramento da regeneração no banho do batismo. E assim como em Isaac, que foi circuncidado no oitavo dia de seu nascimento, precedeu o sinal da justiça da fé e, porque imitou a fé de seu pai, veio em consequência a própria justiça, cujo sinal precedera na criança, assim nas crianças batizadas precede o sacramento da regeneração e, se mantiverem a piedade cristã, sobrevirá também a conversão em seu coração, cujo mistério precedeu no corpo. E assim como no ladrão, o que faltava do sacramento do batismo, porque faltou não por soberba, mas por necessidade, assim nas crianças que morrem batizadas, supre a mesma graça do Todo-poderoso, conforme se crê, porque, não por uma vontade ímpia, mas pela falta de idade, não podem crer com o coração para obter a justiça nem confessar com os lábios em ordem à salvação.^[167] Por isso, como outros respondem por elas, para se realizar a celebração em favor delas, tem valor para a consagração das mesmas, porque elas não podem responder. E se outro responde em lugar daquele que pode responder, não tem valor. De acordo com essa regra, foi dito no Evangelho o que a todos comove, quando é lido com simplicidade: “Ele tem idade; ele mesmo explicará”.^[168]

32 Tudo isso mostra que uma coisa é o sacramento do batismo, e outra, a conversão do coração, mas que a salvação do homem se completa com ambos. Se faltar um deles, nem por isso devemos pensar que seja conseqüente que falte também o outro, porque o batismo pode existir sem a conversão na criança, e esta pôde existir no ladrão sem aquele, completando Deus, seja naquela seja neste, o que faltara não voluntariamente; mas quando faltar um dos dois voluntariamente, o homem é envolvido pela culpa. E o batismo certamente pode existir onde faltar a conversão do coração; já a conversão do coração pode existir, não recebendo o batismo, mas não pode, quando se despreza o sacramento. Pois não se pode dizer de modo algum que há conversão do coração a Deus, quando se despreza o sacramento de Deus.

Portanto, com razão censuramos, anatematizamos, detestamos, abominamos a perversidade dos hereges; no entanto, não deixam de ter o sacramento evangélico aqueles que não têm o que o torna útil. Por isso, quando se aproximam da fé e da verdade e imploram a remissão dos pecados, fazendo penitência,^[169] não os decepcionamos, nem os enganamos, ao encaminhá-los com disciplina celeste para o Reino dos Céus, uma vez corrigidos e reformados por nós no que os tornava depravados e inidôneos para o Reino dos Céus. Assim, o que neles era sadio não profanemos de forma alguma, nem por causa do vício do homem; nem digamos que não há neles algo de Deus nem que seja vicioso o que neles há de Deus.

Conclusão deste livro

33 Já resta pouco da carta a Jubaiano. Mas porque nela se fala também tanto do costume antigo da Igreja, como do batismo de João, o qual costuma levantar uma não pequena questão para as pessoas que prestam pouca atenção ao assunto tão claro – ou seja, o fato de o Apóstolo ter ordenado que fossem batizados em Cristo aqueles que receberam o batismo de João –, ^[170] esses assuntos, que não podem ser tratados com pouca profundidade, devem ser adiados para outro livro, para que a extensão deste não seja imoderada.

Final da carta a Jubaiano e as cartas a Quinto, aos bispos númidas e a Pompeu

1 Servimo-nos de Cipriano como testemunha para afirmar que é mantido agora o costume da Igreja católica, ou seja, que não sejam batizados os que procedem dos hereges ou cismáticos, se já receberam o batismo consagrado pelas palavras evangélicas. Pois ele se propôs a questão, tomando-a dos lábios dos irmãos que buscavam a verdade ou lutavam pela verdade. Com efeito, entre as suas exposições, com as quais queria mostrar que os hereges deviam ser rebatizados, sobre as quais dissertamos oportuna e sobejamente nos livros anteriores, ele diz: “Mas alguém diz: o que se fará daqueles que tendo vindo, no passado, da heresia para a Igreja, foram admitidos sem o batismo?”^[1]

Nesse ponto, ele pôs a pique totalmente a causa dos donatistas,^[2] com os quais estivemos em conflito sobre essa questão. Pois se de fato não tinham o batismo os que, vindo dos hereges, eram assim recebidos e seus pecados estavam sobre eles,^[3] quando eram admitidos à comunhão com os tais ou por aqueles que existiam antes de Cipriano ou pelo próprio Cipriano, é necessário que se diga uma das duas coisas: ou que a Igreja já perecera, manchada pela comunhão com eles, ou que não prejudicaram, a quem permaneceu na unidade, os pecados alheios, mesmo os conhecidos. Mas não podem dizer o primeiro, que a Igreja pereceu então pelo contágio da comunhão com aqueles que, conforme diz Cipriano, foram nela admitidos sem o batismo. Aliás, não poderão defender sua origem, se a Igreja então havia perecido, porque eram passados mais de quarenta anos entre o martírio de Cipriano^[4] e a queima dos livros divinos,^[5] quando esses descobriram a fumaça de suas calúnias, gloriando-se da ocasião para realizar o cisma, assim como o declara a lista dos cônsules. Resta-lhes que confessem que a unidade de Cristo não se contaminava com essa comunhão com os maus, mesmo conhecidos.

Quando confessarem, não encontrarão a causa pela qual, conforme afirmam, deviam separar-se das Igrejas difundidas pelo orbe, as quais, conforme lemos, foram estabelecidas pelos apóstolos, visto que elas não puderam perecer devido à mescla com alguns maus; elas não pereceriam, se tivessem permanecido na unidade com os maus; pereceram, separando-se deles e rompendo o vínculo da paz no cisma.

O sacrilégio do cisma se destaca com toda a evidência, ao não haver motivo algum para a separação. Mas não se percebe motivo algum para a separação, se os maus, mesmo os conhecidos, não contaminam os bons na unidade. Mas é precisamente isso que ensinamos. Ou seja, que os bons não se mancham pelos maus, mesmo os conhecidos, conforme atesta Cipriano, o qual afirma que os vindos da heresia no passado para a Igreja foram admitidos sem o batismo; se os nefandos sacrilégios, que pesavam sobre eles – porque não tinham sido privados do batismo – não foram capazes de poluir e pôr a perder a santidade da Igreja, ela não pode perecer por contágio algum com os maus. Por essa razão, se concordam que Cipriano disse a verdade, por essa testemunha, são convencidos do crime de cisma; se afirmam que

Cipriano disse alguma falsidade, não se apoiem nessa testemunha na questão do batismo.

2 Continuemos a conversa que começamos a entabular com o bem-aventurado Cipriano, homem pacífico. Porque ele havia apresentado o que os irmãos diziam e o sabiam, ou seja: “O que se fará daqueles que tendo vindo, no passado, da heresia para a Igreja, foram admitidos sem o batismo?”, ele responde: “O Senhor é poderoso para dar o perdão pela sua misericórdia e não separar dos benefícios de sua Igreja aqueles que, admitidos simplesmente, faleceram na Igreja”.^[6]

Presumiu, e corretamente, que a caridade da unidade poderia cobrir a multidão de pecados. Se tinham o batismo, e este não era devidamente considerado por aqueles que, conforme se pensava, deviam ser rebatizados, a caridade da unidade cobriria o que estava errado,^[7] visto que não existia a diabólica separação, mas uma tentação humana, até que o Senhor lhes revelasse, conforme diz o Apóstolo, se pensavam algo diferente.^[8] E por isso, aí daqueles que, afastados da unidade pela sacrílega divisão, se existe o batismo tanto entre nós como entre eles, no entanto, rebatizam; mas se somente se encontra na católica, não batizam. Portanto, ou rebatizem ou não batizem, não pertencem ao vínculo da paz, em que se pode aplicar o remédio a qualquer ferimento que apresentem.

Se admitimos na Igreja sem o batismo, estamos no número daqueles que, conforme presumiu Cipriano, podem ser perdoados devido à manutenção da verdade. Mas se – conforme julgo, ficou claro pelo que dissemos nos livros anteriores – a integridade do batismo cristão pode existir no desvio dos hereges, se aqueles que rebatizavam naquele tempo não se afastaram, no entanto, do corpo da unidade, puderam obter o perdão pelo amor à paz, pela qual Cipriano atesta que não podem ser separados dos benefícios da Igreja, mesmo que admitidos sem o batismo.

Por outro lado, se é verdade que entre os hereges ou cismáticos não há o batismo de Cristo, quanto menos os pecados alheios teriam prejudicado os estabelecidos na unidade, se, ao virem para a unidade e serem admitidos sem o batismo, eram-lhes perdoados também os próprios! Pois se, conforme atesta Cipriano, é tão grande o valor do vínculo da unidade, como poderiam ser feridos pelos pecados alheios aqueles que não queriam afastar-se da unidade, não pereceriam pelos pecados próprios também os não batizados que queriam pertencer-lhe ao virem da heresia.

3 Cipriano acrescenta e diz: “Não é pelo fato de se ter errado uma vez que sempre se há de errar, se aos mais sábios e mais tementes a Deus convém mais seguir de bom grado a verdade manifesta e conhecida do que lutar com pertinácia e obstinação contra os irmãos e cossacerdotes em favor dos hereges”;^[9] ele o disse com toda verdade e não se inimiga com outro antes que consiga o mesmo aquele que resiste abertamente à verdade.^[10] Mas pelas muitas vezes que já o dissemos, conforme penso, fica bem claro e é certo que o batismo de Cristo pode ser profanado pela perversidade dos hereges, quando é administrado ou recebido entre eles. Mas se ainda não é certo, pelo menos deve pensar que confessa que é duvidoso aquele que refletir, mesmo de má vontade, sobre o que foi dito.

Portanto, não resistimos abertamente à verdade, mas ou lutamos pela verdade manifesta, como penso, ou certamente ainda investigamos a verdade, como podem pensar aqueles que julgam não estar ainda resolvida essa questão. E, por isso, se a verdade é diferente do que dizemos, recebemos os batizados pelos hereges com a mesma naturalidade com que os recebiam aqueles que Cipriano presumiu que recebiam o perdão por causa da unidade. Mas se o batismo de Cristo, como o indica o muito que já foi dito, pode ser íntegro também numa vida ou numa fé não íntegras – seja daqueles que parecem estar dentro, mas, no entanto, não fazem parte dos membros da única Pomba,^[11] seja daqueles que de tal modo a ela não pertencem, que estão também fora abertamente –, pode ser íntegro para aqueles que, naqueles tempos o reiteravam devido à caridade da unidade, mereciam o mesmo perdão que, conforme Cipriano pensou, mereceram aqueles que foram admitidos sem o batismo.

Consequentemente, aqueles que, sem qualquer motivo – visto que, como o mostra o mesmo Cipriano, os maus não podem prejudicar os bons na verdade –, repito, se separaram da caridade da unidade, perderam a oportunidade de todo perdão; e os que pereciam pelo crime do cisma, mesmo que, depois da Igreja católica, não rebatizassem, de quanto suplício são dignos eles que ou se empenham em administrar aos católicos o que já têm, conforme Cipriano afirma, mas eles não têm, ou, como mostra a própria realidade, incriminam a católica por não ter o que também eles têm.

Não houve motivo para separação

4 Mas porque agora, como eu começara a dizer, determinamos dialogar com a carta de Cipriano, conforme julgo, não lhe pareceria que “nos rebelamos pertinaz e obstinadamente contra os irmãos e os cossacerdotes em favor dos hereges”,^[12] ao receber tudo isso que nos leva a pensar por que acreditamos que possa existir o batismo de Cristo, digno por si mesmo de toda veneração e santidade, mesmo entre os hereges perversos em seu erro maligno.

Como ele atesta, e seu testemunho é de grande peso para nós, que assim se costumava admitir no passado; quem, movido pelas suas palavras, duvida que os hereges devam ser rebatizados considera que são tais aqueles que ainda não se convenceram disso devido a tantas coisas que se contradizem, quais existiram no passado os que admitiram simplesmente os batizados na heresia, apenas corrigidos de seu erro, e puderam salvar-se com eles pelo vínculo da unidade.

Mas qualquer um – tanto pelo costume antigo da Igreja, como pela força posterior recebida do concílio plenário, pelos tantos e tão importantes testemunhos das santas Escrituras e pelos muitos documentos e claras razões da verdade por parte do próprio Cipriano – entende que o batismo de Cristo, consagrado pelas palavras evangélicas, não se desvirtua pela perversidade de homem algum, compreende que puderam ser salvos pelo mesmo vínculo da unidade aqueles que tiveram outra opinião, salva a caridade. E por isso, é mister que, ao mesmo tempo, se entenda que joio algum e palha alguma podiam macular aqueles que, na comunidade da Igreja espalhada pelo mundo inteiro, tivessem querido ser trigo; e por isso, sem qualquer motivo, se separaram do mesmo vínculo da unidade; e qualquer um dos extremos é verdadeiro, seja o que Cipriano então pensou, seja o que alcançou a universalidade da Igreja, da qual ele não se separou, ou seja, que os abertamente estabelecidos num manifesto sacrilégio de cisma não podem ser salvos; e tudo o que têm em termos de sacramentos divinos e da liberalidade do único Esposo legítimo, enquanto são tais, coopera mais para a confusão dos mesmos do que para a salvação.

O herege sem o batismo da Igreja não deve ser rebatizado

5 Por essa razão, se os hereges quisessem de fato vir para a Igreja, uma vez corrigido seu erro, porque pensavam não ter o batismo, se não o recebessem na católica, nem assim deveríamos consentir na reiteração do batismo, mas, pelo contrário, deveriam ser instruídos no sentido de que a integridade do batismo não seria útil à sua perversidade, se não quisessem se corrigir, nem porque querem se corrigir para que o batismo lhes seja mais vantajoso; nem o batismo íntegro seria violado pela sua perversidade se não quisessem corrigir-se, e que pelo fato de se corrigirem, o batismo se torna mais vantajoso; pelo contrário, que se se afastarem eles da maldade, será o começo para lhes ser útil para a salvação o que antes estivera presente para sua ruína. Aprendendo isso, tanto desejarão a salvação na unidade católica, como não considerarão ser seu o que é de Cristo, e não mais mesclarão com seu erro o sacramento da verdade, por mais que o possuam.

Recusa do rebatismo

6 Acrescente-se a isso que aos homens, por uma oculta não sei que inspiração, se alguém recebe novamente o batismo, que já receberam em outra parte, se aborrecem de tal modo que os próprios hereges, quando discutem sobre isso, quebram a cabeça, e quase todos os seus leigos que envelheceram entre eles e conceberam uma animosa pertinácia contra a católica confessam que somente lhes desagrada essa prática entre eles, e muitos que, para conseguir algumas vantagens mundanas ou para evitar incômodos, querem passar para eles pretendem com ocultos esforços que se lhes outorgue um benefício como que particular e doméstico de não serem rebatizados; e alguns, acreditando nos demais erros vãos dos mesmos e nas falsas incriminações contra a Igreja católica, somente lhes molesta essa prática, a tal ponto que não querem se associar a eles para não serem obrigados a se rebatizarem.

Temendo esse sentimento humano, que domina quase todos os corações, esses donatistas preferiram receber o batismo que foi administrado entre os maximianistas, os quais eles condenaram, e, desse modo, cortar a língua e tapar a boca, a rebatizar tantas pessoas de Musti, de Assuras e de outras partes, que o receberam com Feliciano e Pretextato e os demais condenados por eles, que voltavam para junto deles. ^[13]

7 Quando isso acontece em casos isolados, não se sente o horror do fato entre muitos espaços de lugares e tempos. Mas se reunissem de repente aqueles que os maximianistas haviam batizado durante um longo período, seja diante do perigo de morte, seja por ocasião das solenidades pascais. E se se lhes dissesse que foram rebatizados porque não era nada o que receberam no sacrilégio do cisma, dir-se-ia que a obstinação de seu erro os obrigava a dizer isso para poderem cobrir com qualquer sombra falsa de perseverança contra o calor da verdade, o rigor e o gelo de sua dureza. Mas porque eles não poderiam suportar isso, e porque se fazia em tão grande número, e os que o faziam não poderiam tolerar, principalmente porque rebatizavam na seita de Primiano aqueles que já haviam rebatizado na seita de Maximiano, o batismo foi recebido e se cortou a sua arrogância. Não teriam preferido de forma alguma que se fizesse, se não julgassem que lhes era mais prejudicial o horror das pessoas devido à reiteração do batismo,^[14] do que a consideração de haverem perdido a defesa.

Eu não disse isso porque devíamos nos assustar com o respeito humano, se a verdade obrigasse a se rebatizarem os procedentes de entre os hereges; mas porque o santo Cipriano diz que isso podia obrigar mais os hereges à necessidade de virem para a católica, se fossem batizados novamente na mesma;^[15] por isso quis lembrar quanto penetra na mente de quase todos o horror desse fato, o qual eu diria ter sido infundido por Deus, a fim de que a Igreja se protegesse com o mesmo horror contra quaisquer discussões que os fracos não podem ter.

Batismo legítimo e batismo ilegítimo

8 Quando vejo as palavras de Cipriano, sou admoestado a dizer algumas coisas muito necessárias para dirimir semelhante questão. “Pois se os hereges percebessem”, diz ele, “que pelo nosso juízo e opinião decidida e determinada, se deve considerar como batismo justo e legítimo aquele com o qual batizam ali, pensarão que possuem com justiça e legitimidade a Igreja e os demais bens da Igreja”.^[16] Eles não dizem: “pensarão que possuem os bens da Igreja”, mas “que possuem com justiça e legitimidade”. Mas concordamos que eles possuem o batismo, não com justiça e legitimidade, mas não podemos dizer que não o possuem, já que reconhecemos o sacramento do Senhor nas palavras evangélicas.

Portanto, eles têm o batismo legítimo, mas não o têm legitimamente. Pois todo aquele que o tem tanto na unidade católica, como na vida digna, tem tanto o legítimo como legitimamente; mas aquele que o tem na própria Igreja católica como a palha mesclada com o trigo ou fora, como palha levada pelo vento, tem esse batismo legítimo, mas não legitimamente. Pois o tem como dele faz uso. Mas dele não faz bom uso legitimamente aquele que dele faz uso contra a lei; é o que faz todo batizado que vive mal, seja dentro, seja fora.

9 Por essa razão, assim como o Apóstolo disse sobre a lei: “A lei é boa, contanto que seja usada segundo as regras”,^[17] assim podemos dizer retamente sobre o batismo: “O batismo é bom, contanto que seja usado legitimamente”. E assim como procediam, então, para que a lei deixasse de ser boa ou não existisse para aqueles que dela faziam uso não legitimamente, assim, de forma alguma faz com que o batismo não seja bom – ou que o batismo não exista – todo aquele que dele faz uso não legitimamente pelo fato ou de viver na heresia ou de viver com costumes desregrados. Por isso, quando se converte ou para a verdade católica ou para uma vida digna de tão grande sacramento, não começa a ter outro batismo legítimo, mas começa a ter legitimamente o mesmo.

A remissão dos pecados irreparáveis não acompanha o batismo, se tiver somente o legítimo, mas deve possuí-lo legitimamente. Contudo, se não o tiver legitimamente, os pecados ou não são perdoados ou reviverão depois de perdoados,^[18] e nem por isso o sacramento do batismo será mau ou nulo no batizado. Assim como Judas, a quem o Senhor entregou o bocado, não recebendo um mal, mas recebendo-o mal, deu lugar ao diabo em si mesmo,^[19] também quem, recebendo indignamente o sacramento do Senhor, não faz com que, sendo ele mau, o sacramento seja mau, ou que nada tenha recebido, porque não o recebe em ordem à salvação. Com efeito, o corpo e o sangue do Senhor também estavam naqueles aos quais dizia o Apóstolo: “Aquele que come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe a própria condenação”.^[20]

Portanto, os hereges não busquem na católica o que têm, mas o que não têm, ou seja, o fim do preceito, sem o qual podem ter muitas coisas santas, mas que não lhes podem ser úteis: “A finalidade desta admoestação é a caridade que procede de um coração puro, uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia”.^[21] Mas apressem-se em chegar à unidade e à verdade católicas não para terem o sacramento do banho, se já foram lavados com o mesmo, embora na heresia, mas para que o tenham em ordem à salvação.

10 Passemos agora a examinar o batismo de João e vejamos o que se deve dizer a seu respeito. Lemos nos Atos dos Apóstolos que foram batizados por Paulo aqueles que já tinham sido batizados com o batismo de João,^[22] não por outra razão, senão porque o batismo de João não era o batismo de Cristo, mas foi concedido por Cristo a João o batismo que se denomina com propriedade de João, como o próprio João o diz: “Ninguém pode atribuir a si alguma coisa que não lhe tenha sido dada do céu”.^[23] E para não parecer ter recebido de Deus Pai e não ter recebido do Filho, falando o mesmo do próprio Cristo, diz: “Pois de sua plenitude todos nós recebemos”.^[24]

Mas João o recebeu como certa concessão, não para permanecer muito tempo, mas quanto fosse necessário para preparar o caminho do Senhor,^[25] cujo precursor devia ser ele. Para ele entrar nesse caminho com humildade, para a purificação, assim como lavou os pés de seus servos,^[26] assim quis ser lavado pelo batismo do servo.^[27] Com efeito, assim como se prostrou aos pés daqueles que ele dirigia, assim se submeteu ao ofício de João que ele outorgara, para que todos entendessem com quanto sacrilégio de soberba alguém desprezava o batismo que devia receber do Senhor, se o próprio Senhor o tinha recebido o que dera ao servo, para que pudesse administrá-lo como próprio; e quando João – maior do que ele não surgira ninguém entre os nascidos de mulher –^[28] dava tão grande testemunho de Cristo, pois confessava não ser digno de desatar as correias de suas sandálias,^[29] Cristo apareceu como o mais humilde entre os homens, recebendo também o seu batismo, e, suprimindo o batismo de João, foi reconhecido como Deus altíssimo, mestre da humildade e doador da sublimidade.

11 A nenhum dos profetas, a nenhum homem, conforme lemos nas divinas Escrituras, foi concedido o ofício de batizar com a água da penitência para a remissão dos pecados;^[30] isso foi concedido a João, para que, por essa graça admirável, atraindo para si os corações das pessoas, pudesse preparar o caminho para aquele que^[31] proclamava ser maior do que ele. O Senhor Jesus Cristo purifica a Igreja com um batismo que, uma vez recebido, não é necessário nenhum outro; mas João lavava com um batismo que, tendo sido recebido, tornava necessário também o batismo de Cristo, não como uma reiteração daquele, mas para preparar o caminho ao batismo de Cristo àqueles que haviam recebido o batismo de João. Se não fosse preciso realçar a humildade de Cristo, não seria necessário nem o batismo de João; e, por sua vez, se o fim estivesse em João, depois do batismo de João não seria necessário o batismo de Cristo. “Mas porque a finalidade da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê”,^[32] ele mostrou a quem se deveria encaminhar, para nele permanecer quando se chegasse. Portanto, o mesmo João proclamou tanto a sublimidade do Senhor, ao se colocar distante dele, como a humildade, quando o batizou como o último de todos.

Mas se João tivesse batizado somente a Cristo, considerar-se-ia João o administrador de um batismo – com o qual somente Cristo teria sido lavado – melhor do que é o de Cristo, com o qual os cristãos são lavados. E, por outro lado, se fosse mister que todos fossem batizados primeiramente com o batismo de João, depois com o de Cristo, o batismo de Cristo apareceria com razão menos pleno e menos perfeito, e não valeria para a salvação. Por essa razão, o Senhor foi batizado com o batismo de João, para dobrar as cervizes soberbas dos homens para o seu salutar batismo; e não somente ele foi lavado nesse batismo, para mostrar que aquele é superior, pois somente ele teria merecido ser batizado com ele; e não permitiu que continuasse para não parecer que o único, com o qual ele batiza, teria necessidade de outro a ser recebido antes.

12 Pergunto se pelo batismo de João os pecados seriam perdoados; o que mais podia outorgar pelo batismo de Cristo àqueles que, conforme a determinação de Paulo, deviam ser batizados com o batismo de Cristo depois de terem recebido o de João? Se não eram perdoados os pecados pelo batismo de João,^[33] porventura, eram melhores os homens do tempo de Cipriano, os quais, conforme ele fala, se apoderavam de propriedades mediante fraudes insidiosas e aumentavam suas rendas, multiplicando usuras, com os quais, quando batizavam, se dava a remissão dos pecados? Seria porque participavam da unidade da Igreja? O que dizer? João não estava na unidade, ele, o amigo do Esposo,^[34] o que preparou o caminho para o Senhor, o que batizou o próprio Senhor?

Quem é tão louco a ponto de dizer isto? Por isso, ainda que eu acredite que João batizou na água da penitência^[35] para remissão dos pecados, para que aos batizados por ele os pecados fossem perdoados na esperança, mas na realidade isso aconteceria no batismo do Senhor, assim como a ressurreição, que se espera para o fim, realizou-se em nós pela esperança, como diz o Apóstolo, porque “com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus em Cristo Jesus”,^[36] e diz o mesmo: “Pois fomos salvos na esperança”,^[37] também o próprio João, ao dizer: “Eu batizo com água para a conversão”,^[38] vendo o Senhor, exclama: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”.^[39] No entanto, que ninguém se empenhe em dizer que os pecados foram perdoados também no batismo de João, mas sim que foi conferida pelo batismo de Cristo uma maior santificação àqueles a quem Paulo ordenou que fossem batizados de novo; não vou lutar com empenho contra essa opinião.

13 É preciso examinar o que de modo principal diz respeito ao assunto presente, ou seja, como se há de considerar o batismo de João, sendo manifesto que ele pertencia à unidade de Cristo, qual foi o motivo de os homens terem sido batizados depois de receber o batismo de João, e por que motivo isso não foi necessário depois de batizados por bispos avarentos. Com efeito, ninguém nega que João era trigo no campo do Senhor e, se não é possível mais, com uma produção de cem por um; ninguém duvida também que a avareza, que é idolatria,^[40] é contada como palha na messe do Senhor. Então, por que se batiza depois do trigo e não se batiza depois da palha? Se Paulo batizou depois de João, porque era melhor do que João, por que também Cipriano não batizou depois dos colegas usurários, sendo melhor do que eles sem comparação? Se Cipriano não batizou depois de seus colegas, porque estava com eles na unidade, Paulo não devia batizar depois de João, porque estavam dentro da mesma unidade.

Porventura, os defraudadores e os ladrões pertencem aos membros daquela única Pomba^[41] e não pertence aquele ao qual o poder do Senhor Jesus Cristo o mostrou ao descer o Espírito Santo na forma de uma pomba?^[42] Pelo contrário, ele pertence intimamente, mas esses não pertencem ou devido a algum escândalo ou porque hão de ser separados do trigo na última joeira; e, no entanto, batizou-se depois de João, mas não se batiza depois destes. Qual o motivo senão porque o batismo, que Paulo ordenou que recebessem, não era o mesmo administrado por João? E, por isso, na mesma unidade da Igreja, o batismo de Cristo, se é administrado por um usurário, não pode ser reiterado, mas os que receberam o batismo de João pelo mesmo João, era mister que fossem batizados depois com o batismo de Cristo.

14 Portanto, posso também eu, servindo-me das palavras do bem-aventurado Cipriano, atrair os corações dos ouvintes à consideração de uma espécie de milagre, se disser: “Aquele João, tido como o maior entre os profetas, ele, repito, repleto da graça divina ainda no seio materno, ele, apoiado pelo espírito e virtude de Elias, aquele que foi, não adversário de Cristo, mas precursor e anunciador, aquele que preanunciou o Senhor não somente com palavras, mas também com os olhos, aquele que batizou a Cristo, pelo qual os demais são batizados”,^[43] não mereceu batizar de tal modo que, depois deles, não seriam batizados os que foram batizados por ele, e, depois dos avarentos, defraudadores, ladrões, usurários, ninguém pensará que alguém precisa ser batizado na Igreja?

Porventura, se eu falar tudo isso com perfídia, responder-me-iam: por que consideras isso indigno, como se João ficasse desonrado e o avarento, exaltado? Mas não foi preciso reiterar seu batismo, sobre o qual disse o mesmo João: “[Ele] é que batiza no Espírito Santo”.^[44] Por qualquer que seja o ministro que o administre, o batismo é daquele sobre o qual foi dito: “[Ele] é que batiza no Espírito Santo”. Mas nem sequer o batismo de João foi reiterado, quando Paulo ordenou que fossem batizados em Cristo os batizados por ele. Pois o que haviam recebido do amigo do Esposo^[45] deviam receber do próprio Esposo, sobre o qual aquele amigo dissera: “[Ele] é que batiza no Espírito Santo”.

15 O Senhor Jesus Cristo podia confiar a administração de seu batismo a algum ou a alguns de seus principais servos que havia convertido em seus amigos, aos quais disse: “Não mais vos chamo servos, mas eu vos chamo amigos”,^[46] para que, assim como pela vara florescida Aarão foi designado sacerdote,^[47] assim na sua Igreja, onde foram feitos muitos e maiores milagres, mostrassem por algum sinal os ministros de uma santidade mais perfeita e os administradores dos mistérios, os quais eles, e apenas eles, deveriam batizar. Mas se o fizesse, ainda que atribuído a eles pelo Senhor, se denominaria batismo dos mesmos, como aconteceu com o batismo de João. Por isso, Paulo deu graças a Deus porque não batizara a nenhum daqueles que, esquecidos do nome em que foram batizados, dividiam-se de acordo com os nomes dos que o administraram.^[48]

Com efeito, o batismo administrado por meio de uma pessoa ou administrado por um apóstolo é reconhecido como de Cristo, não deste ou daquele; isso o atesta o fato de João ter aprendido no próprio Senhor mediante aquela forma de pomba. Pois não vejo claramente que outra coisa disse com as palavras: “Eu não o conhecia”.^[49] Se não o conhecesse em absoluto, não lhe diria ao vir para o batismo: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti”.^[50] Portanto, o que significa o que disse: “E João deu testemunho, dizendo: ‘Vi o Espírito descer do céu como uma pomba e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água disse-me: ‘aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no Espírito Santo’”?^[51] A Pomba descera efetivamente sobre o batizado. Mas quando ainda vinha para ser batizado, dissera: “Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti”.^[52] Portanto, já o conhecia. O que quer dizer então: “Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar disse-me: ‘Aquele sobre o qual vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no Espírito Santo’”?^[53] Como isso aconteceu, depois que foi batizado, a não ser porque o conhecia em algum aspecto e ainda não o conhecia em outros?

Ou seja, conhecia o esposo Filho de Deus, de cuja plenitude todos receberiam;^[54] mas porque de tal modo recebera de sua plenitude o poder de batizar, que se denominaria batismo de João, não sabia se o administraria também aos demais ou possuiria seu batismo próprio, de modo que seria reconhecido como único, quem quer que seja o ministro com graça mais sublime ou inferior ou uma pessoa com frutos cem por um, ou sessenta ou trinta, ou por meio do trigo ou por meio da palha; e o aprendeu pelo Espírito na forma de pomba que desceu e permaneceu sobre ele.

16 Deparamos com o que foi dito pelos apóstolos: tanto “minha glória”,^[55] ainda que certamente no Senhor, como “meu ministério”,^[56] tanto “minha percepção”,^[57] como “meu evangelho”,^[58] ainda que tenha sido comunicado e outorgado pelo Senhor; mas “meu batismo”, nenhum deles disse. Pois a glória não é igual para todos, nem todos administram igualmente, nem todos são dotados de igual prudência, e, na obra da evangelização, um melhor que o outro; e, por isso, se pode dizer que um é mais douto que o outro mesmo na doutrina da salvação; mas não se pode dizer que um é mais ou menos batizado que o outro, seja batizado por um inferior ou por um superior.

São manifestas as obras da carne, que são: fornicações, impurezas, luxúrias, idolatrias, feitiçaria, inimizades, discórdias, rivalidades, iras, rixas, heresias, invejas, bebedeiras, orgias e semelhantes a estas.^[59] Então, se causa espanto a afirmação: “Depois de João as pessoas foram batizadas e depois dos hereges não são batizadas”, por que não causaria admiração também a afirmação: “Depois de João as pessoas foram batizadas e depois dos invejosos não são batizadas”? Pois o próprio Cipriano atesta na carta sobre o ciúme e a inveja^[60] que há invejosos da parte do diabo, e que na Igreja de Cristo o mesmo Cipriano, apoiado no apóstolo Paulo,^[61] manifesta que houve invejosos que anunciavam a Cristo nos tempos apostólicos, como já dissemos.

17 Julgo que foi sobejamente provado que o batismo de João não era o mesmo que o de Cristo. Por essa razão, não se pode alegar nenhum documento sobre motivos pelos quais se deva batizar depois dos hereges, porque se batizou depois de João; João não foi um herege e pôde ter o batismo outorgado por Cristo, mas não próprio de Cristo, como teve a caridade de Cristo. Assim também o herege pode ter o batismo de Cristo e a perversidade do diabo, como outro de dentro (da Igreja católica) pode ter o batismo de Cristo e a inveja do diabo.

Outra objeção

18 “E depois do herege se deve batizar com mais razão”, diz Cipriano, “porque João não era herege e depois dele se batizou”. E assim, “deve-se batizar”, diz alguém, “depois de um beberrão, porque João era sóbrio e, no entanto, batizou-se depois dele”. [62]

Não teríamos outra coisa a responder senão que aos batizados por João foi administrado o batismo de Cristo, que não o tinham; mas naqueles, nos quais existe o batismo de Cristo, quaisquer que sejam as perversidades dos mesmos, de forma alguma pode acontecer que não exista neles o batismo de Cristo.

O batismo não nulo do herege

19 O herege não adquire o direito de batizar^[63] pelo fato de ter sido batizado primeiro, uma vez que o batismo não era seu; e se não tem o direito de batizar, portanto, é de Cristo o batismo que deu e é de Cristo o que recebeu. Com efeito, há muitos dons que são outorgados contra o direito; no entanto, nem por isso se há de dizer que são nulos ou que não foram concedidos. Pois quem renuncia ao mundo somente com palavras, não com atos, recebe ilegitimamente o batismo, mas o recebe. Também Cipriano lembra que em seu tempo havia desses tais na Igreja, e nós o comprovamos e lamentamos.

20 Causa surpresa ouvir dizer que o batismo e a Igreja não se podem separar e se dividir. Se o batismo permanece no batizado inseparavelmente, como o batizado pode se separar da Igreja e o batismo não pode? É manifesto que o batismo permanece no batizado de modo inseparável, porque a qualquer abismo de males e em qualquer sorvedouro horrível de pecados a que o batizado se precipite até a ruína da apostasia, não fica privado do batismo, e por isso não é conferido novamente ao que volta pela penitência, porque se considera que não fica privado do batismo. Quem há de duvidar que o batizado possa se separar da Igreja? Dela saíram todas as heresias que enganam com o nome de cristão.

Por essa razão, porque é manifesto que o batismo está no batizado, quando o batizado se separa da Igreja, como o batismo nele está, certamente se separa com ele. E por isso nem todos que têm o batismo têm também a Igreja, assim como nem todos que têm a Igreja têm também a vida eterna. Se não dizemos que têm a Igreja, senão aqueles que observam os mandamentos divinos, concordamos em que são muitos que, tendo batismo, não têm também a Igreja.

21 Por conseguinte, o herege não se apropria do batismo pelo fato de o ter recebido na Igreja,^[64] nem pode perdê-lo ao se separar; dizemos que já não tem a Igreja e, no entanto, concordamos que tenha o batismo. E ninguém se dispensa da primogenitura e a atribui ao herege,^[65] porque diz que levou consigo o que não daria legitimamente, mas daria o batismo legítimo e já não o teria legitimamente, mas teria o legítimo.

Mas a primogenitura não existe senão no bom trato e na vida boa, e a ela pertencem todos aqueles que são membros daquela Esposa que não tem mancha nem ruga,^[66] daquela Pomba^[67] que arrulha entre a vileza de muitos corvos. A não ser que, por Esaú ter perdido a primogenitura devido ao desejo de lentilhas,^[68] julgemos que têm a primogenitura os defraudadores, os ladrões, os usurários, os invejosos, os beberrões e outros semelhantes, os quais Cipriano lamentou, por meio de seus escritos, existirem na Igreja de seu tempo.^[69]

Por isso ou ter a Igreja não é ter a primogenitura nas coisas divinas^[70] ou, se todo aquele que tem a Igreja tem também a primogenitura, todos aqueles iníquos não têm a Igreja; são vistos, no entanto, dentro, administrando o batismo, o qual ninguém nega que o tenham. Quem diz que eles têm a primogenitura nas coisas divinas, senão aquele que não compreende nada do que é divino?

22 Chegamos às palavras pacíficas de Cipriano, isto ao fim das cartas, depois de considerado e examinado todo o seu conteúdo, do qual não fico saciado ao ler e tornar a lê-lo. Exala das mesmas tão grande deleite, transborda delas tão grande doçura de caridade: “Escrevemos-te estas coisas, irmão caríssimo, brevemente, e de acordo com nossa mediocridade, a ninguém prescrevendo ou julgando, a fim de que cada bispo faça o que julgar melhor, para o que goza da liberdade do livre-arbítrio. Nós, quanto estiver em nossas mãos, devido aos hereges, não debatemos o assunto com nossos colegas no episcopado, com os quais mantemos a concórdia divina e a paz do Senhor, principalmente ao considerar o que diz o Apóstolo: ‘Se, no entanto, alguém quiser contestar, não temos esse costume, tampouco as igrejas de Deus’.”^[71] Mantemos paciente e pacificamente a caridade de alma, a honra do colégio, o vínculo da fé, a concórdia do sacerdócio. Com essa consideração, escrevemos também um opúsculo sobre o bem da paciência, quanto foi possível à nossa mediocridade e de acordo com a inspiração do Senhor, o qual lhe remetemos como sinal de mútua afeição.”^[72]

23 Nessas palavras, são dignas de consideração muitas coisas, nas quais refulge o fulgor da caridade cristã desse homem que amou o decoro da casa do Senhor e o lugar do tabernáculo de sua habitação.^[73] Primeiramente, porque o que pensou não calou; em segundo lugar, porque se mostrou tão manso e pacífico, ao manter a paz eclesiástica com aqueles que pensavam de modo diferente, ao compreender a grande vantagem do vínculo da paz, ao amá-la tanto e guardá-la com prudência, ao ver e sentir que os de outra opinião poderiam pensar de outro modo, ficando a salvo a caridade. Com efeito, não diria que mantinha com os maus a concórdia divina e a paz do Senhor, pois o bom pode ter paz com os maus, mas não pode manter com eles a paz, a qual eles não têm. Finalmente, ao não ordenar e prejudicar a ninguém; e assim, cada bispo pudesse fazer o que julgasse melhor, tendo o livre poder de seu arbítrio, e a nós permitiu tratar com ele todos esses assuntos. Com efeito, ele está presente, não somente em suas cartas, mas também pela caridade que nele floresceu e nunca morreu. Desejando unir-me e juntar-me a ele, se não for impedido pelo obstáculo de meus pecados, aprenderei, ajudado pelas suas orações, e se puder, pelos seus escritos, com que paz o Senhor governou sua Igreja por meio dele e com que consolação, e revestido de entranhas de misericórdia mediante a condescendência de suas palavras, se algo pensar com mais verdade com o mundo inteiro, não lhe sobreporei meu coração, mesmo com ele, que pensando diferentemente, não rompeu com o mundo todo.

Sobressaiu nele mais a força de sua virtude, quando essa questão estava pendente, ainda não discutida, do que se julgasse sem essa virtude, não somente com verdade, mas também com pleno conhecimento. Pensando diferentemente sobre a questão com relação a muitos colegas, se teve a tão grande moderação que não mutilou a santa sociedade da Igreja de Deus com nenhum flagelo de cisma. Com efeito, eu não lhe agradaria, se me empenhasse em antepor seu engenho, a força da palavra e abundância de sua doutrina ao santo concílio de todas as nações,^[74] do qual, sem dúvida, participou no espírito de unidade, principalmente já colocado à luz da verdade, em que com toda certeza divisa o que procurava com espírito de paz.

Dessa abundância de luz ele sorri perante nossas palavras que parecem como que de jogos infantis. Dali ele contempla também com inefável deleite, com que providente e misericordiosa graça o Senhor escolhe os loucos deste mundo para curar nosso inchaço e confundir os sábios,^[75] e ordenou tão perfeitamente todas as coisas na hierarquia dos membros de sua Igreja, a fim de que os homens não se considerassem eleitos para a difusão do Evangelho contando apenas com seu engenho e instrução e se enchessem da soberba pestífera.

Como goza Cipriano, e com quanta serenidade contempla, naquela luz, o quanto colaborou para a salvação do gênero humano, ao encontrar algo que, com razão, se pudesse censurar nos livros cristãos e piedosos dos oradores, e não se descobrisse nenhum erro nas cartas dos Pescadores. Eu me alegro de sua santa alma, totalmente convencido, e de forma alguma me atrevo a pensar ou dizer que meus escritos estejam isentos de todo erro, e não me anteponho à sua opinião, pela qual lhe pareceu

que se teria que receber de outro modo os que viessem dos hereges, com relação ao modo como eram recebidos no passado, como ele mesmo atesta, ou como agora são recebidos, de acordo com o costume racional confirmado pelo concílio plenário universal.^[76] Não anteponho minha opinião, mas a da Igreja santa e católica, a qual ele amou e ama, na qual produziu frutos abundantes pela tolerância, da qual ele não foi a universalidade, mas permaneceu na sua universalidade; nunca abandonou sua raiz, mas fecundo em sua raiz, a fecundou para ser mais fecunda, e foi purificada pelo celeste Agricultor;^[77] em favor de sua paz e saúde, tolerou grandes males dos homens estabelecidos com ele na unidade, e os censurou tanto pela liberdade da verdade, como pela virtude da caridade, para não serem arrancados juntos o trigo e o joio.^[78]

Mortos que dão vida pelo batismo

24 Ele mesmo nos adverte, muitas vezes, que muitos mortos, pelos delitos e pecados, ainda que não pertencentes à companhia de Cristo e aos membros da única Pomba^[79] inocente e simples (a qual, se fosse a única a batizar, eles não batizariam), no entanto, pela forma estão dentro, e parece que são batizados e também batizam, e neles, embora mortos, vive o batismo daquele que não morre e a morte jamais o dominará.^[80]

Portanto, existem dentro da Igreja mortos que não estão ocultos – do contrário, Cipriano não falaria coisas a respeito deles –, os quais não pertencem àquela única Pomba viva ou ainda não pertencem, e existem mortos fora da Igreja, que mais claramente se vê que não pertencem a ela ou ainda não pertencem. Apesar da verdade de que uma pessoa não pode receber a vida de quem não a tem,^[81] os que recebem o batismo entre tais sujeitos, com a sincera conversão do coração, são vivificados por aquele de quem é o batismo; mas se renunciam ao mundo com palavras e não com atos – como alguns que Cipriano atesta que existem dentro da Igreja – não serão vivificados se não se converterem. No entanto, têm o verdadeiro batismo, mesmo que não se convertam. Portanto, também é manifesto que os mortos do exterior, ainda que vivam, não vivificam, mas têm o batismo vivo que lhes será útil para a vida, se se converterem para a paz.

Não rebatizar, costume antigo

25 Por conseguinte, os que recebiam os vindos dentre os hereges com o mesmo batismo que haviam recebido fora e diziam que estavam seguindo um costume antigo da Igreja, como o pratica agora a Igreja, dir-se-ia inutilmente contra eles que ainda estavam no princípio as antigas heresias e os primeiros cismas, de modo que pertenciam a eles os que se afastavam da Igreja e nela tinham sido batizados antes, os quais, voltando então à Igreja e fazendo penitência, não necessitavam ser rebatizados. **[82]**

Com efeito, logo que começava a existir uma heresia e saía da comunidade da comunhão católica, não digo no outro dia, mas no mesmo dia, podia batizar aqueles que os procuravam. E por isso, se esse costume era antigo, de modo que assim eram recebidos, e o qual aqueles que eram contra puderam negar, ninguém que esteja atento pode suscitar dúvida, pois eram assim recebidos aqueles que foram batizados fora, entre os hereges.

Comparação entre ovelhas

26 Não vejo qual a razão por que ainda não se denomina ovelha perdida^[83] aquela que, procurando a salvação cristã, cai no erro dos hereges, e acontece de ser batizada entre eles, e se chama ovelha boa, dentro da Igreja católica, aquela que renunciou ao mundo com palavras, não com atos, e na heresia recebeu batismo com falsidade. Se também esse tal não se torna ovelha, senão quando se converter de coração a Deus veraz, como aquele não se torna ovelha, se já havia sido batizado, mas ainda não era ovelha? Assim também aquele que vem dos hereges, para se tornar ovelha, não há de ser batizado, se já foi batizado entre eles com o mesmo batismo, ainda que ainda não fosse ovelha.

Por conseguinte, podem ser denominados, com razão, mentirosos, tenebrosos, mortos e anticristos todos os maus, invejosos, avarentos, bêbados que vivem contra a disciplina cristã dentro da Igreja; mas, acaso, por isso não batizam, porque nada pode ser comum entre a mentira e a verdade,^[84] as trevas e a luz, a morte e a imortalidade, anticristo e Cristo?^[85]

27 Presume, não somente do costume, mas também da razão da verdade,^[86] aquele que diz que se torna disforme pela maldade dos homens o sacramento de Deus, o qual se declara que existe entre os maus. O apóstolo João diz claramente: “Aquele que odeia seu irmão é homicida”.^[87] Portanto, por que esses tais batizam dentro aqueles que o próprio Cipriano lembra que foram dominados por uma malévola inveja?^[88]

Como o homicida pode purificar e santificar a água? Como as trevas podem abençoar o óleo? Se Deus está em seus sacramentos e em suas palavras, seja quem for que os administre, os sacramentos são legítimos em todas as partes, e os homens maus, aos quais não aproveitam, são perversos em todas as partes.

28 E o que significa que se considere não ter o herege o batismo, porque não tem a Igreja? Quando é batizado, não é certamente interrogado sobre a Igreja?^[89] Como se ele que, estando dentro, renuncia ao mundo com palavras, não com atos, não fosse interrogado sobre ela no batismo! Portanto, assim como sua resposta falsa não faz com o que o batismo deixe de ser aquele que ele recebe, assim como, se ele depois cumpre de verdade o que respondera falsamente, seu batismo não é reiterado, mas ele é corrigido pela vida, assim também, se depois vem para a Igreja, sobre a qual respondera falsamente ao ser interrogado, porque pensava tê-la, mas não tinha, lhe é dada aquela que não tinha, não se reitera o que havia recebido. Mas se Deus pode santificar o óleo com as palavras que procedem da boca do homicida, não sei por que não pode santificar o óleo que os hereges puseram sobre o altar,^[90] a não ser que aquele, a quem o coração falsamente convertido não impede de agir dentro, se visse impedido por um altar de madeira, falsamente levantado, a estar presente em seus sacramentos, se não pode ser impedido por falsidade alguma dos homens?

Portanto, se se aplica a isso o que foi dito no Evangelho: “Deus não ouve os pecadores”,^[91] de modo que os sacramentos não sejam celebrados por meio de um pecador, como ele ouve o homicida que suplica ou sobre a água do batismo ou sobre o óleo ou sobre a Eucaristia ou sobre as cabeças daqueles a quem se impõem as mãos? No entanto, todas essas ações tanto se praticam como valem mesmo por meio de homicidas, ou seja, por meio daqueles que odeiam os irmãos, mesmo dentro da Igreja. Como ninguém pode dar o que não tem,^[92] como o homicida dá o Espírito Santo? E, no entanto, ele batiza dentro; portanto, Deus dá o Espírito Santo,^[93] mesmo que seja ele quem batiza.

29 Sobre o que Cipriano diz: “Deve ser batizado e renovado aquele que vem para a Igreja, para ser santificado dentro por meio dos santos”,^[94] o que ele fará, se dentro se encontrar com não santos? Porventura o homicida é santo? E se for batizado na Igreja, para se livrar de incorrer no sacrilégio, ao vir para Deus, e ao procurar um sacerdote, se, dentro da Igreja, procurando um homem de Deus, encontra-se por engano com um homicida?^[95]

Se no homem não pode haver nada de vazio e algo a sobressair, por que o sacramento pode ser santo no homicida e seu coração não ser santo? Se alguém não pode dar o Espírito Santo nem pode batizar,^[96] por que o homicida batiza dentro? E como é possível que o homicida tenha o Espírito Santo, se todo aquele que tem o Espírito Santo é iluminado, mas o que odeia seu irmão ainda está nas trevas até agora?^[97] Pois se há um só batismo e um só Espírito, por que dentro o inocente e o homicida têm um só batismo e não têm o único e mesmo Espírito?

Portanto, o herege e o católico podem ter o único batismo e não ter a única Igreja, assim como o inocente e o homicida podem ter o único batismo na Igreja católica e não ter o único Espírito, pois, assim como há um só batismo, assim também há um só Espírito e uma só Igreja.^[98] Assim, deve reconhecer o que tem e dar-lhe o que não tem.

Se nada do que eles fazem pode ser válido ou confirmado junto ao Senhor, os quais o Senhor diz serem seus inimigos e adversários,^[99] por que é legítimo o batismo que os homicidas administram? Acaso não denominamos inimigos e adversários do Senhor os homicidas? Pois aquele que odeia seu irmão é homicida.^[100] Portanto, como batizavam aqueles que odiavam a Paulo, servo de Cristo Jesus e, por isso, odiavam a Cristo, que disse a Saulo: “Por que me persegues?”,^[101] se ele perseguia seus servos, e no fim dirá: “Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer”.^[102]

Por essa razão, todos os que saem de nós não são dos nossos, mas nem todos que estão conosco são dos nossos, assim como quando se tritura na eira, tudo o que voa não é trigo, mas é trigo tudo o que ali está. E, por isso, João diz também: “Eles saíram do meio de nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco”.^[103] Por conseguinte, Deus dá o sacramento da graça mesmo por meio dos maus, mas a graça, a não ser por si mesmo ou por meio de seus santos. Assim, outorga a remissão dos pecados ou por si mesmo ou pelos membros daquela Pomba, aos quais diz: “Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais não perdoardes, ser-lhes-ão retidos”.^[104]

Mas o batismo, que é o sacramento da remissão dos pecados, ninguém duvida que o podem ter mesmo os homicidas que estão na trevas até agora, porque não expulsaram de seus corações o ódio fraterno, ou porque não lhes são perdoados os pecados, se não foram batizados após mudarem o coração para melhor, ou reincidirão no pecado, logo que forem perdoados;^[105] reconhecemos que o batismo é de Deus e

santo por si mesmo, e, seja administrado, seja recebido por esses tais, não pode ser profanado por nenhuma perversidade nem de dentro nem de fora.

Hereges não dão a remissão dos pecados

30 Por isso concordamos com Cipriano que os hereges não podem dar a remissão dos pecados, mas podem administrar o batismo, o qual servirá para a ruína tanto dos que o administram como dos que o recebem, como que fazendo mau uso de grande dom de Deus; não podem dá-la também os malignos e invejosos,^[106] os quais, conforme ele testifica, também estão dentro; não podem dar a remissão dos pecados, embora todos confessemos que podem administrar o batismo. Com efeito, com respeito àqueles que pecaram contra nós foi dito: “Se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos”,^[107] quanto mais não pode acontecer que eles sejam perdoados àqueles que odeiam os irmãos, pelos quais são amados, e são batizados com esse mesmo ódio; eles, no entanto, não recebem novamente o batismo mesmo depois, se se corrigirem, mas o mesmo perdão, que então não mereceram receber, lhes é outorgado pela conversão sincera.

Por essa razão, mesmo as cartas que Cipriano escreveu a Quinto, e a que junto com seus colegas Liberal, Caledônio e Júnio e os demais escreveu a Saturnino Máximo e a outros, se forem bem examinadas, de forma alguma registraram algo contra o consenso de toda a Igreja católica, da qual se alegraram em serem membros e dela nunca se separaram, nem se separaram os que pensavam diferentemente, até que um dia, pela vontade do Senhor, mediante um concílio plenário, ainda que depois de muitos anos, ficava esclarecida a verdade, não afirmada por alguma novidade, mas fortalecida pela antiguidade.

31 Tratando do mesmo assunto, Cipriano escreveu também a Pompeu,^[108] e na carta indica claramente que Estêvão – que, conforme ficamos sabendo, foi bispo da Igreja de Roma – não somente não concordou com a opinião de Cipriano, mas escreveu outra e legislou. Estêvão não se comunicou com os hereges,^[109] porque não teve o atrevimento de reprová-los o batismo de Cristo, o qual reconheceu ter permanecido íntegro no meio da perversidade dos mesmos. Pois se não têm o batismo aqueles que não pensam retamente sobre Deus, já se dissertou sobejamente, como julgo, isso pode acontecer também dentro. Os apóstolos nada ordenaram^[110] a respeito desse assunto, mas o costume que se opunha a Cipriano, é de se crer, teve seu começo por tradição dos mesmos,^[111] assim como há muitas coisas que toda a Igreja adota e se crê, com razão, que foram ordenadas pelos apóstolos, ainda que não encontrem escritas.

A condenação dos hereges e dos pecadores

32 “Mas escreveu-se a respeito dos hereges que eles se condenaram a si mesmos”.
[112] Então? E por que não se condenaram por si mesmos aqueles aos quais foi dito: “Porque julgando a outrem, condenas a ti mesmo”[113] etc.? E assim eram, sem dúvida, aqueles que, sendo bispos e pertencentes à unidade católica com Cipriano, apoderaram-se de propriedades mediante fraudes,[114] e certamente pregando ao povo as palavras do Apóstolo, que diz: “Nem os ladrões... herdarão o Reino de Deus”. [115]

33 Não me demorarei em acompanhar brevemente, ao teor das mesmas regras, as demais sentenças da mesma carta que Cipriano escreveu a Pompeu. Pelas santas Escrituras se demonstra que é contra o preceito de Deus que não devem ser batizados aqueles que vêm dos hereges, se ali já receberam o batismo. Mas se mostra que muitos pseudocristãos, ainda que não tenham a mesma caridade, como os santos, sem a qual de nada adianta tudo o que puderem ter de santo, têm, no entanto, em comum com os santos o batismo, o qual já foi demonstrado suficientemente.

Ele disse que a Igreja e o batismo não se podem separar e, por isso, os que se separaram da Igreja e do Espírito Santo, ele quer que se entenda que também se separaram do batismo. Se isso for assim, se alguém receber o batismo na Igreja católica, enquanto nela o batismo permanecer e enquanto também ele permanecer; mas se dela se afastar, afasta-se do batismo.

Mas não é assim. Pois não se administra o batismo ao que volta, porque não o perdeu quando se afastou. Mas assim como os filhos malignos não têm o Espírito Santo, como o têm os filhos amados, mas eles têm o batismo, assim também os hereges não têm a Igreja como a têm os católicos e, no entanto, têm o batismo. Pois o Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade,^[116] mas não lhe foge o batismo. Assim como pode estar o batismo mesmo naquele do qual foge o Espírito Santo, assim também pode estar onde não está a Igreja.

Não se dá a imposição das mãos ao herege^[117] que vem, pois seria considerado livre de toda a culpa. Mas devido à união da caridade, o qual é o principal dom do Espírito Santo, sem o qual não tem valor tudo o que houver de santo, impõe-se a mão aos hereges que se converterem.

34 Lembro-me de que já dissertei sobejamente sobre o templo de Deus^[118] e como se deve entender: “Todos vós que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo”.^[119] Pois os avarentos não são templos de Deus, visto estar escrito: “Que há de comum entre o templo e os ídolos?”.^[120] E Cipriano assumiu o testemunho de Paulo, segundo o qual a avareza é idolatria.^[121]

Mas os homens se vestem de Cristo às vezes até a recepção do sacramento, outras vezes, até a santificação da vida. O primeiro pode ser comum aos bons e aos maus, o segundo é próprio dos bons e piedosos. Por isso, se o batismo não pode estar sem o Espírito,^[122] os hereges têm também o Espírito, mas para sua ruína, não para sua salvação, como o teve Saul,^[123] como o têm os avarentos, os quais, no entanto, não são templos de Deus, pois “que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos?”.^[124] Pois em nome de Cristo no Espírito Santo são expulsos os demônios, sobre o qual os discípulos informaram o Senhor.^[125] Mas se os avarentos não têm o Espírito de Deus e, no entanto, têm o batismo, o batismo pode existir sem o Espírito.

Os maus, os hereges, a filiação divina

35 A heresia não pode gerar filhos para Deus por meio de Cristo, porque não é a esposa de Cristo,^[126] e nem o pode a multidão de maus estabelecidos dentro, porque também não são a esposa de Cristo. A esposa de Cristo é descrita como sem mancha e sem ruga.^[127] Portanto, ou nem todos os batizados são filhos de Deus ou pode gerar filhos de Deus mesmo a não esposa. Assim como se pergunta se nasceu espiritualmente aquele que recebeu o batismo de Cristo entre os hereges,^[128] assim se pode perguntar se nasceu espiritualmente aquele que, não convertido a Deus com o coração sincero, recebeu na católica o batismo de Cristo; mas nem por isso deixou de receber o batismo.

Exemplo de como evitar um cisma

36 Não quero falar de novo sobre as palavras que Cipriano irritado proferiu contra Estevão,^[129] pois não é necessário. Repetem-se as mesmas coisas sobre as quais se dissertou suficientemente; e é melhor omiti-las, pois provocaram um pernicioso perigo de dissensão.

Com efeito, Estevão pensara em serem separados os que se empenhassem em anular o antigo costume ao se receber os hereges,^[130] mas Cipriano foi levado pela dificuldade da questão e, dotado copiosamente de entranhas santas de caridade, julgou que deviam permanecer na unidade com aqueles que pensassem diferentemente. Assim, profundamente comovido, mas fraternalmente, se indignou; venceu, no entanto, a paz de Cristo em seus corações, de modo a não nascer entre eles nenhum mal de cisma em tal disputa.

Mas não surgiram daí heresias e cisma em grande número, porque se aprova o que neles há de Cristo, mas o que é deles se reprovava. Pois aqueles que mantinham essa lei da rebatização foram os que se dividiram sem razão em muitas facções.

37 Quando Cipriano diz que o bispo deve ser dócil^[131] e acrescenta: “É dócil aquele que é plácido e manso. Pois é mister que os bispos saibam não somente ensinar, mas também aprender, porque ensina melhor aquele que cresce todos os dias e se aperfeiçoa, aprendendo coisas melhores,”^[132] com estas palavras o varão santo e dotado sobejamente de piedosa caridade indica que não se há de ter medo de suas cartas, de tal modo que, se a Igreja confirmou algo após ter descoberto a verdade mediante muitas e duradouras investigações, não duvidamos que, assim como eram muitas as coisas que o douto Cipriano ensinava, assim também havia algo que o dócil Cipriano aprendia.

Mas adverte-nos a recorrer à fonte, ou seja, à tradição apostólica, e daí dirigir um canal para os nossos tempos;^[133] isso é ótimo e se deve fazer sem hesitação. “Portanto, foi-nos transmitido”, como ele lembra, “pelos apóstolos que há um só Deus, um só Cristo, uma só esperança, uma só fé, uma só Igreja e um só batismo”.^[134]

Portanto, se nos próprios tempos apostólicos encontramos que houve alguns para os quais não havia uma só esperança e um só batismo, a verdade nos é trazida da própria fonte, de tal modo que possamos pensar na possibilidade de, sendo uma só Igreja, assim como há uma só esperança e um só batismo, tenham, no entanto, um só batismo aqueles que não têm uma só Igreja, como pôde acontecer também naqueles tempos em que tiveram um só batismo aqueles que não tinham uma só esperança.

Como podiam ter uma só esperança com os justos e santos aqueles que diziam: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”,^[135] afirmando que não haveria ressurreição dos mortos? E, no entanto, entre eles, se encontravam aqueles aos quais o mesmo Apóstolo diz: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo?”.^[136] Com efeito, escreveu-lhes falando abertamente: “Como podem alguns dentre vós dizer que não há ressurreição dos mortos”.^[137]

38 A Igreja é assim descrita no Cântico dos Cânticos: “És um jardim fechado, minha irmã, noiva minha, és jardim fechado, uma fonte lacrada. Teus brotos são pomar de romãs com frutos preciosos”;^[138] não me atrevo a interpretar essas palavras a não ser como referentes aos santos e aos justos, não aos avarentos e defraudadores, aos ladrões e usurários, aos bêbados e invejosos, os quais tinham o batismo comum com os justos, mas não tinham em comum com eles a caridade; pelas cartas de Cipriano,^[139] que mencionei muitas vezes, aprendemos e ensinamos muito. Pois que alguém me diga como invadiram o jardim fechado e a fonte lacrada^[140] aqueles que, conforme Cipriano testifica, mostraram dentro que renunciavam ao mundo com palavras, não com atos.

Pois, se estão dentro, também são esposa de Cristo. Porventura, essa tal é aquela sem mancha e sem ruga,^[141] e aquela Pomba formosa^[142] é manchada por um grupo de membros? Acaso são estes os espinhos, em cujo meio está ela como um lírio, o qual também é dito nos mesmos Cânticos?^[143] Portanto, em tanto será lírio, enquanto será também jardim fechado e fonte lacrada, ou seja, naqueles justos que ocultamente são judeus pela circuncisão do coração^[144] – “pois a filha do rei é levada para dentro”^[145] –, nos quais está o número certo dos santos predestinados antes da fundação do mundo.

Mas aquele grande número de espinhos está por fora, nas separações, sejam as ocultas, sejam as manifestas. “Quero anunciá-los”, diz o salmo, “mas ultrapassam qualquer conta”.^[146] Portanto, o número dos justos, que foram chamados segundo o divino desígnio,^[147] sobre os quais foi dito: “O Senhor conhece os que lhe pertencem”,^[148] este número é o jardim fechado, a fonte lacrada, o poço de água viva, o paraíso com frutos preciosos.^[149]

Dentre esse número, alguns vivem espiritualmente e andam pelo eminente caminho da caridade,^[150] e quando instruem com espírito de mansidão o homem apanhado em algum delito, cuidam para que eles não sejam tentados,^[151] e quando também eles são apanhados, se amaina neles um tanto o afeto da caridade, mas não se extingue; e, surgindo de novo e inflamando, retoma o primitivo curso. Pois sabem dizer: “Minha alma se desfaz em tristeza; põe-me de pé conforme a tua palavra”.^[152] Mas quando pensam alguma coisa diferentemente, Deus lhes revelará na fragrância da caridade, se permanecerem e não romperem o vínculo da paz.^[153]

Mas outros, ainda carnais e animais, procuram com insistência seus interesses e, para se tornarem idôneos para recolher o leite dos espirituais, são nutridos com o leite dos santos mistérios; e evitam pelo temor de Deus o que se manifestou nos costumes depravados, assim considerados mesmo pelo juízo popular; e para cada vez se deleitarem com as coisas terrenas e temporais, observam com constância a regra de fé procurada com diligência; e se algo dela se desviam, são corrigidos imediatamente pela autoridade católica, ainda que pelas palavras dos mesmos flutuem em favor de seu sentido carnal em combates frequentes às fantasias.

Dentre esse número, há alguns que ainda vivem uma vida depravada e estão imersos em heresias e em superstições dos pagãos, e, no entanto, mesmo aí “o Senhor conhece os que lhe pertencem”.^[154] Pois na inefável providência de Deus, muitos que parecem estar fora estão dentro, e muitos que parecem estar dentro estão fora.

Portanto, de todos eles que, por assim dizer, estão dentro, mas estão dentro ocultamente, é do que está formado aquele jardim fechado, fonte lacrada, poço de água viva, paraíso de frutos preciosos.^[155] Os benefícios concedidos por Deus em parte são próprios, como a infatigável caridade neste tempo e no mundo futuro a vida eterna, mas em parte são comuns com os maus e os perversos, como são os demais dons, entre os quais se encontram também os sacrossantos mistérios.

39 De tudo isso, procede a consideração mais fácil e mais expedita da arca, cujo fabricante e condutor foi Noé. Com efeito, Pedro diz: “Na qual poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas através da água. O que lhe corresponde é o batismo que agora nos salva, não aquele que consiste em uma remoção da imundície do corpo, mas em um compromisso solene de uma boa consciência”.^[156] Portanto, se aos olhos dos homens há batizados na unidade católica que renunciam ao mundo com palavras, não em atos,^[157] como podem pertencer ao mistério dessa arca aqueles nos quais não há nenhum compromisso de uma boa consciência? Ou como podem salvar-se pela água aqueles que, fazendo mau uso do santo batismo, parecendo estar dentro, perseveraram até o fim da vida em costumes infames e dissipados? Ou como não se salvaram pela água aqueles dos quais Cipriano fala que, no passado, foram admitidos simplesmente na Igreja, com o batismo que tinham recebido na heresia? Salvou-os a própria unidade da arca, na qual ninguém se salvou a não ser por meio da água. Com efeito, ele diz: “O Senhor tem o poder de conceder o perdão pela sua misericórdia também àqueles que, admitidos simplesmente na Igreja, faleceram na Igreja, não ficam separados dos benefícios da mesma”.^[158] Se não foram pela água, como foram na arca? Se não na arca, como na Igreja? Mas se na Igreja, certamente na arca, e se na arca, certamente pela água.

Portanto, pode acontecer que também alguns batizados fora sejam considerados batizados dentro pela presciência de Deus, porque aí a água começa a ser-lhes útil para a salvação – pois, e não se pode dizer de outro modo que se salvaram na arca pela água –; e, novamente, alguns que pareciam batizados dentro são considerados batizados fora. Os que fazem mau uso do batismo morrem pela água, o que não aconteceu a ninguém, senão ao que estava fora da água.

É manifesto certamente que as expressões dentro e fora da Igreja se devem entender no coração, não no corpo, já que todos os que estão dentro, com o coração, salvam-se na unidade da arca, pela mesma água pela qual todos os que estão fora, com o coração, já estão também fora com o corpo, já não estão, morrem como que adversários da unidade. Portanto, assim como os salvou, não outra, mas a mesma água, estando na arca e perde os que estão fora da arca, assim, não com outro, mas com o mesmo batismo também os bons católicos se salvam e os maus católicos ou os hereges perecem.

O que o bem-aventurado Cipriano pensa sobre a Igreja católica e como, pela sua autoridade, os hereges são totalmente triturados, embora eu o tenha dito muitas coisas, no entanto, determinei, se agradar ao Senhor, dizê-lo à parte, às vezes com mais palavras e mais clareza; primeiramente, falarei de seu concílio o que penso que devo dizer. Isso o empreenderei no livro seguinte, se Deus quiser.

O Concílio de Cartago de 256^[1]*O sacramento e seus efeitos*

1 Poderia já, talvez, ser suficiente o que, com repetidos argumentos, examinados e estudados em muitas dissertações, acrescentando-se ainda os testemunhos das divinas Escrituras e com o apoio de tantos testemunhos do próprio Cipriano, poderia ser suficiente, repito, para que os mais tardos de inteligência, pelo que julgo, entendam, ou seja, que o batismo de Cristo não pode ser violado por perversidade alguma do homem que o administre ou o receba. Naqueles tempos, quando se discutia em debates essa questão contra um salutar costume, salvas a caridade e a unidade, alguns homens, mesmo piedosos antístites de Cristo, entre os quais principalmente se destaca o bem-aventurado Cipriano, foram de parecer que não podia existir entre os hereges ou os cismáticos o batismo de Cristo não por outra razão, senão porque não se fazia diferença entre o sacramento e o efeito ou o uso do sacramento. E porque seu efeito e seu uso não eram tidos em conta entre os hereges com respeito à libertação dos pecados e à retidão do coração, não se considerava que existisse o próprio sacramento.^[2]

Mas ao voltar os olhos para a quantidade da palha interior, como também para aqueles que são maus na mesma unidade e vivem depravadamente, aparece que não podem dar nem ter a remissão dos pecados, porque foi dito não aos maus filhos, mas aos bons: “Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e aqueles a quem não perdoardes, ser-lhes-ão retidos”,^[3] no entanto, podem ter, administrar e receber o sacramento do batismo. Ficou bastante claro aos pastores da Igreja católica difundida pelo mundo inteiro, por meio dos quais depois o costume original foi confirmado pela autoridade do concílio plenário, que também a ovelha que vagava fora e recebera fora de seus ladrões defraudadores o selo do Senhor, ao vir para a salvação da caridade cristã, é corrigida do erro, é libertada do cativo, é curada da ferida; no entanto, o selo do Senhor deve ser nela reconhecido em vez de ser censurado.^[4] Mas muitos lobos imprimem o mesmo selo em outros lobos, os quais parecem estar dentro e, no entanto, pelos frutos de seus costumes que perduram até o fim, não pertencem àquela ovelha, que também de uma se torna muitas. Pois de acordo com a presciência de Deus, assim como muitas ovelhas vagueiam do lado de fora, assim muitos lobos armam emboscadas dentro. Contudo, dentre elas “o Senhor conhece os que lhe pertencem”,^[5] as que não ouvem senão a voz do pastor, mesmo quando chama com vozes semelhantes às dos fariseus, dos quais foi dito: “Não fazem o que dizem”.^[6]

Saber distinguir o importante

2 Assim como um homem espiritual, que vive a finalidade do preceito, ou seja, a caridade, com o coração puro, com uma boa consciência e fé não fingida,^[7] pode ver algo de menos devido ao corpo que se corrompe e ter outra opinião sobre o que Deus revelará, quando for de sua vontade, ao que permanecer na caridade, do mesmo modo, no homem carnal e mau, se pode encontrar algo bom e útil que procede de outra parte, não de si mesmo. Pois assim como num ramo que dá fruto se encontra algo que é preciso podar, para que produza mais fruto,^[8] assim também do sarmento estéril, árido e murcho costuma pender algum cacho.

E por isso, assim como seria insensato apreciar as imundícies do ramo que produz fruto, mas age com utilidade aquele que não lança fora os frutos sadios pendentes aqui e ali, assim também aquele que, separado da unidade, rebatiza, porque pareceu a Cipriano ser necessário batizar de novo os que vinham dos hereges, recusa o que é digno de louvor em tão ilustre homem e faz o que nele deve ser corrigido, e não consegue o que persegue. Pois aquele, enquanto odeia profundamente com zelo de Deus aqueles que se separaram da unidade, julgou que se tinham separado pelo próprio batismo; mas os donatistas, pensando ser um crime sem importância se terem separado da unidade de Cristo, afirmam que seu batismo não existe mais neles, pois saiu com eles. Estão tão longe da fecundidade de Cipriano que não se equipararam aos sarmentos que eles mesmos recusaram.

3 Da mesma forma, não vivendo a caridade e caminhando pelos caminhos tortuosos de seus péssimos costumes, parece estar dentro, mas está fora e não repete o batismo de Cristo nem nos hereges, nada lhes aproveita a esterilidade, porque não é fecundo pelo seu fruto, ainda que esteja repleto de fruto alheio. Mas pode acontecer que alguém esteja enraizado na caridade e pense retamente aquilo em que Cipriano se equivocou, e, no entanto, há muito mais fecundidade em Cipriano, e naquele muito mais é preciso purificar.

Por isso, não somente não o comparamos com os maus católicos, mas nem sequer o comparamos aos bons; é contado pela piedosa mãe Igreja entre os raros e poucos homens de santidade e de graça extraordinária, ainda que os donatistas reconheçam o batismo de Cristo mesmo entre os hereges, mas pareceu-lhe outra coisa, de modo que por meio dele, que enxergou de menos e permaneceu com toda firmeza na unidade, se manifesta claramente aos hereges que crime sacrílego representou seu rompimento com a unidade do vínculo. Nem os cegos fariseus, ainda que dissessem às vezes o que se devia fazer, podem ser comparados ao apóstolo Pedro, ainda que dissesse às vezes o que não se devia fazer. Mas não somente não se pode comparar a aridez dos donatistas com a louçania de Cipriano, mas também não se podem comparar os frutos daqueles com a fecundidade deste. Pois agora não se obriga a ninguém judaizar-se^[9] e por isso agora ninguém deve ser comparado ao apostolado de Pedro, por mais que progrida na Igreja.

Por essa razão, guardando, de acordo com a minha possibilidade, a devida reverência e a honra digna ao pacífico bispo e glorioso mártir Cipriano, atrevo-me, no entanto, a dizer que ele, no tocante aos cismáticos ou hereges que deviam ser batizados, pensou de modo diferente do que depois a verdade esclareceu, não de acordo com minha opinião, mas a opinião da Igreja universal corroborada e confirmada pela autoridade do concílio plenário.^[10] Assim como, com toda veneração em atenção aos méritos do primeiro dos apóstolos e eminente mártir, ousou dizer que ele não procedeu retamente ao obrigar os pagãos a se judaizarem. Também isso o digo, não por mim, mas pela salutar doutrina do apóstolo Paulo, mantida e observada na Igreja universal.

O batismo, íntegro por si mesmo

4 Dissertando sobre a opinião de Cipriano, eu, muito inferior a seus merecimentos, digo que tanto os bons quanto os maus podem ter o sacramento do batismo, podem administrá-lo, podem recebê-lo, mas os bons com proveito e para sua salvação, mas os maus, para sua perdição e castigo; contudo, como ele é íntegro para uns como para os outros, nada importa quanto se mostre entre os maus, assim como não importa quanto melhor se apresente entre os bons. E por isso, também nada importa quanto pior é administrado, assim como nada importa o quanto melhor. Pois ele é íntegro por si mesmo e é igualmente santo tanto naqueles que não são igualmente justos, como naqueles que são igualmente iníquos.

A santidade da Igreja e a maldade de seus filhos

5 Demonstramos sobejamente, como penso, tanto pelas Escrituras como pelas cartas de Cipriano, que os maus não mudados para melhor têm o batismo, e tanto o administram como o recebem. Que eles não pertençam à santa Igreja de Deus, ainda que pareçam estar dentro, percebe-se claramente por aí, porque eles são avaros, ladrões, usurários, invejosos, malévolos e outras coisas semelhantes; mas ela é a Pomba, a única pudica e casta, esposa sem mancha e sem ruga,^[11] jardim fechado, fonte lacrada, paraíso com produção de frutos,^[12] e as demais coisas que foram ditas acerca dela de modo semelhante, o que não se entende senão nos bons, santos e justos, ou seja, não somente segundo as operações dos dons, comuns aos bons e aos maus, mas também de acordo com a caridade íntima e supereminente^[13] aos que têm o Espírito Santo, aos quais o Senhor diz: “Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e aqueles a quem não perdoardes, ser-lhes-ão retidos”.^[14]

O fruto do sacramento

6 E por isso, não se diz com propriedade, quando se afirma que não pode também administrar o batismo o mau que pode tê-lo; e assim como o tem para sua ruína, também o administra para sua ruína, não porque administra tal sacramento, nem porque tal pessoa o administra, mas porque o administra a um mau. Com efeito, quando o mau o administra ao bom, ou seja, no vínculo da unidade, mudado por uma sincera conversão, entre o bom sacramento que é administrado e o bom fiel ao qual se administra, fica sem efeito a malícia do que o administra. E como lhe são perdoados os pecados após a sincera conversão a Deus, são perdoados por aqueles aos quais se une por uma sincera conversão. O mesmo Espírito Santo, que foi dado a todos os santos, unidos a ele pela caridade, o perdoa, conheçam-se ou não pessoalmente. De modo semelhante, quando são retidos os pecados de alguém, são retidos por eles, dos quais se separa aquele a quem são retidos devido à dessemelhança de vida e ao distanciamento do coração perverso, conheçam-se ou não pessoalmente.

Os frutos dependem das disposições

7 Por conseguinte, todos os maus estão separados espiritualmente dos bons, mas quando se separam corporalmente com uma evidente dissensão, tornam-se piores. Mas, como foi dito, não importa para a santidade do batismo quanto pior alguém se apresenta, e quanto pior o administre. No entanto, pode administrá-lo, estando separado, assim como pode tê-lo, estando separado, mas grande ruína é tê-lo e ruína administrá-lo.

Mas a quem se administra, pode recebê-lo para a salvação se ele não o recebeu, estando separado, como aconteceu a muitos que, seja em perigo de morte, com espírito católico e coração não distanciado da unidade da paz, caíssem nas mãos de um herege e recebessem dele o batismo de Cristo, sem maldade de sua parte, seja que tenham morrido ou se recuperado, não permaneceram de forma alguma entre eles, para os quais nunca haviam passado de coração.

Cipriano e o vínculo da caridade

8 Sendo assim, o que pode prejudicar a essa tão esclarecida verdade o fato de muitos colegas no episcopado terem concordado com Cipriano naquela opinião e terem proferido suas próprias opiniões de acordo com ele, senão para que a caridade desse homem ficasse mais evidenciada para com a unidade de Cristo? Pois se houvesse permanecido sozinho, sem que ninguém tivesse concordado com sua opinião, poderia parecer que tivesse arrefecido com respeito ao delito do cisma, ao não encontrar companheiros de mesmo erro. Mas com muitos que com ele concordavam, porque permanecia na unidade com os demais que dele discordavam, manteve o santíssimo vínculo da universalidade católica, não pelo temor de estar sozinho, mas pelo seu amor à paz.

Por essa razão, poderia certamente parecer supérfluo revisar cada uma das opiniões dos demais bispos também daquele concílio. Mas porque os mais tardos de inteligência pensam que não foi respondido, se não se respondia a alguma passagem de cada discurso, não no lugar próprio, mas em outro lugar, o que poderia ser empregado em outro lugar, é preferível que sejam exercitados em ler muito para melhorar a capacidade, a se queixarem de compreender pouco por não serem refutados.

9 Em primeiro lugar, lembramos que é preciso examinar de novo o parecer do próprio Cipriano, pelo qual revela sua alma pacífica e transbordante de caridade. “Ouvistes”, disse ele, “caríssimos colegas, o que Jubaiano, nosso colega no episcopado, me escreveu, consultando nossa mediocridade a respeito do ilícito e profano batismo dos hereges, e o que lhe respondi, ou seja, julgando o que uma e outra vez e sempre opinamos, isto é, que os hereges vindos à Igreja devem ser batizados e santificados com o batismo da Igreja. Da mesma forma, foi lida também outra carta de Jubaiano, na qual, respondendo à nossa carta de acordo com sua sincera e religiosa devoção, não somente concordou com nossa opinião, mas agradeceu por ter sido instruído. Resta que cada um de nós diga o que pensa sobre esse assunto, a ninguém julgando e a ninguém separando do direito da comunhão, se tiver outra opinião. Pois nenhum de nós se constituiu bispo dos bispos ou com terrífico terror obrigou seus colegas à necessidade de obedecerem; com efeito, todo bispo tem seu próprio arbítrio, de acordo com a permissão de sua liberdade e poder; e tanto não pode ser julgado por outro, como também não pode julgar o outro. Mas esperemos o juízo de nosso Senhor do universo, Jesus Cristo, o qual é o único e só ele tem o poder tanto de nos colocar à frente de sua Igreja, como de julgar nossos atos”.^[15]

10 Já dissertamos nos livros anteriores, pelo que julgo e de acordo com nossa capacidade, não somente sobre a carta que Cipriano escreveu a Jubaiano, mas também sobre a que dirigiu a Quinto e a que escreveu a alguns colegas, junto com outros colegas, e que enviou a Pompeu em favor da universalidade do consenso e do concílio católico, em cuja unidade eles permaneceram como membros piedosos.

Por isso, parece oportuno examinar o que os demais, um a um, pensaram com a liberdade que ele não anulou, mesmo com respeito a nós, dizendo: “A ninguém julgando, não separando ninguém do direito da comunhão, se tiver outra opinião”.^[16] Que ele não o disse para captar com essa segurança os pensamentos ocultos dos colegas, como que escondidos no íntimo, mas porque realmente amava a paz e a unidade, é fácil perceber por meio de expressões semelhantes, quando escreve a cada um deles, assim como ao mesmo Jubaiano: “Irmão caríssimo, escrevemos-te”, diz ele, “estas palavras brevemente de acordo com nossa mediocridade, a ninguém dando ordens ou prejudgando, a fim de que cada um dos bispos faça o que pensa com o livre poder de seu arbítrio”.^[17] E para que ninguém, se pensasse diferentemente em virtude dessa mesma liberdade, ficasse com a impressão de que deveria ser expulso da companhia dos demais, prossegue e diz: “Pelo que se refere a nós, não debatemos a respeito dos hereges com os colegas e companheiros no episcopado, com os quais mantemos a divina concórdia e a paz do Senhor”; e um pouco depois: “Observamos paciente e mansamente a caridade de espírito, a honra do colégio, o vínculo da fé, a concórdia do sacerdócio”.^[18] A mesma coisa na carta que escreveu a Magno, quando se tratava do batismo por imersão ou infusão; se havia alguma diferença: “Neste assunto, a ninguém prejudicam nossa modéstia e prudência, se cada um opina o que pensa e faz como opina”.^[19]

Por essas palavras, fica bem claro que foram tratados esses assuntos por eles naquele tempo em que ainda eram hauridos com manifesta ambiguidade, pois ainda eram obscuros, mas eram investigados com grande empenho. Portanto, nós, a respeito de ser reconhecida em todas as partes a simplicidade do batismo, mantemos o costume da Igreja universal, confirmado por concílios universais.^[20] Recebendo maior confiança das palavras de Cipriano, pelas quais me era permitido pensar então de modo diferente e, salvo o direito de comunhão, dando primazia à unidade e louvando-a,^[21] como o fizeram o bem-aventurado Cipriano e seus colegas que com ele realizaram o concílio, e a mantiveram com os que tinham outra opinião, destruindo as sediciosas calúnias dos hereges e cismáticos, as quais perturbam e destroem em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, falando pelo seu Apóstolo diz: “Suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”,^[22] pelo qual diz também: “Se em alguma coisa pensais diferentemente, Deus vos esclarecerá”,^[23] vamos examinar e expor, na medida em que o Senhor nos ajudar, as sentenças dos outros bispos, salvo o vínculo da unidade e da paz, o qual mantendo, nós os imitaremos.

11 Cecílio de Bilta^[24] disse: “Eu sei que há na Igreja um só batismo e que não há batismo fora da Igreja. Este único estará onde houver verdadeira esperança e fé firme. Pois assim está escrito: ‘Uma só fé, uma só esperança, um só batismo’;^[25] não estará entre os hereges onde não há esperança e a fé é falsa, onde tudo se faz com mentiras, onde o demoníaco exorciza, interroga sobre o sacramento, cuja boca e palavras lançam a gangrena, o infiel dá a fé, o criminoso concede o perdão dos delitos, o anticristo batiza em nome de Cristo, o amaldiçoado por Deus abençoa, o morto promete a vida, o não pacífico dá a paz, o blasfemo invoca a Deus, o profano exerce o sacerdócio, o sacrílego prepara o altar. Acrescente-se a isso também aquele mal: o pontífice do diabo se atreve a celebrar a Eucaristia. Os que os acompanham digam se isso é falso a respeito dos hereges. Eis em que coisas a Igreja é obrigada a consentir, e, sem o batismo e sem o perdão dos delitos, ser levada a comungar! Irmão, isso devemos evitar e disso fugir, e também nos afastar de tão grandes crimes, conservar o único batismo que Deus concedeu apenas à Igreja”.

12 Eis minha resposta: todos os que dentro confessam que conhecem a Deus, mas negam nas ações – como são os avarentos e invejosos e aqueles que são denominados homicidas devido ao ódio fraterno, conforme o testemunho, não meu, mas do santo apóstolo João^[26] – e não têm esperança, porque têm uma consciência má e são pérfidos, porque não praticam o que prometeram a Deus e são mentirosos, professam a falsidade e são demoníacos, porque dão lugar em seu coração ao diabo e aos seus anjos e manifestam podridão em suas palavras, quando corrompem os bons costumes pelas más conversas;^[27] e são infiéis, porque se riem quando Deus os ameaça; e criminosos, porque vivem impiamente; e anticristos, porque com seus costumes se opõem a Cristo; e amaldiçoados por Deus, porque a santa Escritura os execra em todas as partes; e mortos, porque carecem da vida da justiça; e turbulentos, porque combatem contra a Palavra de Deus com suas ações contrárias; e blasfemos, porque com suas ações perversas desonram o nome cristão; e profanos, porque foram expulsos espiritualmente do santuário de Deus; e sacrílegos, porque profanam o templo de Deus em si mesmos, ao levarem uma vida má, e pontífices do diabo, porque servem à fraude e à avareza, que é idolatria.

Tanto o apóstolo Paulo como o bispo Cipriano^[28] atestam que alguns deles, melhor, muitos estão também dentro. Portanto, por que batizam? Por que também alguns, que renunciam ao mundo com palavras, não com atos, e não tendo mudado semelhantes costumes, quando se convertem, não são rebatizados? Mas examinemos por que se indigna, quando diz: “Eis em que a Igreja é obrigada a consentir e é obrigada a comungar sem o batismo e o perdão dos delitos”; se não estivessem presentes os demais bispos que compeliavam os outros a essas palavras, não as diria certamente.

Por onde se mostra que então pensaram com mais base na verdade aqueles que abandonaram o antigo costume, o qual foi confirmado depois pelo concílio universal. O que significa o que ele acrescenta e diz: “Devemos fugir disso e evitá-lo, irmãos, e nos afastar de tão grandes crimes?”. Com efeito, se ele diz isso de tal modo que ele não praticava nem apoiava esses erros, é outra coisa; mas se condena os que pensam de outro modo e os segrega dos primeiros, contradiz as palavras de Cipriano com as quais diz: “A ninguém julgando e a ninguém afastando do direito da comunhão, se tiver opinião diferente”.^[29]

Félix de Misgirpa^[30]

13 Primo Félix de Misgirpa ou Migirpa^[31] disse: “Julgo que todo homem que vem da heresia deve ser batizado. Pois em vão pensa que foi batizado, visto que não existe o batismo, a não ser na Igreja, o qual é o único e verdadeiro, porque também existe um só Senhor, uma só fé e uma só Igreja, na qual está tanto o único batismo como a santidade etc. Pois os que foram administrados fora não têm efeito para a salvação”.

[32]

14 Eis nossa resposta ao que disse Félix de Misgirpa: se o batismo único e verdadeiro não estivesse senão na Igreja, não estaria certamente naqueles que se afastaram da unidade. Mas está neles, pois os que voltam não o recebem não por outra razão, senão porque, ao se afastarem, não o haviam perdido. Mas com o que ele diz: “Pois o que se pratica fora não tem efeito algum para a salvação”, concordo e creio que seja verdade. Pois uma coisa é que não exista lá, outra, não ter efeito algum para a salvação. Com efeito, aos que vêm para a paz católica, começa a ser-lhes útil o que existia fora, mas não lhes era proveitoso.

Resposta a Policarpo de Hadrumeto

15 Respondemos a Policarpo de Hadrumeto,^[33] porque disse: “Aqueles que recebem o batismo dos hereges anulam o nosso”.^[34] Se é dos hereges o batismo que é administrado pelos hereges, é também dos avarentos e homicidas o que é administrado dentro pelos tais. Mas se não é deles, nem o é daqueles. E, por isso, é de Cristo em qualquer parte.

Novato de Tamugadi^[35]

16 Novato de Tumagadi^[36] disse: “Ainda que saibamos todos os testemunhos que a Escritura registra sobre o batismo salutar, devemos, no entanto, expressar nossa fé. Os hereges e cismáticos, que vêm para a Igreja e que parecem ter sido batizados com um falso batismo, devem ser batizados na fonte perene. E por isso, conforme o testemunho da Escritura e conforme a determinação de homens santíssimos, nosso colegas devem ser batizados; e todos os que pareçam ter sido ordenados, sejam recebidos como leigos”.^[37]

Resposta a Novato de Tamugadi

17 Novato de Tumagadi diz o que fez, mas nada alegou que pudesse mostrar que deveria fazer o que fez. Citou um testemunho das Escrituras e o direito de seus colegas, mas nada deduziu que pudéssemos examinar.

18 Nemesiano de Tubuna^[39] disse: “Foi declarado em todas as santas Escrituras que o batismo administrado pelos hereges e cismáticos não é verdadeiro. Pois os seus superiores são falsos cristãos e falsos profetas, como diz o Senhor por meio de Salomão: ‘Quem confia nos falsos apascenta ventos; e ele mesmo segue as aves voantes.’^[40] Pois abandona os caminhos de sua vinha, saiu das sendas de seu campo. Ele entra por lugares intransitáveis e áridos e por terras destinadas à sede, pois alcança com suas mãos o que é estéril’.^[41] E novamente: ‘Abstém-te da água de outrem e não bebas de fonte alheia, para teres uma vida longa e te seja contado como de vida’. E no Evangelho, pelos seus lábios, nosso Senhor Jesus Cristo afirmou: ‘Quem não nasce da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus’”^[42]

Esse é o Espírito que desde o princípio pairava sobre as águas.^[43] Pois o Espírito não pode operar sem a água, nem a água sem o Espírito. Alguns interpretam mal em seu favor, a ponto de dizerem que recebem o Espírito Santo pela imposição das mãos e assim são recebidos; e, no entanto, é claro que devem renascer na Igreja católica mediante ambos os sacramentos. Então poderão ser filhos de Deus, conforme diz o Apóstolo: “Procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só Corpo e um só Espírito, assim como é uma a esperança de vocação com que fostes chamados; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; há um só Deus”^[44]

A Igreja católica diz todas essas coisas. E diz novamente no Evangelho: “O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito”;^[45] “pois o Espírito é de Deus e de Deus nasceu”^[46] Portanto, com respeito a todos os hereges e cismáticos, tudo o que fazem são obras da carne, as quais são: “fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos previno, como já vos preveni: os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus”^[47] Da mesma forma, o Apóstolo condena com todos os males aqueles que fazem divisão, ou seja, os cismáticos e os hereges. Portanto, se não receberem o batismo salutar na Igreja católica, que é a única, não podem ser salvos, mas serão condenados pelo juízo de Deus com os carnis.

19 Nemesiano de Tubuna transcreveu muitos testemunhos das Escrituras e falou muito em favor da opinião católica,^[48] a qual assumimos no sentido de declará-la e recomendar. A não ser que se deva pensar que não confia em coisas falsas aquele que confia na esperança das realidades temporais, tal como todos os aventos e ladrões e os que renunciam ao mundo apenas com palavras, não com atos, como são tanto os que batizam como os que são batizados, como testemunha Cipriano.

Eles vão atrás das aves voadoras, porque não alcançam o que desejam. Mas abandonam os caminhos de sua vinha e erram fora da senda de seu campo, entram por lugares intransitáveis e áridos e por terras destinadas à sede; mas não somente o herege consegue o que é estéril com suas mãos, mas todo aquele que vive mal, visto que toda justiça é produtiva e toda iniquidade é improdutiva. Mas aqueles que bebem

água roubada de uma fonte estranha,^[49] não somente os hereges, mas todos os que não vivem de acordo com o que Deus ensina e vivem de acordo com o que ensina o diabo. Pois, se falasse sobre o batismo, não diria: “E nem bebas de fonte desconhecida”,^[50] mas “não te laves em fonte desconhecida”.

Mas pelo que o Senhor diz: “Quem não nasce da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”,^[51] não percebe em que o ajuda para o que pensa. Uma coisa é “todo aquele que entrará no Reino dos Céus renasce primeiramente da água e do Espírito, porque se não renascer da água e do Espírito não entrará no Reino dos Céus”, o que o Senhor disse e é verdade, e outra coisa: “Todo que nasce da água e do Espírito entrará no Reino dos Céus, o que é falso certamente”. Com efeito, aquele Simão Mago nascera da água e do Espírito^[52] e, no entanto, não entrou no Reino dos Céus; assim pode acontecer também aos hereges.

Se não nasce do Espírito a não ser aquele que muda com uma conversão sincera, todos os que renunciam ao mundo apenas com palavras, não com atos, não renunciam certamente pelo Espírito, mas nascem apenas da água aqueles que, no entanto, estão também dentro, conforme testemunha Cipriano. Pois é necessário que se aceite uma das duas coisas: ou aqueles que renunciam ao mundo de modo enganoso nascem do Espírito, ainda que para sua ruína, não para sua salvação, e podem ser assim mesmo os hereges, ou se o que está escrito: “O Espírito Santo, o educador, foge da duplicidade”,^[53] tem valor nesse caso, de modo que os que renunciam ao mundo de modo enganoso não nascem do Espírito, alguém pode ser batizado com água e não nascer do Espírito, e em vão diz Nemesiano: “E o Espírito não pode operar sem a água, nem a água sem o Espírito”.

Mas já foi dito, muitas vezes e em outra parte, como é possível que tenham em comum um só batismo aqueles que não têm uma só Igreja. Assim como não pode acontecer dentro da própria Igreja que não tenham um só Espírito Santo pela justiça, e os impuros, no entanto, não tenham um só batismo por sua avareza. Com efeito, assim foi dito: “Um só corpo, ou seja, a Igreja, assim como um só Espírito e um só batismo”.^[54]

O restante que eu disse apoia mais nossa afirmativa. Com efeito, ele transcreveu do Evangelho o testemunho: “O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito”,^[55] porque nasceu de Deus e Deus é espírito,^[56] e conclui: “Portanto, com relação a todos os hereges e cismáticos, tudo o que fazem é carnal, no dizer do Apóstolo: ‘Outra, as obras da carne são manifestas: fornicção, impureza, libertinagem’ etc., e o restante que o Apóstolo diz, em que cita os hereges, e prosseguiu: ‘Os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus’”.^[57] Acrescentou em seguida e disse: “O Apóstolo condena junto com todos os maus também os que fazem divisão, isto é, os cismáticos e os hereges”.

Está bem que, ao enumerar as obras da carne, entre as quais estão também as heresias, tenha descoberto e dito que todas sem exceção são condenadas pelo Apóstolo. Portanto, que ele interrogue o santo Cipriano e dele ouça quantos vivem mesmo dentro da Igreja as obras da carne, as quais o Apóstolo condena junto com as heresias, e, no entanto, batizam e são batizados.^[58] Por que, então, se há de dizer que

somente os hereges não podem ter o batismo, sendo que o têm os companheiros da condenação dos mesmos?

20 Januário de Lambesa^[59] disse: “De acordo com a autoridade das santas Escrituras, determino que todos os hereges devem ser batizados para serem admitidos na santa Igreja”.^[60]

21 Respondo: de acordo com a autoridade das santas Escrituras, o concílio católico universal determinou que não se há de reprová-lo o batismo de Cristo que se encontra mesmo entre os hereges. Mas se alegasse testemunhos das Escrituras, demonstraríamos que ou não está contra nós, ou está a nosso favor, como o que vem depois.

22 Lúcio de Castro Galba^[62] disse: “Quando o Senhor disse em seu Evangelho: ‘Vós sois o sal da terra; ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens’;^[63] e novamente, depois de sua ressurreição, ao enviar seus apóstolos, ordenou, dizendo: ‘Toda autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’;^[64] portanto, como é evidente que os hereges, ou seja, os inimigos de Cristo, não têm a confissão íntegra do sacramento, assim como os cismáticos, não podem ser temperados com a sabedoria espiritual, visto que eles, afastando-se da Igreja, que é a única, tornaram-se seus adversários enfatuados, faça-se conforme está escrito: ‘A casa dos contrários à lei deve ser reformada’;^[65] conseqüentemente aqueles, batizados pelos contrários, mancharam-se e, primeiramente, devem ser purificados e depois ser batizados novamente”.

23 Lúcio de Castro Galba transcreveu o testemunho do Evangelho, quando o Senhor disse:^[66] “Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, como que os salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser lançado fora e pisado pelos homens”.^[67] Como se disséssemos que as pessoas lançadas para fora da Igreja valessem algo ou para sua salvação ou para a das outras. Mas também aqueles que parecem estar dentro estão fora não só espiritualmente, mas serão separados no fim, mesmo corporalmente. Pois tais pessoas para nada valem e nem por isso o sacramento do batismo, que existe nelas, nada é. Pois mesmo naqueles que são lançados fora, se se converterem e voltarem, volta-lhes a salvação que se havia retirado, mas o batismo, que não se retirara, não volta.

E o que o Senhor disse: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”,^[68] não permitiu que fossem batizados senão os bons, porque não disse aos maus: “Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles a quem não perdoardes, ser-lhes-ão retidos”.^[69] Como, pois, os maus batizam dentro aqueles cujos pecados não podem perdoar? Como também os maus, não convertidos, batizam, se seus pecados ainda estão sobre eles, como diz João: “O que odeia seu irmão está nas trevas?”.

Mas se forem perdoados quando se unirem pela caridade íntima aos bons e justos, pelos quais os pecados são perdoados na Igreja, mesmo que tenham sido batizados pelos maus, assim também aqueles que vierem de fora se juntam ao mesmo organismo do corpo de Cristo pelo vínculo interno da paz. Mas se deve reconhecer em ambos o batismo de Cristo e não ser rechaçado em ninguém, seja antes de se converterem, ainda que em nada lhes aproveite, seja quando se converterem, para que lhes possa ser útil.

Diz Lúcio: “Como aqueles que, afastando-se da Igreja, que é única, se tenham tornado contrários a ela e enfatuados, faça-se como está escrito: ‘A casa dos inimigos

da lei deve ser purificada'; e é conseqüente que aqueles que foram batizados pelos inimigos estejam manchados, e por isso, devem ser purificados primeiro e então serem batizados de novo". E então? Os ladrões e os homicidas não são contrários à lei que diz: "Não matarás, não roubarás"?^[70] Portanto, devem a purificação; quem há de negar? E, no entanto, não somente os que são batizados dentro por eles, mas também os que são batizados, não se tendo convertido, ainda que estejam devendo a purificação para que se convertam, no entanto, não são batizados novamente se se converterem, de tal modo que, embora confessemos que se deve purificar aquele que é batizado, mas ainda vive mal, proibamos que seja rebatizado.

25 Somos exortados outra vez a perguntar por que disse: "Excetuados aqueles que não foram batizados antes na Igreja católica". Porventura, seria por não terem perdido o que haviam recebido dentro? Portanto, o que podiam ter fora, por que também não podiam administrar? Acaso é administrado ilicitamente fora? Mas eles não têm licitamente fora, mas o têm; assim também, é administrado ilicitamente fora, mas, no entanto, é administrado. Mas o que se concede ao voltar àquele que havia recebido dentro concede-se ao que recebera fora, ou seja, para que tenha licitamente dentro o que tinha fora ilicitamente.

Mas talvez alguém pergunte o que continha a carta de Cipriano a Estevão, da qual se fez menção nessa sentença, visto que não foi lembrada no começo do concílio; julgo porque não se julgou necessário. Com efeito, Crescêncio disse que também ela foi lida nessa assembleia de sacerdotes, o que não duvido que se tenha feito, conforme julgo, como se costuma fazer, para que os bispos reunidos pudessem tomar conhecimento ao mesmo tempo de algo referente a essa causa e do que está contido nessa carta. Pois na realidade não diz respeito à questão presente, e me admiro mais porque ele dela fez menção, do que tenha sido omitida sua citação no começo do concílio. E se alguém pensa que eu não quis trazer à baila algo que nela foi consignado, necessário para a causa, pode refutar-me. E a carta nada contém sobre o batismo administrado entre os hereges ou cismáticos, do qual estamos tratando.

Os pecadores e o perdão dos pecados

26 Nicomedes de Segermes^[71] disse: “Minha opinião é esta: os hereges sejam batizados, ao virem para a Igreja, porque não se alcança fora, entre os pecadores, a remissão dos pecados”.^[72]

A isso se responde assim: a opinião da Igreja universal católica é esta: os hereges já batizados mesmo na heresia com o batismo de Cristo, ao virem para a Igreja, não sejam batizados. Pois se não há remissão dos pecados entre os pecadores, também os pecadores não perdoam os pecados dentro; no entanto, não recebam o batismo os batizados por eles.

28 Nonnulo de Girba^[73] disse: “A verdade de nossa mãe, a Igreja, permaneceu sempre entre nós, irmãos, e permanece, de modo especial, na Trindade do batismo, conforme diz o Senhor: ‘Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’.^[74] Portanto, como bem sabemos que os hereges não têm nem o Pai nem o Filho nem o Espírito Santo, ao virem para a Igreja, nossa mãe, devem renascer de fato e ser batizados, para que, por meio do santo e celeste banho, seja santificada a gangrena que tinham tanto pela ira da condenação, como pelo malefício do erro”.

29 Respondemos-lhe que têm o Pai e o Filho e o Espírito Santo todos os que são batizados com o batismo consagrado pelas palavras evangélicas, mas no coração e na vida, e não têm aqueles que vivem uma vida depravada e execrável.

30 Secundino de Quezas^[75] disse: “Como nosso Senhor Jesus Cristo diz: ‘Quem não está em meu favor, está contra mim’,^[76] e o apóstolo João denomina anticristos aqueles que saem da Igreja,^[77] é indubitável que os anticristos, que foram denominados inimigos de Cristo, não podem administrar a graça do batismo salutar. E por isso, julgo que aqueles que das insídias dos hereges acodem à Igreja devem ser batizados por nós, que somos chamados amigos de Deus”.^[78]

31 Respondemos-lhe que os inimigos de Cristo são aqueles que dizem: “Senhor, em teu nome fizemos muitos milagres”^[79] e as outras coisas que aí constam; no fim se dirá: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”.^[80] Essa conhecida palha, se se continuar até o fim na malícia, ou algo dela há de voar para fora antes da joeira, ou parece estar dentro e foi destinada ao fogo. Portanto, se os hereges, vindos para a Igreja, devem por isso ser batizados, para serem batizados pelos amigos de Deus, acaso os aventos, os ladrões, os homicidas são amigos de Deus ou aqueles a quem eles batizam devem ser novamente batizados?

32 Félix de Bagai^[81] disse: “Assim como um cego, conduzindo outro cego, ambos caem no buraco,^[82] assim o herege, batizado por um herege, ambos caem na morte”.^[83]

33 Isso é verdade, mas não é por isso que há de ser verdade o que acrescenta: “e por isso, o herege deve ser batizado e receber a vida, para que nós, que estamos vivos, não tenhamos comunhão com os mortos”. Não estavam mortos aqueles que diziam: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”?^[84] Não acreditavam na ressurreição dos mortos: portanto, os que se encontravam corrompidos pelas conversas inconvenientes dos mesmos e os seguiam, porventura, não caíam com eles no buraco? E entre eles, no entanto, estavam aqueles aos quais, já batizados, o Apóstolo escrevera, e, não obstante, não eram batizados de novo se se corrigissem. Acaso não diz o mesmo o Apóstolo: “O desejo da carne é morte”?^[85] E certamente desejavam segundo a carne os aventos, os defraudadores, entre os quais gemia o mesmo Cipriano. Portanto, em que o prejudicavam os mortos, a ele que vivia na unidade, ou quem diz que o batismo de Cristo, que os tais tinham ou administravam, foi violado por suas iniquidades?

Poliano de Milevi

34 Poliano de Milevi^[86] disse: “É justo que o herege seja batizado na santa Igreja”.

35 Nada mais breve se podia dizer, mas isto também é breve: é justo que o batismo de Cristo não seja nulo na Igreja de Cristo.

36 Teógenes de Hipona^[87] disse: “De acordo com o sacramento da graça celeste de Deus, cremos que recebemos um só batismo que está na santa Igreja”.^[88]

37 Essa sentença pode ser também minha; pois é de tal modo equilibrada, que nada contém contra a verdade. Nós também cremos em um só batismo que está na santa Igreja. Mas se tivesse dito: “Cremos que está tão só na santa Igreja”, dever-se-ia responder como aos demais. Mas porque foi dito assim: “Cremos em um só batismo que está na santa Igreja”, dir-se-ia que realmente está na santa Igreja, mas não se negaria que estivesse em outro lugar: não é preciso discutir contra essas palavras, seja o que for que ele pensou.

Com efeito, se eu fosse interrogado sobre cada parte da sentença, separadamente, se existia um só batismo, responderia que há um só. Em seguida, se eu fosse interrogado se esse batismo estaria na santa Igreja, responderia que assim acreditava e, por isso, responderia que acreditava em um só batismo que está na santa Igreja. Se me perguntassem, pela terceira vez, se estaria em uma só santa Igreja e não estaria entre os hereges ou os cismáticos, responderia com toda a Igreja que essa não era minha fé. Mas porque ele não escreveu isso em sua sentença, penso que seria justo que lhe acrescentasse palavras contra as quais possa discutir, palavras que ali não encontrei.

Como se dissesse: “É uma só a água do rio Eufrates que está no Paraíso”,^[89] diria certamente a verdade. Mas se me perguntassem se somente no Paraíso existiria essa água e dissesse que assim é, diria uma mentira. Pois existe também fora do Paraíso, naquelas terras para as quais mana daquela fonte. Mas quem é tão temerário a ponto de dizer que ele responderia o que é falso, enquanto poderia responder o que é verdade? Por essa razão, as palavras dessa sentença não devem envolver contradição, porque em nada impedem a verdade.

38 Dativo de Badis^[90] disse: “Nós, pelo que de nós depende, não temos comunhão com o herege, a não ser que seja batizado na Igreja e tenha recebido a remissão dos pecados”.^[91]

39 Se quiseres que seja batizado, porque não recebeu a remissão dos pecados, se dentro encontrares alguém que alimenta ódio contra seu irmão e seja batizado, como o Senhor não pode mentir, pois ele disse: “Se não perdoardes, não vos será perdoado”,^[92] ordenarás que seja batizado de novo, uma vez corrigido? Não, certamente. Portanto, a mesma coisa com o herege. É claro que não se deve omitir a razão pela qual Dativo disse simplesmente: “Não temos comunhão com o herege”, mas acrescentou: “Pelo que de nós depende”. Pois ele viu muitos estarem de acordo com essa opinião, de cuja companhia, no entanto, para não violar a unidade, não poderiam separar-se, e acrescentou: “Pelo que de nós depende”, mostrando certamente que não estava em comunhão pela sua vontade com aqueles que julgava não terem o batismo, mas, no entanto, tudo se deveria tolerar pelo bem da paz e da unidade.

Faziam também isso os que pensavam que esses não procediam retamente, aos quais a verdade, mais esclarecida, ensinou depois, e o costume mais antigo, confirmado por um concílio posterior, persuadiu com mais força. E como, salva a caridade, pensassem com diversas opiniões, toleravam-se mutuamente com piedade solícita, empenhados em conservar a unidade de espírito no vínculo da paz,^[93] até que Deus o revelasse a outros deles, se pensassem algo de modo diferente.^[94] Ouçam-no os donatistas, pelos quais a unidade é combatida por seu concílio, por meio do qual se mostra quanto se deve amar a unidade.

40 Sucesso de Abbir Germaniciana^[95] disse: “Aos hereges nada se permite ou se permite tudo. Se podem batizar, também podem dar o Espírito Santo; mas se não podem dar o Espírito Santo, porque não têm o Espírito Santo, não podem batizar espiritualmente. Pelo que pensamos que os hereges devem ser batizados”.^[96]

41 Pode-se responder com quase o mesmo número de palavras: “Aos homicidas ou nada é lícito ou tudo é lícito. Mas se não podem dar o Espírito Santo, porque não têm o Espírito Santo, também não podem batizar espiritualmente. Por isso, julgam que os batizados pelos homicidas ou os homicidas batizados e não mudados para melhor devem ser batizados”. Mas quem odeia seu irmão é homicida.^[97] E Cipriano conheceu dentro desses tais que certamente batizavam. Portanto, sem razão foi dito o referente aos hereges, ou seja, que devem ser batizados.

42 Fortunato de Tucabori^[98] disse: “Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus Pai e criador, edificou a Igreja sobre Pedro,^[99] e não sobre uma heresia; e deu aos bispos a faculdade de batizar, não aos hereges. Pelo que, os que estão fora da Igreja e, estando contra Cristo, dispersam as ovelhas e seu rebanho, não podem batizar fora”.^[100]

43 Acrescentou “fora”, e assim não nos permite responder brevemente. Do contrário, ser-lhe-ia respondido com quase o mesmo número de palavras: “Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor, Filho de Deus Pai e criador, fundou sua Igreja sobre Pedro, não sobre a iniquidade, e deu a faculdade de batizar aos bispos, não aos iníquos. Pelo que, não podem batizar os que não pertencem à pedra, sobre a qual edificam os que ouvem e praticam as palavras de Deus; mas vivendo contra Cristo, ouvindo suas palavras, mas não as praticando e, por isso, edificando sobre a areia, corrompem suas ovelhas e seu rebanho com o exemplo de seus costumes depravados”.

Por acaso não se poderia dizê-lo de modo semelhante? E, no entanto, é falso. Pois os iníquos batizam, pois iníquos são aqueles ladrões que, dentro da unidade, Cipriano os acusava. Mas, por isso, acrescentou “fora”. Por que esses não podem batizar fora? Acaso pelo fato de estarem fora? Mas não importa para a integridade do batismo o quanto pior seja quem o administra. Pois não há tanta diferença entre um mau e um pior, quanto há entre um bom e um mau; e, no entanto, quando o mau batiza, não dá nada diferente do que dá o bom; portanto, também quando o pior batiza não dá nada diferente do que aquele que é menos mau.

44 Mas se investigarmos com mais diligência o que significa “fora”, principalmente porque ele mencionou a Pedro, sobre o qual está edificada a Igreja, porventura não estão na Igreja aqueles que estão sobre a pedra, e os que não estão sobre a pedra não estão na Igreja?

Vejam, portanto, se constituem um edifício sobre a pedra aqueles que ouvem as palavras de Cristo e não as praticam. O próprio Senhor os contradiz, dizendo: “Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática será comparado a um homem sensato que construiu a sua casa sobre a rocha”;^[101] e um pouco depois: “Quem ouve estas minhas palavras, mas não as pratica, será comparado a um insensato que construiu a sua casa sobre a areia”.^[102] Portanto, se a Igreja está sobre a pedra, aqueles que estão sobre a areia, porque estão fora da pedra, sem dúvida estão fora da Igreja.

Recordemos, pois, quantos Cipriano menciona como que estabelecidos dentro, porque constroem sobre a areia, ou seja, ouvem as palavras de Cristo e não as praticam e, porque estão sobre a areia, não estão sobre a pedra, o que significa que estão fora da Igreja. No entanto, enquanto são assim e ainda ou nunca se mudam para melhor, batizam e são batizados, e o batismo que têm permanece íntegro para eles, que são destinados à condenação.

45 Acaso não se pode dizer neste lugar: “Quem pratica todas as palavras do Senhor,

que foram escritas no discurso evangélico, as quais concluindo, diz que edifica sobre a pedra os que ouvem e praticam as palavras, mas edifica sobre a areia os que as ouvem e não as praticam?”. Porque, embora alguns não cumpram todas as palavras, ele receitou o remédio no mesmo discurso, dizendo: “Perdoai e sereis perdoados”.

[103] E depois da oração do Senhor, lembrada e descrita no mesmo discurso, ele disse: “Se perdoardes aos homens os seus delitos, também vosso Pai celeste vos perdoará; mas se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não vos perdoará os vossos delitos”. [104] Por isso diz Pedro: “O amor cobre uma multidão de pecados”; [105] esse amor não o tinham eles e, por isso, edificaram sobre a areia; sobre eles o mesmo Cipriano diz que viviam dentro sem caridade com inveja malévola mesmo nos tempos apostólicos. E por essa razão, pareciam realmente estar dentro, mas estavam fora, porque não estavam sobre a pedra, pela qual é figurada a Igreja.

46 Sedato de Tuburbo^[106] disse: “Quanto a água, santificada na Igreja pela prece do sacerdote, lava os pecados, tanto ela, infectada pelas palavras heréticas, acumula pecados como que por uma gangrena. É preciso empenhar-se com forças pacíficas, para que ninguém, infectado e eivado do erro herético, se recuse a receber o único e verdadeiro batismo, com o qual quem não for batizado torna-se alheio do Reino dos Céus”.^[107]

47 Responde-se a isso dizendo que, se a água não for santificada, porque o que faz a prece omite algumas palavras, incorrendo em erro, devido a sua imperícia, muitos, não só os maus irmãos, mas também os bons não santificam a água na Igreja. Pois as preces de muitos recebem correção, se forem recitadas por pessoas mais doutas, e mesmo entre elas se depara com muitas palavras contra a fé católica. Porventura, se se demonstrar que alguns batizados recebem a ordem de ser batizados novamente se aquelas preces com erro foram recitadas sobre a água? Por que isso? Porque muitas vezes a devoção do orante supera o defeito da prece, e porque aquelas exatas palavras evangélicas, sem as quais o batismo não pode ser consagrado, valem tanto que por elas se anula tudo o que se diz contra a regra de fé na prece defeituosa, assim como se expulsa o demônio em nome de Cristo.^[108]

Pois o herege, se faz uso de uma prece defeituosa e não tem a devoção da caridade, com a qual poderia superar sua imperícia, é semelhante a qualquer um que, na Igreja, seja invejoso e malévolo – como os que são reprovados por Cipriano –, e faz uso também, como se costuma fazer, de alguma prece em que se profira algo contra a regra de fé. Muitos se enredam com as orações compostas, não só por imperitos charlatães, mas também por hereges e, devido à simplicidade da ignorância, não as conseguindo discernir, julgando-as boas, fazem uso das mesmas. No entanto, o que nelas é contra a fé não esvazia as que são certas, mas é esvaziada antes por elas, tal como na pessoa de boa esperança e de fé provável, mas é uma criatura humana, se algo pensa diferente, não se torna nulo o que pensa retamente,^[109] até que o Senhor lhe revele que pensa de outro modo.

Mas se ele é mau e perverso e pronuncia uma prece integralmente, que não é contrária em nada à fé católica, nem por isso é justo, pelo fato de a oração o ser. E se em algumas partes faz uso de preces defeituosas, Deus acode com suas palavras evangélicas, sem as quais o batismo não pode ser celebrado, e ele santifica seu sacramento para que ao homem – ou antes de ser batizado ou quando é batizado ou depois quando convertido sinceramente – o batismo possa ser proveitoso para a salvação, o qual valeria para sua ruína, se não se convertesse.

Quanto ao mais, quem não sabe que não existe o batismo de Cristo, se faltarem as palavras evangélicas, das quais consta o Símbolo? Mas encontrar-se-ão mais facilmente hereges que de forma alguma batizam, do que aqueles que não batizam com aquelas palavras. E por isso dizemos que nem todo batismo – pois em muitos ritos sacrílegos dos ídolos, apresentam-se pessoas para serem batizadas –, mas o

batismo de Cristo, ou seja, o celebrado com as palavras evangélicas, é o mesmo em todas as partes e não há perversidade de ninguém que o possa violar.

48 Certamente não se pode omitir por negligência, nesta mesma sentença, o que Sedato inseriu e disse: “Porque todas as pessoas devem-se empenhar com todas as suas forças no sentido de que ninguém, infectado do erro herético...” etc. Pois ele considerou as palavras do bem-aventurado Cipriano, que diz: “A ninguém julgando e a ninguém afastando do direito de comunhão, se tiver outra opinião”. Eis quanto vale nos bons filhos da Igreja o amor à unidade e à paz. Assim, aqueles que denominavam sacrílegos e profanos, admitidos, como julgavam, sem o batismo, se não pudessem corrigi-los quanto pensavam, preferissem antes tolerá-los a romper o santo vínculo devido a eles, para que não se arrancasse por isso o joio ao mesmo tempo que o trigo, ^[110] permitindo, quanto lhes era possível, o que aconteceu naquele celeberrimo juízo de Salomão, ou seja, que o corpo da criança fosse alimentado pela mãe falsa, antes que ser cortado ao meio.^[111] Mas isso o faziam também aqueles que tinham noções verdadeiras sobre o sacramento do batismo e estes aos quais, em virtude do merecimento de tão grande caridade, Deus revelaria, se algo pensavam com outra opinião.

49 Privaciano de Sufétula^[112] disse: “Quem afirma que os hereges têm a faculdade de administrar o batismo, diga primeiro quem é o autor da heresia. Pois se Deus é autor da heresia, pode obter o perdão divino; mas se não procede de Deus, como pode ter ou conferir a alguém a graça divina?”^[113]

50 Responde-se a isso com o mesmo número de palavras, deste modo: “Quem diz que os malévolos e invejosos têm a faculdade de batizar, diga antes quem é o autor da malevolência e da inveja. Se a malevolência e a inveja procedem de Deus, pode obter também a indulgência divina; mas se não vêm de Deus, como podem ter ou conferir a alguém a graça de Deus?”. Assim como essas palavras são claramente falsas, assim também aquelas que foram ditas para serem refutadas. Com efeito, os malévolos e os invejosos batizam, como concorda o próprio Cipriano, pois atesta que também estão dentro.^[114] Portanto, da mesma forma podem batizar também os hereges, porque o batismo é sacramento de Cristo, mas a inveja e a heresia são obras do diabo; se alguém as praticar, não pode fazer, por isso, com que o sacramento de Cristo seja contado entre as obras do diabo.

A maldade do ministro não profana a Cristo

51 Provato de Sufes^[115] disse: “Os que aprovam o batismo dos hereges, o que fazem senão ter comunhão com eles?”.

52 Responde-se a isso: não é o batismo dos hereges o que aprovamos nos hereges, assim como não aprovamos o batismo dos avarentos, dos insidiosos, dos defraudadores, dos ladrões, dos invejosos. Pois todos eles são iníquos, mas Cristo é justo; não profanam seu sacramento em si com sua iniquidade, no tocante a ele. Em caso contrário, alguém pode dizer: “Os que aprovam o batismo dos iníquos, o que fazem senão ter comunhão com eles?”. Se alguém objetasse esse argumento à Igreja católica, responder-se-ia desse modo.

A quem pertence o único batismo

53 Hortensiano de Lares^[116] disse: “Vejam ou os presunçosos ou os seus partidários quantos são os batismos dos hereges; nós temos um único que conhecemos na Igreja, o qual se mostra em todas as partes; quando podemos, reivindicamo-lo para a Igreja. Como podem batizar alguém em nome de Cristo aqueles que o próprio Cristo diz serem seus inimigos?”^[117] E diz a todos os iníquos: “Nunca vos conheci. Afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”;^[118] e, no entanto, quando batizam, não são eles que batizam, mas aquele do qual diz João: “[Ele] é o que batiza”.^[119]

55 Cássio de Macomades^[120] disse: “Como não podem existir dois batismos, o que concede o batismo aos hereges tira-o de si mesmo. Julgo que os hereges e arrependidos devem ser batizados, quando passarem a vir para a Igreja e serem recebidos na Igreja, lavados com o sagrado e divino banho, e não como inimigos, mas pacíficos, iluminados pela luz da vida; não como estranhos, mas como familiares da fé do Senhor; não como adúlteros, mas como filhos de Deus; não como seguidores do erro, mas da salvação, excetuando aqueles que, na condição de fiéis afastados da Igreja, passaram para as trevas da heresia; devem ser restabelecidos pela imposição da mão”.

56 Outro pode dizer: “Como o batismo de Cristo não pode ser dois, aquele que concede o batismo aos iníquos tira-o de si mesmo”. Mas como a este, nos enfrentariam e diriam: “Concedemos aos iníquos o batismo, ainda que não seja deles, como é a iniquidade, mas é de Cristo, a quem pertence a justiça e cujo sacramento não é iníquo, mesmo entre os iníquos”. Portanto, o que diziam conosco sobre os iníquos, digam-no a si mesmos sobre os hereges. E por isso, assim se deve dizer de preferência: “Julgo que os chorosos e arrependidos devem ser batizados, quando passarem a vir para a Igreja, se já têm o batismo de Cristo; mas devem ser corrigidos de sua perversidade”. Pois pode-se dizer mesmo dos iníquos, dos quais fazem parte os hereges: “Julgo que os chorosos e arrependidos, se foram batizados, não devem ser batizados, quando passarem a vir para a Igreja, ou seja, para aquela pedra, fora da qual estão todos aqueles que ouvem as palavras de Cristo e não as põem em prática.^[121] Mas já purificados pelo sagrado e divino banho, então já iluminados pela luz da Vida, devem ser recebidos na Igreja, não como inimigos, mas como pacíficos – pois os iníquos não têm a paz –, não como estranhos, mas como familiares da fé do Senhor – pois foi dito aos iníquos: “Como te transformaste para mim em ramos degenerados!”^[122] –, não como adúlteros, mas como filhos de Deus – pois os iníquos são filhos do diabo –, não como seguidores do erro, mas da salvação – pois a iniquidade não salva; estes devem ser recebidos na Igreja, ou seja, sobre aquela pedra, naquela Pomba, naquele jardim fechado e fonte lacrada,^[123] que não é reconhecida a não ser no meio do trigo, mas não no meio das palhas, ou sejam separados para longe ou pareçam mesclados com o trigo, ou até a última joeira.

Em vão, Cássio acrescentou: “Excetuados aqueles que, como fiéis afastados da Igreja, tenham passado para as trevas da heresia”. Pois se também eles, separando-se da Igreja, haviam perdido o batismo, deve-se administrá-lo a eles; mas se não o haviam perdido, reconheça-se o que foi administrado por meio deles.

Os bispos e a validade do batismo

57 Outro, Januário de Vila César,^[124] disse: “Se o erro não obedece à verdade, muito mais a verdade não deve estar de acordo com o erro. E por isso, nós estamos presentes na Igreja, na qual ocupamos a presidência, para batizarmos aqueles que a Igreja não batizou, desse modo reivindicando o batismo para ela”.^[125]

58 Aqueles que a Igreja batiza, certamente quem batiza é aquela pedra, fora da qual estão todos os que ouvem as palavras de Cristo, mas as põem em prática.^[126] Portanto, sejam batizados todos os que foram batizados pelos tais. Se não se fizer isso, assim como nos malvados, assim nos hereges, o batismo de Cristo deve ser reconhecido e aprovado ou mesmo reconhecido, embora condenado pela iniquidade deles.

59 Outro, Secundino de Carpes,^[127] disse: “Os hereges são cristãos ou não são? Se são cristãos, por que não estão na Igreja de Deus? Se não são cristãos, tornem-se cristãos. A que diz respeito a Palavra do Senhor que diz: ‘Quem não está a meu favor está contra mim’?^[128] Por isso, consta que o Espírito Santo não pode descer sobre filhos alheios e descendentes do anticristo, visto ser manifesto que os hereges não têm o batismo”.^[129]

60 Respondemos-lhes: os iníquos são cristãos ou não? Se são cristãos, por que não estão sobre a pedra, na qual está edificada a Igreja? – pois ouvem as palavras de Cristo e não as põem em prática –; se não são, tornem-se. A que diz respeito a Palavra do Senhor que diz: “Quem não ajunta comigo, dispersa”?^[130] Com efeito, dispersam as ovelhas os que as arrastam à ruína de seus costumes pela sua perversa imitação. De onde consta que o Espírito Santo, apenas pela imposição das mãos não pode descer sobre os filhos alheios, pois são chamados iníquos e descendentes do anticristo, pois todos são contra Cristo, se não existir no coração uma verdadeira conversão, visto constar claramente que os iníquos, enquanto são iníquos, podem ter realmente o batismo, mas não podem ter a salvação, cujo sacramento é o batismo.

Vejamos, pois, se os hereges são descritos naquele salmo, no qual assim se fala dos filhos alheios: “Livra-me da mão dos estrangeiros: sua boca fala mentiras e sua direita é direita de perjúrio. Sejam nossos filhos como plantas, crescidos desde a adolescência, nossas filhas sejam colunas talhadas, imagem de um palácio; nossos celeiros cheios, transbordantes de frutos de toda espécie; nossos bois estejam carregados, não haja brecha ou fuga, nem grito de alarme em nossas praças. Feliz o povo em que assim acontece, feliz o povo cujo Deus é Iahweh”.^[131]

Se são filhos alheios esses que colocam sua felicidade nas coisas temporais e na abundância de felicidade mundana e desprezam os mandamentos divinos, vejamos se não são a mesma coisa que aqueles dos quais fala Cipriano, fazendo-se de seus representantes, para mostrar que diz respeito àqueles com os quais estava em comunhão: “Enquanto não nos mantivermos no caminho do Senhor, não observamos os mandamentos celestes que nos foram dados para a salvação. O Senhor fez a vontade do Pai e nós não fazemos a vontade do Pai, entregues aos cuidados do patrimônio e do lucro, seguindo nossa soberba” etc. Se esses podiam ter e administrar o batismo, por que se há de negar que possam existir nos filhos alheios? No entanto, ele exorta a merecermos ser seus irmãos e filhos de Deus, observando os preceitos celestes que nos foram dados pelo Filho único.

61 Victórico de Tabraca^[132] disse: “Se é lícito aos hereges batizar e outorgar a remissão dos pecados, por que os difamamos a ponto de denominá-los hereges?”^[133]

62 O que aconteceria se outro dissesse: “Se é lícito aos iníquos batizar e outorgar a remissão dos pecados, por que os difamamos a ponto de os denominar iníquos?”.

A resposta que daríamos sobre os iníquos é a mesma que se dá aos hereges, ou seja, não é deles o batismo com que batizam e não é conseqüente que alguém tenha o batismo de Cristo e esteja certo da remissão dos pecados, se o tem somente no sacramento e não se converteu por uma sincera confissão do coração, para que se perdoe ao que perdoou.

63 Outro, Félix de Utina,^[134] disse: “Ninguém duvida, santíssimos colegas no sacerdócio, que não pode tanto a presunção humana como a majestade digna de adoração e de veneração de nosso Senhor, o Cristo. Portanto, lembrados do perigo, não somente devemos observar, mas também confirmar que todos os hereges que acodem ao seio da mãe Igreja sejam batizados, a fim de que a lama herética, que se manchou com a prolongada corrupção, se corrija para melhor, purificada pela santidade desse banho”.^[135]

64 Esse bispo, que alega o motivo para os hereges se purificarem da prolongada corrupção, por cuja causa devem ser batizados, pouparia talvez aqueles que, tendo sido arrastados para alguma heresia, tivessem estado ali pouco tempo e, rapidamente corrigidos, tivessem migrado dali para a Igreja católica. Em seguida, ele, tendo prestado pouca atenção, poderia dizê-lo de tal modo que todos os iníquos que acorrem àquela pedra na qual está figurada a Igreja sejam batizados, para que a alma iníqua, que edificava sobre a areia, fora da pedra, ouvindo as palavras de Cristo, não as pondo em prática, purificada pela santidade do banho, se renovasse para melhor; e, no entanto, não se faz isso, se já tinham sido batizados, mesmo que se prove que eram assim antes de serem batizados, ou seja, antes de renunciarem ao mundo com palavras, não com atos.

65 Quieto de Buruc^[136] disse: “Os que vivem da fé, devemos obedecer com atenção diligente àquelas coisas que foram preditas para nossa instrução. Se, pois, aqueles que são batizados entre eles alcançam a vida eterna pela remissão dos pecados, por que vêm para a Igreja? Mas se nada se recebe de um morto para a salvação e, por isso, voltam com penitentes para a verdade, após reconhecerem seu erro, deverão ser santificados pelo único batismo vital que está na Igreja católica”.

66 Já dissemos, em outro lugar, o que significa ser batizado por um morto, sem prejuízo de um exame mais diligente da Escritura. Mas pergunto por que entendem por mortos somente os hereges, se o Apóstolo disse em geral sobre o pecado: “O salário do pecado é a morte”,^[137] e novamente: “O desejo da carne é morte”?^[138] E ao dizer que a viúva que só busca o prazer está morta,^[139] como não estão mortos os que renunciam ao mundo só por palavras, não com atos? Portanto, o que aproveita o banho daquele que é batizado por eles, senão que se também ele é pecador, tem certamente o banho, mas não lhe é útil para a salvação? Mas se aquele por quem é batizado é pecador, mas se converte de coração a Deus, não falsamente, não é batizado pelo pecador morto, mas por aquele vivo, do qual foi dito: “[Ele] é quem batiza”,^[140] seja quem for aquele que batiza pessoalmente.

Mas o que diz sobre os hereges? “Pois, se aquele que é batizado entre eles alcança a vida eterna pela remissão dos pecados, por que eles vêm para a Igreja?”. Respondo: eles vêm porque, ainda que tenham recebido o batismo de Cristo até a celebração do sacramento, no entanto, não alcançam a vida eterna, a não ser pela caridade da unidade, assim como nem aqueles malévolos e invejosos, aos quais não se perdoam os pecados, nem sequer se odiarem aqueles de quem recebem ofensas, porque a Verdade disse: “Se não perdoardes aos homens, o vosso Pai não perdoará vossos delitos”,^[141] quanto mais se odiara aos que retribuía o mal com o bem!^[142]

No entanto, eles, renunciando ao mundo apenas com palavras, não com atos, se depois se corrigissem, não seriam batizados de novo, mas seriam santificados pelo único batismo vital. Esse batismo está na Igreja católica, mas apenas nela, assim como não somente nos santos que foram edificados sobre a pedra e dos quais é formada aquela única Pomba.^[143]

O costume tradicional

67 Casto de Sica^[144] disse: “Aquele que, menosprezando a verdade, presume seguir o costume, ou é invejoso e maligno com seus irmãos, ao se revelar a verdade, ou é ingrato para com Deus, por cuja inspiração a Igreja é instruída”.^[145]

68 Essas palavras nos deviam atemorizar, se Cristo convencesse aqueles que tinham outra opinião e defendiam o que mesmo depois o mundo inteiro manteve, confirmado por um concílio, de tal modo seguir o costume a ponto de menosprezarem a verdade; mas como esse costume se acha tanto propagado pela verdade, como fortalecido pela verdade, essa sentença não nos leva a temer. E, no entanto, se eles eram invejosos e malignos com seus irmãos ou ingratos para com Deus; eis com que espécie de pessoas mantinham a comunhão, essas pessoas, que tendo outra opinião, como Cipriano predisse, não eram afastadas do direito de comunhão; eis porque não eram poluídos na preservação da unidade, eis quanto se deve amar o vínculo da paz, eis o que consideram aqueles que nos caluniam acerca do concílio dos bispos anteriores, cuja caridade não imitam e cujo exemplo, examinado com atenção, os condena.

Se era costume, como o testemunha aquela sentença, que os hereges, ao virem para a Igreja, eram recebidos com o batismo que haviam recebido, ou se procedia com retidão ou os maus mancham os bons na unidade. Se não se procedia com retidão, por que acusam o mundo inteiro pelo fato de assim serem recebidos? Mas se os maus não corrompem os bons na unidade, como se desculpam do crime da separação sacrílega?

O batismo e a Trindade

69 Eucrácio de Tenas^[146] disse: “Nosso Senhor Jesus Cristo, ensinando aos apóstolos pelos seus lábios a nossa fé, a graça do batismo e a regra da lei eclesiástica, concluiu, dizendo: ‘Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’.^[147] Portanto, devemos rechaçar o falso e iníquo batismo dos hereges e reprová-lo com toda espécie de argumentos; de sua boca sai veneno, não a vida, não a graça celeste, mas a blasfêmia contra a Trindade. E por isso, é evidente que é preciso batizar com o batismo católico e íntegro os hereges que vêm para a Igreja, para se purificarem da blasfêmia de sua presunção e se renovarem pela graça do Espírito Santo”.^[148]

70 Certamente, se o batismo não estiver consagrado pelo nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, seja considerado dos hereges e iníquo, e o reprovamos com toda espécie de argumentos; mas se reconhecemos nele esse nome, diferenciamos melhor as palavras evangélicas com relação ao erro dos hereges, e aprovamos o que se deve aprovar e corrigimos o que está defeituoso.

Verdade e costume

71 Liboso de Uaga^[149] disse: “O Senhor disse no Evangelho: ‘Eu sou a verdade’.
^[150] Não disse: eu sou o costume. Assim, o costume dê lugar à verdade, uma vez manifesta a verdade, para que comece a batizar quem não batizava os hereges na Igreja”.^[151]

72 Este não se empenhou nem um pouco em mostrar qual deve ser a verdade, à qual, conforme ele diz, o costume deve ceder. No entanto, ajuda-nos mais contra aqueles que se separaram da unidade, porque confessa ter existido tal costume que, conforme ele julga, é mister que ceda lugar à verdade, a qual não mostrou. O costume, pelo qual se admitiam os sacrílegos no altar de Cristo sem a purificação do batismo e a nenhum dos bons poluiu na unidade, todos os que se separaram da mesma unidade, na qual não podiam ser poluídos pelo contágio de mal algum, admitiram o manifesto sacrilégio do cisma. Mas se todos pereceram poluídos devido a tal costume, de que caverna os donatistas procedem sem a verdade original e com a tepidez da calúnia? Mas se o costume era reto, pelo qual assim se recebiam os hereges, deponham o furor, confessem o erro, venham para a católica, não para serem lavados de novo pelo sacramento do batismo, mas para se curarem da chaga da separação.

Leucio de Teveste

73 Leucio de Teveste^[152] disse: “Sou de opinião que devem ser exorcizados e batizados os hereges blasfemos e iníquos que deturpam com variedade de discursos as santas e adoráveis palavras das Escrituras”.^[153]

74 E eu julgo que devem ser execrados, mas, nem por isso, exorcizados e batizados. O fingimento que execro é deles, mas é de Cristo o sacramento que venero.

Os juízos de um bispo e da Igreja

75 Eugênio de Amedera^[154] disse: “Eu opino o mesmo, ou seja, que os hereges devem ser batizados”.^[155]

76 Respondo-lhe: mas não pensa assim a Igreja, à qual Deus já revelou, também pelo concílio plenário, o que então alguns julgavam de outro modo;^[156] mas porque em vós estava salva a caridade, permanecíeis na unidade.

77 Da mesma forma, Félix de Bamacura^[157] disse: “Julgo que, de acordo com a autoridade das divinas Escrituras, os hereges devem ser batizados, e também aqueles que afirmam terem sido batizados entre os cismáticos. Pois, de acordo com a promessa de Cristo, se nossa fonte é exclusiva, entendam todos os adversários da Igreja que não pode ser de outro. Não pode conceder a água salutar a dois povos aquele que é pastor de um só rebanho. E por essa razão, fica claro que nem os hereges nem os cismáticos podem receber nada do que é celeste; eles se atrevem a receber o batismo de homens pecadores e de estranhos à Igreja. Quando o que administra nada tem, certamente de nada aproveita ao que o recebe”.^[158]

78 Respondemos-lhe que as divinas Escrituras nunca ordenaram que os hereges batizados entre os hereges devem ser batizados de novo, mas mostrou, em muitas passagens, que são estranhos à Igreja todos os que não estão sobre a pedra e não pertencem aos membros daquela Pomba, e, no entanto, batizam e são batizados e têm o sacramento da salvação sem a salvação.

Mas sobre nossa fonte, que é semelhante à fonte do Paraíso,^[159] com o que também concordei, consenti, pois ela corre para fora do Paraíso, e aquele que é pastor de um só rebanho não pode conceder a água salutar a dois povos, ou seja, ao seu e ao estranho. Mas acaso, porque não é salutar para os estranhos, por isso ela não existe? Com efeito, a água do dilúvio foi salutar para os que estavam na arca, mas foi mortífera para os que estavam fora; no entanto, era a mesma.

E muitos estranhos, ou seja, os invejosos, os quais, conforme diz Cipriano, são da parte do diabo e a Escritura o demonstra, parecem estar dentro e, no entanto, não morreriam pela água, se não estivessem fora da arca. A eles o batismo mata, porque dele fazem mau uso, assim como aqueles para os quais diz o Apóstolo que o bom odor de Cristo servia para a morte.^[160]

Portanto, por que ou os cismáticos ou os hereges não recebem algo celeste, como recebem a água os espinheiros ou o joio, como aqueles que estiveram fora da arca receberam a água que caía das cataratas do céu, não para a salvação?

E por isso, o que escreveu no final: “Quando o que o administra nada tem, de nada aproveita ao que o recebe”, não me preocupo em refutar, porque também nós dizemos que aproveita aos que o recebem, quando o recebem na heresia e estão de acordo com os hereges. Por isso eles vêm para a paz e a unidade católicas, não para receber o batismo, mas para que passe a ser-lhes útil o que receberam.

79 Da mesma forma, Januário de Muzula^[161] disse: “Admiro-me de que, enquanto todos confessam um só batismo, nem todos entendem a unidade do mesmo batismo. Pois a Igreja e a heresia são duas realidades diferentes. Se os hereges têm o batismo, nós não temos; mas se nós temos, os hereges não podem ter. Mas não há dúvida de que somente a Igreja possui o batismo de Cristo, pois é a única que possui tanto a graça como a verdade de Cristo”.^[162]

80 Outro pode dizer a verdade de modo semelhante e de modo semelhante não dizer a verdade: “Admiro-me de que, enquanto todos confessam que há um só batismo, nem todos entendem a unidade do mesmo batismo. Pois a justiça e a iniquidade são duas realidades diferentes. Se os iníquos têm o batismo, os justos não o têm; mas se os justos o têm, os iníquos não podem tê-lo. Mas não há dúvida de que somente os justos possuem o batismo de Cristo, visto que são os únicos que possuem tanto a graça como a verdade de Cristo”. Isso é certamente falso, conforme eles mesmos confessam. Pois aqueles invejosos, que são da parte do diabo e estão dentro, como dizem Cipriano^[163] e o conhecidíssimo apóstolo Paulo, tinham o batismo e não pertenciam nem aos membros daquela Pomba, que está bem segura sobre a pedra.

A Igreja batiza uma só vez

81 Adélfio de Tasvalte^[164] disse: “Alguns combatem a unidade sem motivo com palavras falsas e invejosas a ponto de dizerem que rebatizam, mas a Igreja não rebatiza, batiza os hereges”.^[165]

82 Melhor, não rebatiza de fato, porque não batiza senão aqueles que não foram batizados; a verdade confirmou, num concílio posterior, esse costume, após o ter estudado com mais diligência.

83 Demétrio de Leptimino^[166] disse: “Nós conservamos um só batismo que reivindicamos somente para a Igreja católica, como realidade sua. Mas os que dizem que os hereges batizam de fato e legitimamente são aqueles que estabelecem não dois, mas muitos batismos. Pois, como são muitas as heresias, contam-se também os batismos de acordo com seu número”.^[167]

84 Respondo-lhe: se é assim, contam-se tantos batismos quantas são as obras da carne, das quais fala o Apóstolo: “Os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus”;^[168] entre elas contam-se também as heresias. E muitas de suas obras são toleradas dentro, como que na palha, e, no entanto, há um só batismo para todos, o qual não é profanado por obra alguma da iniquidade.

85 Vicente de Tibari^[169] disse: “Sabemos que os hereges são piores do que os pagãos. Se os convertidos quiserem vir para Deus, têm a regra da piedade, a qual o Senhor ordenou aos apóstolos com um preceito divino: ‘Ide, portanto, fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’.^[170] Portanto, primeiramente, pela imposição das mãos no exorcismo; em segundo lugar, pela regeneração do batismo, e então poderá vir para a promessa de Cristo; não se pode proceder de outro modo”.^[171]

86 Não sei por que regra os hereges são piores que os pagãos, se o Senhor diz: “Se nem mesmo à Igreja der crédito, trata-o como gentio e publicano”.^[172] Acaso o herege é pior que esse? Não me oponho. Não é pelo fato de o homem ser pior que o pagão e o gentio, que o sacramento de Cristo, se o tem, é mesclado com seus vícios e costumes e pareça corrompido pela mesma mescla. Pois aqueles que se afastam da Igreja e se tornam não somente seguidores da heresia, mas também seus autores, se se afastam já batizados, como são piores que os pagãos de acordo com aquela regra, no entanto, têm o batismo; pois, uma vez corrigidos, eles voltam, não recebem o que certamente receberiam, se tivessem perdido.

Pode acontecer que alguém seja pior que um pagão e, no entanto, o sacramento de Cristo não somente está nele, mas também ele não é a pior do que numa pessoa santa e justa. Pois, embora, pelo que depende dessa pessoa, não o tenha conservado, mas o violado pela alma e pela vontade, contudo, pelo que diz respeito ao sacramento, este permaneceu íntegro e inviolado naquele que o desprezou e repudiou. Porventura, não eram pagãos os sodomitas ou gentios? Piores eram os judeus aos quais o Senhor disse: “O Dia do Juízo será mais tolerável para Tiro e Sidônia do que para vós”^[173] e aos quais o profeta diz: “Justificastes as tuas irmãs”,^[174] ou seja, “em comparação a vós, Sodoma^[175] tornou-se justa”. Acaso, por isso, os sacramentos divinos, que havia entre judeus, eram tais quais eles eram, sacramentos que o próprio Senhor aceitou e aos quais enviou os leprosos, que ele purificara, para celebrá-los?^[176] E o anjo não esteve presente junto a Zacarias, que oferecia o sacrifício e lhe anunciou, quando sacrificava no Templo, que fora ouvido?^[177] Esses mesmos sacramentos estavam tanto nos homens bons daquele tempo como nos maus, piores do que são os pagãos, já que foram antepostos na malícia aos sodomitas e, no entanto, aqueles sacramentos eram íntegros e divinos em ambos.

87 Mesmo os próprios pagãos, se puderam ter algo de divino e justo em suas doutrinas, não os reprovaram nossos santos, ainda que pelas suas superstições, idolatria, soberba e os demais costumes depravados devessem ser detestados; e, se não se corrigirem, deverão ser castigados pelo juízo divino. Com efeito, também o Apóstolo, ao falar de Deus algumas coisas aos atenienses, apresentou o testemunho de alguns deles que disseram coisa semelhante,^[178] pois, certamente, se viessem para Cristo, seria neles reconhecido e não os rechaçaria. E o santo Cipriano faz uso de tais testemunhas contra os próprios pagãos. Afirmou, com efeito, quando falava dos

magos: “dos quais, o principal deles, Ostanes, nega que se possa ver a forma de Deus e diz que anjos verdadeiros assistem-lhe no seu trono. E Platão concorda com o mesmo raciocínio e, admitindo um só Deus, denomina os demais anjos ou demônios. Também Hermes Trismegisto fala de um só Deus e o confessa como incompreensível e inestimável”.^[179]

Portanto, se eles tivessem vindo para receber a salvação cristã, não se lhes diria certamente: “Tendes este mal ou tendes essa falsidade”, mas se lhes diria com razão: “Isto, embora íntegro e verdadeiro, ainda para nada vos adiantaria, se não vierdes para a graça de Cristo”.

Portanto, se se pode encontrar nos próprios pagãos algo divino e ser aprovado merecidamente, ainda que a salvação lhes deva ser outorgada por Cristo, não devemos de tal modo nos preocupar, ainda que os hereges sejam piores, a ponto de quisermos corrigir o mal que neles existe e não quisermos reconhecer o bem de Cristo que neles existe.

Mas assumiremos a tarefa de abordar as demais sentenças desse concílio em outro livro.

*Respostas a outras opiniões do Concílio de Cartago**A caridade de Cipriano perante seu erro*

1 Não sejamos enfadonhos para com os leitores, visto ser preciso dissertar de diversos modos e muitas vezes sobre os mesmos temas.^[1] Ainda que a Igreja santa e católica, em todos os povos, como cobrem de algum nevoeiro o que existe nessa questão do batismo, ou seja, se pode ser o mesmo tanto entre os hereges ou cismáticos que na católica, ela se encontra protegida pela autoridade de um costume antigo e de um concílio plenário; no entanto, não desprezando os varões, principalmente Cipriano, os quais foram de outra opinião na mesma unidade, se empenham em fazer uso da autoridade do mesmo contra nós que estamos bem distantes de sua caridade. Por isso, pela oportunidade de tratar e examinar tudo o que encontramos em seu concílio e em suas cartas sobre o assunto, vemo-nos obrigados como que a ir e voltar, como que nas mãos, e mostrar a questão um pouco mais detidamente, o que agradaria de verdade à universalidade da Igreja católica, de modo que os hereges ou os cismáticos, uma vez corrigidos de seu erro, radicados e fundamentados na caridade, que já receberam o batismo de Cristo na seita de onde vêm, sejam admitidos com o mesmo batismo, de modo que, no tocante ao sacramento do batismo, não recebam o que faltara, mas lhes aproveite o que já tinham.

O bem-aventurado Cipriano, com o corpo que não se corrompe e nem pesa sobre a alma,^[2] e não o oprimindo a habitação terrena, os sentidos que pensam muito, certamente contempla mais serenamente a verdade que ele mereceu alcançar pela caridade. Ajude-nos, pois, com suas orações, a nós que lidamos na mortalidade desta carne, como que no meio de um nevoeiro espesso, para que imitemos, na medida em que pudermos, por um dom de Deus, as suas boas obras.

Se ele teve outra opinião e persuadiu a alguns irmãos e colegas o que agora já contempla pela revelação daquele que ele amou, nós, muito desiguais no tocante aos merecimentos, de acordo com nossa possibilidade, seguindo a autoridade da Igreja católica, da qual ele é membro egrégio e muito querido, esclareçamos contra os hereges ou os cismáticos essa questão. Eles, separados da unidade que ele manteve, enfraquecidos na caridade pela qual ele se fortaleceu e caídos da humildade em que ele perseverou, ele tanto mais os reprova e condena quanto mais sabe que eles, para lhe armarem ciladas, querem examinar a fundo o que ele escreveu para pacificar, mas não querem imitá-lo no que fez; como aqueles que se denominam nazarenos cristãos e se circuncidam segundo o costume judeu, hereges nascidos daquele erro no qual caiu Pedro recriminado por Paulo,^[3] e no qual persistem até agora. Portanto, assim, enquanto Pedro foi coroado no primado dos apóstolos pela glória do martírio, permanecendo aqueles em seu extravió, assim, enquanto Cipriano foi recebido pela claridade do martírio na sorte dos santos pela sua transbordante caridade, os

donatistas se reconhecem a si mesmos como desterrados da unidade e opõem contra a pátria da unidade o cidadão da unidade em favor de suas calúnias.

Mas vejamos já, seguindo o mesmo processo, as demais sentenças daquele concílio.

2 Marcos de Mactari^[4] disse: “Não se há de admirar que os hereges, inimigos e lutadores contra a verdade, reclamam para si o que é próprio do poder e da dignidade de outro. Há de se admirar que alguns dos nossos, prevaricadores da verdade, apoiem os hereges e se tornem inimigos dos cristãos. Por isso, determinamos que os hereges devem ser batizados”.^[5]

3 Eis nossa resposta: melhor, mais se há de admirar e enaltecer com grande louvor que esses bispos tanto amaram a verdade, que os considerados prevaricadores da verdade, perseverando com eles na unidade, não recearam ser poluídos por eles. Pois, como Marcos tivesse dito: “Há de se admirar que alguns dos nossos, prevaricadores da verdade, apoiem os hereges e se coloquem contra os cristãos”, parecia que devia dizer: “Por isso, determinamos que não se há de ter comunhão com eles”. Não afirmou isso, mas disse: “Por isso, determinamos que os hereges devem ser batizados”, não observando o que o pacífico Cipriano havia estabelecido antes, ao dizer: “A ninguém julgando e afastando do direito da comunhão, se alguém tiver outra opinião”.^[6]

Com efeito, quando os donatistas nos caluniam e nos denominam *traditores*, se existir alguém, ou judeu ou pagão, que, tendo lido esse concílio, nos denomine prevaricadores, de acordo com as regras da unidade, gostaríamos de saber como deveríamos proceder numa causa comum, para refutar e desfazer tão grave delito. Eles denominam *traditores* aqueles que não puderam ser convencidos de delitos naquele tempo e nem agora os podem mostrar, e eles são apontados antes praticantes do mesmo delito.

Mas o que nos importa? O que diremos desses prevaricadores? Pois, se somos denominados, ainda que falsamente, *traditores*, porque somos incriminados de ter sucedido os *traditores* na mesma comunhão, todos sucedemos aqueles prevaricadores, porque o partido de Donato ainda não se separara da unidade nos tempos do bem-aventurado Cipriano. Com efeito, a *entrega* dos códices,^[7] pela qual passaram a ser chamados de *traditores*, teve lugar quarenta anos após seu martírio; do mesmo modo, opinam ou enganam que somos *traditores* porque nascemos dos *traditores* e, no entanto, ambos procedemos daqueles prevaricadores. Não se pode negar que esses bispos estiveram em comunhão com aqueles, pois os denominavam seus, o que diz o concílio que eles tanto mencionam. “Alguns dos nossos prevaricadores,” diz o concílio, “apoiam os hereges”.

Acrescente-se o testemunho de Cipriano, que demonstra claramente ter permanecido em comunhão com eles, ao dizer: “A ninguém julgando e a ninguém excluindo do direito da comunhão, se tiver outra opinião”. Eram aqueles que tinham outra opinião que esses bispos denominavam prevaricadores, ou seja, porque apoiavam os hereges, recebendo-os na Igreja sem o batismo. O próprio Cipriano declara em muitas passagens, e também alguns bispos nesse concílio, que era esse o costume para recebê-los. O que dá a entender que, se os hereges não têm o batismo, a

Igreja de Cristo daqueles tempos estaria cheia de prevaricadores, os quais, apoiando os hereges, assim os recebiam.

Portanto, leve-se avante a causa comum contra o delito da prevaricação, o qual não podem negar, e nós levaremos a nossa contra a *entrega*, o qual não conseguiram provar. Mas procedamos assim, como se tivessem provado. O que ambos responderíamos àqueles que nos objetam a prevaricação de nossos antepassados, isso mesmo responderemos a esses que nos lançam em rosto a *entrega* de nossos antepassados. Pois, se pela *entrega* de nossos antepassados, dos quais esses se separaram, nós morremos pela prevaricação dos antepassados, os quais foram pais tanto nossos como deles, tanto nós como eles estamos mortos.

Mas dizem estar vivos, acreditam que não lhes diz respeito aquela prevaricação; portanto, nem a nós, aquela *entrega*. E aquela prevaricação é realmente certa de acordo com eles; mas de acordo com nós, nem a prevaricação anterior é verdadeira, porque dizemos que também os hereges podem ter o batismo de Cristo, nem a *entrega* posterior, porque eles foram vencidos nessa causa.

Portanto, eles não têm por que se separar de nós pelo abominável crime do cisma, porque, se nossos antepassados não foram *traditores*, como nós dizemos, não há por que nos diga respeito; mas se foram *traditores*, como eles dizem, não diz respeito, assim como não dizem respeito a nós nem a eles os prevaricadores. E por isso, pelo fato de não ser um crime de nossa parte a iniquidade de nossos antepassados, é crime patente o deles por seu próprio cisma.

4 Sático de Siciliba^[8] disse: “Se aos hereges lhes são perdoados os pecados no seu batismo, eles vêm para a Igreja sem razão. Pois, se no dia do juízo houver pecados a perdoar, nada há que os hereges possam temer no dia do juízo, se alcançaram a remissão de seus pecados”.^[9]

5 Essa sentença poderia ser nossa também; mas seu autor verá em que sentido foi dita. No entanto, foi modificada de tal modo em suas palavras, que não tenho inconveniente em aceitar subscrevê-la no sentido em que, conforme penso, os hereges podem ter o batismo, mas não ter a remissão dos pecados. Mas não diz: “Se os hereges batizam ou são batizados”, porém: “Se os pecados são perdoados aos hereges, eles vêm para a Igreja sem razão”.

Com efeito, se em lugar dos hereges pusermos aqueles que Cipriano conheceu na Igreja e que renunciavam ao mundo apenas com palavras, não com atos, podemos dizer assim essa sentença com a mesma verdade e com o mesmo número de palavras: se os pecados são perdoados, no seu batismo, aos batizados falsamente, sem razão são levados depois à verdadeira conversão. Pois, se houver pecados no dia do juízo a serem perdoados, aqueles que, a juízo de Cristo, renunciavam ao mundo somente com palavras, não com atos, se alcançaram a remissão dos pecados, não haverá razão para temer.

Mas esse raciocínio está ligado ao que acrescentamos, dizendo: “No entanto, devem temer o juízo de Cristo e se converter um dia de coração sincero; se o fizerem, não lhes é necessário ser batizados de novo”. Portanto, puderam receber o batismo e não receber a remissão dos pecados e ser onerados novamente, após terem sido perdoados os pecados.^[10] Assim acontece também aos hereges.

6 Victor de Gor^[11] disse: “Como os pecados não são perdoados a não ser no batismo da Igreja, aquele que, na comunhão, admite um herege sem o batismo faz ambas as coisas contra a razão: não purifica os hereges e mancha os cristãos”.^[12]

7 Respondemos-lhe que o batismo é da Igreja e também dos hereges, embora eles não estejam na Igreja, assim como a água do Paraíso fluía nas terras do Egito, ainda que este não estivesse no Paraíso.^[13] Mas nós admitimos os hereges à comunhão sem o batismo, e porque são corrigidos de seu extravio, recebemos não seus pecados, mas o sacramento de Cristo. Sobre a remissão dos pecados, o que dissemos lá, dizemos aqui.

O que escreveu no final: “Comete dois erros contra a razão: não purifica os hereges, mas mancha os cristãos”, o próprio Cipriano rejeitou de princípio e principalmente com seus colegas, os quais com ele estavam de acordo. E não acreditou que estivesse manchado, quando decidiu estar em comunhão com eles devido ao vínculo da paz, ao dizer: “A ninguém julgando ou privando do direito da comunhão, se tiver outra opinião”. Se os hereges se mancham, admitidos à comunhão, se não são batizados, toda a Igreja fica manchada devido àquele costume que se menciona tantas vezes aqui. E como nos denominam *traditores* por causa de nossos antepassados, nos quais nada puderam provar quando no-lo objetaram, se assim se torna herege todo aquele com quem se comunicar, todos se tornaram hereges. Se alguém o disser, estará louco, e é falso o que o bispo diz: “O que admite à comunhão um herege sem o batismo, não purifica o herege, mas mancha o cristão”. Ou se isso é verdade, não eram admitidos sem o batismo, mas tinham o batismo de Cristo, ainda que tendo sido administrado e recebido entre os hereges, os quais eram assim admitidos de acordo com aquele costume que eles reconhecem; e por isso, mesmo agora são assim admitidos de acordo com a regra.

8 Aurélio de Útica^[14] disse: “Como o Apóstolo diz que não se deve participar dos pecados alheios,^[15] de que outra coisa participa senão dos pecados alheios aquele que está em comunhão com os hereges sem o batismo da Igreja? E por isso, julgo que os hereges devem ser batizados para receberem a remissão dos pecados e assim se poderá viver em comunhão com eles”.^[16]

9 Tanto Cipriano como todos esses se comunicaram com os pecados alheios, porque permaneceram em comunhão com eles, ao não privar do direito de comunhão aqueles que tinham outra opinião. Onde, pois, está a Igreja? Além disso, para não falar dos hereges, como as palavras dessa sentença podem referir-se também a outros pecadores, como aqueles que Cipriano via consigo na Igreja, por causa dos quais gemia, os quais arguia e tolerava, onde está a Igreja que então se considerava extinta, de acordo com essas palavras, pelo contágio dos pecados?

Mas se a Igreja, que se considera ser a verdade inquebrantável, permaneceu e permanece Igreja, somente se deve entender comunhão com os pecadores aquela que o Apóstolo proíbe.^[17] Mas batizem-se novamente os hereges para receberem a remissão dos pecados, se são batizados de novo os maus e os invejosos, os quais, como renunciaram ao mundo apenas com palavras, não com atos, puderam receber o batismo certamente, mas não alcançaram a remissão dos pecados, no dizer do Senhor: “Se não perdoardes aos homens, o vosso Pai também não perdoará os vossos delitos”.^[18]

O batismo dos hereges é de Cristo

10 Yambo de Germaniciana^[19] disse: “Os que aprovam o batismo dos hereges reprovam o nosso, a ponto de negarem que seja mister serem batizados na Igreja aqueles que, não direi lavados, mas foram manchados fora da Igreja”.^[20]

11 Responde-se a isso dizendo que nenhum de nós aprova o batismo dos hereges, mas o de Cristo, embora esteja entre os hereges, como palhas exteriores, assim como nos iníquos, como palhas interiores. Com efeito, se os que são batizados fora da Igreja não são lavados, mas enxovalhados, sem dúvida os que são batizados fora da pedra, sobre a qual está edificada a Igreja,^[21] não são lavados, mas enxovalhados. Mas estão fora da mesma pedra todos os que ouvem as palavras de Cristo e não as põem em prática. Ou se são lavados realmente, permanecem sórdidos, assim como os hereges, em suas iniquidades, das quais não quiseram mudar-se para melhor.^[22]

12 Luciano de Rucuma^[23] disse: “Está escrito: ‘Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas’.^[24] Se pode haver acordo entre a luz e as trevas, pode haver algo em comum a nós e os hereges. Por isso julgo que os hereges devem ser batizados”.^[25]

13 Respondo a isto: se pode haver algo em comum à luz e às trevas, pode haver algo em comum aos justos e aos injustos. Julgou, pois, que devem ser batizados de novo esses injustos que Cipriano denunciava como existentes na Igreja; ou se não são injustos os que renunciam ao mundo com palavras, não com atos, diga-o aquele que for capaz.

14 Pelagiano de Luperciana^[26] disse: “Está escrito: ‘Se Iahweh é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o’.^[27] Assim também agora, ou a heresia é a Igreja ou a Igreja é a heresia. Ora Igreja não é a heresia: como pode haver o batismo da Igreja entre os hereges?”^[28]

15 Podemos responder assim a isto: ou o Paraíso é Paraíso ou o Egito é o Paraíso. Se o Egito não é o Paraíso,^[29] como pode haver água do Paraíso no Egito? Mas dir-me-ão: “Chegou até o Egito fluindo”; portanto, a mesma coisa com respeito aos hereges.

Também dizemos: ou a Igreja é a pedra ou a Igreja é a areia.^[30] Mas como a Igreja não é a areia, como entre aqueles que edificam sobre a areia, ouvindo as palavras de Cristo e não as praticando,^[31] pode existir o batismo? E, no entanto, existe; portanto, assim também entre os hereges.

Jáder de Midila

16 Jáder de Midila^[32] disse: “Sabemos que não há senão um batismo na Igreja católica e, por isso, não devemos admitir um herege, se não foi batizado entre nós, para que não pense que não foi batizado fora da Igreja católica”.^[33]

17 Responde-se que, se isso fosse dito dos iníquos, que estão fora da pedra, dir-se-ia falsamente; a mesma coisa a respeito dos hereges.

18 Félix de Marazana^[34] disse: “Uma só fé, um só batismo, mas da Igreja católica apenas, à qual, e apenas a ela, é lícito batizar”.^[35]

19 Respondo assim a isto: que aconteceria se outro dissesse: “uma só fé, um só batismo, mas de justos somente, aos quais e apenas a eles é lícito batizar”? Assim como se refutaram essas palavras, assim também se refutaria a sentença do bispo. Porventura, mesmo os injustos não mudados, nem pelo próprio batismo, ao renunciarem ao mundo apenas com palavras, não com atos, pertencem aos membros da Igreja? Vejam se ela é aquela pedra, se ela é aquela Pomba, se ela é a esposa sem mancha e sem ruga.^[36]

20 Paulo de Obba^[37] disse: “Não me preocupa se alguém não reclama para a Igreja a fé e a verdade, se o Apóstolo diz: ‘E o que acontece se alguns deles negaram a fé? A infidelidade deles não irá anular a fidelidade de Deus? De modo algum! Confirma-se, pelo contrário, que Deus é veraz, enquanto todo homem é mentiroso’.^[38] Mas se Deus é veraz, como pode existir a verdade do batismo entre aqueles onde Deus não está?”^[39]

21 Responde-se a isso deste modo: porventura, Deus está entre os avarentos? E, no entanto, o batismo está. Assim também entre os hereges. Aqueles entre os quais Deus está são templos de Deus.^[40] “Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos?”^[41] Com efeito, Paulo considera idolatria a avareza, Cipriano concorda,^[42] e o mesmo convive com grande recompensa de tolerância entre os colegas ladrões que, no entanto, administravam o batismo.

Pompônio de Dionisiana

22 Pompônio de Dionisiana^[43] disse: “É manifesto que os hereges não podem batizar nem dar a remissão dos pecados, pois eles não têm a faculdade para poder ou desatar ou ligar algo na terra”.^[44]

23 Resposta: também não têm essa faculdade os homicidas, ou seja, os que odeiam seu irmão.^[45] Com efeito, a eles não foi dito: “Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles a quem não perdoardes, ser-lhes-ão retidos”,^[46] e, no entanto, batizam a tantos. Paulo, assim como Cipriano, os reconhece na mesma comunhão do batismo.

24 Venâncio de Tinisa^[47] disse: “Se um marido, ao sair de viagem, confia a um amigo a guarda de sua esposa, ele a protegerá com a maior solicitude possível, para que a castidade e a santidade da esposa não sejam violadas. Cristo, nosso Senhor e Deus, ao partir para o Pai, confiou-nos sua esposa. Porventura, guardamo-la incorrupta e inviolada ou entregamos sua integridade e sua castidade aos adúlteros e sedutores? Pois aquele que faz com que o batismo da Igreja seja comum com os hereges entrega aos adúlteros a esposa de Cristo”.

25 Respondemos: o que acontece àqueles que, quando são batizados e se convertem para Deus com palavras, não com o coração, têm desejos adúlteros? Acaso eles não são amantes do mundo que renunciaram ao mundo, não com atos, mas apenas com palavras e, por isso, corrompem os bons costumes com suas conversas inconvenientes, dizendo: “Comamos e bebamos, pois amanhã morreremos”?^[48] Porventura, não foi vigilante a palavra apostólica também contra esses, ao dizer: “Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade devida a Cristo”?^[49] Portanto, quando Cipriano tinha o batismo de Cristo em comum com os tais, acaso entregava a esposa de Cristo aos adúlteros e não reconhecia antes as joias da esposa também na adúltera?^[50]

26 Aymo de Assuaguiga^[51] disse: “Nós recebemos um só batismo e o administramos. Mas quem diz que é lícito também aos hereges batizar admite dois batismos”.^[52]

27 Nossa resposta: por que não admite dois batismos aquele que afirma que também os iníquos batizam? Com efeito, como os justos e os injustos são contrários, o batismo que administram os justos, como era Paulo, como também era Cipriano, não é contrário ao batismo administrado pelos iníquos. Cipriano o entendeu. E como são contrárias a continência que existiu em Cipriano e a avareza que existia nos colegas de Cipriano, no entanto, o batismo administrado por Cipriano não era contrário ao batismo que eles administravam, mas era o único e o mesmo, porque batiza aquele de quem foi dito: “[Ele] é quem batiza”.^[53]

28 Saturnino de Victoriana^[54] disse: “Se é lícito aos hereges batizarem, estão desculpados e defendidos os que praticam o ilícito, e não vejo por que ou Cristo ou o Apóstolo os denomine seus inimigos e anticristos”.^[55]

29 Resposta: da mesma forma que dizemos que não é lícito aos hereges batizarem, dizemos que não é lícito aos defraudadores batizarem. Com efeito, o Senhor não disse somente aos hereges, mas ao pecador: “Que te adianta recitar meus preceitos e ter minha aliança na boca?”. Certamente disse ao pecador: “Se vês um ladrão, tu corres com ele”.^[56] Quanto piores são aqueles que não corriam com os ladrões, mas roubavam as propriedades mediante fraudes insidiosas! Mas Cipriano não corria com eles, ainda que os tolerasse na messe católica, para não arrancar ao mesmo tempo o trigo. E, no entanto, também o que eles administravam era o mesmo batismo, porque não era deles, mas de Cristo. Portanto, também esses, ainda que se reconheça neles o batismo de Cristo, no entanto, não ficam desculpados e defendidos, ao praticar o ilícito; com razão os denomina seus adversários, porque, perseverando em tais obras, ouvirão: “Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”^[57] – por isso são denominados anticristos, porque são contrários a Cristo, já que vivem contra o que ele ordenou –; assim também os hereges.

30 Outro, Saturnino de Tuca,^[58] disse: “Os gentios, embora adorem os ídolos, no entanto, reconhecem e confessam a Deus, sumo Pai criador. Contra ele blasfemou Marcião e alguns se envergonham de aprovar o batismo de Marcião.^[59] Como tais sacerdotes conservam ou reclamam o sacerdócio de Cristo, e não batizam os inimigos de Deus e desse modo estão em comunhão com eles?”^[60]

31 Quando se fala desse modo, se excede a medida e não se considera que eles estavam em comunhão com os tais, a ninguém julgando ou excluindo do direito de comunhão, se alguém tivesse outra opinião. Mas esse bispo tem com que ser advertido nessa sua sentença, se percebesse que se há de corrigir o que está errado e aprovar o que é reto, visto que diz: “Os pagãos, ainda que adorem os ídolos, no entanto, reconhecem e confessam o sumo Deus, Pai e criador”. Se esse tal pagão acudisse a Deus, acaso Saturnino gostaria de nele corrigir e mudar o fato de confessar e reconhecer a Deus Pai e criador? Mas corrigiria nele a idolatria que tinha como um mal e lhe administraria os sacramentos cristãos que não tinha, e aprovaria nele o que soubesse ser reto, e corrigiria o que encontrasse de perverso, e lhe daria o que faltasse. Assim reconheceria também a integridade do batismo no herege Marcião,^[61] corrigiria seu extravio, ensinar-lhe-ia a verdade católica.

32 Marcelo de Zama^[62] disse: “Como os pecados não são perdoados a não ser pelo batismo da Igreja, aquele que não batiza o herege comunga com o pecador”.^[63]

33 O quê? Aquele que comunga com quem pratica isso comunga com um pecador? Mas que outra coisa faziam todos os que a ninguém julgavam ou privavam do direito de comunhão àquele que tivesse outra opinião? Onde, pois, está a Igreja? Porventura, essas coisas não prejudicam os que sofrem e toleram o joio para não o arrancar com o trigo? Aprendam-no, portanto, esses que admitiram o sacrilégio do cisma, separando-se em vão do mundo inteiro. Por que têm na boca a opinião de Cipriano aqueles que não têm no coração a paciência de Cipriano?

A esse Marcelo respondemos com o que dissemos acima sobre o batismo e a remissão dos pecados, ou seja, que pode existir o batismo num homem, mesmo que não exista nele a remissão dos pecados.^[64]

Irineu de Ululis

34 Irineu de Ululis^[65] disse: “Se a Igreja não batiza um herege pelo fato de se dizer que está batizado, a heresia é maior”.^[66]

35 Pode-se dizer deste modo: se a Igreja não batiza o avarento, pelo fato de se dizer que está batizado, a avareza é maior. Isso, porém, é falso como o outro.

Batismo e graça do batismo

36 Donato de Cibaliana^[67] disse: “Eu conheço uma só Igreja, um só batismo. Se há alguém que diga que existe entre os hereges a graça do batismo, deve mostrar antes e provar que ali está a Igreja”.^[68]

37 Respondemos: se dizes que a graça do batismo é o mesmo que batismo, o batismo existe entre os hereges; mas se o batismo é o sacramento da graça e a graça é a remissão dos pecados, não existe entre os hereges a graça do batismo. Pois há um só batismo e uma só Igreja, assim como há uma só esperança. Portanto, assim como os bons e os maus, que não têm uma só esperança, podem, no entanto, ter um só batismo, de tal modo que àqueles aos quais não é comum a graça, o batismo pode ser comum.

38 Zózimo de Tarassa^[69] disse: “Após a revelação da verdade, o erro ceda lugar à verdade, porque também Pedro, que antes circuncidava, cedeu lugar a Paulo, que pregava a verdade”.^[70]

39 Essa sentença poderia ser nossa e foi o que aconteceu nessa questão do batismo. Com efeito, depois de revelada a verdade com mais clareza, o erro cedeu lugar à verdade, quando aquele costume salutar foi confirmado inclusive pela autoridade de um concílio plenário. Está bem, no entanto, o que os bispos lembraram tantas vezes, ou seja, que Pedro, o primeiro dos apóstolos, pôde ter uma opinião diferente do que a verdade exigia. O que cremos, todos os que amamos a Cipriano, que aconteceu também a ele, sem qualquer ofensa de sua parte, pois não fica bem que seja amado com mais caridade que a Pedro.

O batismo é dom do céu

40 Juliano de Telepte disse: “Está escrito: ‘Ninguém pode atribuir a si alguma coisa que não tenha sido dada do céu’.^[71] Se a heresia é do céu, pode dar o batismo”.

41 Ouça outro que diz: “Se a avareza é do céu, pode dar o batismo”. No entanto, os avarentos o administram; portanto, também os hereges.

42 Fausto de Tímida Régia^[72] disse: “Não se lisonjeiem os que favorecem os hereges. Aquele que intercede em favor dos hereges contra o batismo eclesiástico faz com que os cristãos e nós sejamos hereges”.^[73]

43 Resposta: se alguém disser que não recebeu a remissão dos pecados quando recebeu o batismo, porque de coração odiava o irmão, não se há de batizá-lo novamente quando afastar do coração esse ódio; porventura, aquele que intercede em favor dos homicidas com o batismo eclesiástico faz com que sejam justos e nós sejamos homicidas? Portanto, procura entender a mesma coisa a respeito dos hereges.

Diferentes opiniões dos bispos

44 Gemínio de Furnos^[74] disse: “Alguns dos colegas chegam a antepor os hereges a si mesmos. E por isso, mantemos o que uma vez determinamos, ou seja, que batizemos os que vêm dos hereges”.^[75]

45 Nesse ponto, ele confessa que alguns de seus colegas tinham outra opinião. Por isso, confirma-se mais e mais o amor da unidade, porque não se separaram entre si por um cisma, até que Deus tivesse revelado a outros deles, que tivessem outra opinião.^[76] Mas responde-se a ele que seus colegas não lhes antepuseram os hereges, mas o batismo de Cristo; assim como se reconhece o batismo nos aventos, nos defraudadores, nos ladrões, nos homicidas, assim também reconheceram nos hereges.

A sinagoga de Satanás e o batismo de Cristo

46 Rogaciano de Nova^[77] disse: “Cristo fundou a Igreja, e o diabo, a heresia. Como a sinagoga de Satanás pode ter o batismo de Cristo?”^[78]

47 Resposta: porventura, por que Cristo instituiu os piedosos, o diabo, os invejosos, a parte do diabo que se mostra entre os invejosos não pode ter o batismo de Cristo?

48 Terápico de Bulla:^[79] “Aquele que concede o batismo da Igreja aos hereges e o atraiçoa, o que é senão um Judas para a esposa de Cristo?”^[80]

49 Ó argumento convincente dos cismáticos que, por um abominável sacrilégio, se separaram da herança de Cristo, difundida pelo mundo inteiro, ainda que Cipriano comungasse com os tais, tal como Judas foi traidor, e, no entanto, não se manchava com eles! Ou se ele se manchava, nesse caso todos nos tornamos Judas; portanto, também agora todos somos Judas, ou se não somos, não dizem respeito aos pósteros os delitos dos primeiros, ainda que procedentes da mesma comunhão. Portanto, por que nos lançam em rosto os *traditores*, os quais não convenceram de *treditio* e não objetam a si mesmos a Judas, com o qual Cipriano e seus colegas mantiveram a comunhão?

Eis o concílio de que eles costumam gloriar-se; nós realmente dizemos que não entrega aos hereges o batismo da Igreja aquele que aprova o batismo de Cristo mesmo entre os hereges, assim como não entrega aos homicidas o batismo da Igreja aquele que entrega o batismo de Cristo também aos homicidas; mas porque eles desejam prescrever-nos, apoiados nesse concílio, o que devemos pensar, que eles procurem primeiramente concordar com esse concílio. Por isso, foram comparados a Judas traidor aqueles que diziam que os hereges deveriam ser batizados de novo, ainda que tivessem sido batizados na heresia. Estava em comunhão com eles o bem-aventurado Cipriano, que disse: “A ninguém julgando e excluindo do direito de comunhão, se tiver outra opinião”.

Mas manifesta que esses tais estiveram antes na Igreja mediante aquela sentença, na qual disse: “Mas alguém diz: mas o que se fará daqueles que no passado foram admitidos na Igreja sem o batismo?”^[81] Os mesmos que agora realizam esse concílio lembram muitas vezes que esse costume existiu na Igreja. Portanto, se todos aqueles que procedem assim nada mais fazem senão o que Judas representou para a Igreja, como afirma essa sentença, e se, como ensina o Evangelho, Judas foi um traidor, se comunicaram com os traidores, todos os que então diziam isto, e, antes de dizerem, todos se tornaram traidores por aquele costume, que então a Igreja observava. Portanto, todos, ou seja, tanto nós como eles somos traidores, porque procedemos daquela unidade.

Mas nós nos defendemos de duas maneiras, ou seja, porque não concordamos com esse concílio, onde isso foi declarado, salvo o direito de unidade, como o próprio Cipriano predisse, e julgamos que na unidade católica os maus não prejudicam os bons, até que no fim a palha seja separada do trigo. Mas esses, porque se apoiam nesse concílio e afirmam que os bons perecem pela comunhão com os maus, como que por um contágio, não encontram como dizer ou que os primeiros cristãos, de onde eles procederam, não foram *traditores*, porque são convencidos por esse concílio, ou que não lhes dizem os delitos dos antigos, ao lançar-nos em rosto nossos antepassados.

Lúcio de Membressa

50 Outro, Lúcio de Membressa,^[82] disse: “Está escrito: ‘Deus não ouve os pecadores’.^[83] Aquele que é pecador, como pode ser ouvido no batismo?”^[84]

51 Respondemos: como são ouvidos os avarentos, o ladrão, o usurário e o homicida? Ou não são pecadores estes que Cipriano repreende e tolera?

Costume e verdade

52 Outro, Félix de Buslacene,^[85] disse: “Ao admitir os hereges na Igreja sem o batismo, ninguém anteponha o costume à verdade, porque a razão e a verdade sempre excluem o costume”.^[86]

53 Resposta: não mostras a verdade, mas proclamas o costume. Teríamos com razão um costume confirmado por um concílio plenário posterior, ainda que se ocultasse a verdade que acreditamos ter sido manifestada.

O batismo e o anticristo

54 Outro, Saturnino de Abitina,¹⁸⁷¹ disse: “Se o anticristo pode dar a alguém a graça de Cristo, também os hereges, que foram denominados anticristos, podem batizar”.

55 E se outro disser: “Se um homicida pode dar a alguém a graça de Cristo, também podem batizar aqueles que odeiam os irmãos, os quais são denominados homicidas?”. Como parecia dizer a verdade, no entanto, o podem; a mesma coisa também os hereges.

Quinto de Águia

56 Quinto de Águia^[88] disse: “Pode dar alguma coisa aquele que tem algo. O que podem dar os hereges que, conforme consta, nada têm?”.

57 Respondemos: se pode dar algo quem tem algo, é evidente que os hereges podem administrar o batismo, porque, quando se afastam da Igreja, têm o sacramento do banho que ali receberam; ao voltarem, não o recebem porque não o perderam, ao se afastarem.

58 Outro, Juliano de Marceliana,^[89] disse: “Se um homem pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro,^[90] também o batismo pode servir a dois senhores: ao cristão e ao herege”.

59 Pelo contrário, se pode servir ao continente e ao avarento, ao sóbrio e ao bêbado, ao piedoso e ao homicida, por que não pode servir também ao cristão e ao herege? Na realidade, não os serve, mas lhes é administrado ou é administrado por eles, para a salvação aos que dele fazem bom uso, e para a condenação, se dele fazem mau uso.

Ténax de Horreos Célia

60 Ténax de Horreos Célia^[91] disse: “Há um só batismo, mas o da Igreja. Onde não está a Igreja, aí não pode estar o batismo”.

61 Resposta: por que pode onde não existe a pedra, mas existe a areia, se a Igreja está sobre a pedra e não sobre a areia?

Victor de Assuras

62 Outro, Victor de Assuras,^[92] disse: “Está escrito que há um só Deus, um só Cristo, uma só Igreja, um só batismo;^[93] como alguém pode ser batizado, onde não existem Deus, Igreja, batismo?”.

63 Como pode também naquela areia, onde não há templos de Deus e de Cristo?

Sacramento e batismo

64 Donátulo de Capse^[94] disse: “Eu sempre fui de opinião que os hereges, que nada conseguiram fora, sejam batizados quando se convertem para a Igreja”.

65 Nossa resposta: nada conseguiram fora, mas para a salvação, não para o sacramento. Pois a salvação é destinada aos bons, mas os sacramentos são comuns aos bons e aos maus.

Batismo e saída da Igreja

66 Vérulo de Rusicade^[95] disse: “O herege não pode dar o que não tem; muito mais o cismático que perdeu o que tinha”.

67 Já demonstramos que eles têm, porque não perdem quando se afastam; por isso não o recebem quando voltam. Por isso, se parecia que podem dar porque se pensava que não tinham, compreenda-se que já o podem dar, porque se compreende que também o têm.

Pudenciano de Cuículi

68 Pudenciano de Cuículi^[96] disse: “O fato de ser novo no episcopado, irmãos caríssimos, faz com que apoie o que os antepassados julgaram. É evidente que os hereges nada têm e nem podem ter. E foi determinado com toda justiça que sejam batizados os que vierem de entre eles”.

69 Assim como se respondeu aos anteriores, aqueles que este apoiava, ou seja, os antepassados, do mesmo modo se entenda que lhe seja respondido a essa afirmação.

Um só batismo para todos

70 Pedro de Hipona Zarito¹⁹⁷¹ disse: “Como o batismo é um só na Igreja católica, é evidente que não se pode batizar fora da Igreja. E, por isso, é necessário que sejam batizados os batizados na heresia ou no cisma, que vêm para a Igreja”.

71 De tal modo há um só batismo na Igreja católica, que, quando alguns dela saem, naqueles que saem, não se torna dois, mas permanece o mesmo único. Portanto, o que se reconhece nos que voltam é o mesmo que receberam daqueles que se separaram, o qual não perderam ao se afastarem.

72 Lúcio de Ausafa^[98] disse: “De acordo com o sentimento de meu espírito e com o Espírito Santo, como há um só Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e um só Cristo, uma só esperança, um só Espírito, uma só Igreja, deve haver um só batismo.^[99] Por essa razão, digo que se algo foi empreendido e realizado entre os hereges, deve ser anulado e devem ser batizados aqueles que vêm para a Igreja”.

73 Portanto, anule-se o batismo daqueles que ouvem as palavras de Deus e não as põem em prática, quando passarem a migrar da iniquidade para a justiça, ou seja, da areia para a pedra. Se isso não acontecer, porque também neles está o que é de Cristo, não será violado pela iniquidade deles; entenda-se isso a respeito dos hereges. Pois, enquanto estão sobre a areia, não têm a mesma esperança que a dos que estão sobre a pedra; no entanto, o batismo é o mesmo em ambos, ainda que se diga que, assim como há uma só esperança, assim um só batismo.

74 Félix de Gúrgites^[100] disse: “Eu penso que, de acordo com os preceitos das santas Escrituras, os batizados ilicitamente pelos hereges fora da Igreja alcançam a graça do batismo, onde é administrado licitamente, se quiserem voltar para a Igreja”.

75 Responde-se: pelo contrário, passam a ter licitamente para a sua salvação o que tinham ilicitamente para sua ruína, porque é justificado pelo mesmo batismo, quando alguém se converte de coração sincero para Deus, pelo qual é julgado quando, recebendo-o, renunciara ao mundo apenas com palavras, não com atos.

76 Pusilo de Lamasba^[101] disse: “Eu creio que o batismo salutar somente existe na Igreja católica. Tudo o que existir sem a Igreja é simulação”.

77 É verdade que o batismo salutar existe apenas na Igreja católica. Mas o batismo pode existir também fora da Igreja; mas aí não existe o salutar, porque aí não causa a salvação, assim como o bom odor de Cristo não é certamente salutar nos que perecem,^[102] não pelo seu vício, mas pelo vício deles.

Tudo o que existir fora da Igreja é simulação, na medida em que não for católico. Mas pode haver algo católico fora da Igreja, assim como o nome de Cristo pode existir fora da companhia de Cristo, em nome do qual expulsava demônios aquele que não seguia seus discípulos.^[103] Pois a simulação pode existir na católica, naqueles que renunciam ao mundo com palavras, não com atos; no entanto, a simulação não é católica. Mas assim como existe na católica o que não é católico, assim pode existir fora da católica o que não é católico.

Salviano de Gazaufala

78 Salviano de Gazaufala^[104] disse: “É certo que os hereges nada têm e, por isso, vêm para nós para poderem receber o que eles não tinham”.

79 Respondemos: portanto, não são hereges os que criaram as heresias; ao se afastarem da Igreja, certamente tinham o que ali receberam. Se é um absurdo dizer que eles não são os hereges, por meio dos quais os demais se tornam hereges, pode acontecer que um herege venha a perder aquilo de que está fazendo mau uso.

Verdade e costume

80 Honorato de Tuca disse:^[105] “Como Cristo é a verdade, devemos dar preferência à verdade com relação ao costume, a fim de santificarmos, com o batismo da Igreja, os hereges que vêm a nós”.

81 Também este dá testemunho do costume, pelo que muito nos ajuda, ainda que pareça estar dizendo algo contra nós. Mas os hereges não vêm para nós porque nada receberam fora, mas para que lhes seja útil o que receberam, pois de forma alguma o podia ser fora.

Victor de Octavo

82 Victor de Octavo^[106] disse: “Como sabeis, não fui ordenado bispo há muito tempo e, por isso, esperava um conselho dos predecessores. Da minha parte, julgo que todo aquele que vier da heresia sem dúvida deve ser batizado”.

83 O que foi respondido àqueles de quem ele esperava receber um conselho, recebeu também este.

Claro de Máscula

84 Claro de Máscula^[107] disse: “É clara a sentença de nosso Senhor Jesus Cristo, ao enviar os apóstolos,^[108] transmitindo somente a eles o poder dado pelo Pai; nós os sucedemos no governo da Igreja do Senhor com o mesmo poder, e batizamos a fé dos crentes. E por isso, como os hereges não têm o poder fora e não têm a Igreja de Cristo, a ninguém podem batizar com o batismo da mesma Igreja”.

85 Porventura, os homicidas e os ímpios sucederam os apóstolos? Por que então batizam? Acaso porque não estão fora? Mas estão fora da Pedra, à qual o Senhor entregou as chaves, e disse que sobre ela edificaria sua Igreja.^[109]

86 Secundiano de Tâmbéas^[110] disse: “Não devemos enganar os hereges com nossa presunção, a fim de que os não batizados na Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo e, por isso, que não alcançaram a remissão dos pecados, quando chegar o dia do juízo, nos imputem o fato de não serem batizados por meio de nós e não terem alcançado o perdão da graça divina. Por essa razão, como há uma só Igreja e um só batismo, quando se voltam para nós, alcancem ao mesmo tempo a Igreja e o batismo da Igreja”.

87 Pelo contrário, transferidos para a Pedra e associados à Pomba, recebam a remissão dos pecados que não podiam ter fora da pedra, seja claramente fora, como os hereges, seja como que de dentro, como os católicos depravados. No entanto, é manifesto que eles têm e administram o batismo sem a remissão dos pecados, se o recebem deles, os quais, não mudados para melhor, honram a Deus com os lábios, mas seu coração está longe de Deus.^[111] No entanto, como não há senão uma Igreja, assim há uma só Pomba, embora os que não vivem em comum com a Pomba possam ter em comum o batismo.

88 Outro, Aurélio de Cilavi,^[112] disse: “O apóstolo João escreve em sua carta: ‘Se alguém vier ter convosco sem ser portador dessa doutrina, não o recebais em casa, nem o saudeis. Aquele que o saúda participa de suas obras más’.^[113] Como podem ser admitidos temerariamente na casa de Deus esses tais que são proibidos de ser admitidos em nossa casa particular? Ou como podemos comunicar-nos, sem o batismo da Igreja, com esses aos quais, se os cumprimentarmos apenas, participamos de suas obras más?”.

89 Não vamos dissertar longamente sobre esse testemunho de João, visto que não diz respeito à questão do batismo, da qual agora tratamos. Com efeito, disse: “Se alguém vier a ter convosco sem ser portador dessa doutrina”. Mas os hereges, abandonando a doutrina de seu erro, se convertem para a doutrina de Cristo para serem incorporados à Igreja e começarem a pertencer àquela Pomba, cujo sacramento possuímos. E por isso, o que não tinham dela lhes é dado, ou seja, a paz e a caridade de um coração puro, de boa consciência e de fé não fingida.^[114] No entanto, se reconhece o que tinham dela e se recebe sem repreensão, assim como Deus reconhece seus dons na adúltera, mesmo quando ele segue seus amantes; pois, uma vez corrigida da fornicção, quando se converter para a castidade, não se culparão aqueles dons, mas ela se corrige.^[115]

Mas assim como Cipriano poderia se defender, se este testemunho de João lhe fosse objetado, quando estava em comunhão com os tais, assim se defendam aqueles contra os quais se diz. Pois, como eu disse, não diz respeito a essa questão. Com efeito, João diz que não se deve cumprimentar os homens portadores de outra doutrina. Mas o apóstolo Paulo diz com mais veemência: “Não vos associeis com alguém que traga o nome de cristão e, não obstante, seja impudico ou avarento etc.; com tal homem não deveis tomar refeição”.^[116] E, no entanto, Cipriano tinha em comum com os colegas usurários, invejosos, defraudadores, ladrões, não a mesa particular, mas o altar de Deus. Como se há de defender dessa conduta, já foi dito em outros livros.

Um cego guiando outro

90 Lítio de Gemelas^[117] disse: “Se um cego conduz outro cego, ambos acabarão caindo no buraco’.^[118] Como consta que os hereges não podem iluminar alguém, como cegos que são, seu batismo não tem valor”.

91 Nem nós dizemos que tem valor para a salvação, enquanto forem hereges, assim como para os homicidas, enquanto odeiam os irmãos.^[119] Pois também eles estão nas trevas, e se alguém os seguir, acabarão caindo no buraco; nem por isso, porém, deixam de ter ou administrar o batismo.

Natal de Oea

92 Natal de Oea^[120] disse: “Tanto eu, que estou presente, como Pompeu de Sabrata, como também Diogo de Leptis Magna, os quais me delegaram, embora ausentes corporalmente, mas presentes em espírito,^[121] julgamos como nossos colegas, ou seja, os hereges não podem ter comunhão conosco, se não forem batizados com o batismo eclesiástico”.

93 Creio que, quando fala de comunhão, se refere à relacionada com a companhia da Pomba. Pois na participação dos sacramentos, como comunicavam com os hereges, sem a ninguém julgar nem privar do direito de comunhão, se tivesse outra opinião. Mas de qualquer modo que o tenha dito, essas palavras não necessitam ser refutadas longamente. Pois o herege não se comunique, a não ser batizado com o batismo eclesiástico. Mas consta que há batismo eclesiástico mesmo entre os hereges, consagrado pelas palavras evangélicas; assim como o Evangelho é eclesiástico e não diz respeito à perversidade deles, mas com certeza conserva sua santidade.

Opinião sem respaldo escriturístico

94 Júnio de Neápolis^[122] disse: “Não me aparto do que julgamos uma vez, ou seja, julgamos que devemos batizar os hereges que vêm para a Igreja”.

95 Pelo fato de não ter apresentado nenhuma razão e nenhum testemunho das Escrituras, sua afirmação não nos vai prender por mais tempo.

96 Cipriano de Cartago disse: “A carta expressa cabalmente minha opinião. Foi escrita a Jubaiano, nosso colega, na qual dissemos que os hereges, denominados inimigos de Cristo e anticristos, quando vierem para a Igreja, devem ser batizados com o único batismo da Igreja, a fim de poderem passar de inimigos para amigos, de anticristos para cristãos”.^[123]

97 Sobre que assunto vamos discutir mais, se tratamos com diligência, na medida em que nos foi possível, da carta enviada a Jubaiano, da qual fez menção? E o que disse aqui, lembramos que se pode dizer de todos os iníquos que, conforme ele mesmo atesta, estão na católica e que nenhum de nós duvida que eles tenham e administrem o batismo. Pois vêm para a Igreja aqueles que passam da parte do diabo para Cristo, edificam sobre a Pedra, incorporam-se à Pomba, são protegidos no jardim fechado, na fonte lacrada, onde não estão todos os que vivem contra os preceitos do Cristo, qualquer que seja o lugar onde pareça que existem. Pois na carta que escreveu a Magno, ao tratar desse mesmo assunto, advertiu-nos sobeja e abertamente em que companhia é mister entender que esteja a Igreja. Com efeito, falando de uma pessoa, ele diz: “Seja considerado como estranho e profano, inimigo da paz do Senhor e da unidade do Senhor, ao não morar na casa de Deus, ou seja, na Igreja de Cristo, na qual moram tão só os que estão em harmonia e com uma só alma”.^[124]

Portanto, o que dizemos, tenham em conta aqueles que queiram eliminar de nós o nome de Cipriano. Pois se na Igreja moram somente os que vivem em harmonia e união, sem dúvida não moravam na Igreja de Cristo, embora parecessem estar dentro, aqueles que anunciavam a Cristo levados pela inveja e pela emulação,^[125] os quais ele entendeu não se tratar de hereges ou cismáticos os mencionados pelo apóstolo Paulo, mas falsos irmãos que com ele conviviam dentro.^[126] Esses certamente não deviam batizar, porque não moravam na Igreja, na qual, como ele diz, não habitam senão os que vivem com um só coração e uma só alma; a não ser que alguém esteja de tal modo longe da verdade que considere com um só coração e uma só alma os invejosos, os malévolos e os contenciosos sem caridade. No entanto, batizavam e sua abominável maldade não diminuía nem violava o sacramento de Cristo que administravam e conferiam.

98 Vale a pena examinar toda a passagem da mesma carta escrita a Magno, ao qual assim afirmou: “Não mora na casa de Deus, ou seja, na Igreja de Cristo, na qual moram apenas os de um só coração e uma só alma, conforme diz o Espírito Santo nos salmos: ‘Deus que faz os de um só coração morar numa casa’.”^[127] Finalmente, por unanimidade, os próprios sacrifícios do Senhor proclamam que os cristãos estão unidos entre si pela inseparável caridade. Pois quando o Senhor denomina como seu Corpo o pão,^[128] formado pela reunião de muitos grãos, indica nosso povo reunido que formaria; e quando denomina como seu Sangue o vinho,^[129] exprimido e reduzido a líquido de muitos racimos e bagos, significa da mesma forma nosso rebanho congregado pela mescla de uma multidão reunida”.^[130]

Essas palavras do bem-aventurado Cipriano indicam que ele tanto entendeu como amou a formosura da casa de Deus;^[131] afirmou e ensinou que essa casa é composta de pessoas com um só coração e uma só alma; nela não estavam certamente aqueles invejosos e malévolos sem caridade, os quais, no entanto, batizavam.

Depreende-se daí que o sacramento possa existir entre eles e possa ser administrado por meio deles que não estão na Igreja de Cristo, na qual, conforme Cipriano atesta, não moram senão os de um só coração e uma só alma. Com efeito, não se pode dizer que podem batizar apenas quando estão ocultos, pois eles não estavam ocultos para o apóstolo Paulo; ele, como testemunha veraz, os menciona em sua carta e diz que se alegra pelo fato de anunciarem a Cristo. Pois diz a respeito deles: “Ou com segundas intenções ou sinceramente, Cristo é proclamado, e com isso eu me regozijo”.^[132]

99 Considerando tudo isso, posso dizer, não temerariamente, que alguns estão de tal modo na casa de Deus que eles próprios são a própria casa de Deus, a qual se diz estar edificada sobre a pedra,^[133] a qual é denominada a única Pomba,^[134] e pela qual também receberam as chaves e o poder de atar e de desatar.^[135] Se alguém menosprezar essa casa, quando ela corrige ou repreende, “trata-o como gentio ou publicano”.^[136]

Dessa casa se diz: “Iahweh, eu amo a beleza de tua casa e o lugar onde tua glória habita”,^[137] e: “Deus dá uma casa aos solitários”,^[138] e: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa de Iahweh”,^[139] e: “Felizes os que habitam em tua casa, eles te louvam sem cessar”,^[140] e inumeráveis outros.

Essa casa é também denominada trigo, que pela tolerância produz fruto trinta, sessenta e cem por um.^[141] Essa casa é também representada pelos vasos de ouro e de prata,^[142] de pedras preciosas e de madeira incorruptível. A essa casa se diz: “Suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”,^[143] e: “Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós”.^[144]

Essa é, pois, a casa de Deus, nos bons fiéis e santos de Deus, dispersos por todas as partes e unidos pela unidade espiritual, na mesma comunhão dos sacramentos, conheçam-se de vista ou não. Mas digo que outros estão na casa, mas não pertencem ao conjunto da casa nem da companhia da justiça frutífera e pacífica,^[145] mas pertencem, assim como se diz que há palha no meio do trigo. Pois não podemos negar que esses estão na casa, conforme diz o Apóstolo: “Numa grande casa não há somente vasos de ouro e de prata; há também de madeira e de barro; alguns para uso nobre, outros para uso vulgar”.^[146]

Nesse número incontável, não somente está uma multidão que dentro comprime o coração dos poucos, em comparação à grande multidão dos santos, mas também, rompidas as redes, existem também hereges e cismáticos, os quais melhor se dirá que estão mais fora da casa do que dentro; a respeito deles se diz: “Eles saíram de nós, mas não eram dos nossos”.^[147] Com efeito, estão mais separados, já segregados mesmo corporalmente, do que aqueles que vivem dentro de modo carnal e animal; mas estão separados espiritualmente.

100 Dentre todos os gêneros de habitantes da casa de Deus, os primeiros são aqueles que estão de tal modo na casa de Deus, que eles são a casa de Deus, sejam espirituais, sejam os que, ainda crianças, se alimentam de leite,^[148] no entanto, progridem com o coração decidido para o estado espiritual; ninguém duvida que tenham o batismo também com proveito e o administrem com proveito aos que os imitam. Mas aos fingidos, dos quais foge o Espírito Santo,^[149] embora, conforme lhes é possível, o administrem com proveito, recebem-no, no entanto, inutilmente porque não imitam aqueles por meio dos quais o recebem.

Mas os que estão na grande casa com vasos para uso vulgar, tanto têm o batismo inutilmente, como o administram inutilmente aos que os imitam. No entanto, recebem deles com proveito aqueles que estão ligados à casa santa, não a eles, pelo coração e pelos costumes. Mas estão mais separados na casa não mais do que estão dentro e nem inutilmente têm o batismo, e deles não se recebe utilmente, a não ser que seja urgente a necessidade de ser recebido e o espírito do batizando não se afaste do vínculo da unidade; contudo, o têm, embora o tenham inutilmente, e se recebe deles, embora seja sem proveito para os que o recebem. Para que se torne proveitoso, é preciso abandonar a heresia ou o cisma e se unir àquela casa. O que devem fazer não somente os hereges e os cismáticos, mas também aqueles que estão de tal modo na casa pela comunhão do sacramento, que estejam fora da casa pela diferença de costumes. Desse modo, passa-lhes a ser útil o sacramento que de outro modo é inútil.

101 Costuma-se perguntar se deve ser aceito o batismo quando é recebido de alguém que não o recebeu, se por acaso aprendeu por curiosidade como deve ser administrado, e se em nada interessa com que disposição o recebe aquele a quem foi administrado, com fingimento ou sem fingimento; se com fingimento, se se engana sobre a Igreja ou se pensa que está na Igreja que pensa, ou o recebe por brincadeira ou por uma farsa; e, o que é mais criminoso, o recebe enganosamente na Igreja ou na heresia ou no cisma, não enganosamente, ou seja, sem fingimento, e se enganosamente na heresia ou com fé no caso de uma farsa, se alguém é movido por uma repentina piedade durante a farsa.

Ainda que, se o compararmos àquele que recebe na Igreja mediante uma farsa, causaria admiração se se duvidasse qual tem a preferência. Não percebo que vantagem tem o espírito de quem o administra sinceramente para o que o recebe com simulação. Mas suponhamos alguém que o administre fingidamente: como tanto o que administra, como o que recebe procedem com simulação na própria unidade católica, se se há de aceitar esse batismo ou aquele que é administrado mediante uma farsa, se há alguém que, comovido repentinamente, o recebe com fé, ou, pelo que diz respeito a alguns homens, há muita diferença entre o que crê na farsa e o que pratica uma burla na Igreja, mas não afeta em nada a integridade do sacramento.

Mas se não importa para a integridade do sacramento, mesmo na católica, que alguns procedam falazmente ou sinceramente, mas como ambos fazem o mesmo, não percebo por que importa fora, se aquele que recebe não está revestido de simulação, mas mudou-se pela religião. Acaso valem mais, para confirmar o sacramento, aqueles sinceros, entre os quais se realiza, do que, para inutilizá-lo, aqueles fingidos pelos quais se realiza e nos quais se realiza? E, no entanto, se depois se descobre, ninguém é rebatizado; ou aquela simulação é castigada pela excomunhão ou é curada pela penitência.

102 Mas para nós é seguro não avançar com temeridade numa opinião que, tendo começado em um concílio regional, não foi resolvida em nenhum concílio plenário; mas afirmar com a confiança da palavra garantida o que, sob o governo do Senhor nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, foi confirmado pelo consenso da Igreja universal.

No entanto, se alguém, estando eu presente nesse concílio, onde se estivesse tratando da questão com tais assuntos, se não houvesse alguém que tivesse proferido uma opinião que eu preferiria seguir, ao me urgirem para dizer o que eu pensava, se estivesse nas mesmas circunstâncias em que estava, quando ditava essas coisas, não duvidaria de forma alguma em dizer que têm o batismo que tivessem recebido, consagrado pelas palavras evangélicas, em qualquer parte e por quem seja, embora não lhes aproveitasse para a salvação, se não tivessem caridade, pela qual seriam admitidos na Igreja católica, pois se “tivesse toda a fé, a ponto de transportar os montes, se não tivesse caridade, eu nada seria”.^[150] Assim como não duvido que, pelas determinações passadas, também têm o batismo aqueles que, embora o tivessem recebido com simulação, no entanto, sempre o recebem na Igreja onde pensa que está a Igreja, em cuja companhia o recebe, sobre os quais foi dito: “Eles saíram de nós, mas não eram dos nossos”.^[151]

Mas onde não existisse qualquer comunidade desses crentes, e assim acreditasse aquele que ali o receberia, mas tudo seria feito por diversão, como farsa e como brincadeira, se devia ser aprovado o batismo que assim se administrasse, julgo que se devia implorar o juízo divino pelo oráculo de alguma revelação com o coração em harmonia interior e com gemidos pela devoção suplicante, de tal modo que humildemente esperaria os que depois de mim falassem, a fim de não apresentarem algo já explorado e conhecido. Portanto, quanto mais deve ser aceito agora o que acabamos de dizer, sem prejuízo de uma investigação mais cuidadosa ou de uma autoridade de maior peso.

103 Julgo que já é tempo de finalizar estes livros sobre a questão do batismo. Neles, o Senhor nosso Deus nos mostrou, por meio do pacífico bispo Cipriano e por aqueles que com ele concordaram, quanto se deve amar a unidade católica, de modo que, no que pensavam de modo diferente, até que Deus o revelasse,^[152] tolerassem os que tinham outra opinião, em vez de se separarem deles por um abominável cisma; nestes livros se fecham totalmente as bocas dos donatistas, ainda que nada digamos sobre os maximianistas.^[153]

Pois se os maus contaminaram os bons na unidade, o próprio Cipriano não encontrou Igreja alguma a que se associar. Mas se os maus não mancham os bons na unidade, o sacrílego donatista não pode apresentar motivo algum para a separação. Mas se eles têm o batismo e o administram tantos outros – cujas obras são carnisais, e os que as praticam não herdarão o Reino de Deus –^[154] também os hereges, os quais são contados entre aquelas obras, têm e administram o que não perderam ao se separarem, e puderam administrá-lo, permanecendo; mas tão sem fruto e inutilmente os tais administram, como os restantes que não herdarão o Reino de Deus. E assim como, uma vez corrigidos, o batismo que faltava não passa a estar presente, mas é útil o que estava presente, assim também acontece com os hereges.

Por isso, Cipriano e os que com ele concordaram não o puderam impor à Igreja católica, a qual não quiseram abandonar. Pelo fato de terem opinião diferente, não nos assustamos, porque, com eles, também veneramos a Pedro; pelo fato de não se terem separado da unidade, alegramo-nos porque, com eles, somos edificados sobre a pedra.^[155]

Coleção PATRÍSTICA

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lião
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho
8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Soliloquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho
12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho
13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho
14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antônio*, Santo Atanásio
19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Examerão – Seis dias da criação (Os)*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Epístola aos Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homilias sobre a Epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilia sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo
28. *Regra Pastoral*, Gregório Magno
29. *Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A)*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A)*, Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lyon
34. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes
- 35/1. *Obras Completas I*, Cipriano de Cartago
36. *O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, Santo Agostinho
37. *A Trindade, Escritos éticos, Cartas*, Novaciano
38. *Homilias e Comentário ao Cântico dos Cânticos*, Orígenes
39. *Mentira (A) – Contra a mentira*, Santo Agostinho
40. *Natureza do bem (A) – Castigo e o perdão dos pecados (O) – Batismo das crianças (O)*, Santo Agostinho
41. *Simpliciano (A) – Réplica à carta de Parmeniano*, Santo Agostinho
42. *Tratado sobre o batismo*, Santo Agostinho

Título original:

De baptismo

Tradução e notas: Agostinho Belmonte, OAR (†)

Textos bíblicos conforme a tradução da Bíblia de Jerusalém

Introdução: Heres Drian de O. Freitas

Traduções da Patrologia Latina, confrontadas com as edições espanhola (BAC) e italiana (NBA).

Numeração dos parágrafos segundo o Corpus Augustinianum Gissense

Direção editorial:

Claudiano Avelino dos Santos

Supervisão:

Heres Drian de Oliveira Freitas

Coordenação de revisão:

Tiago José Risi Leme

Capa:

Marcelo Campanhã

Coordenação de desenvolvimento digital:

Alexandre Carvalho

Desenvolvimento digital:

Daniela Kovacs

Conversão EPUB:

PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

Tratado sobre o batismo [livro eletrônico] / Santo Agostinho; tradução e notas de Agostinho Belmonte. - São Paulo: Paulus, 2019.

2,9 Mb (Coleção Patrística)

Título original: *De baptismo*

ISBN 978-85-349-5097-8 (e-book)

1. Batismo - Igreja Católica - Obras anteriores a 1800 2. Donatistas - Obras anteriores a 1800 3. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. De baptismo 4. Cipriano, Santo, Bispo de Cartago, 200-258 I. Título II. Belmonte, Agostinho III. Série

CDD 234.161

19-1248

CDU 265.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Batismo - Igreja Católica - Obras anteriores a 1800

1ª edição, 2019 (e-book)

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[[Facebook](#)] • [[Twitter](#)] • [[Youtube](#)] • [[Instagram](#)]

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro



NOTAS

INTRODUÇÃO

[1] Cf. *De baptismo – bapt.* – 1,1. O leitor encontrará outras informações, edições e bibliografia em SCHINDLER, “*Baptismo (De-)*”, em C. P. MAIER (ed.), *Augustinus-Lexikon* 2; M. A. TILLEY, “*Baptismo, De*”, em A. FITZGERALD (coord.), *Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia – doravante AAT –*, São Paulo: Paulus, 2019, p. 167.

[2] Cf. *Contra epistulam Parmeniani – c. ep. Parm.* – 2,32.

[3] Cf. *retr.* 2,17-18.

[4] Cf., por exemplo, *c. ep. Parm.* 1,5; 2,4; 3,7.

[5] Cf. *c. ep. Parm.* 1,16.

[6] Cf. *bapt.* 1,1. “[...] para confutar os donatistas e fechar definitivamente sua boca para que não defendam seu cisma contra a católica, nada vale mais que as cartas e o comportamento de Cipriano” (*retr.* 2,18).

[7] *bapt.* 1,2-4.

[8] *Id.* 1,6.

[9] *Id.* 1,7.

[10] *Id.* 1,2.

[11] *Id.* 1,5.

[12] *Id.* 1,5-7.

[13] *Id.* 1,8-26.

[14] *Id.* 1,28-29.

[15] *Id.* 1,14-28.

[16] *Id.* 1,16.

[17] *Id.* 1,18.

[18] *Id.* 7,99.100.

[19] *Id.* 7,1.

[20] *Id.* 2,2-12.

[21] *Id.* 2,13.

[22] *Id.* 2,12-19.

[23] *Id.* 2,20.

[24] *Id.* 2,7.

[25] *Id.* 3,4.

[26] *Id.* 3,5.

[27] *Id.* 3,7.

[28] *Id.* 3,8-12.

[29] *Id.* 3,15; 3,26; 5,24-27.

[30] *Id.* 4,2.

[31] *Id.* 4,31.

[32] *Id.* 3,23-24.

[33] *Id.* 3,25.

[34] *Id.* 4,16-31.

[35] *Id.* 3,27.

[36] *Id.* 3,13.

[37] *Id.* 3,16.

[38] *Id.* 3,19.

[39] *Id.* 3,17; 5,2-5.

[40] *Id.* 4,1-12.

[41] *Id.* 5,24-38.

[42] *Id.* 6,8-86; 7,2-96.

[43] *Id.* 7,103.

[44] Para aspectos fundamentais da eclesiologia de Cipriano, vejam-se S. FOLGADO FLORES, “Estructura sacramental de la Iglesia según san Cipriano”, *La Ciudad de Dios* 195 (1982) 51-79; e *Id.*, “La catolicidad, fórmula de identificación de la Iglesia en san Cipriano”, *La Ciudad de Dios* 202 (1989) 593-611.

[45] Para uma história geral do donatismo, vejam-se W. H. C. FRENCH, *The Donatist Church: A Movement of Protest in Roman North Africa*, Oxford (Oxford Scholarly Classics), 2000; R. MARKUS, “Introduzione Generale”, em NBA 15/1, 1998, p. VII-XXXVIII; *Id.*, “Donato/Donatismo”, em AAT, p. 354-356.

[46] Falar de eclesiologia de Cipriano não significa que tenha sido ele a iniciar a concepção de igreja que se apresentará em seguida. Pois é muito provável que essa concepção tenha raízes em Tertuliano (cf., por exemplo, *Apologeticum* 39,1; *De praescriptione haereticorum* 7), se não antes.

[47] Cf. *bapt.* 5,20.28.

[48] Cf. CIPRIANO, *ep.* 69,1.

[49] Cf. CIPRIANO, *ep.* 70,1,3. Um problema, contudo, são os pecados não visíveis de um ministro, dentro da comunhão católica. Nesse caso, seus pecados o tornam indigno ou não? A esse respeito, veja-se J. PATOUT BURNS e R. M. JENSEN, *Christianity in Roman Africa: The Development of its Practices and Beliefs*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2014, p. 173-174; 180-182 e 186-189.

[50] Ao se ter presentes as atitudes de Cipriano em relação aos *lapsos* (particularmente diante do rigorismo de Novaciano) e em relação aos hereges e/ou cismáticos (também aqui diante do rigorismo de Novaciano), notar-se-á que o bispo de Cartago não era o extremista que nossa exposição terá feito parecer.

[51] Vale recordar que, porque na perseguição de Diocleciano (303-305) houve católicos *traditores*, que entregaram (*tradere*) os livros santos aos perseguidores, esses católicos, e aqueles que os acompanharam, foram considerados pecadores que se puseram fora da igreja, apóstatas.

[52] Considere-se que o partido se restringia geograficamente à África e a uma só comunidade no além-mar (Roma).

[53] A única universal, sem usurpação de nome.

[54] Cf. *bapt.* 7,99.

[55] *bapt.* 1,14.21.

[56] *Id.* 1,2.

[57] *Id.* 7,99.

[58] Cf. *bapt.* 3,21.

[59] *bapt.* 3,21.

[60] Cf. *bapt.* 2,7; 3,21; 5,33. Nem Cipriano se esquivou da convivência com pecadores (cf. *bapt.* 4,31), justamente para preservar a caridade da unidade eclesial (cf. *bapt.* 3,8.11). É nisso que deve ser seguido (cf. *bapt.* 3,1).

[61] *bapt.* 3,21; 5,33.

[62] *Id.* 1,17.14; 4,24.30; 5,29; 6,1; 7,99.100. Note-se como Agostinho distingue eficácia sacramental de eficácia salvífica. A primeira não implica, necessária e automaticamente, a segunda (cf. *bapt.* 4,21); para a qual se exige autêntica conversão (cf. *bapt.* 6,19).

[63] Cf. *bapt.* 2,11.23; 4,6.24; 5,9.

[64] *bapt.* 3,15.28; 4,18; 5,14.

[65] *Id.* 1,2.

[66] *Id.* 1,5.

TRATADO SOBRE O BATISMO

LIVRO 1

[1] Cf. *c. ep. Parm.* 2,32.

[2] Cf. *c. ep. Parm.* 2,27ss.

[3] Cf. *c. ep. Parm.* 2,28.

[4] Agostinho aproveita de uma contradição na prática donatista: Feliciano, bispo donatista de Musti (hoje Henchir Mest, Tunísia), aderiu, com Pretextato, bispo de Assuras, ao cisma de Maximiano – opondo-se, quando entre os donatistas, à condenação deste último. O Concílio donatista de Bagai (394) condenou-os sem

possibilidade de readmissão. Mas acabaram sendo readmitidos pelos donatistas com sua dignidade de bispo e sem que estes questionassem a validade do batismo que, fora, administraram (cf. *Emer.* 9; *ep.* 108,5).

[5] Nestas poucas palavras estão reunidas duas importantes teses eclesiológicas agostinianas (unidade e catolicidade) e uma sacramental (o valor objetivo dos sacramentos).

[6] SI 61,3.

[7] Cf. 1Cor 10,4.

[8] Cf. Ef 2,6.

[9] SI 61,3-4.

[10] Cf. Mt 7,15.

[11] Mt 5,14.

[12] Mt 11,24.

[13] Cf. *c. Cr.* 3,53,59; 4,10,12. *en. Ps.* 36,2,20; MANSI 3,845-850.

[14] Como rogatistas, claudianistas e maximianistas.

[15] Cf. Mc 9,39.

[16] Cf. Mt 12,30. Para Agostinho, da divisão só pode nascer divisão (cf. *c. ep. Parm.* 1,9; *Cresc.* 4,69; *en. Ps.* 36,2,20; *Io. ev. tr.* 10,6).

[17] Possível alusão a Cipriano, aos bispos africanos e ao sínodo de Cartago de 256.

[18] Arles, 314, que confirmou o concílio romano de 313 sobre os donatistas e – contra Cipriano – a posição de Estêvão sobre o batismo e afirmou – com Cipriano – a validade das ordenações conferidas pelos *traditores* antes de seu julgamento e condenação.

[19] Mt 12,30.

[20] Mc 9,38-39.

[21] Cf. *un. bap.* 12.

[22] Cf. At 10.

[23] Cf. Ez 32.

[24] Cf. Nm 16.

[25] 1Cor 13,2.

[26] Cf., abaixo, 1,16.

[27] 1Cor 13,1-2.

[28] Cf. Jo 11,51.

[29] Cf. 1Sm 10,10; 18,10.

[30] Cf. At 8,13.

[31] Mc 1,24.

[32] Cf. 1Cor 13,3.

[33] Cf. Ef 4,2-3.

[34] Cf. At 8,21.

[35] 1Cor 3,1-2.

[36] 1Cor 3,1-4.

[37] 1Cor 10-13.

[38] 1Cor 10,11.

[39] Gn 21,10.

[40] Ml 1,2-3; cf. Gn 25,24: a união dos patriarcas com suas esposas e servas. A Igreja é uma só, e chama-se católica, por isso o cisma não gera para a Igreja, mas, porque separado, simplesmente, pode conservar algo que dela recebeu (cf., abaixo, 1,23).

[41] Mt 28,19.

[42] Jo 20,25.

[43] Ct 6,9; texto invocado pelos donatistas para indicar sua conexão com CIPRIANO, *ep.* 69,2 e *un. eccl.* 4.

[44] Todo esse parágrafo demonstra que o donatismo continua professando a mesma eclesiologia de São Cipriano, ou seja, uma eclesiologia fundamentada sobre o princípio da unicidade. Se há uma só Igreja, na África deveria desaparecer uma das duas, pois uma só é a verdadeira. É o mesmo argumento que São Cipriano alegava contra Novaciano. Para os donatistas, os católicos eram cismáticos no mesmo sentido que um novaciano o era para São Cipriano.

- [45] 1Jo 2,11.
[46] Gl 3,27.
[47] 1Jo 2,11.
[48] Cf. At 8,21.
[49] Sb 1,5.
[50] Cf. abaixo, 4,30.
[51] Gl 3,27.
[52] Sb 1,5.
[53] Cf. Mt 18,23-24.
[54] Mt 18,26.
[55] Cf. Lc 6,27.
[56] Referência às origens do cisma e à condenação injusta e arbitrária de Ceciliano.
[57] Cf. 1Cor 13,2.
[58] Os dois tipos de palha: a que leva o vento é o cismático, a que permanece no campo é o católico pecador.
[59] Cf. Gn 25,23.
[60] Cf. Gn 30,13.
[61] Cf. Gn 16,11; 17,20.
[62] Santo Agostinho, às vezes, interpreta Esaú como homem carnal, Jacó como homem espiritual. O contraste carnal/espiritual, ilustrado com, em seguida, o AT/NT, serve-lhe também para entender como homens carnis os hereges e os cismáticos, e concretamente os donatistas (cf. s. 4, Sobre Esaú e Jacó).
[63] Cf. Gl 4,24.
[64] 1Cor 2,14.
[65] Cf. 1Jo 4,2.
[66] Cf. 1Cor 2,14.
[67] Cf. Sl 142,6.
[68] Sl 139,16.
[69] Cf. *civ.* 18,52.
[70] Cf. Fl 1,17.
[71] Cf. Ef 5,27. Em *retr.* 2,18[44], Agostinho diz que seu uso dessa passagem escriturística não se refere ao tempo presente da Igreja, quando seus membros são afetados por ignorância e debilidades – e, por isso, “ainda tem motivos para dizer, toda ela, a cada dia: ‘Perdoai-nos as nossas ofensas’” –, mas a “quando aparecerá gloriosa”.
[72] Gn 15,18.
[73] Termina aqui a primeira parte da obra, ou seja, sobre o batismo propriamente dito.
[74] 1Pd 4,8.
[75] Refere-se ao Concílio de Arles, de 314.
[76] Cf. Ef 4,2-5.
[77] Cf. Jo 17,12; 2Ts 2,3.
[78] Sl 72,18.
[79] 1Cor 12,31-13,1.
[80] Cf. 1Cor 13,29.
[81] Cf. Jo 15,1ss.
[82] Cf., abaixo, 6,1-2.
[83] Jo 13,34.
[84] Gl 5,22-23.
[85] Jo 15,2.
[86] Sl 13,3.
[87] Cf. 1,27.

LIVRO 2

- [1] Uma preocupação de Agostinho não só na polêmica donatista (cf. *c. litt. Pet.* 2,1), mas constante (cf., por exemplo, *nat. b.* 24).
- [2] Concílio de Cartago, de 252.
- [3] Cf. *ep.* 93-35-40; e CIPRIANO *ep.* 43,3; 48,3; 55,8.24; 70,3; 71,2; 74,2; *un. eccl.* 4.
- [4] Cf. Mt 16,18.
- [5] CIPRIANO, *ep.* 71,3.
- [6] GI 1,20.
- [7] GI 2,14.
- [8] Cf. Lc 23,40ss.
- [9] Cf. Mt 26,69ss.
- [10] Possível alusão ao papa Estevão I, em que estaria lembrando o “autoritarismo” que demonstrou com relação ao assunto batismal com os africanos.
- [11] CIPRIANO, *Sententiae episcoporum – sent. episc. –, praef.*
- [12] Agostinho estabelece uma hierarquia com relação à Escritura e aos concílios: 1) a Escritura; 2) os concílios regionais têm precedência sobre as cartas dos bispos e as podem corrigir; 3) os concílios regionais podem ser corrigidos pelos concílios plenários; 4) os plenários podem ser corrigidos por outros plenários.
- [13] CIPRIANO, *ep.* 71,3.
- [14] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
- [15] Cf. Mt 22,30.
- [16] 1Cor 10,13.
- [17] Fl 3,15.
- [18] Fl 3,16.
- [19] Cf. 1Cor 13,3.
- [20] Para o bispo mártir de Cartago, Deus pôde usar de misericórdia com aqueles que vieram da heresia, foram admitidos de boa fé na Igreja sem serem rebatizados e morreram nela (CIPRIANO, *ep.* 73,23).
- [21] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
- [22] Cf. *c. ep. Parm.* 3,11.
- [23] Cf. Ef 4,3.
- [24] Cf. Fl 3,15.
- [25] Cf. Ex 32.
- [26] Cf. Lv 36.
- [27] Cf. Nm 16.
- [28] Rm 14,4.
- [29] Sl 58,2.
- [30] Jo 7,24.
- [31] Concílio de Bagai, de 394. Cf. *Cresc.* 3,22.
- [32] Cf. Nm 16,31-32.
- [33] Rm 14,4.
- [34] Cf. Mt 7,15; *ps. c. Don.* 35-40; *c. litt. Pet.* 2,164.
- [35] Cf. acima, 2,11 e *c. ep. Parm.* 3,11.
- [36] Cf., abaixo, 3,21.
- [37] Note-se que Agostinho propõe uma distinção entre batismo válido e batismo frutífero.
- [38] Uma prática universal é considerada por Agostinho como oriunda de uma tradição apostólica não escrita. Vejam-se ainda, nesta obra, 4,9.30; 5,31 e 6,31.
- [39] CIPRIANO, *ep.* 71,9.
- [40] 1Cor 14,29-30.
- [41] Cf. CIPRIANO, *ep.* 71,4.
- [42] Concílio de Cartago, *ca.* 220, de onde partiu, por iniciativa de Agripino – talvez seguindo Tertuliano (*bapt.* 15) –, a novidade da necessidade de rebatizar, tornada oficial.
- [43] Cf. CIPRIANO, *ep.* 74,1-2, que se refere às razões dadas por Estêvão.
- [44] Concílio de Arles, de 314.

- [45] CIPRIANO, *ep.* 71,4.
- [46] Concílio de Cartago, de 256. Ver também 2,3; 3,8-12; 6,9; 7,96; *ep.* 93,36.
- [47] CIPRIANO, *ep.* 73,33.
- [48] Cf. n. 18, p. 182, sobre os concílios.
- [49] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
- [50] Cf. 1Cor 6,9-10.
- [51] Rm 14,4.
- [52] Os donatistas consideravam-se perseguidos pelos *traditores*, depois pelos católicos e pela legislação imperial, desde os tempos de Constantino, que não obedeciam. Para Agostinho, os donatistas confundem martírio com justa punição pela desobediência. Antes de afirmarem serem mártires seus mortos, deveriam demonstrar que não são condenados pela lei. Eles afirmavam também ser martírio o suicídio de seus membros e qualquer punição por esses sofrida. Cf. *c. ep. Parm.* 1,13; *c. litt. Pet.* 2,46; *c. Gaud.* 1,25; *Cresc.* 3,54; *haer.* 69. Uma célebre formulação agostiniana estabelece a diferença entre o verdadeiro martírio e outros sofrimentos e mortes: “Não é a pena que faz o mártir, mas a causa” (*Cresc.* 3,51; *en. Ps.* 34,2,13).
- [53] Cf. Sb 12,10.
- [54] Cf., abaixo, 2,18.
- [55] Cf. Ex 34,6; Sl 103,8.
- [56] Cf. Ez 18,23; 33,11.
- [57] 2Tm 4,2.
- [58] Jo 12,43.
- [59] Cf. Nm 16,31-33.
- [60] Bispo donatista de Thamugadi (hoje Timgad, Argélia), é chamado Gildoniano por sua proximidade a Gildo (que se rebelou em 397 contra o Império, foi aprisionado e morto em 398), cujas tropas usava para espalhar o terror e obrigar os cismáticos maximianistas a voltar para os donatistas. Agostinho diz que ele era tirânico, destruidor de famílias, opressor de órfãos e viúvas, cruel, ladrão... (cf. *c. ep. Parm.* 2,34; *c. litt. Pet.* 2,232; *Cresc.* 3,16). Sua morte lhe valeu o título de mártir entre os donatistas; uma prova, para Agostinho, das enganações donatistas.
- [61] Depois do Concílio de Bagai (394), talvez em 397, maximianistas, cismáticos do donatismo, foram readmitidos sem que fossem rebatizados. Para Agostinho, é contraditória, então, a recusa donatista da validade do batismo católico.
- [62] Concílio de Bagai, de 394. Cf. *Cresc.* 3,22.
- [63] Sobre Feliciano de Musti e Pretextato de Assuras, veja-se n. 4, p. 173.
- [64] Cf. *Cresc.* 3,62; 4,47.
- [65] Mt 18,19.
- [66] Cf. 1Pr 4,8.
- [67] CIPRIANO, *ep.* 73,23.
- [68] Jo 13,10; a Bíblia de Jerusalém não registra a expressão *de novo*.
- [69] Jo 3,5.
- [70] Cf. Pd 4,8.

LIVRO 3

- [1] Possível referência a Firmiliano de Cesareia, que apoiou Cipriano quando aquele enfrentou Estevão I.
- [2] Diversamente dito, manter a unidade na comunhão eclesial é mais importante que as razões teológicas nas questões em discussão.
- [3] Cf. 3,21.
- [4] Cf. 2,8; *c. ep. Parm.* 3,11 e 2,11.
- [5] Referência aos Concílios de Roma, de 313, e de Arles, de 314.
- [6] Concílio de Bagai, de 393. Cf. *c. ep. Parm.* 2,7.
- [7] Referência aos bispos maximianistas, dissidentes do donatismo, Feliciano de Musti e Pretextato de Assuras; cf., acima, n. 4, p. 173.
- [8] Concílio de Cartago, de 256; cf. CIPRIANO, *ep.* 73.
- [9] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*

- [10] CIPRIANO, *ibidem*.
- [11] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
- [12] CIPRIANO, *ibidem*.
- [13] São passíveis de opinião e interpretação distinta aquelas questões sobre as quais ainda não se decidiu formal e universalmente.
- [14] Cf. 3,2.
- [15] Cf. Eclo 3,20.
- [16] Jo 1,33.
- [17] CIPRIANO, *ep. 73,23*.
- [18] CIPRIANO, *Sent. episc.* 28. Casto de Sicca foi bispo de Sicca Vêneris, cidade da África proconsular. É do século III e tomou parte no Concílio de Cartago.
- [19] Bispo de Vaga, também do século III e conciliar de Cartago. Provavelmente é o mesmo Liboso do Concílio de Cartago do ano 256.
- [20] Jo 14,6.
- [21] *Sent. episc.* 80. Bispo de Vaga. Também de meados do século III e conciliar de Cartago.
- [22] Bispo de mais ou menos a metade do século III, participante do Concílio de Cartago do ano 256. Cf. CIPRIANO, *sent. episc.*
- [23] Cf. 2,2.
- [24] *sent. episc.* 56.
- [25] Cf. Gl 2,11-14.
- [26] CIPRIANO, *sent. episc.* 63.
- [27] CIPRIANO, *sent. episc.* 77.
- [28] Jubaiano é o bispo destinatário da *ep. 73* de CIPRIANO. Esteve presente nos Concílios de Cartago de 255 e nos dois de 256.
- [29] CIPRIANO, *ep. 73,1*. Diversamente de Agostinho, Cipriano não distingue batismo válido de batismo lícito.
- [30] Cf. CIPRIANO, *ep. 73,1*. Os referidos concílios são o do outono de 255 (cf. CIPRIANO, *ep. 70*) e o do início do outono de 256. Neste último é que se registram presentes 71 bispos.
- [31] Cipriano diz ser água profana e adúltera aquela usada pelos hereges para batizar (cf. CIPRIANO, *ep. 73,1*).
- [32] Agostinho lida com a diferença que, mais tarde, se chamará *materia* (as realidades visíveis) e *virtus* (o que se realiza) na teologia sacramental.
- [33] CIPRIANO, *ep. 73,2*.
- [34] CIPRIANO, *ibidem; sent. episc.* 8.
- [35] CIPRIANO, *ep. 73,3*.
- [36] CIPRIANO, *ibidem*.
- [37] Cf. 3,8 e 12.
- [38] Cf. 1,11ss.
- [39] Cf. 1,19.
- [40] 2Cor 2,15-16.
- [41] Cf. 3,20. Afirmações complexas de Agostinho, que parece não considerar necessária a fé para a validade do batismo.
- [42] 1Cor 2,14.
- [43] 1Cor 1,13.
- [44] 1Cor 3,1-3.
- [45] Ef 4,14.
- [46] Mt 28,29.
- [47] Cf. 7,20. Em CIPRIANO, *ep. 73,4,1*, é reportado que o batismo de Marcião era válido.
- [48] 1Cor 3,1.
- [49] 1Cor 2,14.
- [50] Cf. Mt 9,29.
- [51] Fl 3,15.

- [52] Cf., acima, 2,19, e sua nota 212, sobre a fê não necessária.
- [53] Jr 15,18, conforme a Vulgata. Para Cipriano (*ep.* 73,6) *riacho enganador* é imagem do batismo dos hereges. Para Agostinho, ver-se-á em seguida, nem toda referência a água nas Escrituras indica o batismo.
- [54] Cf. Ap 17,15.
- [55] Rm 5,5.
- [56] Cf. 1Cor 13,1-3.
- [57] Cf. At 2,4; CIPRIANO, *ep.* 73,9.
- [58] Rm 5,5.
- [59] Cf. 1Cor 12,8-10.
- [60] 1Cor 12,11.
- [61] Cf. 1Sm 10,6-10.
- [62] Cf. 1Tm 1,5.
- [63] Cf. 1Pd 4,8.
- [64] Cf. Mt 16,19.
- [65] Cf. Ct 6,8.
- [66] Cf. CIPRIANO, *lap.* 6.
- [67] Jo 20,21-23.
- [68] Cf. 1Cor 2,15.
- [69] Cf. Ef 5,27. Veja-se, acima, n. 26, sobre *retr.* 2,18, referida a 1,26.
- [70] CIPRIANO, *lap.* 6.
- [71] Tt 1,7.
- [72] Jo 20,23.
- [73] CIPRIANO, *ep.* 73,7.
- [74] Cf. 2,9.
- [75] Cf. Nm 16; Lv 10,1-2.
- [76] Cf. At 8,5-17.
- [77] CIPRIANO, *ep.* 73,10,1.
- [78] Cf. Dt 4,24.
- [79] Cf. Os 2,5.
- [80] Cf. Os 2,8.
- [81] Os 2,7; cf. *c. ep. Parm.* 3,29.
- [82] Jo 1,47.
- [83] Jo 14,21.
- [84] Jo 13,34.
- [85] Jo 13,35.
- [86] Cf. Mt 5,17.
- [87] Cf. Rm 13,10.
- [88] Cf. Jo 15,1-5; e também 1,28 e 6,2.
- [89] Pr 18,1.
- [90] 1Jo 2,19.
- [91] 2Tm 2,16-19.
- [92] Cf. *ep.* 55,1, com *retr.* 2,18.
- [93] Os 2,7.
- [94] Os 2,8-9.
- [95] Os 2,10.
- [96] Ez 16,17-19.
- [97] Cf. 1Tm 4,1-2.
- [98] Os 2,10.
- [99] Alusão ao sacrifício eucarístico.

LIVRO 4

- [1] CIPRIANO, *ep.* 73,10,3.
[2] Cf. Gn 2,10-14.
[3] Cf. Mt 16,18-19.
[4] Cf. Gl 4,22.31; veja-se também, acima, 1,23.
[5] CIPRIANO, *ep.* 73,11,2.
[6] CIPRIANO, *ep.* 11,1.
[7] Tt 1,16.
[8] 1Pd 3,21.
[9] CIPRIANO, *ep.* 11,1.
[10] CIPRIANO, *ep.* 73,11,3.
[11] Cf. Ef 5,26-27. Cf. *retr.* 2,18, acima, p. 200, n. 71, sobre 1,26.
[12] Ct 6,8.
[13] Cf. Ef. 5, Cf. *retr.* 2,18, acima, p. 200, n. 71, sobre 1,26.
[14] Cf. CIPRIANO, *ep.* 11,1.
[15] Rm 14,6.
[16] Cf. Rm 14,5.
[17] Cf. Rm 8,29.
[18] Cf. Ef. 5, Cf. *retr.* 2,18, acima, p. 200, n. 70, sobre 1,26.
[19] Cf. CIPRIANO, *ep.* 11,1.
[20] Mt 7,25.
[21] Aquilo que Cipriano refere aos hereges, Agostinho refere aos católicos (cf. *c. ep. Parm.* 3).
[22] Cf. CIPRIANO, *ep.* 73,11,3.
[23] Cf. CIPRIANO, *ep.* 11,1.
[24] CIPRIANO, *ep.* 73,12,2.
[25] Cf. Ef 5,27. Cf. *retr.* 2,18, acima, p. 200, n. 71, sobre 1,26.
[26] CIPRIANO, *ep.* 73,12,2. Cf., acima, 1,13 e 15.
[27] 1Cor 5,10.
[28] Cl 3,5.
[29] CIPRIANO, *ep.* 55,27. Antoniano foi bispo númera do século III e um dos sinodais do Concílio de Cartago de 255.
[30] 2Cor 6,16.
[31] CIPRIANO, *ep.* 73,12,2.
[32] CIPRIANO, *ep.* 13,1. Santo Agostinho empreende a análise da última parte da carta a Jubaiano.
[33] 1Tm 1,13.
[34] Cf. 2Tm 2,24.
[35] CIPRIANO, *ep.* 74,10.
[36] Cl 3,5.
[37] Ef 5,5.
[38] Cl 3,5.
[39] 1Tm 1,13.
[40] Ef 5,5.
[41] CIPRIANO, *ep.* 73,13,3.
[42] CIPRIANO, *ep.* 13,1.
[43] Concílio de Arles, de 314.
[44] Cf., acima, 3,3.
[45] Cf. Gl 2,14; e, acima, 2,2.
[46] CIPRIANO, *ep.* 73,13,3.
[47] CIPRIANO, *ep.* 73,14,1.
[48] CIPRIANO, *ep.* 14,1.
[49] Fl 1,18.
[50] CIPRIANO, *ep.* 73,14,2-3.

- [51] Cf. Fl 1,15-17.
[52] Cf., abaixo, 5,1.
[53] Cf. Ct 4,12.
[54] Lc 2,14.
[55] CIPRIANO, *De zelo et livore* 1.
[56] CIPRIANO, *De zelo et livore* 4.
[57] Sb 2,24.
[58] Cf. Fl 3,15; e também, acima, 2,6 e, abaixo, 7,1.
[59] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
[60] 1Cor 11,16.
[61] CIPRIANO, *ep.* 73,26.
[62] Rm 2,21.
[63] CIPRIANO, *lap.*6.
[64] 1Cor 6,10.
[65] Sl 15,5.
[66] Ef 5,5.
[67] Cf. 1Cor 9,22.
[68] Cf. Mt 13,29.
[69] Cf. Fl 1,15-18.
[70] Cf. Sb 2,24-25.
[71] CIPRIANO, *De zelo et livore* 4.
[72] Mt 13,25-28.
[73] Cf. 2Cor 5,6.
[74] Cf. Mt 13,23; Lc 8,15.
[75] Cf. Ap 2,6.
[76] Cf. At 8,9-24.
[77] Cf. Fl 2,21.
[78] 1Cor 13,5.
[79] Cf. Ef 5,27. Cf. *retr.* 2,18, acima, n. 26.
[80] Ct 6,9.
[81] CIPRIANO, *De zelo et livore* 4.
[82] CIPRIANO, *ep.* 73,14,3.
[83] Cf. Lc 9,49-50.
[84] Mt 12,30.
[85] Cf. Gl 2,14; e, acima, 2,2.
[86] Fl 3,15.
[87] Mt 23,2-3.
[88] Fl 1,18.
[89] Jo 1,33.
[90] CIPRIANO, *ep.* 73,15,1.
[91] 1Cor 15,32.
[92] 1Cor 15,33.
[93] 1Cor 15,12.
[94] Cf. Ef 5,5.
[95] CIPRIANO, *ep.* 55,27.
[96] CIPRIANO, *lap.* 6.
[97] 2Tm 2,17.
[98] 2Tm 2,20; cf. *c. ep. Parm.* 3 e CIPRIANO, *ep.* 55,25,1.
[99] Cf. Sl 2,9, citado em CIPRIANO, *ep.* 55,25.
[100] 2Tm 2,17-20.

- [101] CIPRIANO, *ep.* 73,15,1.
[102] Cf. *c. ep. Parm.* 2,32 e TERTULIANO, *bapt.* 5.
[103] 2Cor 6,14.
[104] 2Tm 2,19.
[105] 2Cor 6,14.
[106] 1Jo 2,9.
[107] Cf. Fl 1,15-17.
[108] CIPRIANO, *ep.* 73,15,1.
[109] CIPRIANO, *ep.* 73,15,1.
[110] CIPRIANO, *ep.* 73,15,2.
[111] Mt 7,23.
[112] Mt 25,41.
[113] Cf. Rm 2,4.
[114] Cf. Sl 89,33-34.
[115] Cf. Eclo 30,24.
[116] Cf. Mt 24,13.
[117] CIPRIANO, *ep.* 73,16,1.
[118] Cf. Mt 13,21.
[119] 2Tm 2,21. Cf. *c. ep. Parm.* 3 e CIPRIANO, *ep.* 55,25,1.
[120] 2Tm 2,19.
[121] Mt 7,23.
[122] CIPRIANO, *ep.* 73,16,2.
[123] CIPRIANO, *lap.* 6.
[124] CIPRIANO, *ep.* 73,11,1.
[125] Cf. CIPRIANO, *ep.* 73,17-19. Veja-se, acima, 3,20.
[126] 1Cor 2,14.
[127] Cf. 1Cor 2,2.
[128] Cf. 2Cor 4,16.
[129] Cf. Os 2,5-7.
[130] CIPRIANO, *ep.* 73, 21,1. Cf. também, abaixo, 5,28.
[131] 1Cor 13,3.
[132] CIPRIANO, *lap.* 6: *ep.* 11,1.
[133] CIPRIANO, *ep.* 73,21,2.
[134] CIPRIANO, *ep.* 73,21,2.
[135] CIPRIANO, *ep.* 73,21,3.
[136] Cf. Mt 12,30.
[137] 1Cor 6,10.
[138] Gl 5,21.
[139] Gl 5,19-21.
[140] Gl 5,21.
[141] Cf. 1Jo 1,8.
[142] Ef 5,5-6.
[143] Cf., abaixo, 5,29.
[144] 1Cor 6,10.
[145] Mt 11,24.
[146] Mt 25,41.
[147] Cf. Ct 6,8.
[148] Cf., acima, 1,29.
[149] Jo 3,5.
[150] Cf. At 10; 8,13.18-19.

- [151] Jo 3,5.
[152] Mt 5,20.
[153] At 10,31.
[154] CIPRIANO, *ep.* 22,2.
[155] Em *retr.* 2,18[45], Agostinho diz que o exemplo do bom ladrão não foi apropriado, pois não é certo que ele não fosse batizado.
[156] Lc 23,43.
[157] Rm 10,10.
[158] Cf. Mt 3,6.13; Fl 2,7.
[159] Cf. Rm 10,10.
[160] Cf. *ep.* 93.
[161] Cf. *c. litt. Pet.* 2,162.
[162] Cf. Tg 2,21.
[163] Rm 4,11.
[164] Cf. Rm 4,3.
[165] Cf. Gn 7,9-14.
[166] Cf. Ex 4,24-26.
[167] Cf. Rm 10,10.
[168] Jo 9,21.
[169] CIPRIANO, *ep.* 73,22,3.
[170] Cf. At 19,3-5.

LIVRO 5

- [1] CIPRIANO, *ep.* 73,23,1.
[2] Cf., acima, 2,8.11; 3,3; 4,3.
[3] Cf. Sl 51,5.
[4] CIPRIANO morreu no ano 258.
[5] Referência à origem do donatismo, aos *traditores* e à queima dos livros santos, ordenada pela perseguição de Diocleciano em 303.
[6] CIPRIANO, *ep.* 73,23,1.
[7] Cf. 1Pd 4,8.
[8] Cf. Fl 3,15.
[9] CIPRIANO, *ep.* 23,1.
[10] Cf. 2Tm 3,8.
[11] Cf. Ct 6,8.
[12] CIPRIANO, *ep.* 73,23,1.
[13] Cf. *c. ep. Parm.* 1,8.
[14] Veja-se, acima, 5,6.
[15] CIPRIANO, *ep.* 73,24,1-2.
[16] CIPRIANO, *ep.* 73,24,2.
[17] 1Tm 1,8.
[18] Cf., acima, 1,19.
[19] Cf. Jo 13,27.
[20] 1Cor 11,29.
[21] 1Tm 1,5.
[22] Cf. At 19,3-5; CIPRIANO *ep.* 73,24,3-25,1. Veja-se também *c. litt. Pet.* 2,85.
[23] Jo 3,27.
[24] Jo 1,16.
[25] Cf. Mt 11,10.
[26] Cf. Jo 13,4-5.

- [27] Cf. Mt 3,13.
- [28] Cf. Mt 11,11.
- [29] Cf. Jo 1,27.
- [30] Cf. Mt 3,11.
- [31] Cf. Mt 11,10.
- [32] Cf. Rm 10,4.
- [33] At 19,3-5.
- [34] Cf. Jo 3,29. A relação entre o batismo de João e o batismo de Cristo administrado pelos pecadores responde à refutação da exposição de Cipriano, de acordo com a qual os hereges não vacilavam em receber o batismo católico, visto que os cristãos de Éfeso não haviam recusado o batismo de Cristo, depois de haver recebido o de João. Segundo o pensamento de Agostinho, essa argumentação implicava um rechaço do batismo administrado pelos católicos pecadores. No final das contas, era fixar-se no ministro e não no sacramento, santo em si mesmo, com valor objetivo independente da moralidade do ministro.
- [35] Cf. Mt 3,11.
- [36] Ef 2,6.
- [37] Rm 8,24.
- [38] Mt 3,11.
- [39] Jo 1,29.
- [40] Cf. Cl 2,5.
- [41] Cf. Ct 6,8.
- [42] Cf. Mt 3,6; Jo 1,33.
- [43] CIPRIANO, *ep.* 73,25,1.
- [44] Jo 1,33.
- [45] Cf. Jo 3,29.
- [46] Jo 15,15.
- [47] Cf. Nm 17.
- [48] Cf. 1Cor 1,12-15.
- [49] Jo 1,33.
- [50] Mt 3,14.
- [51] Jo 1,33.
- [52] Mt 3,14.
- [53] Jo 1,33.
- [54] Cf. Jo 1,16.
- [55] 1Cor 9,15.
- [56] Rm 11,13.
- [57] Ef 3,4.
- [58] 2Tm 2,8.
- [59] Cf. Gl 5,19-21.
- [60] CIPRIANO, *De zelo et livore* 1-4.
- [61] CIPRIANO, *ep.* 73,14,2-3.
- [62] CIPRIANO, *ep.* 73,25,2.
- [63] CIPRIANO, *ep.* 73,11,1.
- [64] CIPRIANO, *ep.* 73,25,2.
- [65] CIPRIANO, *ep.* 73,25,3.
- [66] Cf. Ef 5,27. Cf. *retr.* 2,18, acima, n. 26.
- [67] Cf. Ct 6,8.
- [68] Cf. Gn 25,29-34.
- [69] CIPRIANO, *lap.* 6.
- [70] CIPRIANO, *ep.* 73,76.
- [71] 1Cor 11,16.
- [72] CIPRIANO, *ep.* 73,76.

- [73] Cf. Sl 26,8. Veja-se também *c. ep. Parm.* 3,25 e *c. litt. Pet.* 3,2.
- [74] Concílio de Arles, de 314. Cf., acima, 1,9.
- [75] Cf. 1Cor 1,27.
- [76] CIPRIANO, *ep.* 73,23.
- [77] Cf. Jo 15,1. Referência ao martírio de Cipriano. Veja-se também, acima, 1,28 e, abaixo, 6,2.
- [78] CIPRIANO, *lap.* 6 e *ep.* 11,1.
- [79] Ct 6,8.
- [80] Cf. Rm 6,9.
- [81] CIPRIANO, *ep.* 71,1,3.
- [82] Cf. CIPRIANO, *ep.* 71,2,1. Veja-se, acima, 4,31.
- [83] CIPRIANO, *ep.* 71,2,2.
- [84] Cf. 2Cor 6,14.
- [85] CIPRIANO, *ep.* 71,2,3.
- [86] CIPRIANO, *ep.* 71,3,1.
- [87] 1Jo 3,15.
- [88] CIPRIANO, *ep.* 73,4.
- [89] CIPRIANO, *ep.* 70,2,1.
- [90] CIPRIANO, *ep.* 70,2,2.
- [91] Jo 9,31; citado em CIPRIANO, *ep.* 70,2,3.
- [92] CIPRIANO, *ep.* 70,2,3.
- [93] CIPRIANO, *ep.* 70,2,3.
- [94] CIPRIANO, *ep.* 70,2,3.
- [95] CIPRIANO, *ep.* 70,2,3.
- [96] CIPRIANO, *ep.* 70,3,1.
- [97] Cf. Jo 2,9.
- [98] CIPRIANO, *ep.* 70,3,1.
- [99] CIPRIANO, *ep.* 70,3,1.
- [100] Cf. Jo 3,15.
- [101] At 9,4.
- [102] Mt 25,45.
- [103] 1Jo 2,19.
- [104] Jo 20,23.
- [105] Cf., acima, 1,19.
- [106] CIPRIANO, *ep.* 73,41.
- [107] Mt 6,15.
- [108] A *ep.* 74. Pompeu foi bispo de Sabrata em meados do século III.
- [109] CIPRIANO, *ep.* 74,2,1
- [110] CIPRIANO, *ep.* 74,2,2.
- [111] Cf., acima, 4,31.
- [112] Cf. Tt 3,11; citado em CIPRIANO, *ep.* 74,2,3.
- [113] Rm 2,1.
- [114] CIPRIANO, *lap.* 6.
- [115] 1Cor 6,10.
- [116] Cf. Sb 1,5.
- [117] CIPRIANO, *ep.* 74,5,1.
- [118] Cf. CIPRIANO, *ep.* 74,5,2, e, acima, 4,6.
- [119] Gl 3,27.
- [120] 2Cor 6,16.
- [121] CIPRIANO, *ep.* 55,29.
- [122] CIPRIANO, *ep.* 74,5,4.

- [123] Cf. 1Sm 19,23.
 [124] 2Cor 6,16.
 [125] Cf. Mt 4,37. Veja-se, acima, 1,9.
 [126] CIPRIANO, *ep.* 74,6,2.
 [127] Cf. Ef 5,27. Cf. *retr.* 2,18, acima, n. 26.
 [128] CIPRIANO, *ep.* 74,7,2.
 [129] CIPRIANO, *ep.* 74,6,2 e *ep.* 75,25.
 [130] CIPRIANO, *ep.* 74 (toda a carta).
 [131] Cf. 2Tm 2,24.
 [132] CIPRIANO, *ep.* 74,10,1.
 [133] CIPRIANO, *ep.* 74,10,1.
 [134] CIPRIANO, *ep.* 74,10,2.
 [135] 1Cor 15,32.
 [136] 1Cor 1,13.
 [137] 1Cor 15,12.
 [138] Ct 4,12-13; em CIPRIANO, *ep.* 74,11,2.
 [139] CIPRIANO, *ep.* 74,11,2.
 [140] CIPRIANO, *ep.* 74,11,2.
 [141] Cf. Ef 5,27. Cf. *retr.* 2,18, acima, n. 26.
 [142] Cf. Ct 2,10; 13,14.
 [143] Cf. Ct 2,2.
 [144] Cf. Rm 2,29.
 [145] Sl 45,15.
 [146] Sl 40,6.
 [147] Cf. Rm 8,28.
 [148] 2Tm 2,19.
 [149] Cf. Ct 4,12-13.
 [150] Cf. Ef 3,19.
 [151] Cf. Gl 6,1.
 [152] Sl 119,28.
 [153] Cf. Fl 3,15.
 [154] 2Tm 2,19.
 [155] Cf. Ct 4,12-13.
 [156] 1Pd 3,20-21; em CIPRIANO, *ep.* 74,11,3.
 [157] CIPRIANO, *ep.* 73,11,1.
 [158] CIPRIANO, *ep.* 73,23,1.

LIVRO 6

- [1] Realizou-se de 1 a 9 de setembro de 256; suas decisões encontram-se registradas nas *sent. episc.*
 [2] Cf. livros 4 e 5.
 [3] Jo 20,23.
 [4] Cf., acima, 1,5.
 [5] 2Tm 2,19.
 [6] Mt 23,3.
 [7] Cf. 1Tm 1,5.
 [8] Cf. Jo 15,2. Veja-se também, acima, 1,28.
 [9] Cf. Gl 2,14.
 [10] Refere-se ao Concílio de Arles.
 [11] Cf. Ef 5,27. Cf. *retr.* 2,18, acima, n. 26.
 [12] Cf. Ct 4,12-13.

- [13] Cf. Ef 3,19.
- [14] Jo 20,23.
- [15] CIPRIANO, *sent. episc., praef.* Veja-se, acima, 2,3.
- [16] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
- [17] CIPRIANO, *ep.* 73,26,1.
- [18] CIPRIANO, *ep.* 75,26,2.
- [19] CIPRIANO, *ep.* 69,12,1.
- [20] Concílio de Arles, de 314, e de Niceia, de 325.
- [21] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
- [22] Ef 4,2-3.
- [23] Fl 3,16.
- [24] *sent. episc.* 1. Bispo de meados do século III; conciliar de Cartago (256); sua diocese situava-se na África Proconsular – Cf. CECÍLIO, *ep.* 4 e 63.
- [25] Ef 4,5.
- [26] Cf. 1Jo 3,15.
- [27] Cf. 1Cor 15,33.
- [28] CIPRIANO, *lap.* 6.
- [29] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
- [30] As palavras deste parágrafo são acrescentadas na PL.
- [31] Bispo do século III, participante do Concílio de Cartago.
- [32] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
- [33] Bispo de meados do século III, conciliar de Cartago.
- [34] CIPRIANO, *sent. episc.* 3.
- [35] Vide nota sobre 6,13.
- [36] Bispo de meados do século III, participante do Concílio de Cartago; sua diocese ficava na Numídia.
- [37] CIPRIANO, *sent. episc.* 3.
- [38] Vide nota sobre 6,13.
- [39] Bispo de meados do século III; sua diocese encontrava-se na Numídia. CIPRIANO, *ep.* 62; 72,1; 76,77.
- [40] Pr 10,2, tradução direta.
- [41] Nas Biblias de Jerusalém e na Vulgata não consta essa citação.
- [42] Jo 3,3.
- [43] Cf. Gn 1,2.
- [44] Ef 4,3-5.
- [45] Jo 3,6.
- [46] Jo 4,24.
- [47] Gl 5,19-21.
- [48] CIPRIANO, *sent. episc.* 5.
- [49] Pr 9,17.
- [50] Pr 9,17, conforme a Vulgata.
- [51] Jo 3,5.
- [52] Cf. At 8,13.
- [53] Sb 1,5.
- [54] Ef 4,4-5.
- [55] Jo 3,6.
- [56] Cf. Jo 4,24.
- [57] Gl 5,19-21.
- [58] CIPRIANO, *lap.* 6.
- [59] Bispo de Lambesa, na Numídia, conciliar de Cartago.
- [60] CIPRIANO, *sent. episc.* 6.
- [61] Vide nota 14.
- [62] Bispo do século III, conciliar de Cartago; sua diocese ficava na Numídia. Cf. CIPRIANO, *ep.* 76 e 78.

- [63] Mt 5,13.
[64] Mt 28,18-19.
[65] Pr 14,9, conforme a LXX.
[66] *sent. episc.* 7.
[67] Mt 5,13.
[68] Mt 28,18.
[69] Jo 20,23.
[70] Ex 20,13.15.
[71] Bispo de Segermes, na Bizacena, de meados do século III e conciliar de Cartago.
[72] CIPRIANO, *sent. episc.* 9.
[73] Bispo de Girba (Tripolitânia), de meados do século III e participante do Concílio de Cartago.
[74] Mt 28,19.
[75] Bispo de meados do século III e conciliar de Cartago.
[76] Mt 12,30.
[77] Cf. 1Jo 2,18.
[78] CIPRIANO, *sent. episc.* 11.
[79] Mt 7,22.
[80] Mt 7,23.
[81] Bispo de Bagai, de meados do século III, participante do Concílio de Cartago. Provavelmente foi uma das vítimas da perseguição de 257/258.
[82] Cf. Mt 15,14.
[83] CIPRIANO, *sent. episc.* 14.
[84] 1Cor 15,32.
[85] Rm 8,6.
[86] Bispo de Milevi de meados do século III.
[87] Bispo de Hipona, a famosa sé de Agostinho, de meados do século III e conciliar de Cartago.
[88] CIPRIANO, *sent. episc.* 14.
[89] Cf. Gn 2,14. Veja-se também, acima, 4,1.
[90] Bispo de Badis, na Numídia, do século III; participou do Concílio de Cartago.
[91] CIPRIANO, *sent. episc.* 15.
[92] Mt 6,15.
[93] Cf. Ef 4,2-3.
[94] Cf. Fl 3,15.
[95] Bispo de meados do século III, conciliar de Cartago.
[96] CIPRIANO, *sent. episc.* 16.
[97] Cf. 1Jo 3,15.
[98] Bispo de Tucabori, na África Proconsular, de meados do século III.
[99] Cf. Mt 16,18. Veja-se também, acima, 3,22.
[100] CIPRIANO, *sent. episc.* 17.
[101] Mt 7,24.
[102] Mt 7,26.
[103] Lc 6,37.
[104] Mt 6,14-15.
[105] 1Pd 4,8.
[106] Bispo em Cartago. Participou dos Concílios de Cartago 254, 255 e 256. Cipriano faz menção dele na *ep.* 4.
[107] CIPRIANO, *sent. episc.* 18.
[108] Cf. Mt 16,17.
[109] Cf. Fl 3,15.
[110] Cf. Mt 13,29.
[111] Cf. 1Rs 3,26.

- [112] Participante do Concílio de Cartago.
- [113] CIPRIANO, *sent. episc.* 19.
- [114] CIPRIANO, *ep.* 73,14.
- [115] Participante do Concílio de Cartago (256).
- [116] Bispo conciliar em Cartago (256).
- [117] CIPRIANO, *sent. episc.* 22.
- [118] Mt 7,23.
- [119] Jo 1,37.
- [120] Conciliar de Cartago (256).
- [121] Cf. Mt 7,24.26.
- [122] Jr 2,21.
- [123] Cf. Ct 2,10; 4,12.
- [124] Bispo conciliar em Cartago (256).
- [125] CIPRIANO, *sent. episc.* 23.
- [126] Cf. Mt 7,26.
- [127] Bispo de Carpes (África Proconsular), conciliar de Cartago (256).
- [128] Mt 12,30.
- [129] CIPRIANO, *sent. episc.* 24.
- [130] Mt 12,30.
- [131] Sl 144,11-15.
- [132] Bispo de Tabraca, conciliar de Cartago (256).
- [133] CIPRIANO, *sent. episc.* 25.
- [134] Bispo de Utina (África Proconsular), conciliar de Cartago (256).
- [135] CIPRIANO, *sent. episc.* 26.
- [136] Bispo de Buruc ou talvez Urusi, na África proconsular, conciliar de Cartago (256).
- [137] Rm 6,23.
- [138] Rm 8,6.
- [139] Cf. 1Tm 5,6.
- [140] Jo 1,33.
- [141] Mt 6,15.
- [142] Cf. Sl 35,12.
- [143] Cf. Ct 6,8.
- [144] Vide nota 19 I,III.
- [145] CIPRIANO, *sent. episc.* 28.
- [146] Bispo conciliar de Cartago (256); cf. CIPRIANO, *ep.* 2.
- [147] Mt 28,19.
- [148] CIPRIANO, *sent. episc.* 29.
- [149] Vide nota 20,I,III.
- [150] Jo 14,6.
- [151] CIPRIANO, *sent. episc.* 30.
- [152] Bispo participante do Concílio de Cartago (256).
- [153] CIPRIANO, *sent. episc.* 31.
- [154] Bispo conciliar de Cartago (256).
- [155] CIPRIANO, *sent. episc.* 32.
- [156] Cf. Fl 3,15.
- [157] Félix de Banacura (Numídia), conciliar de Cartago (256).
- [158] CIPRIANO, *sent. episc.* 33.
- [159] Vide nota IV,1,1: VI,21,37.
- [160] Cf. 2Cor 2,15-16.
- [161] Conciliar de Cartago (256). Muzula, na Tunísia.

- [162] CIPRIANO, *sent. episc.* 34.
 [163] CIPRIANO, *ep.* 74,14.
 [164] Bispo participante do Concílio de Cartago (256).
 [165] CIPRIANO, *sent. episc.* 35.
 [166] Bispo de Leptimino (Bizacena), conciliar de Cartago (256).
 [167] CIPRIANO, *sent. episc.* 36.
 [168] Gl 5,21.
 [169] Bispo conciliar de Cartago (256). Tibari na África Proconsular.
 [170] Mt 28,19.
 [171] CIPRIANO, *sent. episc.* 36.
 [172] Mt 18,17.
 [173] Mt 11,24.
 [174] Ez 16,51.
 [175] Tanto na Bíblia de Jerusalém como na vulgata, a cidade é Samaria, não Sodoma.
 [176] Cf. Lc 17,14.
 [177] Cf. Lc 1,11-13.
 [178] Cf. At 17,28.
 [179] CIPRIANO, *Quod idola dii non sint* 6.

LIVRO 7

- [1] Santo Agostinho empreende a análise do assunto, com a intenção de tratar com pormenores sobre o batismo.
 [2] Cf. Sb 9,15.
 [3] Cf. Gl 2,11. Veja-se também, acima, 2,2.
 [4] Bispo de Mactari (Bizacena).
 [5] CIPRIANO, *sent. episc.* 78.
 [6] CIPRIANO, *sent. episc., praef.*
 [7] Referência ao início do cisma. Cf. também, acima, 5,1.
 [8] Bispo de Siciliba (África Proconsular), conciliar de Cartago (256).
 [9] CIPRIANO, *sent. episc.* 19.
 [10] Cf., acima, 1,19.
 [11] Conciliar de Cartago (256).
 [12] CIPRIANO, *sent. episc.* 40.
 [13] Cf., acima, 4,1.
 [14] Bispo de Útica (África Proconsular), conciliar de Cartago (256).
 [15] Cf. 1Tm 5,22.
 [16] CIPRIANO, *sent. episc.* 41.
 [17] Cf. 1Tm 5,22.
 [18] Mt 6,15.
 [19] Conciliar de Cartago; parece ser o mesmo que esteve presente nos concílios de 252 e 254.
 [20] CIPRIANO, *sent. episc.* 42.
 [21] Cf. *ps. c. Don.* 240.
 [22] Cf., acima, 1,19.
 [23] Conciliar de Cartago (256); bispo de Tucuma (África Proconsular).
 [24] Gn 1,4.
 [25] CIPRIANO, *sent. episc.* 43.
 [26] Bispo conciliar de Cartago (256).
 [27] 1Rs 18,21.
 [28] CIPRIANO, *sent. episc.* 44.
 [29] Cf., acima, 4,1.

- [30] Cf. *ps. c. Don.* 240.
- [31] Cf. Mt 7,26.
- [32] Conciliar de Cartago (256): CIPRIANO, *ep.* 76 e 79, o qual nos diz que foi condenado às minas.
- [33] CIPRIANO, *sent. episc.* 45.
- [34] Bispo de Marazana (Bizacena), conciliar de Cartago (256).
- [35] CIPRIANO, *sent. episc.* 46.
- [36] Cf. Ef 5,27. Cf. *retr.* 2,18, acima, n. 26.
- [37] Bispo de Obba (África Proconsular), conciliar de Cartago (256).
- [38] Rm 3,3-4.
- [39] CIPRIANO, *sent. episc.* 47.
- [40] Cf. 1Cor 3,16.
- [41] 2Cor 6,16.
- [42] CIPRIANO, *ep.* 55,27,1.
- [43] Conciliar de Cartago (256).
- [44] CIPRIANO, *sent. episc.* 48.
- [45] Cf. 1Jo 3,15.
- [46] Jo 20,23.
- [47] Conciliar de Cartago, bispo de Tinisa (África proconsular).
- [48] 1Cor 15,32.
- [49] 2Cor 11,3.
- [50] Cf. Is 61,10.
- [51] Conciliar de Cartago (256).
- [52] CIPRIANO, *sent. episc.* 50.
- [53] Jo 1,33.
- [54] Conciliar de Cartago (256).
- [55] CIPRIANO, *sent. episc.* 51.
- [56] Sl 50,16.18.
- [57] Mt 7,23.
- [58] Conciliar de Cartago (256).
- [59] CIPRIANO, *ep.* 74,7.
- [60] CIPRIANO, *sent. episc.* 52.
- [61] Cf., acima, 3,20.
- [62] Conciliar de Cartago (256).
- [63] CIPRIANO, *sent. episc.* 53.
- [64] Cf., acima, 1,15.18 e 7,23.
- [65] Conciliar de Cartago (256); cf. CIPRIANO, *ep.* 54.
- [66] CIPRIANO, *sent. episc.* 36.
- [67] Conciliar de Cartago (256).
- [68] CIPRIANO, *sent. episc.* 55.
- [69] Conciliar de Cartago (256).
- [70] CIPRIANO, *sent. episc.* 57.
- [71] Jo 3,27.
- [72] Conciliar de Cartago (256).
- [73] CIPRIANO, *sent. episc.* 59.
- [74] Conciliar de Cartago (256).
- [75] CIPRIANO, *sent. episc.* 59.
- [76] Cf. Fl 3,15.
- [77] Conciliar de Cartago (256).
- [78] CIPRIANO, *sent. episc.* 60.
- [79] Conciliar de Cartago; bispo de Bulla (África Proconsular).

- [80] CIPRIANO, *sent. episc.* 61.
- [81] CIPRIANO, *ep.* 73,23,1.
- [82] Conciliar de Cartago (256).
- [83] Jo 9,31.
- [84] CIPRIANO, *sent. episc.* 62.
- [85] Conciliar de Cartago (256).
- [86] CIPRIANO, *sent. episc.* 63.
- [87] Bispo de Abitina na África Proconsular; conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 64.
- [88] Conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 65.
- [89] Conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 66.
- [90] Cf. Mt 6,24.
- [91] Conciliar de Cartago (256) e provavelmente também em 254. *sent. episc.* 67.
- [92] Conciliar de Cartago (256).
- [93] Cf. Ef 4,4.
- [94] Conciliar de Cartago; cf. CIPRIANO, *ep.* 56, do início de 252.
- [95] Conciliar de Cartago (256).
- [96] Conciliar de Cartago. *sent. episc.* 71.
- [97] Conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 72.
- [98] Conciliar de Cartago. *sent. episc.* 73.
- [99] Cf. Ef 4,6.
- [100] Bispo de Gúrgites (Bizacena), conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 74.
- [101] Bispo de Lamasba (Númidia), conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 75.
- [102] Cf. 2Cor 2,15.
- [103] Cf. Mt 9,37.
- [104] Bispo de Gazaufala (África Proconsular), conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 76.
- [105] Conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 77.
- [106] Bispo de Octavo (Numídia), conciliar de Cartago. *sent. episc.* 78.
- [107] Bispo de Máscula (Numídia), conciliar de Cartago. *sent. episc.* 79.
- [108] Cf. Jo 20,21.
- [109] Cf. Mt 16,18-19. Veja-se também *ps. c. Don.* 240.
- [110] Bispo de Tâmbreas (Numídia), conciliar de Cartago. *sent. episc.* 81.
- [111] Cf. Is 29,13.
- [112] Conciliar de Cartago (256). *sent. episc.* 81.
- [113] 2Jo 15,11.
- [114] Cf. 1Tm 1,5.
- [115] Cf. Os 2.
- [116] 1Cor 5,11.
- [117] Conciliar de Cartago (256). Cf. CIPRIANO, *ep.* 76; *sent. episc.* 82.
- [118] Mt 15,14.
- [119] Cf. 1Jo 2,9.
- [120] Bispo de Oea (Tripolitânia), conciliar de Cartago. *sent. episc.* 83-85.
- [121] Cf. 1Cor 5,3.
- [122] Bispo de Neápolis (África Proconsular), conciliar de Cartago (256), é o mesmo que tomou parte no concílio de 254. *sent. episc.* 86.
- [123] CIPRIANO, *sent. episc.* 87.
- [124] CIPRIANO, *ep.* 69,5,1.
- [125] CIPRIANO, *ep.* 73,14.
- [126] Cf. Fl 1,15.17.
- [127] Sl 68,7, trad. direta.
- [128] Cf. Jo 6,52.
- [129] Cf. Mt 26,26-29.

- [130] CIPRIANO, *ep.* 69,1-2.
[131] Cf. Sl 26,8.
[132] Fl 1,18.
[133] Cf. Mt 16,18.
[134] Cf. Ct 6,8.
[135] Cf. Mt 16,19.
[136] Mt 18,19.
[137] Sl 26,8.
[138] Sl 68,7.
[139] Sl 122,1.
[140] Sl 84,5.
[141] Cf. Mt 13,23; Lc 8,15.
[142] Cf. 2Tm 2,20.
[143] Ef 4,2-3.
[144] 1Cor 3,17.
[145] Cf. 2Cor 9,10.
[146] 2Tm 2,20. Cf. CIPRIANO, *ep.* 54,3, com *retr.* 2,18[45].
[147] 1Jo 2,19.
[148] Cf. 1Cor 3,2.
[149] Cf. Sb 1,5.
[150] 1Cor 13,2.
[151] 1Jo 2,19.
[152] Cf. Fl 3,15.
[153] Cf. *c. ep. Parm.* 2 e 3.
[154] Cf. Gl 5,19-21.
[155] Cf. *acima*, 3,22.

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

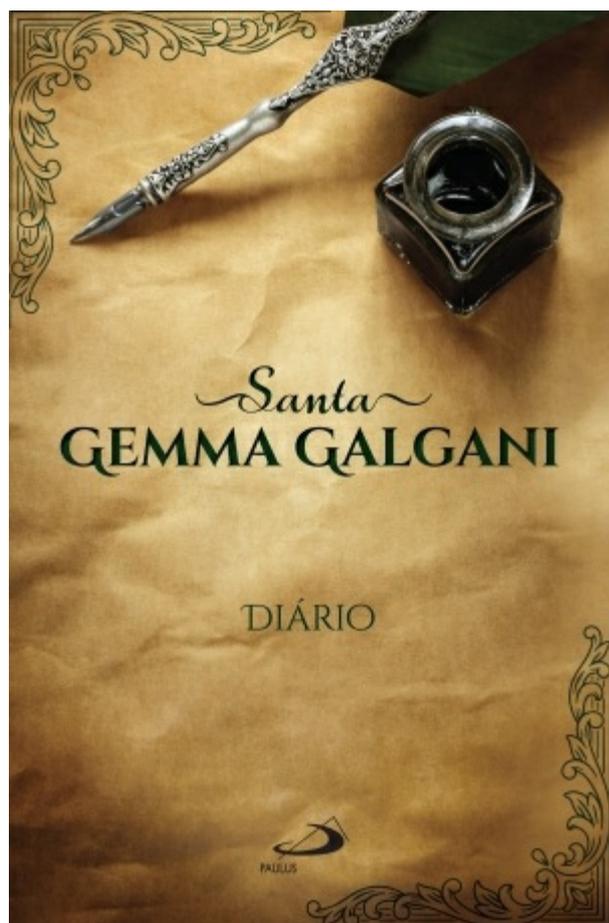
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Youcat, Fundação

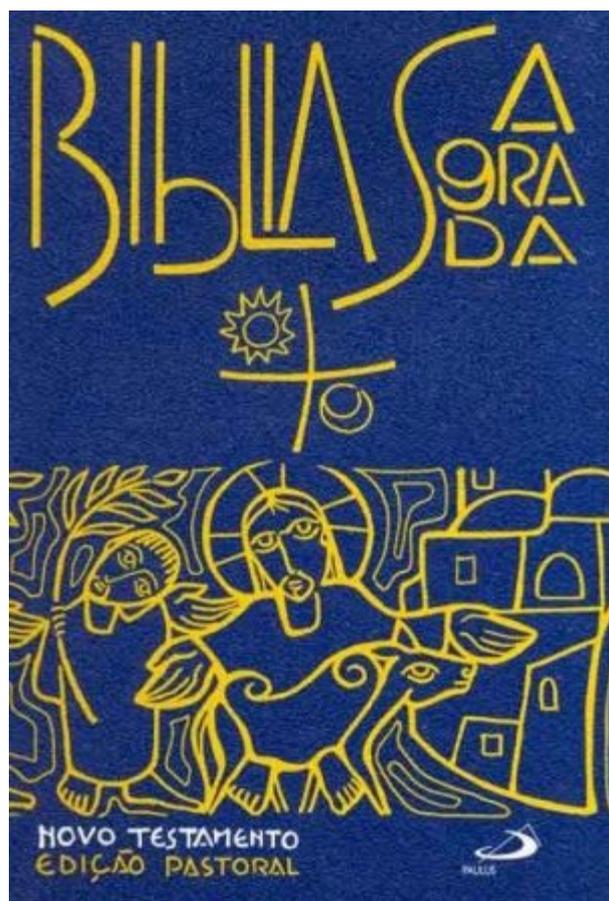
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Esta edição contém o Novo Testamento, com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Folha de rosto	2
APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
Motivação, datação, objetivo	12
Estrutura e conteúdo	13
Cipriano e os donatistas	15
A eclesiologia agostiniana	17
TRATADO SOBRE O BATISMO	19
LIVRO 1	19
Prólogo	19
O batismo fora da comunhão católica	20
Os católicos e os ministros cismáticos	22
Católicos e donatistas: práticas diferentes	23
Liceidade e iliceidade do batismo	25
Preferência do certo ao incerto	26
O caso dos maximianistas	27
Enfraquecimento dos donatistas	28
Os testemunhos dos Evangelhos	29
União parcial com a Igreja	30
O cisma precisa ser curado	31
A caridade dá valor a tudo	32
O dilema donatista	33
Os verdadeiros filhos da Igreja	34
Outro dilema dos donatistas	36
Resposta ao dilema	37
O caso de Simão Mago	38
O pecado suspende os efeitos do batismo	39
Os pecados perdoados revivem?	40
Os pecados revivem	41
O batismo em perigo de morte	42
Falta de caridade para com os cismáticos	43
Seitas e personagens bíblicos	44
Antigo e Novo Testamentos	45
A mãe dos espirituais e dos carnis	46
Os verdadeiros membros da Igreja	47

A força da caridade	48
O caso de São Cipriano	49
A caridade em Cipriano	51
LIVRO 2	52
A autoridade de Cipriano e a unidade da Igreja católica	52
A vantagem da repetição	52
Cipriano e os donatistas	53
Cipriano contra os donatistas	55
Cipriano, exemplo de unidade	56
Unidade, fundamento da paz	57
Unidade e diferenças de opinião	58
Por que os cismáticos romperam a unidade?	59
Os juízos sobre o próximo	61
Os pecadores não contaminam a Igreja	62
Agripino e a tradição apostólica	63
As razões de Cipriano	64
Como Cipriano, conservar a unidade	65
Contradição dos donatistas	66
O escândalo dos donatistas	67
O cisma maximianista e suas consequências	68
A força da concórdia fraterna	69
Não batizar ou rebatizar?	70
Manter sempre a unidade	71
LIVRO 3	72
A carta a Jubaiano e o batismo dos hereges	72
Cipriano: unidade acima de tudo	72
Resposta às razões de Agripino e de Cipriano	73
O Concílio de Cipriano e sua carta a Jubaiano	75
Cipriano e as opiniões alheias	76
Apresentação da carta de Cipriano	77
A prática eclesial anterior: Discussão da ep. 73 de Cipriano	78
A verdade acima do costume	79
Iliceidade e invalidez do batismo	80
A Igreja universal acima da africana	81
O batismo, sempre de Cristo	82
O batismo de Cristo não reiterável	83
Agripino e os procedentes da heresia	84
O batismo dos hereges e a remissão dos pecados	85

Erros sobre a fé e o batismo	86
Fórmula sacramental e sacramento	88
A necessidade da caridade	89
A pomba, símbolo da unidade	90
Os bons e a paz da unidade	91
Apropriação do batismo pelos hereges	93
A adúltera de Oseias, símbolo dos hereges	94
Os maus e o tesouro da verdade	96
LIVRO 4	98
Continua a leitura da carta de Cipriano a Jubaiano	98
O batismo e os pecadores	99
A conversão de cristãos depois do batismo	100
Os pecadores não pertencem à Igreja	101
O batismo, sempre de Cristo	102
O batizado na heresia não se torna templo de Deus	103
O pecado, fruto do conhecimento do pecado	104
O dever de seguir a verdade	106
A Igreja e os males internos e externos	108
A reprovação de Cipriano ao ciúme e à inveja	109
A paciência de Cipriano e seus colegas	110
Reconheça-se fora o que é de Cristo, rejeite-se dentro o que é do diabo	111
O joio e o rebatismo	112
Os maus externos e os internos	113
O batismo e quem o recebe	114
Ações opostas entre bons e maus	116
Ninguém pode manchar o batismo	117
Luz e trevas não se comunicam, nem dentro nem fora	119
Inimigos de Deus, dentro e fora	120
Não se desespere da conversão de ninguém	121
Validade do batismo com erros de fé	122
Batizado dentro, batizado fora	123
“Fora da Igreja não há salvação”	124
Um mau católico e um bom herege	125
Não basta ser católico para ser salvo	126
Católicos com vícios, hereges sem vícios	127
Catecúmeno não católico e herege batizado	128
O martírio supre o batismo	129
O bom ladrão e o batismo de crianças	130

A circuncisão e o batismo de crianças	131
Batismo e conversão do coração	132
Conclusão deste livro	133
LIVRO 5	134
Final da carta a Jubaiano e as cartas a Quinto, aos bispos númidas e a Pompeu	134
Não batizar os hereges vindos à Igreja	136
Não há motivo para obstinação	137
Não houve motivo para separação	138
O herege sem o batismo da Igreja não deve ser rebatizado	139
Recusa do rebatismo	140
Os maximianistas	141
Batismo legítimo e batismo ilegítimo	142
A lei, a Eucaristia, o batismo	143
A validade do batismo de João	144
O batismo de João, excelência e limitação	145
O batismo de João e o perdão dos pecados	146
O batismo de João não substitui o dos bispos	147
O batismo depende de Cristo	148
O batismo de João	149
Os apóstolos e o batismo	150
Os hereges, os maus, o batismo de Cristo	151
Outra objeção	152
O batismo não nulo do herege	153
O batismo, o batizado, a Igreja	154
O batismo, a Igreja, a primogenitura	155
Cipriano, o pacificador	156
Elogio a Cipriano	157
Mortos que dão vida pelo batismo	159
Não rebatizar, costume antigo	160
Comparação entre ovelhas	161
Malícia humana e eficácia do sacramento	162
Pecado, batismo, Igreja, Graça	163
Hereges não dão a remissão dos pecados	165
Estêvão contra Cipriano	166
A condenação dos hereges e dos pecadores	167
Erro de Cipriano na carta a Pompeu	168
O Espírito Santo e o batismo	169

Os maus, os hereges, a filiação divina	170
Exemplo de como evitar um cisma	171
Cipriano e a docilidade dos apóstolos	172
O jardim fechado	173
O coração e o dentro e o fora	175
LIVRO 6	176
O Concílio de Cartago de 256	176
O sacramento e seus efeitos	176
Saber distinguir o importante	177
Grandeza de Cipriano, apesar de seus erros	178
O batismo, íntegro por si mesmo	179
A santidade da Igreja e a maldade de seus filhos	180
O fruto do sacramento	181
Os frutos dependem das disposições	182
Cipriano e o vínculo da caridade	183
Cipriano no concílio	184
Opiniões de outros bispos	185
Cecílio de Bilta	186
Resposta de Agostinho	187
Félix de Misgirpa	188
Resposta a Policarpo de Hadrumeto	189
Novato de Tamugadi	190
Resposta a Novato de Tamugadi	191
Nemesiano de Tubuna	192
Januário de Lambesa	195
Lúcio de Castro Galba	196
Os pecadores e o perdão dos pecados	198
Nonnulo de Girba	199
Os anticristos e o batismo	200
Félix de Bagai	201
Poliano de Milevi	202
Teógenes de Hipona	203
Suposta comunhão na heresia	204
Abbir Germaniciana	205
O batismo e o pecado do ministro	206
Sedato de Tuburbo	208
Privaciano de Sufétula	210
A maldade do ministro não profana a Cristo	211

A quem pertence o único batismo	212
A heresia e outros pecados	213
Os bispos e a validade do batismo	214
Os maus católicos	215
Vitórico de Tabraca	216
Félix de Utina	217
O batismo de um morto	218
O costume tradicional	219
O batismo e a Trindade	220
Verdade e costume	221
Leucio de Teveste	222
Os juízos de um bispo e da Igreja	223
Uma água, duplo efeito	224
A unidade do batismo	225
A Igreja batiza uma só vez	226
Demétrio de Leptimino	227
A maldade das pessoas não corrompe o sacramento	228
LIVRO 7	230
Respostas a outras opiniões do Concílio de Cartago	230
A caridade de Cipriano perante seu erro	230
Marcos de Mactari	232
O batismo e o Juízo Final	234
Victor de Gor	235
Aurélio de Útica	236
O batismo dos hereges é de Cristo	237
Luz e trevas	238
Pelagiano de Luperciana	239
Jáder de Midila	240
Félix de Marazana	241
Paulo de Obba	242
Pompônio de Dionisiana	243
Venâncio de Tinisa	244
Aymo de Assuaguiga	245
Saturnino de Victoriana	246
Saturnino de Tuca	247
Marcelo de Zama	248
Irineu de Ululis	249
Batismo e graça do batismo	250

Zózimo de Tarassa	251
O batismo é dom do céu	252
Fausto de Tímida Régia	253
Diferentes opiniões dos bispos	254
A sinagoga de Satanás e o batismo de Cristo	255
Terápio de Bulla	256
Lúcio de Membressa	257
Costume e verdade	258
O batismo e o anticristo	259
Quinto de Águia	260
Juliano de Marceliana	261
Ténax de Horreos Célia	262
Victor de Assuras	263
Sacramento e batismo	264
Batismo e saída da Igreja	265
Pudenciano de Cuículi	266
Um só batismo para todos	267
Lúcio de Ausafa	268
Félix de Gúrgites	269
Pusilo de Lamasba	270
Salviano de Gazaufala	271
Verdade e costume	272
Victor de Octavo	273
Claro de Máscula	274
Secundiano de Tâmbeas	275
A comunhão dos hereges	276
Um cego guiando outro	277
Natal de Oea	278
Opinião sem respaldo escriturístico	279
A insistência de Cipriano	280
Últimas conseqüências da conduta de Cipriano	281
Os hereges e a casa de Deus	282
Diversidade dos membros da casa de Deus	283
Alguns casos de validez	284
Garantia da verdade no assunto	285
Resumo conclusivo	286
Coleção	287
Ficha catalográfica	288

